Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Demografia

Tese de doutorado

Mulheres na Fronteira:
A migração de bolivianas para Corumbá – MS

Roberta Guimarães Peres

Dezembro de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária : Sandra Ferreira Moreira CRB nº 5124

Peres, Roberta Guimarães
P415m Mulheres na fronteira: a migração de bolivianas para Corumbá - MS / Roberta Guimarães Peres . - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: Rosana Baeninger.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Migração. 2. Migração Internacional. 3. Bolivia - Migração. I. Beninger, Rosana Aparecida. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

Título em inglês: Women on border: the bolivian migration to Corumbá – MS Brazil.

Palavras chaves em inglês (keywords) : **Migration**
Migration International
Bolivia – Migration

Titulação: Doutorado

Banca examinadora: **Teresa Sales, Dimitri Fazito, Marta Azevedo, Roberto Luis do Carmo**

Data da defesa: 17/12/2009

Programa de Pós-Graduação: Demografia

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Demografia

Mulheres na Fronteira:
A migração de bolivianas para Corumbá – MS

Roberta Guimarães Peres

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Rosana Baeninger e co-orientação do Prof. Dr. Sylvain Souchaud.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosana Baeninger (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Teresa Sales de Melo Suarez (Centro Josué de Castro)

Prof. Dr. Dimitri Fazito de Almeida Rezende (CEDEPLAR/ UFMG)

Profa. Dra. Marta Maria do Amaral Azevedo (NEPO/ UNICAMP)

Prof. Dr. Roberto Luiz do Carmo (IFCH/NEPO/ UNICAMP)

Prof. Dr. Odair Paiva (suplente)
Profa. Dra. Glaucia de Oliveira Assis (suplente)
Profa. Dra. Maria Silvia Beozzo Bassanezi (suplente)

Resumo

O cenário da migração internacional no Brasil já se apresenta como um fenômeno relevante, complexo e multifacetado da população há mais um século. Diversos não somente em pontos de origem e destino, mas também em motivações, trajetórias e estratégias, esses fluxos chamam a atenção pela complexidade e volume da circulação de pessoas e capitais, bem como pelos impactos nos espaços migratórios.

A fronteira Brasil – Bolívia abriga um movimento intenso entre os dois países, em diversas ondas migratórias de diferentes intensidades ao longo de 50 anos. Neste contexto, surge o tema da migração feminina e seus diferenciais em todos os aspectos do fenômeno. Este trabalho busca a análise da presença boliviana em Corumbá – MS, a partir da perspectiva da migração feminina, através de suas especificidades.

Abstract

The international migration context in Brazil has become quite a phenomenon with a complex and multifaceted population for over a century. Not only in several points of origin and destination but also motivations, trajectories and strategies, these flows attract attention to the complexity and volume of movement of people and capital, as well as the impacts on migratory spaces.

The border Brazil - Bolivia is home to an intense movement between the two countries in various migratory waves of different intensities over 50 years. In this context, there is the issue of female migration and its characteristics in all aspects of the phenomenon. This work aims to analyze the presence in Bolivia Corumbá - MS, from the perspective of female migration, through their specific requirements.

A Maria Alice e Roberto Peres

A Vandré Gomes da Silva

Agradecimentos

Ao CNPq, IRD – França e CAPES, pelo apoio a este trabalho.

A todos os professores e funcionários do NEPO – Núcleo de Estudos de População da UNICAMP, com quem tive a chance de conviver nos últimos anos.

A todos os funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, em especial ao Rodrigo, pela inesgotável paciência e pelo constante bom humor.

Ao Prof. Dr. Sylvain Souchaud, pela co-orientação e colaboração em todas as etapas deste trabalho.

Aos professores Roberto Luiz do Carmo e Marta Azevedo, que tanto contribuíram com uma leitura preciosa do material de qualificação.

A Naïk Miret, que me recebeu no Migrinter e em sua casa.

A Maria Ivonete, pela força, pela coragem, pela competência, pelo incentivo constante e pela irresistível alegria.

A Bárbara da Costa Reis Monte Mor, por fazer com que Paris esteja logo ali, por estar sempre presente, por ser minha amiga e minha irmã.

A Lucas Peres, meu irmão querido, pela torcida constante e pelo apoio em momentos decisivos.

A Juliana Dominguez e Karina Silveira, que sempre me escutaram – e como escutaram. Obrigada pelo carinho e por toda a ajuda em todos os momentos deste trabalho.

A Claudia Siqueira Baltar, amiga querida e companheira de pós-graduação, que mesmo de longe acompanhou todas as minhas alegrias e angústias.

A Fabiana Salles Rosa e Ana Claudia Câmara, amigas muito queridas. Muito obrigada por dividirem a vida comigo desde o meu primeiro ano em Campinas.

A Aiê, por todas as orações, por todo o carinho e por todos os mimos desde sempre.

Aos Gomes da Silva – Sylvio, Florence, Wander e Valner – por me acolherem em casa e na família. Agradeço também às tias Fran, Nenei e Vete.

A Roberta e Sonia Morozetti, queridas, pelo incentivo e amizade de tantos anos.

Ao Coral Municipal Zanzalá de Cubatão, especialmente à regente Maria Fernanda dos Santos Tavares, por permitir a minha recarga semanal de energia através da música.

A todas as mulheres que entrevistei nas pesquisas de campo, que me contaram suas histórias, suas alegrias, suas dores e suas esperanças.

A Rosana Baeninger, minha orientadora, pela inestimável competência, pela confiança, pela amizade, pelo pulso forte, pelo incansável incentivo, por tornar simples e leves as etapas mais árduas deste trabalho.

A Maria Alice e Roberto Peres, meus pais, meus amores, que com todo o carinho e cuidado construíram as bases para que eu pudesse percorrer esta longa jornada. Sem o apoio de vocês este trabalho simplesmente não existiria.

A Vandré Gomes da Silva, meu amor, por estar sempre presente, por encher de alegria os momentos mais difíceis, por muitas vezes me fazer enxergar o que realmente importa e por aceitar compartilhar comigo a aventura desta vida.

Sumário

Introdução.....14

Capítulo I: A construção de Corumbá – Mato Grosso do Sul como espaço de fronteira para a presença boliviana.....18

1. **População, Economia e Migração: breve incursão histórica para o Brasil e Mato Grosso.....19**
2. **Corumbá: uma história (des)articulada e com dinâmica própria.....47**

2.1 Evolução da população – 1940 a 2000.....54

Capítulo II: As especificidades da migração boliviana na fronteira.....66

1. **A questão da fronteira.....67**
2. **Brasileiros e Bolivianos em Corumbá: revisitando os Censos Demográficos de 1980 a 2000.....73**

2.1 Década de 1980: O ponto de partida para um cenário em transformação.....74

2.2 O perfil sócio-demográfico atual de brasileiros e bolivianos em Corumbá – MS.....93

2.3 A composição dos domicílios com presença boliviana.....101

Capítulo III: Aspectos teórico-metodológicos de pesquisa de campo: resultados da *Encuesta* Corumbá: as especificidades da migração boliviana.....107

1. **Migração Internacional e fontes de dados: limites e possibilidades.....109**
2. ***Encuesta* Corumbá: a importância de uma pesquisa de campo.....112**

2.1 Mulheres bolivianas e *Encuesta* Corumbá: a busca pelas especificidades da migração feminina.....125

3. A presença boliviana em Corumbá: resultados da pesquisa de campo.....128

3.1 Perfil geral da amostra captada pela *Encuesta* Corumbá.....128

3.2 Perfil dos bolivianos em Corumbá: heterogeneidades de um fluxo migratório.....135

3.2.1 O perfil dos bolivianos captados pela *Encuesta* Corumbá.....136

Capítulo IV: Mulheres bolivianas em Corumbá: especificidades de um fluxo migratório feminino.....150

1. A presença boliviana em Corumbá segundo diferenciais por sexo: ferramentas para uma análise através da perspectiva de gênero.....155

2. Migração Feminina: as especificidades das mulheres bolivianas em Corumbá.....167

2.1 Trajetórias Migratórias e Ciclo de Vida.....168

2.2 Estratégias migratórias e redes sociais.....178

2.3 Trabalho e transformações de papéis de gênero.....187

Considerações Finais.....194

Referências Bibliográficas.....201

Índice de Tabelas, Gráficos, Quadros e Mapas

Tabela 1: Distribuição da população brasileira segundo regiões e Unidades da Federação, 1872 – 1900..... 21
Tabela 2: Estrangeiros residentes no Brasil, 1872 – 1940 24
Tabela 3: População estrangeira residente no Brasil, segundo Estado e Nacionalidade.....27/30
Tabela 4: Distribuição da população brasileira segundo regiões e Unidades da Federação, 1920 – 1960.....33
Tabela 5: Estoque de migrantes internos e internacionais, segundo lugar de nascimento e nacionalidade, respectivamente. Mato Grosso, 1940 – 1960 38
Tabela 6: Distribuição por sexo e país de nascimento de migrantes internacionais residentes no Estado do Mato Grosso, 1940 – 1960.....40
Tabela 7: Evolução da população, participação relativa da população de Corumbá no Mato Grosso e Taxas Geométricas de Crescimento.....45
Tabela 8: Distribuição e participação da população estrangeira em Corumbá – MS – 1940 – 1970.....60
Tabela 9: Evolução da População Urbana, Rural e Grau de Urbanização de Corumbá, 1940 – 1970.....61
Tabela 10: Residentes em Corumbá – MS, segundo setores de atividade. 1940 – 1970.....62
Tabela 11: Evolução da população, taxas de crescimento geométrico e participação da população de Corumbá em relação ao Estado do Mato Grosso do Sul, 1980 – 2000.....63
Tabela 12: Evolução da População Urbana, Rural e Grau de Urbanização de Corumbá, 1980 – 2000.....64
Tabela 13: Relação com o responsável pelo domicílio, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1980.....78
Tabela 14: Relação com o responsável pela família, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1980.....79
Tabela 15: Tempo de residência no Mato Grosso do Sul, segundo país de origem. Corumbá-MS 1980.....80
Tabela 16: Tempo de residência no município, segundo país de origem. Corumbá-MS 1980.....81
Tabela 17: Status conjugal segundo país de origem. Corumbá-MS, 1980.....82
Tabela 18: Alfabetização, segundo país de origem. Corumbá-MS 1980.....83
Tabela 19: Condição na ocupação segundo país de origem. Corumbá-MS 1980 84
Tabela 20: Relação com o responsável pelo domicílio, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1991.....88
Tabela 21: Relação com o responsável pela família, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1991.....89
Tabela 22: Tempo de residência no Mato Grosso do Sul, segundo país de origem. Corumbá-MS 1991.....90
Tabela 23: Tempo de residência no município, segundo país de origem. Corumbá-MS 1991.....91
Tabela 24: Status conjugal segundo país de origem. Corumbá-MS, 1991.....92
Tabela 25: Alfabetização, segundo país de origem. Corumbá-MS 1991.....92
Tabela 26: Condição na ocupação segundo país de origem. Corumbá-MS 1991 93
Tabela 27: Relação com o responsável pelo domicílio, segundo país de origem. Corumbá-MS, 2000.....96
Tabela 28: Relação com o responsável pela família, segundo país de origem. Corumbá-MS, 2000.....97
Tabela 29: Tempo de residência no Mato Grosso do Sul, segundo país de origem. Corumbá-MS 2000.....98
Tabela 30: Tempo de residência no município, segundo país de origem. Corumbá-MS 2000.....99
Tabela 31: Status conjugal segundo país de origem. Corumbá-MS, 2000.....99
Tabela 32: Alfabetização, segundo país de origem. Corumbá-MS 2000.....100
Tabela 33: Condição na ocupação segundo país de origem. Corumbá-MS 2000.....101
Tabela 34: Domicílios de Corumbá – MS segundo arranjos familiares, 2000.....104
Tabela 35: Indicadores gerais dos domicílios sem e com bolivianos. Corumbá – MS, 2000.....105

Gráfico 1: Distribuição por sexo e país de nascimento de migrantes internacionais residentes no Estado do Mato Grosso, 1940 – 1960.....43
Gráfico 2: Distribuição etária segundo grupos qüinqüenais e sexo da população de Corumbá, 1940 – 1970.....39
Gráfico 3: Estrutura etária de brasileiros e bolivianos, segundo o sexo. Corumbá – MS, 1980.....76
Gráfico 4: Estrutura etária de brasileiros e bolivianos, segundo o sexo. Corumbá – MS, 1991.....87
Gráfico 5: Estrutura etária de brasileiros e bolivianos, segundo o sexo. Corumbá – MS, 2000.....95
Gráfico 6: Estruturas etárias dos residentes em Corumbá, segundo tipo de domicílio, 2000.....103
Gráfico 7: Estrutura etária da amostra captada pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006.....131
Gráfico 8: Estrutura etária dos bolivianos residentes em domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá, 2006.....137

Gráfico 9: Número de chegadas dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.....141
Gráfico 10: Departamentos de nascimento dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.....145
Gráfico 11: Período de chegada dos bolivianos segundo o sexo. Corumbá, 2006.....160

Quadro 1: População captada pela *Encuesta* Corumbá, segundo bairros. Corumbá, 2006.....129
Quadro 2: Relação com o responsável pelo domicílio. Corumbá, 2006.....132
Quadro 3: Relação com o responsável pela família. Corumbá, 2006.....132
Quadro 4: Status conjugal dos residentes. Corumbá, 2006.....133
Quadro 5: Nível de educação atingido pelos residentes em domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006.....134
Quadro 6: Setor de atividade exercida pelos residentes em domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006.....134
Quadro 7: Relação dos migrantes bolivianos com o responsável pelo domicílio. Corumbá, 2006.....138
Quadro 8: Relação dos migrantes bolivianos com o responsável pela família. Corumbá, 2006.....139
Quadro 9: Status conjugal de migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.....140
Quadro 10: Arranjos familiares dos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá, 2006.....142
Quadro 11: Nível de Educação atingido pelos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.....143
Quadro 12: Setores de atividade dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.....144
Quadro 13: Municípios de nascimento dos bolivianos. Corumbá, 2006.....146
Quadro 14: Relação com responsáveis pelo domicílio segundo o sexo. Corumbá, 2006.....157
Quadro 15: Relação com responsáveis pela família segundo o sexo. Corumbá, 2006.....158
Quadro 16: Status conjugal dos migrantes bolivianos, segundo o sexo. Corumbá, 2006.....158
Quadro 17: Arranjos familiares, segundo o sexo do responsável boliviano. Corumbá, 2006.....159
Quadro 18: Uso de redes sociais ao longo do projeto migratório. Corumbá, 2006.....163
Quadro 19: Setores de atividade dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.....165

Mapa 1: Localização do Município de Corumbá.....55
Mapa 2: Localização dos domicílios entrevistados, segundo bairros. Corumbá, 2006.....130
Mapa 3: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em três etapas migratórias anteriores.....170
Mapa 4: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em duas etapas migratórias anteriores.....173
Mapa 5: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em 1 etapa migratórias anterior.....176

Introdução

Este trabalho tem como principal objetivo o estudo da migração feminina boliviana para Corumbá – Mato Grosso do Sul, através de seus condicionantes – tanto na origem quanto no destino – e dos impactos e especificidades observadas neste fenômeno.

A migração de mulheres tem sido foco nos debates recentes sobre migração internacional. Tirar as mulheres migrantes da invisibilidade ou ainda do papel de acompanhantes de homens em fenômenos migratórios é objetivo de diversos pesquisadores (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003; Engle, 2004; Phizacklea, 1983; Pessar, 2000). A desconstrução do migrante como indivíduo do sexo masculino e a incorporação das mulheres às análises de fluxos migratórios foram importantes avanços dos estudos recentes.

Estudar a migração de mulheres, no entanto, exige um olhar específico e a incorporação de novas perspectivas de análise. Para captar os diferenciais por sexo na migração são necessários instrumentos específicos de análise e a superação de limites de fontes de dados como os censos demográficos (Castro, 2006).

Para tanto, três hipóteses foram eixos condutores de toda a pesquisa: 1) a construção histórica do fenômeno da migração feminina de bolivianas para Corumbá; 2) a singularidade de Corumbá como espaço de fronteira marcado por uma dinâmica própria; 3) as modificações nos papéis de gênero experimentadas pelas mulheres ao longo do processo migratório em função de suas trajetórias, do planejamento de seu ciclo de vida (individual e familiar), das estratégias utilizadas e do uso diferenciado de recursos disponíveis.

Neste sentido, pode-se afirmar que o estudo da migração feminina, além de uma perspectiva teórica, exige do pesquisador a busca por fontes de dados que superem esses limites e permitam a captação de processos experimentados exclusivamente pelas mulheres ao longo do processo migratório.

Essas experiências estão associadas às transformações sofridas por elas, desde a saída de seus lugares de origem até a inserção na sociedade de destino. Entre estes dois pontos da trajetória migratória das mulheres estão as estratégias para migrar, o planejamento de seu ciclo de vida, bem como os recursos utilizados em cada uma das etapas.

Ao longo dos processos migratórios, homens e mulheres reconstroem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (Castro, 2006). Um estudo aprofundado da migração feminina permite a captação desses processos, bem como os impactos experimentados pelas mulheres: é através deles que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade em fenômenos migratórios.

Através do recente debate teórico-metodológico nos estudos de migração (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003; Engle, 2004; Phizacklea, 1983; Pessar, 2000), buscou-se a incorporação da perspectiva de gênero neste fenômeno, a fim de compreender processos experimentados especificamente pelas mulheres.

Para tanto, contou-se com três fontes de dados principais, que impõem um desafio metodológico a ser superado: Censos Demográficos brasileiros e duas pesquisas de campo realizadas em Corumbá. A disposição dos dados dessas três fontes enuncia este desafio: a exploração, identificação dos limites, possibilidades de análise e preenchimento de lacunas através do aprofundamento dos dados coletados.

A *Encuesta* Corumbá, primeira pesquisa de campo realizada em outubro de 2006, é integrante de um projeto mais amplo, "Espaços Migratórios e a problemática ambiental no MERCOSUL", parceria entre o Institute de Recherche pour le Développement (IRD – França), NEPO/UNICAMP e CNPq. Contribuindo para a construção de um instrumento de análise específico para os estudos de migração, esta pesquisa é uma das principais ferramentas utilizadas neste trabalho.

A segunda pesquisa de campo, realizada em novembro de 2008 com recursos NEPO/CNPq, contou com a realização de 20 entrevistas qualitativas com mulheres bolivianas, programada a partir dos resultados obtidos da tabulação dos dados da *Encuesta* Corumbá.

O desafio metodológico se apresenta, então, não somente na superação dos limites das fontes e incremento de sua especificidade e aproximação do objeto de estudo, mas sim, na conjugação concomitante destes dados.

É importante ressaltar ainda a experiência de um período de estadia nos laboratórios LPED (Laboratoire Population Environnement Développement) – Marseille e

MIGRINTER – Poitiers[1], que ofereceram vasta bibliografia sobre migração internacional feminina. Foi realizada ainda uma visita a La Paz[2], em que se destaca a sede do IRD na capital boliviana.

O capítulo primeiro deste trabalho tem como proposição a inserção diferenciada de Corumbá – MS tanto em contextos nacionais quanto regionais, ao longo do Século 20. Deste modo, busca-se a construção de Corumbá como um espaço de fronteira relevante para a migração boliviana. A dinâmica específica da fronteira é fator fundamental para a formação deste fluxo migratório, articulando em diferentes momentos da história espaços distintos e configurando o espaço para a presença boliviana.

Particularidades históricas, além da posição geográfica estratégica e aspectos naturais que condicionaram a difícil ocupação da fronteira oeste do Brasil pelos fluxos migratórios internos brasileiros do fim do Século 19 até meados do Século 20 tiveram fundamental importância para a (des)articulação da região.

Transformações observadas dos dois lados da fronteira Brasil – Bolívia são o pano de fundo para que se possa buscar nas teorias migratórias compreender a presença boliviana em Corumbá como um todo. O segundo capítulo parte, portanto, da proposição de que aportes teóricos sobre migração internacional explicam parcialmente o fluxo de bolivianos na fronteira. A incorporação de conceitos resultantes dos recentes debates teóricos, que levem em conta as especificidades deste fenômeno social, é o principal objetivo do segundo capítulo deste trabalho.

A importância de pesquisas de campo específicas para o estudo de fluxos migratórios é foco do debate do capítulo terceiro. Da mesma forma que os fenômenos migratórios, nas últimas décadas ganham em complexidade, faz-se necessário desenvolver perspectivas teórico-metodológicas que incorporem essas especificidades e iluminem os estudos de migração.

Por fim, com o objetivo de analisar os processos experimentados pelas mulheres ao longo de suas trajetórias migratórias, o capítulo quarto busca completar o esforço metodológico proposto, incorporando os dados anteriormente utilizados ao debate teórico realizado ao longo do trabalho às verbalizações coletadas na segunda pesquisa de campo.

[1] A estadia se deu entre setembro e dezembro de 2007, com recursos do Institute de Recherche pour le Développement – IRD – França.
[2] A visita a La Paz foi realizada, com recursos NEPO/CNPq em dezembro de 2008.

O estudo possibilitou o diálogo entre perspectivas teóricas e evidências empíricas (quantitativas e qualitativas), bem como a compreensão de que um fenômeno atual se (re)configura a partir de processos sociais e históricos. Neste contexto, as modalidades da migração internacional, neste caso a migração de mulheres, assume características recorrentes de processos sociais pautados na origem, os quais trazem novos significados a partir da migração fronteiriça.

Capítulo I

A construção de Corumbá – Mato Grosso do Sul como espaço de fronteira para a presença boliviana.

"Desprovisto de certezas, de la autoridad que confieren las teorias explicativas, el mundo que se construye no es por eso menos apasionante para el investigador en ciencias sociales: todo se vuelve en el intriga de sentidos, oportunidad de desconcierto, por supuesto, pero también de um nuevo descubrimiento de las dimensiones de lo humano escondidas por la capa protectora de los siglos de una sedentarización sin limite de los individuos y de sus horizontes"

Alain Tarrius
Leer, Describir, Interpretar

Busca-se com este primeiro capítulo traçar um panorama histórico-demográfico brasileiro e corumbaense da formação de espaços migratórios e suas relações com etapas econômicas e com a dinâmica demográfica. É objetivo deste primeiro capítulo ainda compreender a dinâmica própria de Corumbá – MS, desde a sua ocupação em meados do Século 18 até os dias de hoje, a fim de definir e justificar, com base no próprio contexto histórico do município e da evolução de sua população, sua importância como área de fronteira e espaço migratório.

Para tanto, parte-se da hipótese de que Corumbá – MS, tanto por sua localização estratégica quanto pela dinâmica de sua economia e população desde o Século 18, **teve uma ocupação de ritmo próprio, desarticulado e com especificidades marcantes frente ao contexto nacional e regional**. São justamente estas especificidades que precisam ser investigadas para que a presença de bolivianos em Corumbá possa ser entendida como um fluxo migratório relevante para a região, com mais de 50 anos de história (Silva, 1999).

Para verificar esta hipótese e cumprir os demais objetivos deste capítulo, utiliza-se basicamente os dados dos censos demográficos desde 1872 a 2000. A partir destes dados, busca-se reconstruir a evolução da população brasileira e da região de Corumbá, fluxos migratórios internos e internacionais no Brasil, suas relações com etapas econômicas, ocupação do território e, ainda, verificar que a fronteira oeste do Brasil, especialmente o caso de Corumbá, teve uma dinâmica pouco articulada com o restante do país.

Este capítulo primeiro está dividido em três partes principais: a primeira delas trata de uma contextualização geral da população, economia e migração no Brasil e Mato Grosso (e Mato Grosso do Sul, quando de sua criação). Os censos demográficos utilizados não permitem que se esgotem as questões que envolvem especificamente o caso de Corumbá: a heterogeneidade dentro dos Estados se torna um limite para dados censitários, que acabam por não captar as especificidades que fazem de Corumbá um lugar tão diferenciado do restante do Estado do Mato Grosso (e posteriormente Mato Grosso do Sul).

Desta forma, a segunda parte do capítulo trata justamente da reconstrução histórica do município de Corumbá como um espaço historicamente envolvido em outras dinâmicas econômica e demográfica. Busca-se, portanto, identificar os elementos que fizeram de Corumbá um lugar tão diferenciado em sua região e no Brasil como um todo.

Por fim, voltamos aos dados censitários em busca de reconstruir o pano de fundo da dinâmica populacional de Corumbá, trazendo para o primeiro plano da análise fatores

estruturais de primeira importância para a compreensão do fluxo migratório de bolivianos para o município. Assim, analisa-se um longo período – de 1940 a 2000, com ênfase nas três últimas décadas, a fim de compreender a dinâmica da população brasileira e boliviana no município.

1. População, Economia e Migração: breve incursão histórica para o Brasil e Mato Grosso

No início do Século 19, a economia brasileira era descrita como "uma série de sistemas, alguns mutuamente ligados, ao passo que outros permaneciam quase isolados" (Furtado, 1971, *apud* Graham e Merrick, 1981, p. 31). Estes diversos sistemas tiveram impactos diferenciados nas dinâmicas econômica e demográfica brasileiras: isto gerou diferentes demandas de mão de obra e, conseqüentemente, alimentou correntes migratórias distintas ao longo dos espaços em que se desenvolviam estes sistemas. Desta forma, para traçar um panorama da dinâmica migratória brasileira faz-se necessário conhecer esses sistemas, bem como suas relações com a população envolvida em cada um desses espaços. Segundo Balán (1973, p.88)

> O processo iniciado em meados do Século 19 no Brasil foi o da formação de uma sociedade nacional sob o signo de uma estrutura capitalista, partindo de sistemas regionais debilmente amparados pela centralidade do Império, vinculados – mas não integrados – economicamente e cujos setores mais dinâmicos se baseavam na escravidão.

Importantes autores como Furtado (1971) e Graham e Holanda (1971) também analisaram as relações entre evolução da população, economia e migrações através desta noção de sistemas pouco integrados, com dinâmicas próprias e com papel de geradores de diferentes demandas. Baseado nesses autores busca-se, então, traçar um panorama histórico da população brasileira e das correntes migratórias; tais correntes foram geradas, de certa forma, por esses sistemas econômicos desarticulados e seus impactos, que se estenderam ao longo do território brasileiro, configurando a própria dinâmica de ocupação do espaço nacional.

A Tabela 1 apresenta os dados da distribuição espacial da população brasileira ao final do Século 19, segundo Unidades da Federação.

Tabela 1: Distribuição da população brasileira segundo regiões e Unidades da Federação, 1872 – 1900

	População Brasileira					
	1872		1890		1900	
	N	%	N	%	N	%
Brasil	**9.930.478**	**100**	**14.333.915**	**100**	**17.438.434**	**100**
Norte	**322.847**	**3,35**	**476.370**	**3,32**	**695.112**	**3,99**
Amazonas	57.610	0,58	147.915	1,03	249.756	2,14
Pará	275.237	2,77	328.455	2,29	445.756	1,43
Nordeste	**3.082.701**	**31,04**	**3.771.319**	**26,31**	**4.275.287**	**24,52**
Maranhão	359.040	3,62	430.854	3,01	499.308	2,86
Piauí	202.222	2,04	267.609	1,87	334.328	1,92
Ceará	721.686	7,26	805.687	5,62	849.127	4,97
Rio Grande do Norte	233.979	2,36	268.273	1,87	274.317	1,57
Paraíba	376.226	3,79	457.232	3,19	490.784	2,81
Pernambuco	841.539	8,47	1.030.224	7,18	1.178.150	6,77
Alagoas	348.009	3,5	511.440	3,57	649.273	3,72
Leste	**4.735.427**	**47,69**	**6.950.359**	**48,49**	**8.015.952**	**45,96**
Sergipe	176.243	1,77	310.926	2,17	356.264	2,64
Bahia	1.379.616	13,89	1.919.802	13,39	2.117.956	12,15
Minas Gerais	2.039.735	20,55	3.184.099	22,21	3.594.471	20,61
Espírito Santo	82.137	0,83	135.997	0,95	209.783	1,2
Rio de Janeiro	782.724	7,88	876.884	6,12	926.635	5,31
Guanabara	274.972	2,77	522.651	3,65	811.443	4,65
Sul	**1.558.691**	**15,7**	**2.815.468**	**19,64**	**4.078.774**	**23,39**
São Paulo	837.354	8,43	1.384.753	9,66	2.282.279	13,08
Paraná	126.722	1,28	249.491	1,74	327.136	1,88
Santa Catarina	159.802	1,61	283.769	1,98	320.289	1,84
Rio Grande do Sul	434.813	4,38	897.455	6,26	1.149.070	6,59
Centro Oeste	**220.812**	**2,22**	**320.399**	**2,24**	**373.309**	**2,14**
Mato Grosso	60.417	0,61	92.827	0,65	118.025	0,68
Goiás	160.395	1,61	227.572	1,59	255.284	1,46

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1950[3].

De acordo com os dados, a região mais populosa no primeiro censo realizado no Brasil era a região Leste, em especial os Estados de Minas Gerais e Bahia. Até 1900, mais da metade do total da população (45,96%) residia nesta região, que não incluía o Estado de São Paulo que, em 1900 representava 13,08% do total do país.

Por outro lado, o Estado do Mato Grosso não teve um crescimento significativo ao longo das últimas décadas do Século 19, concentrando, em 1900, apenas 0,68% do total da população brasileira, com 118.025 habitantes frente aos 17.438.434 brasileiros.

[3] O censo demográfico de 1950 apresenta dados da população presente, brasileira e por Estados, na data dos recenseamentos gerais anteriores (FIBGE, Censo Demográfico de 1950, Tabela 1, p. 1). **Foi respeitada a divisão por Unidades da Federação utilizada no Censo Demográfico de 1950.**

É preciso compreender, então, quais os fatores que configuraram essa distribuição e a própria ocupação do território brasileiro. Ao fim do Século 19, a população brasileira apresenta os reflexos de profundas transformações econômicas e demográficas experimentadas desde fins do século anterior (Graham e Merrick, 1981). Os diversos ciclos da economia, associados a intensas movimentações populacionais, interferiram e configuraram a ocupação do território brasileiro. Desta forma, o Século 19 é um período de primeira importância na compreensão do contexto migratório que se apresentaria no início do Século 20 e, ao mesmo tempo, dos fatores que transformaram Corumbá num espaço migratório estratégico.

Desta forma, dividimos, então, esta contextualização utilizando a virada do Século 19 para o Século 20 como um marco para o Brasil como um todo: antes é preciso compreender quais os fatores que levaram a este cenário representado na Tabela 1 e, posteriormente, analisar os impactos das profundas transformações sofridas no cenário nacional e, especialmente, na região de Corumbá.

As muitas mudanças experimentadas pelo Brasil ao longo do Século 19 tiveram suas raízes num contexto mais amplo. Segundo Graham e Holanda (1971, p. 127),

> O fim do período colonial no Brasil é significativo porque marca uma época de modificações importantes na economia mundial, que incluem o declínio final da influência espanhola e portuguesa no hemisfério ocidental (quando aqueles países foram ocupados pelos exércitos de Napoleão) e a maior consolidação britânica nessas áreas.

Além disso, a industrialização na Europa, em meados do Século 19, também anunciava profundas transformações no cenário brasileiro, principalmente no que se refere à formação de um novo contingente de trabalhadores após a abolição da escravidão (Balán, 1973).

Anteriormente a todos estes fatores que se anunciavam, uma grande preocupação do Império Brasileiro dizia respeito à adoção de políticas de expansão demográfica: mais que o volume total, os elementos que preocupavam as elites eram a densidade, a distribuição desigual e a composição da população (Balán, 1973). Desde o início do período colonial a economia brasileira é marcada por uma série de ciclos de crescimento da exportação apoiados em mão de obra escrava, primeiro com o pau-brasil e, em seguida, com a cana de

açúcar no Século 18. (Graham e Merrick, 1981). A cana de açúcar, embora tenha perdido importância na economia nacional enquanto se expande a produção concorrente nas Antilhas e a Europa pára de importar o produto produzindo açúcar de beterraba[4], foi o principal produto de exportação brasileiro até o fim do Século 18, concentrando boa parte da população no Nordeste (Furtado, 1971).

Um outro ciclo da economia brasileira teve seu início com a descoberta de ouro e diamantes em Minas Gerais, a partir da segunda metade do Século 18. Segundo Graham e Merrick (1981, p. 30),

> teve início com o ciclo do ouro em Minas Gerais a transferência gradativa do centro econômico do Nordeste para o Sul, o que provocou pressão considerável sobre a limitada oferta de mão-de-obra naquela segunda área. Os bandeirantes de São Paulo lideraram a penetração nessas regiões auríferas, sendo seguidos, logo depois, por uma onda de imigrantes portugueses. A população do Brasil aumentou de cerca de 300.000 no início do Século 18 para mais de três milhões em princípios do Século 19. Esse aumento de dez vezes, resultado principalmente da imigração portuguesa e da importação de escravos, faz do Século 18 o período de mais rápido aumento relativo da população do Brasil.

A importação maciça de escravos, a migração portuguesa voluntária e a transferência da corte portuguesa para o Brasil foram os principais fatores identificados para o rápido crescimento da população ao longo do Século 19 (Balán, 1973). Este intenso incremento, no entanto, aumenta a preocupação com a expansão do café num Sudeste relativamente despovoado e, ao mesmo tempo, com a ocupação efetiva do território nacional, em garantir as fronteiras e diminuir o isolamento entre as regiões brasileiras. Segundo Graham e Merrick (1981, p. 28), "a soberania da terra dependia mais da ocupação do que de direitos". Há, no entanto, uma contradição entre essas duas perspectivas: para suprir as necessidades do café, em fase de plena expansão, era necessária a mão de obra escrava, enquanto que para a expansão da ocupação do território, eram necessários trabalhadores livres (Balán, 1973). A corrida do ouro em direção a Minas Gerais poderia ter sido uma solução para o início da ocupação efetiva do território oeste do Brasil e para o assentamento de trabalhadores livres nessa região. No entanto, o ciclo do ouro não alcançou

[4] Furtado (1971).

essas regiões e o cenário econômico do Mato Grosso no fim do Século 19 era dos mais desarticulados do país (Graham e Holanda, 1971).

A perspectiva da abolição da escravatura ameaça abalar o desenvolvimento da economia cafeeira e é neste momento que "problemas demográficos passam a ser problemas políticos, bem como objetos de políticas que sanassem a questão da mão-de-obra" (Graham e Holanda, 1971, p. 56). Dentre estas políticas estão os "planos de colonização de população nacional", que tinham como objetivo fixar uma população errante e preencher espaços vazios de forma permanente (Bassanezi, 1995). Estes planos, no entanto, só respondiam parcialmente às necessidades de mão-de-obra da economia de exportação, não resultando numa movimentação efetiva da população em direção às regiões de fronteira oeste do Brasil (Balán, 1973).

Outro fator, paralelo ao centro da dinâmica econômica brasileira, tornou ainda maior a preocupação com o volume da população, com o peso relativo dos escravos e com a ocupação das fronteiras brasileiras. Segundo Balán (1973, p. 31)

> a Guerra do Paraguai (1865 – 1870) demonstrou claramente a necessidade de ocupar as zonas fronteiriças para fortalecê-las e a desproteção das regiões escravistas quando homens livres eram convocados.

Suprir as necessidades de mão-de-obra impostas pelo ciclo cafeeiro e, ao mesmo tempo, proporcionar a ocupação efetiva do território nacional foram as principais motivações para o incentivo da imigração estrangeira e a abolição da escravidão (Bassanezi, 1995).

Tabela 2: Estrangeiros residentes no Brasil, 1872 – 1940

Período	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Alemães	Japoneses	Outros	Total
1872-1879	55.027	45.467	3.392	14.325	-	58.126	176.337
1880-1889	104.690	277.124	30.066	18.901	-	17.841	448.622
1890-1899	219.353	690.365	164.296	17.084	-	107.232	1.198.327
1900-1909	195.586	221.394	113.232	13.848	861	77.486	622.407
1910-1919	318.481	138.168	181.651	25.902	27.432	123.819	815.453
1920-1929	301.915	106.835	81.931	75.801	58.284	221.881	846.647
1930-1939	102.743	22.170	12.746	22.497	99.222	68.390	332.768

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1940.

O número de estrangeiros desembarcados no Brasil impressiona principalmente entre os anos de 1890 e 1899: em uma década chegaram ao país mais de um milhão de europeus. A migração japonesa teria o seu início apenas na década seguinte. Nos últimos 20 anos do Século 19 o Brasil recebeu 967.489 italianos, 324.043 portugueses, 194.362 espanhóis e 35.985 alemães. Segundo Balán (1973), até a abolição, esses imigrantes se dirigiam ao Sul do país, especialmente para os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, formando núcleos de pequenos produtores fora das zonas escravistas. Depois da abolição, São Paulo e o ciclo do café se convertem nos principais receptores desses imigrantes (Bassanezi, 1995). Ainda segundo Balán (1973), após 1890 o maior volume imigratório apresenta três aspectos inter-relacionados: a imigração subvencionada pelo governo estadual paulista, o predomínio da migração italiana e a maior porcentagem correspondente a São Paulo, conseqüência direta da expansão do café.

Embora São Paulo e a produção de café fossem as forças motrizes para a imigração no período e concentrassem a maior parte de imigrantes de diversas nacionalidades, a distribuição pelos Estados brasileiros chama a atenção para algumas particularidades. As oscilações entre os dados censitários indicam períodos de concentração e desconcentração em outros espaços migratórios[5] diferentes de São Paulo, por imigrantes de outras nacionalidades que não as de maior volume no Brasil. Segundo Levy (1974, p. 14)

> as principais nacionalidades estrangeiras no Brasil, em ordem decrescente de importância, foram: a portuguesa (após o censo de 1920), a italiana, espanhola, alemã e japonesa (após o censo de 1920, quando a Turquia-Asiática, o Uruguai e Polônia eram mais importantes do que o Japão). Essa mesma população estrangeira se comporta diferentemente por Estado. Na Guanabara mais de 63% da população estrangeira é composta de portugueses; São Paulo, embora com maior proporção de italianos, mantém próximas a esta as percentagens de portugueses e espanhóis. No Rio Grande do Sul apesar dos italianos terem as percentagens mais elevadas até 1950, a segunda pertencia aos Uruguaios. Hoje estes têm a maior percentagem. O Estado do Paraná, que no início tinha a maior percentagem dentre os originários da Itália, vê essa nacionalidade suplantada por poloneses em 1940 e por japoneses de 1950 em diante. Mato Grosso possui mais de 50% da população estrangeira do Estado, proveniente do Paraguai, nos quatro censos referidos.

[5] Baeninger, 1999.

De acordo com Levy (1974) os diferenciais por Estado da distribuição dos imigrantes no Brasil entre 1920 e 1970 revelam não só a diversidade das atividades que serviram de impulso à economia da época – principalmente o café paulista e investidas de ocupação do Centro Oeste (Balán, 1973) – mas ainda a variabilidade de grupos que chegaram ao Brasil em diferentes épocas, motivados por diferentes contextos históricos de origem.

As Tabelas 3a, 3b, 3c e 3d a seguir apresentam os diferenciais da presença de imigrantes no Brasil por Estado, entre 1920 e 1970. Levy (1974) propõe uma análise pareada dos dados censitários para o período, dividindo os Estados brasileiros em grupos específicos de acordo com a distribuição de estrangeiros. O primeiro grupo reúne os Estados com maior peso relativo da população estrangeira cujas nacionalidades são encontradas no restante do país em proporções diversas. Reúnem esses quesitos apenas Guanabara e São Paulo.

A segunda categoria de análise reúne os Estados brasileiros que concentram população estrangeira com peso relativo alto frente ao total da população, mas que, no entanto, não obedecem à mesma distribuição de nacionalidades, implicando em altas porcentagens de categoria "outros". Dentro desta segunda categoria, Levy (1974) divide os Estados em dois sub-grupos: o primeiro é composto por Santa Catarina, Paraná e parte do Rio Grande do Sul. O outro sub-grupo é marcado pela imigração sul-americana, reunindo Estados de "imigração internacional de fronteira": parte do Rio Grande do Sul que reúne imigrantes uruguaios e argentinos, Mato Grosso, onde mais de 50% da população estrangeira é paraguaia, sendo os bolivianos o segundo maior grupo, e ainda Amazonas e Acre.

Mesmo com essa divisão proposta por Levy (1974), que reúne os principais fluxos migratórios internacionais para o Brasil no período, é importante notar as diferenças entre os demais Estados brasileiros, revelando ondas migratórias independentes, orientadas em diferentes direções que não as das trajetórias dominantes[6] – principalmente pelo volume de imigrantes que as compuseram. É o caso dos estrangeiros que chegaram ao Mato Grosso, por exemplo, da América Latina ou mesmo da Europa, engrossando trajetórias secundárias (Brito, 1997) que compuseram o atual cenário migratório da região.

[6] BRITO, F. População, Espaço e Economia: Uma Perspectiva Histórica. Tese de Doutorado em Demografia. Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

Tabela 3a: População estrangeira residente no Brasil, segundo Estado e Nacionalidade. Brasil, 1920

Unidades da Federação	Portugal	Itália	Espanha	Alemanha	Japão	Outros	Total
Alagoas	237	134	38	34	0	250	693
Amazonas	7615	726	986	72	32	7505	16936
Bahia	3345	1448	2489	398	7	2913	10600
Ceará	296	105	23	18	2	457	901
Distrito Federal	172338	21929	18221	2885	244	23512	239129
Espírito Santo	1728	12553	1055	1308	1	2109	18754
Goiás	304	268	192	66	0	864	1694
Maranhão	625	108	65	12	0	776	1586
Mato Grosso	1310	810	570	117	514	22000	25321
Minas Gerais	18228	42943	6809	1710	1923	14092	85705
Pará	14211	1114	3355	163	3	3237	22083
Paraíba	131	207	13	48	0	203	602
Paraná	1808	9046	1817	4738	701	44643	62753
Pernambuco	4809	756	1014	1550	6	3563	11698
Piauí	66	37	5	3	0	215	326
Rio de Janeiro	28661	10000	4900	898	69	6303	50831
Rio Grande do Norte	81	91	19	25	0	111	327
Rio Grande do Sul	9324	49136	5359	16952	13	70241	151025
Santa Catarina	506	8062	806	10758	0	11111	31243
São Paulo	167198	398797	171289	11060	24435	57072	829851
Sergipe	125	79	20	45	0	128	397
Acre	631	56	97	10	26	2686	3506
Brasil	**433577**	**558405**	**219142**	**52870**	**27976**	**273991**	**1565961**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 1920, apud Levy (1974)

Tabela 3b: População estrangeira residente no Brasil, segundo Estado e Nacionalidade. Brasil, 1940

Unidades da Federação	Portugal	Itália	Espanha	Alemanha	Japão	Outros	Total
Alagoas	162	52	28	46	0	223	511
Amazonas	3090	366	349	71	305	3260	7441
Bahia	1912	950	2115	584	39	2407	8007
Ceará	340	228	63	158	4	579	1372
Distrito Federal	154662	17457	12212	10185	538	33579	228633
Espírito Santo	1278	6670	564	746	21	1664	10943
Goiás	293	348	190	332	180	1164	2507
Maranhão	511	73	40	26	21	617	1288
Mato Grosso	1015	573	358	454	1128	19679	23207
Minas Gerais	9310	18819	3199	2263	893	11062	45546
Pará	6013	587	1146	202	467	2659	11074
Paraíba	104	130	6	124	23	284	671
Paraná	3451	8456	3719	13108	8064	29855	66653
Pernambuco	3048	606	226	689	24	2127	6620
Piauí	37	23	11	25	0	189	285
Rio de Janeiro	21663	5311	2589	2211	380	6580	38734
Rio Grande do Norte	98	48	12	40	0	253	451
Rio Grande do Sul	7167	24603	3208	18120	204	56168	109470
Santa Catarina	409	5382	208	13140	5	8057	27201
São Paulo	165542	234550	130274	34490	132216	117030	814102
Sergipe	44	31	14	55	5	141	290
Acre	167	20	20	22	6	1001	1236
Brasil	**380316**	**325283**	**160551**	**97091**	**144523**	**298578**	**1406242**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 1940, apud Levy (1974)

Tabela 3c: População estrangeira residente no Brasil, segundo Estado e Nacionalidade. Brasil, 1950

Unidades da Federação	Portugal	Itália	Espanha	Alemanha	Japão	Outros	Total
Alagoas	131	51	31	40	1	167	421
Amazonas	2019	292	223	26	201	2431	5192
Bahia	1531	924	2509	430	70	2760	8224
Ceará	276	157	56	89	0	628	1206
Distrito Federal	133905	17092	10814	8046	392	40205	210454
Espírito Santo	789	3827	315	325	2	1249	6507
Goiás	317	393	217	382	397	1961	3667
Maranhão	385	63	51	17	21	471	1008
Mato Grosso	728	545	257	281	1172	16861	19753
Minas Gerais	6472	11704	2126	1532	917	10145	32896
Pará	4438	405	837	132	421	1982	8215
Paraíba	97	106	15	115	4	179	516
Paraná	4615	10276	6683	7190	15393	32435	76592
Pernambuco	2308	523	187	500	12	2023	5553
Piauí	40	23	23	5	0	167	258
Rio de Janeiro	21165	4171	2073	2096	1086	7804	38395
Rio Grande do Norte	73	84	10	28	0	258	453
Rio Grande do Sul	5667	15003	2249	11967	168	43084	78138
Santa Catarina	318	2996	208	8054	13	7478	19067
São Paulo	151320	173652	102671	24473	108912	132293	693321
Sergipe	30	16	6	42	2	88	184
Acre	99	21	10	16	7	991	1144
Amapá	41	14	18	4	1	426	504
Guaporé	60	11	11	6	0	2006	2094
Rio Branco	13	21	0	2	0	176	212
Brasil	**336837**	**242279**	**131600**	**65798**	**129192**	**308268**	**1213974**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 1950, apud Levy (1974)

Tabela 3d: População estrangeira residente no Brasil, segundo Estado e Nacionalidade. Brasil, 1970

Unidades da Federação	Portugal	Itália	Espanha	Alemanha	Japão	Outros	Total
Alagoas	139	44	31	39	23	248	524
Amazonas	1064	216	125	32	681	1583	3701
Bahia	1586	1110	3225	367	665	2732	9685
Ceará	200	86	70	92	76	905	1429
Brasília	875	330	447	150	833	1949	4584
Espírito Santo	525	1047	173	203	30	1226	3204
Goiás	634	621	316	205	668	3119	5653
Maranhão	240	191	35	47	116	441	1070
Mato Grosso	956	558	576	321	3466	19060	24937
Minas Gerais	5156	5227	1996	1321	1406	10215	25321
Pará	3030	363	312	120	3349	1692	8866
Paraíba	78	60	18	62	52	322	592
Paraná	9120	7523	7343	6272	20644	29589	80491
Pernambuco	2402	639	249	510	403	2183	6386
Piauí	29	20	32	28	5	156	270
Rio de Janeiro	38349	3849	3681	1967	1451	8512	57809
Rio Grande do Norte	52	34	16	15	55	217	389
Rio Grande do Sul	5189	6221	2366	6972	1619	28712	51079
Santa Catarina	341	872	163	4539	271	4002	10188
São Paulo	214021	108633	94477	23082	116566	146747	703526
Segipe	44	15	13	27	7	144	250
Acre	29	39	5	18	22	591	704
Amapá	40	37	9	1	102	206	395
Guaporé	48	24	11	9	87	1658	1837
Rio Branco	2	35	3	2	23	234	299
Guanabara	153834	15007	14430	5237	1380	36045	225933
Brasil	**437983**	**152801**	**130122**	**51638**	**154000**	**302488**	**1229122**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 1970, apud Levy (1974).

Dado o seu caráter extremamente significativo tanto em contextos de origem quanto de destino e por causar impactos que se refletem até hoje na configuração da população brasileira, muitos e diversos são os estudos sobre as correntes de imigrantes chegadas ao Brasil no fim do Século 19 e início do Século 20[7].

Segundo Graham e Holanda (1971), o auge da economia cafeeira acelerou paralelamente o desenvolvimento da economia urbana através da expansão ferroviária e industrial. Esse cenário impulsionava, na virada do século, outras modalidades da imigração (Baeninger e Patarra, 1987) principalmente italiana para São Paulo: cresciam rapidamente as oportunidades para a mão-de-obra especializada ou com capital disponível para investimento na economia urbana.

O Século 20 se anunciava, portanto, em dois contextos muito diferenciados no cenário principalmente paulista: enquanto a mão-de-obra imigrante era rapidamente absorvida pelas fazendas de café por ser abundante, vulnerável, e conseqüentemente barata, a expansão da indústria em São Paulo também empregava mais italianos que trabalhadores brasileiros, categoria que incluía ainda ex-escravos (Bassanezi, 1995). As primeiras crises de superprodução do café, no entanto, apontavam para o limite dessa absorção de mão-de-obra imigrante dentro da economia exportadora: cessam as políticas de incentivo da imigração tanto pelo governo paulista quanto pelo italiano. Ainda assim, continuava alto o número de migrantes chegados atraídos por redes sociais e pelas possibilidades de trabalho urbano (Balán, 1973, Furtado, 1971, Graham e Holanda, 1971).

De acordo com Balán (1973), apresenta-se dessa forma um estoque heterogêneo de mão-de-obra em busca de trabalho, numa sociedade em transição da economia agro exportadora para a industrial, para a qual nem todos estavam qualificados (Sales e Baeninger, 2000). Com o início do Século 20 há também o início de uma fase intensa de redistribuição da população, com destaque para a exploração de novas terras a oeste do Brasil (Graham e Merrick, 1981).

As profundas transformações sofridas em diversas dimensões da realidade brasileira no Século 19 tiveram impactos importantes no início do Século 20. A abolição da

[7] Ver Bassanezi (1995), Levy (1974), dentre outros. Não cabe a este estudo, no entanto, uma análise mais aprofundada deste tema: toma-se aqui este fluxo de imigrantes para o Brasil como mais uma corrente migratória que forjou o panorama geral do país, como o fluxo de escravos e as migrações internas que se analisará a seguir.

escravatura, a intensa imigração principalmente de europeus para o Brasil, a transição de uma economia baseada na agricultura de exportação para a expansão industrial compõem esse conjunto de fatores. Segundo Balán (1973, p. 41)

> O início do Século 20 marca a passagem do dinamismo econômico do setor externo para o mercado interno, da agricultura à indústria, embora a produção para o mesmo viesse crescendo de forma acentuada desde a última década do Século 19, e o desenvolvimento industrial tenha dependido em medida considerável de impulsos gerados pela exportação de bens primários. Estas mudanças se radicalizaram geograficamente nos Estados do sul e, especialmente em São Paulo, onde o auge cafeeiro tinha resultado num aumento da população, dos níveis de renda e de consumo, bem como o desenvolvimento de infra-estrutura e acumulação de capitais que, por volta de 1930, foram determinantes importantes para o surto industrial.

O cenário também descrito por Balán (1973) confirma que as transformações econômicas experimentadas pelo Brasil na passagem do Século 19 para o 20 geraram novas demandas de mão-de-obra, especialmente para o trabalho qualificado exigido pela expansão da indústria que teria o seu auge a partir de 1930. A Tabela 4 completa o quadro formado a partir da Tabela 1, mostrando a distribuição da população brasileira justamente no período descrito por Balán (1973).

Principalmente nos Estados da região Sul pode-se notar o incremento da população, eco de transformações que se estendem desde a transferência do centro econômico do Brasil do Nordeste para o Sul e também da intensa imigração, sobretudo de europeus para a região. Graham e Merrick (1981, p. 161) analisaram taxas nacionais e regionais de migração líquida dos brasileiros natos. Segundo os autores, a taxa de migração interna líquida aumenta do início do Século 20 até a década de 70 (data do último censo analisado pelos autores) e houve também uma mudança de foco: "as principais regiões de destino passaram para as regiões de desbravamento do Centro Oeste". Balán (1973) define um dos fatores determinantes para esta mudança de foco da migração interna brasileira entre os anos 20 e 60:

> Uma característica diferencial importante é o alto componente urbano da população na fronteira do Centro Oeste, onde há necessidade de uma rede de centros comerciais para canalizar a produção distante da região numa área geográfica enorme.

Tabela 4: Distribuição da população brasileira segundo regiões e Unidades da Federação, 1920 - 1960

	1920		1940		1950		1960	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Brasil	**30.635.605**	**100**	**41.236.315**	**100**	**51.944.397**	**100**	**70.967.185**	**100**
Norte	**1.439.052**	**4,7**	**1.462.420**	**3,55**	**1.844.655**	**3,55**	**2.601.519**	**3,67**
Rondônia	-	-	-	-	36.935	0,07	70.783	0,1
Acre	92.379	0,3	79.768	0,19	114.755	0,22	160.208	0,23
Amazonas	363.166	1,19	438.008	1,06	514.099	0,99	721.215	1,02
Rio Branco	-	-	-	-	18.116	0,03	29.489	0,04
Pará	983.507	3,21	944.644	2,3	1.123.273	2,17	1.550.935	2,18
Amapá	-	-	-	-	37.477	0,07	68.889	0,1
Nordeste	**7.434.392**	**24,27**	**9.973.642**	**24,19**	**12.494.477**	**24,05**	**15.677.995**	**22,09**
Maranhão	874.337	2,85	1.235.169	3	1.583.248	3,05	2.492.139	3,51
Piauí	699.003	1,99	814.601	1,98	1.045.696	2,01	1.263.368	1,78
Ceará	1.319.228	4,31	2.091.032	5,07	2.695.450	5,19	3.337.856	4,7
Rio Grande do Norte	537.135	1,75	768.018	1,86	967.921	1,86	1.157.258	1,63
Paraíba	961.106	3,14	1.422.282	3,45	1.713.259	3,3	2.018.023	2,84
Pernambuco	2.154.835	7,04	2.688.240	6,52	3.395.185	6,54	4.136.900	5,83
Alagoas	978.748	3,19	951.300	2,31	1.093.137	2,1	1.271.062	1,8
Fernando de Noronha		-	-	-	581	0	1.389	0
Leste	**12.874.275**	**42,01**	**15.625.953**	**37,89**	**18.893.007**	**36,38**	**24.832.611**	**34,99**
Sergipe	477.064	1,56	542.326	1,31	644.361	1,24	760.273	1,07
Bahia	3.334.465	10,87	3.918.112	9,5	4.834.575	9,31	5.990.605	8,44
Minas Gerais	5.888.174	19,22	6.736.416	16,34	7.717.792	14,86	9.798.880	13,81
Serra dos Aimorés		-	66.994	0,16	160.072	0,31	384.297	0,54
Espírito Santo	457.328	1,49	750.107	1,82	861.562	1,66	1.188.665	1,67
Rio de Janeiro	1.559.371	5,09	1.847.857	4,48	2.297.194	4,42	3.402.728	4,8
Guanabara	1.157.873	3,78	1.764.141	4,28	2.377.451	4,58	3.307.163	4,66
Sul	**8.129.355**	**26,54**	**12.915.621**	**31,32**	**16.975.293**	**32,68**	**24.848.194**	**35,01**
São Paulo	4.592.188	15	7.180.316	17,41	9.134.423	17,59	12.974.699	18,28
Paraná	685.711	2,24	1,236.276	3	2.115.547	4,07	4.277.763	6,03
Santa Catarina	668.743	2,18	1.178.340	2,86	1.560.502	3	2.146.909	3,03
Rio Grande do Sul	2.182.713	7,12	3.320.689	8,05	4.164.821	8,02	5.448.823	7,67
Centro Oeste	**758.531**	**2,48**	**1.258.679**	**3,05**	**1.736.965**	**3,34**	**3.006.865**	**4,24**
Mato Grosso	246.612	0,8	432.265	1,05	522.044	1,01	910.262	1,28
Goiás	511.919	1,68	826.414	2	1.214.921	2,33	1.954.862	2,76
Distrito Federal		-	-	-	-	-	141.742	0,26

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1920, 1940, 1950 e 1960.

De fato, a população do Centro Oeste, entre 1920 e 1960 experimentou um incremento na participação no total da população brasileira, passando de 2,48% para 4,24% em quatro décadas. Um fluxo significativo que, de certa forma, abriu as portas para a ocupação mais efetiva de novas terras no Centro Oeste do Brasil foi a migração rural-rural na expansão das fronteiras agrícolas do Estado do Paraná (Balán, 1973). A expansão da pecuária na fronteira oeste do Brasil atraiu uma pequena parte desses trabalhadores livres

partidos do Sul e do Norte do Brasil: os "pantaneiros" alcançaram a região de Corumbá ainda em meados do Século 19, antes mesmo da expansão das fronteiras agrícolas (Corrêa, 2005; Banducci, 2003). Esse movimento dos "pantaneiros", no entanto, não teve grande impacto imediato sobre a ocupação efetiva da região, justamente por ser ligada à pecuária. Segundo Corrêa (2005, p. 43),

> A ocupação do Pantanal deu-se muito mais pela disponibilidade de terras do que pelo poder aquisitivo de seus desbravadores. De fato, esta fase de formação das fazendas caracterizou-se pela utilização de irrisório capital (materializado na compra de cabeças de gado e cavalos), e pela pobreza e precariedade do modo de vida. Os investimentos resumiam-se à aquisição de bois, cavalos e burros, que muitos traziam da região Norte, já que a terra, pela sua disponibilidade e abundância, quase não tinha valor de compra e venda. Por outro lado, as dificuldades em superar os obstáculos naturais da terra pantaneira e mesmo as longas distâncias não permitiram uma estreita ligação desses desbravadores com a região portuária de Corumbá.

Reforçando o contexto deste primeiro momento de ocupação do Centro Oeste brasileiro e de acordo com Sawyer (1984, p. 6),

> existem atividades econômicas que implicam em pouca ou nenhuma ocupação demográfica, especialmente quando se trata de especulação, e não de produção.

A fronteira oeste do Brasil dá início a outro ciclo econômico, que se tornaria muito reservado à própria região, por exigência da atividade. O impacto dos trabalhadores atraídos pela pecuária na ocupação da fronteira oeste, no entanto, é pouco significativo.

Paralelamente a este fluxo, a migração de nordestinos e mineiros mudou de foco a partir dos anos 20 e se voltou às fronteiras agrícolas do Centro Oeste. Segundo o autor,

> Enquanto a experiência do Paraná foi baseada na colonização privada, com venda de lotes pequenos e médios a proprietários com algum capital, que se dedicaram a cultivos comerciais (especialmente o café), provenientes em sua maioria da agricultura comercial de Estados do Sudeste e do Sul, a do Centro Oeste é uma expansão de fronteira dirigida por inversões governamentais (sobretudo em infra-estrutura), na qual tende a predominar a grande propriedade e onde o cultivo trecomercial se apresenta ligado ao de subsistência, com predomínio de imigração nordestina e mineira, proveniente de estruturas agrárias semelhantes (embora com escassez de terras) (Balán, 1973, p. 50).

Esse processo de redistribuição da população coloca as seguintes questões: como as dinâmicas demográfica e econômica brasileira, em especial nos eixos em que os grandes ciclos agro-exportadores se instalaram, causou impactos na fronteira oeste do Brasil e em especial em Corumbá? Os fluxos migratórios internos e internacionais que marcaram o Século 19 alcançaram esse "novo espaço"? Houve outros fluxos migratórios na região que não necessariamente se relacionam com as grandes correntes observadas? Quais os impactos do contexto nacional econômico e migratório na região? Quais as especificidades das dinâmicas econômica e demográfica da região de Corumbá?

O café, principal motor da economia brasileira a partir do fim do Século 19 até meados do Século 20, marcou também o caminho da ocupação do Centro Oeste brasileiro. De fato, segundo Cunha (2002, p. 13),

> Com o avanço do complexo cafeeiro paulista, o Centro Oeste foi palco de uma nova configuração na divisão territorial do trabalho. A lavoura cafeeira, praticada de forma extensiva, necessitava de ampla disponibilidade de terras e acabou por incorporar novas áreas. A penetração no oeste de São Paulo deu-se com a abertura de novas rotas com a construção de ferrovias. Quando o transporte ferroviário chega ao Triângulo Mineiro – última década do Século XIX –, os influxos dinamizadores da economia paulista atingem a região Centro Oeste.

Os impactos do avanço do café paulista na região Centro Oeste foram de naturezas diversas, começando pelo advento de pequenos produtores do oeste de São Paulo e do norte do Paraná em terras utilizadas anteriormente para a produção extensiva de gado que foi, por outro lado, avançando em direção à fronteira oeste do Mato Grosso. Essa diversificação e realocação das atividades econômicas no Centro Oeste implicam por sua vez numa "falência das economias tradicionais" (Cunha, 2002, p.13), que perderam espaço para a produção agro-pecuária (café e gado extensivo), exigentes de grandes porções de terra.

Segundo Balán (1973), o início do Século 20 marca a incorporação definitiva do Centro Oeste ao restante do Brasil. Os altos investimentos em transportes, principalmente em estradas de ferro, aceleravam a produção e, ao mesmo tempo, alimentavam um novo e crescente mercado consumidor. Todas essas mudanças, no entanto, se limitavam às regiões de fronteira com o sudeste brasileiro. Havia, por outro lado, uma questão de primeira importância a se resolver: a fronteira oeste do Brasil permanecia sem contornos definitivos e sem controle por parte do governo brasileiro (Corrêa, 2005).

> No Governo Vargas (1930 – 1945) praticou-se uma política deliberada de ocupação do território, sobretudo das áreas de fronteira, conhecida como *Marcha para o Oeste*. Na verdade, o modelo de Vargas pretendia instalar um novo padrão de desenvolvimento econômico, superando o capitalismo agrário e mercantil. O impacto para a ocupação do Centro Oeste foi decisivo. Entretanto, a dificuldade de incorporar o interior à economia nacional estava calcada num mercado interno inexpressivo e na precariedade das estruturas de transporte, de energia e de comunicações. As más condições de infra-estrutura não deixavam alternativas econômicas diferentes das tradicionalmente praticadas na região: extensivas, com baixo valor agregado e pouco diversificadas (Cunha, 2002, p. 14).

Neste contexto, ainda que o café paulista tenha avançado até o Centro Oeste brasileiro, de acordo com Corrêa (2005), a região de fronteira não se beneficiou em absoluto dos investimentos e permaneceu imersa na mesma dinâmica econômica observada até o fim do Século 19. Uma das políticas de incentivo da ocupação da região, no entanto, foi efetivada: o estabelecimento definitivo dos limites territoriais brasileiros.

De acordo com Graham e Merrick (1981), as profundas transformações no contexto econômico brasileiro entre os Séculos 19 e 20 alimentaram diferentes correntes migratórias que atravessaram o país em diferentes sentidos. O fim do trabalho escravo, a imigração, sobretudo européia, e o aumento – decorrente dos fatores anteriores – do estoque de mão-de-obra livre tornaram dinâmico e complexo o cenário migratório brasileiro (Balán 1973).

Frente a todas as transformações sofridas pela população brasileira em seus contextos econômico e demográfico, faz-se necessário analisar como e quando essas mudanças impactaram um território distante e desarticulado dessas dinâmicas dominantes. Os grandes ciclos econômicos que impulsionaram e forjaram os diversos setores do contexto brasileiro não passaram diretamente pela região Centro Oeste e menos ainda pela fronteira oeste do Brasil (Balán, 1973; Graham e Merrick, 1981).

É notável, no entanto, que a dinâmica econômica brasileira e seus diversos ciclos agro-exportadores não tenham causado impactos diretos na região de Corumbá: cana de açúcar, café, ouro, e até mesmo a borracha e o algodão no Norte do país não modificaram a dinâmica local, muito diferenciada do panorama observado para o resto do Brasil. O avanço da mão-de-obra brasileira depois da abolição e até mesmo dos imigrantes europeus não alcançou a fronteira oeste do Brasil, vista mesmo nos momentos de intensas migrações internas, como lugar sem sistemas articulados com o resto do país (Graham e Holanda, 1971, Holanda, 1936).

Até o fim do Século 19 a região Centro Oeste e, especialmente, as áreas de fronteira não se inseriram nas grandes correntes migratórias que reorganizavam constantemente a população brasileira de acordo com as demandas de mão-de-obra dos grandes ciclos econômicos exportadores (Corrêa, 2005). Um crescimento baixo e constante – mais vegetativo do que com qualquer componente de migração, segundo dados censitários analisados adiante – marca a região de Corumbá – MS na virada do século.

A primeira metade do Século 20 apresenta outros fatores que transformariam a dinâmica da região de Corumbá – MS: além da inserção nas intensas atividades comerciais locais e da criação de gado, a estrada de ferro Noroeste ligaria a região a centros mais distantes e dinâmicos (Oliveira, 1998). Foi o advento da Era Vargas, a partir da década de 1930 até 1954, no entanto, que proporcionou medidas que favoreceriam a posterior ocupação efetiva da fronteira oeste, além da definição de seus contornos. Uma dessas medidas proibia o ensino de qualquer outro idioma que não a Língua Portuguesa em escolas brasileiras. Segundo Oliven (1986, p. 16),

> A partir desta época é preciso repensar o país que experimenta um processo de consolidação política e econômica e que terá que enfrentar as conseqüências da crise de 1929 e da Segunda Guerra Mundial. O nacionalismo ganha ímpeto e o Estado se afirma. De fato, é ele que toma a si a tarefa de constituir a nação. Essa tendência acentua-se muito com a proibição de qualquer língua estrangeira nas escolas brasileiras, criando um modelo de nacionalidade criado a partir do Estado.

Esta constatação aponta para fatores importantes da configuração de Corumbá como espaço migratório relevante: a definição tardia dos limites revela a fronteira vista como "terra de ninguém e de todos" (Arruda, 1989) tornando ainda mais difícil a mensuração da presença estrangeira.

No governo de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961), no entanto, o Centro Oeste foi definitivamente incorporado à dinâmica brasileira, em sua totalidade. Segundo Cunha (2002, p. 14)

> O processo de ocupação "tradicional", caracterizado pelas frentes de subsistência e as frentes de pecuária extensiva e rudimentar, sofre uma grande ruptura com o Plano de Metas. Dá lugar a essa dinâmica uma "moderna incorporação do Centro Oeste", que pode ser identificada pelas novas frentes de agricultura comercial, bovinocultura tecnificada e frentes especulativas.

De acordo com os dados censitários de 1940 a 1960, a população do Mato Grosso experimentou um período de intensas migrações internas e internacionais, no papel de lugar receptor de migrantes, gerado principalmente pela ocupação definitiva da fronteira, pela construção da nova capital do país, pela maior articulação com outros espaços nacionais através de investimentos nos transportes, comunicação e infra-estrutura (Cunha, 2002)[8]. A Tabela 5 a seguir apresenta o estoque de migrantes, segundo lugar de nascimento dos brasileiros natos, bem como a nacionalidade dos estrangeiros residentes no Estado.

Tabela 5: Estoque de migrantes internos e internacionais, segundo lugar de nascimento e nacionalidade, respectivamente. Mato Grosso, 1940 – 1960.

	1940		**1950**		**1960**	
Origem de migrantes internos*	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**
Bahia	15.482	21,96	18.890	24,02	14.263	21,9
Goiás	11.115	15,76	11.418	14,52	8.652	13,3
Minas Gerais	8.980	12,74	10.994	13,98	9.874	15,2
Rio Grande do Sul	8.187	11,61	6.051	7,70	3.528	5,4
São Paulo	7.413	10,51	13.925	17,71	15.743	24,2
Maranhão	4.213	5,98	2.781	3,54	1.521	2,3
Ceará	2.676	3,80	2.587	3,29	1.896	2,9
Pernambuco	2.080	2,95	3.043	3,87	2.526	3,9
Demais UFs	10.363	14,70	8.943	11,37	7.167	11,0
Total	**70.509**	**100,00**	**78.632**	**100,00**	**65.170**	**100,0**
	1940		**1950**		**1960**	
Origem dos imigrantes no MT	**N**	**%**	**N**	**%**	**N**	**%**
Paraguai	11.801	53,00	11.582	60,83	9.854	56,96
Bolívia	3.769	16,93	2.265	11,90	4.235	24,48
Argentina	1.193	5,36	261	1,37	239	1,38
Demais países da América do Sul	453	2,03	185	0,97	114	0,66
Europa	2.275	10,22	1.675	8,80	1.052	6,08
Ásia	2.221	9,98	1.168	6,13	931	5,38
Demais países	552	2,48	1.905	10,00	876	5,06
Total	**22.264**	**100,00**	**19.041**	**100,00**	**17.301**	**100,00**

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950 e 1960.
* Brasileiros não naturais do Estado do Mato Grosso.

[8] Os primeiros dados censitários sobre migração, no entanto, impõem limites sobre sua interpretação. Segundo Martine (1984, p. 107), "Para todos os efeitos, as primeiras informações concretas sobre migrações internas foram apresentadas no Censo Demográfico de 1940, que indagou sobre a Unidade da Federação (UF) de nascimento e a UF de residência atual, de todos os recenseados. O migrante ficou definido como a pessoa residente numa UF diferente daquela de nascimento. Isto possibilitou, pela primeira vez, descrever fluxos interestaduais acumulados até a data do censo. Claro que o nível de interpretação permitido por essa informação é bastante limitado. Não somente as características sócio-econômicas dos migrantes não podem ser discernidas, devido à impossibilidade de se conseguir tabulações especiais, como os dados carecem de qualquer referência temporal".

Destaca-se no período descrito pela Tabela 5 a presença marcante de migrantes internos e internacionais no Estado do Mato Grosso, entre 1940 e 1960, segundo os censos demográficos do período. Os deslocamentos internos que se dirigiram ao Mato Grosso neste período são principalmente representados pelo Estado da Bahia, em 1940 (21,96%) e 1950 (24,02%) e por São Paulo em 1960 (24,2%). As transformações no cenário econômico brasileiro, bem como a integração de áreas até então pouco integradas alimentam e orientam esses deslocamentos internos.

Ainda que o número absoluto de migrantes internacionais seja menor que o de migrantes internos – mesmo em se tratando de um Estado fronteiriço – é também relevante a presença estrangeira no Mato Grosso entre 1940 e 1960. Dentre os grupos captados pelos censos demográficos, são os paraguaios os mais presentes, seguidos pelos bolivianos e argentinos. Destaca-se, no entanto, a dinâmica da migração boliviana, que chega a representar em 1960 24,48% do total de imigrantes no Estado.

A então recente ocupação efetiva da fronteira oeste atrai migrantes internos que já se deslocavam em busca de novas terras e expansão de fronteiras agrícolas desde a virada para o Século 20 (Balán, 1973). No entanto, outros fatores como o funcionamento da estrada de ferro no Mato Grosso a partir de 1930, a mecanização da produção agrícola especialmente no sudeste e a dinamização do Centro Oeste brasileiro – sobretudo com o início da construção de Brasília – atraem migrantes de diversos Estados brasileiros, especialmente Bahia, Goiás, Minas Gerais e São Paulo (Monteiro, 1997).

São outros os fatores que configuram a migração internacional em direção ao Centro Oeste brasileiro no período descrito pela Tabela 5. As variações de intensidade dos diversos fluxos migratórios internacionais recebidos pelo Mato Grosso entre 1940 e 1960, associadas à idade dos migrantes, sugerem ecos de fluxos migratórios mais intensos, principalmente quando associados ao fim do Século 19, quando o Brasil recebeu milhares de migrantes, sobretudo europeus e asiáticos (Bassanezi, 1995; Levy, 1974)[9].

Dentre os migrantes europeus recenseados no Mato Grosso entre 1940 e 1960 destacam-se portugueses e espanhóis, reflexos já de correntes migratórias exploratórias

[9] As mesmas limitações dos primeiros dados censitários sobre migração interna definidas por Martine (1984) se aplicam também à migração internacional, uma vez que a disposição das informações nos censos demográficos consultados não permite um cruzamento de variáveis que revelasse o tempo da chegada desses migrantes ao Mato Grosso, bem como outras características sócio-econômicas.

enviadas à região desde o período colonial. Em 1940, o Censo Demográfico indicava a presença de 910 portugueses e 319 espanhóis. São dos países latino-americanos, no entanto, atos maiores grupos de migrantes registrados no Estado no período descrito, destacando-se os paraguaios e bolivianos (Tabela 5).

A dinâmica da representatividade desses migrantes no Mato Grosso, no entanto, é diferencial entre os grupos: enquanto os paraguaios, que têm o maior peso entre o total de migrantes internacionais, sofrem um decremento de 16% entre 1940 e 1960, a presença boliviana cresceu 12,3% no mesmo período. Há ainda um importante diferencial da migração boliviana no Mato Grosso já em 1940: é o grupo que apresenta a mais alta representatividade feminina, ainda que a maioria dos migrantes sejam homens. Entre os bolivianos, as mulheres representavam 49,3% em 1940, 46,1% em 1950 e 48,7% em 1960.

Tabela 6: Distribuição por sexo e país de nascimento de migrantes internacionais residentes no Estado do Mato Grosso, 1940 – 1960

1940

	País de nascimento			
	América do Sul	**Bolívia**	**Paraguai**	**Argentina**
Homens	55,2	50,7	56,7	53,6
Mulheres	44,8	49,3	43,3	46,4
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Total (N)	**17216**	**3769**	**11801**	**1193**

1950

	País de nascimento			
	América do Sul	**Bolívia**	**Paraguai**	**Argentina**
Homens	55,2	53,9	55,0	71,3
Mulheres	44,8	46,1	45,0	28,7
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Total (N)	**14297**	**2265**	**11582**	**261**

1960

	País de nascimento			
	América do Sul	**Bolívia**	**Paraguai**	**Argentina**
Homens	57,4	51,3	60,3	74,5
Mulheres	42,6	48,7	39,7	25,6
Total (%)	100,0	100,0	100,0	100,0
Total (N)	**14442**	**4235**	**9854**	**239**

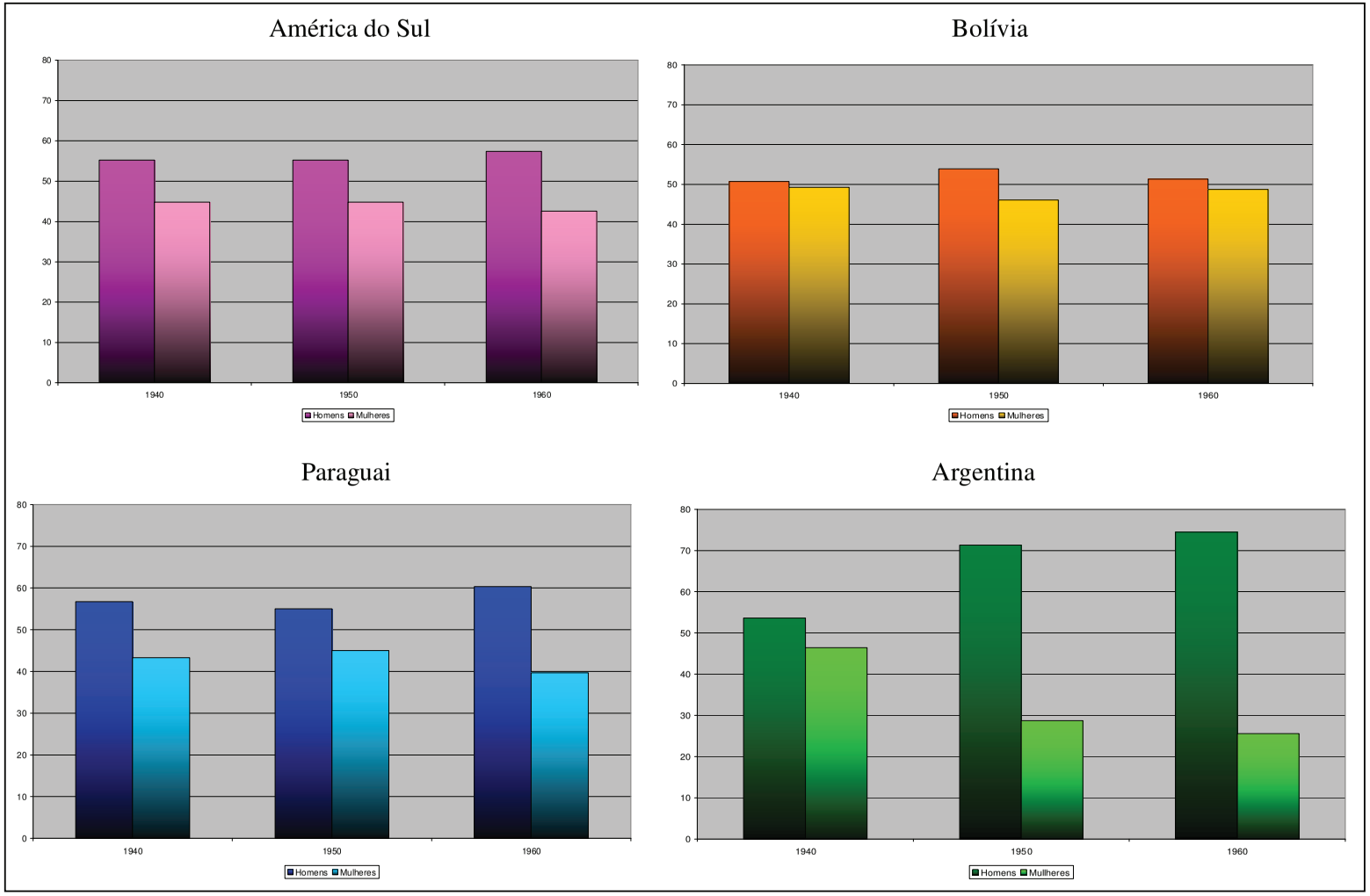
Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1940, 1950, 1960.

De acordo com os dados, a proporção de mulheres bolivianas em relação às outras origens foi maior ao longo de todo o período, embora os volumes sejam diferenciados entre os grupos. Os migrantes paraguaios têm uma representatividade que varia de 2,3 e 5,1 vezes maior que os bolivianos entre 1940 e 1960, e ainda assim o momento de maior proporção de mulheres foi em 1950, quando as paraguaias representavam 45,5% do total do grupo.

A inserção dos migrantes na sociedade receptora pode justificar essa diferença entre os dois maiores grupos de migrantes internacionais no Mato Grosso: o caráter agrícola da presença paraguaia (Peraro, 2000) e o baseado no comércio dos bolivianos (Arruda, 1989). **O aumento do peso da migração feminina no fluxo de bolivianos para o Mato Grosso aponta para uma especificidade da atual presença boliviana em Corumbá já na primeira metade do Século passado.**

Com base nos dados da Tabela 6, o Gráfico 1 apresenta a distribuição por sexo ao longo do mesmo período – 1940 a 1960 – dos principais grupos de imigrantes presentes no Mato Grosso.

Gráfico 1: Migrantes internacionais segundo o sexo e país de nascimento. Mato Grosso, 1940 – 1960



Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960.

Segundo Morokvasic (2003), é preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram; teorias migratórias, no entanto, não levavam em conta diferenciais por sexo que incorporam a mulher como migrante propriamente dito: diferentes trajetórias e estratégias migratórias, uso diferenciado de redes sociais, reconfiguração de papéis de gênero principalmente através da inserção em mercados específicos de trabalho. A condição de acompanhante ou migrante tardia, em função da trajetória migratória de um homem da família – pai, marido, irmão –, para recomposição familiar, foi a posição ocupada pelas mulheres na maioria das perspectivas de análise até o fim do Século 20. Os dados da Tabela 6 e do Gráfico 1 acima mostram uma grande proporção de mulheres entre as bolivianas, dando a este fluxo uma especificidade importante que será um dos pilares deste trabalho. A Tabela 7, a seguir, mostra a evolução da população total de Corumbá, suas taxas de crescimento e participação relativa no Estado, entre 1940 e 1970, período posterior à definição das fronteiras do Brasil e anterior à criação do Estado de Mato Grosso do Sul.

Tabela 7: Evolução da população, participação relativa da população de Corumbá no Mato Grosso e Taxas Geométricas de Crescimento.

Anos	**Evolução da População Total**		**Participação relativa da população de Corumbá no MT (%)**	**Taxa Geométrica de Crescimento da População (%a.a.)**		
	Mato Grosso	**Corumbá**		**Período**	**Mato Grosso**	**Corumbá**
1940	432.265	29.521	6,8			
1950	522.044	38.734	7,4	1940/1950	1,9	2,8
1960	910.262	59.556	6,5	1950/1960	5,7	4,4
1970	1.285.967	81.887	6,4	1960/1970	3,5	3,2

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970.

A articulação entre sistemas produtores do oeste do Brasil e outros espaços consumidores impulsiona a dinâmica econômica da região, embora a demanda por mão-de-obra siga sem grandes exigências frente ao estoque de trabalhadores locais (Oliveira, 1998). Isso se justifica através do próprio crescimento populacional do Estado do Mato Grosso no mesmo período e da participação relativa de Corumbá: ainda que o crescimento do município tenha sido significativo, ele não cresceu sozinho. O oeste do Brasil experimentava uma fase

dinâmica na economia, acelerando o crescimento a partir da articulação com outros espaços produtores e consumidores, além da maior dinamização de todo o Centro Oeste brasileiro, principalmente depois da transferência da capital do país (Cunha, 2002).

Justifica-se ainda o período analisado para esta incursão, principalmente no que se refere ao período entre 1940 e 1960. Segundo Balán (1973, p.41), que utiliza "o ano de 1930 como data chave para separar períodos históricos no Brasil", ressalta-se que, no caso do Centro Oeste, 1970 é uma outra data chave. Isto porque em meados dessa década, Mato Grosso do Sul se desmembrou do Mato Grosso, formando o Estado que abriga a região de fronteira com a Bolívia em que Corumbá está inserida. Desta forma, utilizamos então o mesmo pressuposto de Balán (1973): "como toda data precisa, é arbitrária, porém útil".

Analisou-se neste item, portanto, a formação do espaço migratório onde Corumbá está situada, os impactos recebidos por grandes fluxos migratórios internos e internacionais, a formação de outras trajetórias migratórias impulsionadas e direcionadas por vetores estruturais que não necessariamente aqueles que redistribuíram a população brasileira até os anos 70 (Martine, 1984; Baeninger, 1999).

Neste contexto ressalta-se ainda a importância de Corumbá – MS na dinâmica econômica e migratória na fronteira oeste do Brasil, tendo um caráter essencialmente urbano, comercial e internacional através das intensas atividades portuárias que ligavam esta região de fronteira – tanto do lado boliviano quanto do brasileiro – a mercados norte-americanos e europeus. Desta forma, a presença boliviana na região, bem como de outros grupos como os paraguaios e argentinos, merece atenção especial por se tratar de um fluxo migratório não derivante das trajetórias dominantes observadas no Brasil (Brito, 1997) e, por ser tão cheio de especificidades, até hoje causa impactos nos espaços que o compõem.

Com essa breve contextualização histórica pelo Brasil e pelo Estado do Mato Grosso entre o fim do Século 19 até os anos 70 ressalta-se a importância das migrações e, a partir dos anos 40 do Século 20, da imigração boliviana para a região de Corumbá – MS; a presença feminina neste fluxo migratório contou ao longo de todo o período revisto com a mais alta proporção de mulheres dentre todos os grupos de estrangeiros da América do Sul presentes.

O próximo item deste capítulo tratará de uma análise sobre a evolução da população de Corumbá – MS buscando, em meio ao contexto histórico do Brasil e do Mato Grosso

anteriormente revisitado, especificidades da dinâmica populacional de um município que dentre fatores econômicos e sociais tanto se diferenciou do restante do Centro Oeste brasileiro.

2. Corumbá: uma história (des)articulada e com dinâmica própria

Reconstruídos, brevemente, contextos econômicos e demográficos do Brasil e do Centro Oeste como um todo, faz-se importante entender como Corumbá – Mato Grosso do Sul se inseriu, ou não se inseriu, nessa mesma dinâmica e quais os fatores que colaboraram para suas atuais características, sendo uma delas lugar receptor de migrantes bolivianos. A posição geográfica privilegiada para esta face do município, justamente o fato de ser fronteira entre Brasil e Bolívia, como se observará adiante, não é único fator determinante para este traço do município.

Busca-se, portanto, reconstruir também a história econômica e a dinâmica populacional de Corumbá – MS, a fim de identificar os fatores que a forjaram ao longo do tempo, em um contexto histórico diferenciado.

Manetta[10] (2009) ressalta a importância de uma periodização para que se possa entender os diferentes fatores que forjaram a história de Corumbá – MS, boa parte deles desarticulados da dinâmica brasileira como um todo, "reconhecendo as formas de inserção regional na ordem econômica internacional, levando em conta o preexistente e o novo" (Manetta, 2009, p.18). Seguindo o modelo para uma contextualização da região fronteiriça de Corumbá, proposta pelo autor, busca-se inserir o município em seu contexto específico e verificar as diferenças que o forjaram como espaço migratório relevante no fluxo de bolivianos para o Brasil.

Neste sentido, Manetta (2009) propõe uma periodização que tem o seu início nos primórdios da ocupação colonial e a expansão dos limites luso brasileiros na América do Sul, estendendo-se de meados do Século 16 ao final do Século 17. De fato, diversos autores já relacionavam a colonização da América do Sul como consequência direta da expansão marítima européia dos Séculos 15 e 16 (Graham e Merrick, 1981, Balán, 1973, Cardoso e

[10] A dissertação de mestrado de Alex Manetta (2009), Dinâmica Populacional, urbanização e ambiente na região fronteiriça de Corumbá, é também produto do Projeto "Migrações Internacionais no Mercosul: configurações sócio espaciais e ambientais entre Brasil, Bolívia e Paraguai", do qual este trabalho é também parte integrante.

Brignol, 1983 *apud* Manetta, 1999). As tentativas de ocupação da área eram barradas por obstáculos diversos. As características naturais eram um dos fatores que dificultavam a ocupação da região. Segundo Souchaud, Carmo e Fusco (2007, p. 44),

> Tanto no extremo oriente boliviano como no ocidente do atual Mato Grosso do Sul, a presença de vastas áreas úmidas, sempre ou sazonalmente inundadas, limitou o desenvolvimento e consolidação do povoamento. As dificuldades, nesse caso, foram enfrentadas na implantação de redes de comunicações, na implementação de atividades econômicas (agricultura) e na consolidação de núcleos populacionais.

Outro obstáculo também descrito por Souchaud, Fusco e Carmo (2007, p.43) eram as características geográficas.

> A interioridade desse espaço, a qual se torna relevante frente ao projeto de colonização e organização territorial na América do Sul, que fez com que as áreas litorâneas e próximas ao litoral concentrassem a população, as atividades econômicas e o poder político. Em consequência, os espaços interiores ficaram pouco acessíveis e integrados até o Século 20.

Por fim, uma última barreira completava o conjunto de aspectos que dificultavam a ocupação da fronteira oeste do Brasil, em especial a região de Corumbá: a presença indígena no Pantanal tornou ainda mais difícil o avanço da ocupação por colonos tanto portugueses quanto espanhóis, que ainda travavam disputas por este território definido pelo Tratado de Tordesilhas como domínio espanhol (Manetta, 2009). Por outro lado, a atividade mineradora dinamizava o comércio na América espanhola através de portos construídos ao longo da Bacia do Prata, estabelecendo novas rotas e conexões (Cardoso e Brignol, 1983, *apud* Manetta, 2009).

De acordo com Manetta (2009), o segundo grande momento de uma contextualização da região fronteiriça de Corumbá está diretamente ligado à emergência do Porto. Faz sentido, portanto, afirmar que Corumbá tem uma história (des)articulada, dado o contexto brasileiro. Enquanto diversas barreiras dificultavam a ocupação da fronteira oeste do Brasil mantendo-a pouca integrada ao restante do país até o Século 20 (Souchaud, Fusco e Carmo, 2007), Corumbá, fronteira com a Bolívia, permaneceu mais articulada ao contexto de outros espaços.

Segundo Cardoso e Brignol (1983, *apud* Manetta, 2009), as lutas por independência de países da América Espanhola partiram de grupos financeiramente beneficiados pela atividade

mineradora que era comercializada através de portos na Bacia do Prata. Com a abertura dos portos, das rotas e o livre comércio internacional na região, o porto de Corumbá passou a ser importante ponto de importação e principalmente de escoamento da produção local, sobretudo de produtos da mineração e couro, alcançando rotas de comércio européias e norte-americanas, especialmente Londres e Nova Iorque (Correa, 2005). Souchaud, Carmo e Fusco (2007) ressaltam outros importantes aspectos da emergência do Porto de Corumbá, bem como de sua inserção em contextos específicos.

> O rio torna-se elemento fundamental na articulação do comércio. A extração mineira, a exploração da erva mate, a produção de carne e couro bovino no Mato Grosso do Sul, ou a extração do *quebracho* (*Schinopsis lorentzii*) para obtenção do tanino no Chaco, destinavam seus produtos aos grandes centros litorâneos da faixa atlântica. O comércio fluvial desenvolveu-se, e alguns centros urbanos ganharam importância à medida que se diversificava e intensificava a produção. Corumbá e Concepción passaram a ser centros regionais, mas centros de um tipo muito particular, no sentido de que mantiveram conexões mais regulares com a bacia do Prata ou a baía de Guanabara (Estado do Rio de Janeiro) do que com espaços vizinhos do interior (Souchaud, Carmo e Fusco, 2007, p. 44).

A Guerra do Paraguai (1865 – 1870) é um marco para a fronteira oeste do Brasil por dois motivos principais: no momento em que Corumbá, através de suas atividades comerciais portuárias se torna um centro regional, a emergência da guerra torna latente a preocupação do governo brasileiro em ocupar definitivamente a região e definir os limites do país, protegendo as fronteiras (Balán, 1973). Por outro lado, a dinâmica da região fronteiriça foi fortemente abalada pelo conflito. Segundo Corrêa (2005, p. 41)

> Pouca coisa restou na fronteira que, devastada pela guerra e por doenças como a varíola, lembrasse o período anterior ao conflito com o Paraguai. Os poucos núcleos urbanos estavam destruídos, e as propriedades rurais arruinadas. A fronteira transformou-se, num primeiro momento, em terra de ninguém, sem a presença efetiva das autoridades governamentais para impor a ordem e a segurança. Nessa caótica região fronteiriça, também vagueavam, segundo notícias relatadas em documentos, bandos de mulheres paraguaias com meninos de 10 a 14 anos, numa referência clara ao quase extermínio da população masculina no Paraguai.

Nenhuma medida por parte do governo para a ocupação da fronteira oeste foi efetiva, nem depois da Guerra do Paraguai (Corrêa, 1995). Segundo Balán (1973), a ocupação da

região Centro Oeste e em especial das fronteiras, até o início do Século 20, teve um caráter estrutural que gerou pouca demanda de mão-de-obra (a criação de gado exigia grandes porções de terra, mas poucos trabalhadores) e, conseqüentemente, pouca atração para sua ocupação por migrantes internos após a chegada dos "pantaneiros" (Corrêa, 1995).

> Por outro lado, enquanto a região Centro Oeste, de maneira geral, se encontrava desarticulada dos grandes ciclos econômicos brasileiros até o fim do Estado Novo, a região de Corumbá experimentou períodos de intensas atividades comerciais na bacia hidrográfica do Rio Prata (Monteiro, 1997, p.36).

Nesse sentido, tem início uma nova fase para a região de Corumbá. A tomada definitiva das áreas indígenas derrubou um dos obstáculos à ocupação da fronteira oeste. Ainda que as medidas por parte do governo não tenham sido efetivas neste momento para a ocupação das fronteiras, a queda deste obstáculo favoreceu a incorporação de terras às fazendas de gado existentes na região de Corumbá e o comércio de couro e charque ajudou a movimentar o porto corumbaense e recuperar a dinâmica do pré-conflito com o Paraguai. Segundo Manetta (2009, p. 30)

> A reabertura da navegação no Rio Paraguai reforçou as relações entre os países platinos, que tinham Buenos Aires como centro convergente. A evolução urbana de Corumbá atrelou-se mais uma vez ao comércio de exportação e de importação, quando mercadorias chegavam da Europa, do Rio de Janeiro, e das cidades platinas em grandes navios e eram reembarcadas até os destinos no norte da província. O incremento das atividades urbanas, assim como a expansão das fazendas de gado, incentivou um movimento migratório em direção a essa fronteira, num processo que acelerou as transformações em seu meio.

O caráter essencialmente urbano de Corumbá, associado às articulações de seu porto na circulação internacional de mercadorias, bem como à intensa e nova produção de gado na região, e remarcação de terras indígenas[11], atraiu o capital estrangeiro para investimentos no

[11] De acordo com o site http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kadiweu, consultado em 23/10/2009, "os Kadiwéu, conhecidos como "índios cavaleiros", por sua destreza na montaria, guardam em sua mitologia, na arte e em seus rituais o modo de ser de uma sociedade hierarquizada entre senhores e cativos. Guerreiros, lutaram pelo Brasil na Guerra do Paraguai, razão pela qual, como contam, tiveram suas terras reconhecidas." Por terem combatido em favor dos brasileiros, o território ocupado pelos Kadiwéu foi oferecido como recompensa, sendo este o primeiro grupo a ter suas terras oficialmente reconhecidas.

comércio pecuário. O desenvolvimento dos transportes e a presença de linhas a vapor circulando nos portos na bacia do Prata atraíram migrantes de diversas nacionalidades, além de paraguaios, portugueses, sírios e libaneses, estes últimos ligados às atividades comerciais da bacia do Prata desde a primeira dinamização do porto de Corumbá (Monteiro, 1997).

A presença do capital estrangeiro na região, associada à crescente urbanização e modernização da cidade, acirrou a preocupação do governo brasileiro com os limites do país, sendo necessária a incorporação da fronteira oeste aos principais centros da dinâmica nacional. A estrada de ferro Noroeste do Brasil (1914) integraria a região, e suas atividades comerciais, ao sudeste brasileiro. Segundo Manetta (2009, p. 32)

> A intencionalidade dessa estrada de ferro residiu em voltar ao Brasil o comércio do sudeste boliviano e do norte paraguaio. Ao mesmo tempo seriam possíveis rápidas comunicações entre o Mato Grosso e o litoral do sudeste brasileiro, sem a necessidade de percorrer territórios estrangeiros, como se dava com a navegação fluvial. Esse caminho trouxe inevitáveis consequências à organização socioeconômica do extremo oeste mato-grossense, uma vez que desestimulou as relações comerciais com os países platinos, num novo período de uso e ocupação econômica dessa região.

Além de incorporar as relações comerciais que tinham o porto de Corumbá como principal referência brasileira, a estrada de ferro Noroeste do Brasil teve um importante papel na incorporação do Mato Grosso à dinâmica econômica paulista. Passando Campo Grande a ser um centro regional de distribuição da produção local – sobretudo de produtos agropecuários – com ligação direta e rápida com o sudeste, as atividades portuárias de Corumbá sofreram um decremento que causaria profundos impactos na região. Uma das principais perdas para o porto corumbaense foi a diminuição de sua rede de abastecimento no próprio Mato Grosso e em todo o Pantanal, por onde escoava boa parte da produção local. O comércio platino ainda continuava a ser abastecido via Rio Paraguai, mas em proporções bem menores (Manetta, 2009).

Segundo Valverde (1972) uma das saídas para voltar a dinamizar a economia da região de Corumbá foi o investimento na produção agropecuária, o que atraiu pequenos fluxos de migrantes vindos, sobretudo, do sul do país e do Paraguai. Os paulistas que também chegaram à região estavam em maior parte ligados a atividades relacionadas à própria estrada de ferro e não à produção agropecuária na região de Corumbá e Pantanal.

Outro impacto causado pela estrada de ferro foi o fechamento das pequenas indústrias, principalmente do gênero alimentício, que se instalaram próximas à área portuária em Corumbá. Campo Grande se tornou, com o advento da Noroeste do Brasil, o principal pólo econômico regional e, com as facilidades do novo meio de transporte, indústrias do sudeste brasileiro (especialmente São Paulo e Rio de Janeiro) se instalaram na região. A concorrência associada à queda das atividades portuárias fez com que essas pequenas indústrias fechassem as portas entre 1920 e 1930 (Valverde, 1972).

Em meados dos anos 1950, uma nova fase para a economia corumbaense se estabeleceria: a ligação ferroviária entre Brasil e Bolívia revelaria novas demandas, principalmente do lado boliviano e Corumbá recuperaria seu papel de centro distribuidor de mercadorias, escoando a produção, sobretudo paulista, que chegava à região via Noroeste do Brasil. Ainda que Campo Grande continuasse a representar o centro de referência da dinâmica econômica do Mato Grosso e de suas ligações com o sudeste brasileiro, Corumbá retomou a intensidade de suas atividades também via estrada de ferro, mas com destino à Bolívia (Ito, 2000; Manetta, 2009). Além de uma nova etapa para a dinâmica econômica corumbaense, a estrada de ferro entre Brasil e Bolívia representou a extensão das relações comerciais do sudeste brasileiro ao oriente boliviano, antes um espaço desarticulado e desagregado da economia nacional.

Os dados censitários de meados do Século 20, tanto brasileiros quanto bolivianos, são limitados no sentido de não se poder identificar diretamente os fatores estruturais que facilitaram a migração de bolivianos para o Brasil. Embora seja muito forte o indício de que a estrada de ferro Brasil – Bolívia possa ter contribuído no impulso deste fluxo migratório, não se pode afirmar com precisão que a presença boliviana passa a ser relevante em Corumbá graças a esta ligação ferroviária entre os dois países. Até mesmo porque, como se verá no capítulo terceiro deste trabalho, a migração de bolivianos para Corumbá está diretamente ligada a um processo de redistribuição populacional na Bolívia (Souchaud e Baeninger, 2008), com o aumento da concentração populacional boliviana principalmente no Departamento de Santa Cruz.

Após este período de retomada das atividades comerciais em Corumbá, a região ainda experimentaria uma nova fase: a construção de rodovias que ligavam o Mato Grosso ao sudeste brasileiro, nos anos 70, tornou possível

> a ligação rodoviária entre Corumbá e Campo Grande, via que dinamizou a articulação entre o Pantanal e a região sudeste brasileira. Apesar da inserção dessa nova modalidade de transporte no interior do Pantanal, periodicamente as estradas ficavam submersas devido ao regime das águas (Manetta, 2009, p. 36).

Ao longo da década de 1970, as cheias que assolaram o Pantanal destruíram boa parte das vias rodoviárias da região, restando a estrada de ferro e as vias fluviais como os meios de transporte viáveis para a circulação de mercadorias da região.

O desmembramento do Estado do Mato Grosso, dando origem a Mato Grosso do Sul, em 1977, reforça o papel de centro dinâmico de Campo Grande. Este município passa a ser a principal ligação da região Centro Oeste às demais regiões brasileiras, reunindo funções comerciais e administrativas (Ito, 2000). Neste sentido, Corumbá perde o seu papel de centro regional e assiste à sua economia estagnar-se sem jamais recuperar o dinamismo de décadas e séculos passados.

Identificar os fatores histórico-estruturais que fizeram de Corumbá um lugar diferenciado da dinâmica observada para a região Centro Oeste foi o objetivo deste subitem. Corumbá, por fatores geográficos, naturais e históricos, não reproduz a desarticulação econômica e de ocupação observada para a porção oriental do Centro Oeste. Neste sentido, fez-se necessário entender por que Corumbá é diferente; quais as causas estruturais dessa diferença e quais os impactos para a dinâmica do município ao longo da história.

Esses fatores foram: disputas pela ocupação das terras entre os Séculos 16 e 18; a ascensão das atividades portuárias e a dinâmica econômica da Bacia do Prata; a Guerra do Paraguai; a ocupação efetiva das terras pantaneiras e a afirmação de Corumbá como centro regional comercial na virada do Século 19 para 20; a ligação ferroviária com o sudeste brasileiro e o declínio das atividades comerciais no município até meados do Século 20; uma nova retomada da dinâmica comercial graças à ligação ferroviária com a Bolívia e, por fim, o estabelecimento da malha rodoviária e a criação do Estado do Mato Grosso do Sul.

Assim, Corumbá é um lugar diferenciado da dinâmica observada para a região Centro Oeste e também para o Estado do Mato Grosso ao longo da história. De fato, a dinâmica econômica brasileira não alcançou a região, que estava inserida num outro contexto

econômico, tão específico, antes mesmo do início de investidas à ocupação do Centro Oeste brasileiro.

2.1 Evolução da população – 1940 a 2000[12]

Este item tem como objetivo principal descrever e justificar o município de Corumbá – MS como o espaço para uma análise sobre migração na fronteira entre Brasil e Bolívia a partir de sua dinâmica populacional. Para tanto, retoma-se o principal período analisado anteriormente – 1940 a 1960 – avançando até 2000, através dos censos demográficos.

Busca-se, portanto, reconstruir o pano de fundo da dinâmica populacional de Corumbá, ressaltando fatores estruturais de primeira importância para a compreensão do fluxo migratório de bolivianos para o município.

Entender os fatores que levaram Corumbá – MS ao status de cidade estratégica num fluxo migratório essencialmente boliviano (Souchaud e Baeninger, 2008[13]) torna-se obrigatoriamente o ponto de partida para uma análise consistente do contexto migratório atual no município.

Para tanto, parte-se do traçado do panorama migratório brasileiro, tendo como pano de fundo os diversos ciclos econômicos em que se sustentaram diversas correntes migratórias internas e internacionais, mencionados no item anterior. Isso se justifica, pois de acordo com Singer (1973), é de contextos históricos, mudanças estruturais, institucionais e espaciais – sobretudo na economia – que decorrem processos migratórios. Partindo desse pressuposto, Singer (1973, p.34) analisa fenômenos migratórios internos e define o conceito de "tipo historicamente definido de migração". Ainda que as trajetórias dominantes (Brito, 1997) que atravessaram o Brasil até meados do Século 20, impulsionadas por sucessivos ciclos econômicos, não tenham atingido diretamente a região, Corumbá – MS experimentou outros condicionantes históricos para a formação de um espaço migratório dinâmico. A proximidade com a fronteira, a dinâmica econômica impulsionada pelas atividades portuárias que ligavam Corumbá a mercados internacionais, bem como conflitos como a Guerra do Paraguai e ainda

[12] Todos os dados sobre migrantes – internos ou internacionais – tratados neste item referem-se aos migrantes acumulados (*life-time migrants*), não levando em consideração o tempo de residência.
[13] Souchaud, S e Baeninger. R. *Diferenciais da Imigração Boliviana em Corumbá: resultados de pesquisa de campo.* Artigo apresentado no Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2008.

efeitos indiretos da expansão de ciclos econômicos como o gado extensivo e o café paulista são fatores históricos de naturezas diversas que forjaram o espaço migratório de Corumbá – MS.

Com a reunião desses dados, busca-se a identificação e maior entendimento de fatores estruturais que, de alguma maneira, influenciaram a composição do contexto socioeconômico vivenciado por Corumbá – MS atualmente; tais fatores estão diretamente associados a processos migratórios e, em especial, à migração de bolivianos para a região.

Algumas questões permeiam este item: como as trajetórias de processos migratórios brasileiros alcançaram a ocupação da fronteira oeste do Brasil? Por outro lado, a população da região de Corumbá alimentou de alguma forma esse contexto migratório mais amplo? Quais correntes migratórias tiveram impacto na formação do cenário corumbaense? Quais fatores estruturais sustentam Corumbá como um espaço migratório relevante?

Contextualizar um município de acordo com a evolução de sua população e também com a dinâmica migratória exige um aparte: faz-se primeiramente necessário situar a região em termos geográficos frente ao cenário nacional.

Mapa 1: Localização do Município de Corumbá

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000, apud Souchaud e Baeninger, 2008.

Segundo a FIBGE, Corumbá – MS apresenta área de unidade territorial de 64.961km^2, e população total de 96.373 pessoas, de acordo com a contagem da população de 2007.

É importante reforçar o fato de que Corumbá, apesar de sua extensão territorial, é composta de um núcleo urbano com alta densidade demográfica e vastas áreas vazias (Souchaud, Fusco e Carmo, 2007). O caráter urbano de Corumbá associado à sua extensão pode dar uma falsa idéia de que seu núcleo urbano se estende por todo este espaço. Segundo Souchaud e Baeninger (2008, p. 276),

> A imensidão da fronteira do Brasil com a Bolívia se caracteriza por descontinuidades importantes, que associam vastas áreas pouco ocupadas e integradas a lugares altamente integrados.
> O município de Corumbá ilustra essa situação contrastante, já que é um território de 64.961 km2, com aproximadamente 200 km de fronteira com a Bolívia. Em 2007, a população era de 96.373 habitantes, dos quais 86.656 (89,9% do total) moravam na área urbana de Corumbá, a poucos quilômetros da fronteira internacional. Com uma população, em 2000, de 9.717 habitantes e uma densidade populacional de 0,15 hab./km2, a área rural do município de Corumbá ainda pode ser considerada uma margem pouco integrada. A cidade é um lugar estratégico de articulação dos fluxos de bens, pessoas e informações, configurando o denominado corredor bi-oceânico, que agrega as duas margens litorâneas do continente, isto é, o sudeste brasileiro com os portos peruanos e chilenos do Pacífico, passando pelo eixo de concentração do povoamento boliviano Santa Cruz-Cochabamba-La Paz.

Corumbá tem uma localização estratégica multifacetada, às portas do Pantanal, na fronteira com a Bolívia e inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Paraguai, tendo o seu porto significativa importância histórica desde o Século 18 (Monteiro, 1997).

Compreender a dinâmica migratória atual de uma determina região exige conhecer o contexto em que ela se insere, os fatores estruturais que forjaram essa configuração ao longo da história e, ainda, de que maneira esses fatores se relacionam com um contexto mais amplo. Segundo Oliveira (1988, p.14)

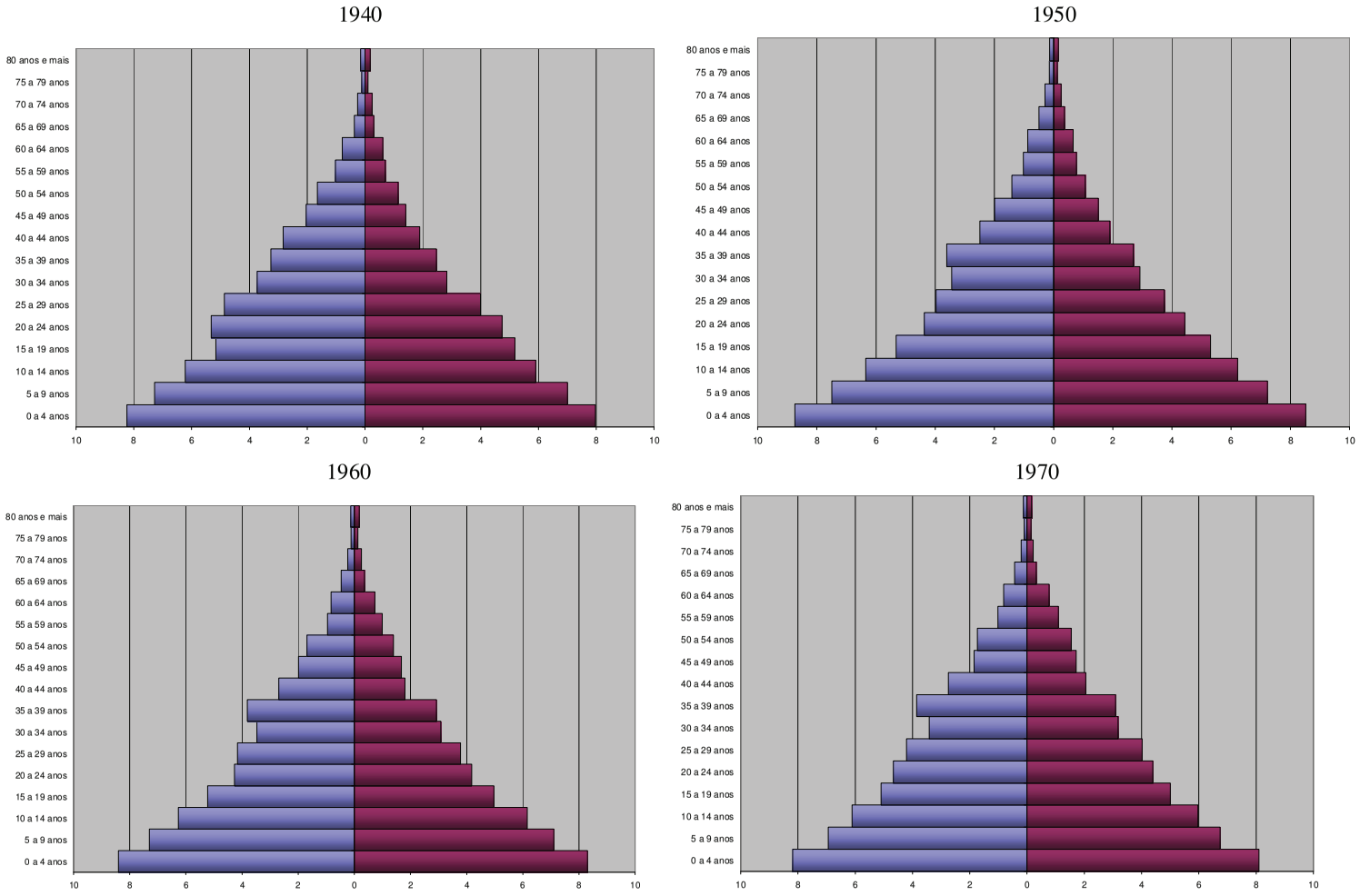
> Corumbá é diferente. É diferente por sua história, por sua geografia e por sua economia. Como efeito, seu movimento é diferente em relação às demais cidades do Mato Grosso do Sul. A distinção e a diversidade dessa região, comparadas às de outras regiões, são, por si mesmas, motivo

> suficiente para um aprofundamento sobre sua realidade – fato não muito presente. Não há porque esconder: Corumbá, sua vida e seus movimentos são ignorados.

Desta forma, busca-se reconstruir a dinâmica da região de Corumbá ao longo do Século 20, tendo como pano de fundo a dinâmica econômica brasileira, a forma como a região se inseriu nesta dinâmica, as transformações experimentadas pela população no período bem como um panorama das correntes migratórias que atravessaram a região e de que forma essas correntes estão relacionadas ao contexto migratório brasileiro.

O Gráfico 2 a seguir mostra a distribuição etária da população de Corumbá ao longo do mesmo período.

Gráfico 2: Distribuição etária segundo grupos qüinqüenais e sexo da população de Corumbá, 1940 – 1970



Fonte: FIBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1970.

É verdade que os dados relativos aos municípios dos censos de 1940 a 1970 apresentam problemas de subenumeração e preferência digital, sobretudo nos grupos etários a partir dos 30 anos. Em todos os casos, a idade 50 anos era a que mais apresentava o problema, sendo até 4,3 vezes mais numerosa do que o restante do grupo etário de 50 a 54 anos. É importante destacar ainda que este foi um período de crescimento relativamente alto, se comparado ao Estado do Mato Grosso (Tabela 7).

Os censos demográficos de 1950 e 1960 não especificam, para os municípios, as nacionalidades dos migrantes além de portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses. O censo de 1940, no entanto, apresenta uma nota especificando essa variável segundo as nacionalidades predominantes observadas por município. No caso de Corumbá – MS, os bolivianos já eram maioria entre os estrangeiros residentes em 1940: dentre os 882 recenseados, 485 (55%) eram homens e 397 (45%), mulheres. O segundo maior grupo de estrangeiros no município era o paraguaio: 336 (53.6%) eram homens e 291 (46.4%), mulheres. A Tabela 8 apresenta o peso da população estrangeira frente à população total de Corumbá – MS.

Tabela 8: Distribuição e participação da população estrangeira em Corumbá – MS – 1940 – 1970

Anos	***População total***	***Estrangeiros***	***Proporção no total da população de Corumbá (%)***	***Bolivianos***	***Proporção no total da população de Corumbá (%)***
1940	29.521	2.371	8,0	882	3,0
1950	38.734	2.143	5,5	*	*
1960	59.556	3.752	6,3	*	*
1970	81.887	5.896	7,2	3767	4,6

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1940, 1950, 1960, 1970.

Ainda que a população estrangeira não registre o mesmo crescimento da população total do município de Corumbá (Tabela 8), os números absolutos revelam um incremento significativo principalmente no intervalo entre 1960 e 1970, obedecendo provavelmente os mesmos fatores de atração como a construção da nova capital e grande volume de investimentos em infra-estrutura do governo Kubitschek (Cunha, 2002).

O número absoluto de bolivianos aumentou expressivamente no intervalo de 30 anos descrito pela Tabela 8: de 882 em 1940 passou para 3.767 bolivianos recenseados em 1970. Destaca-se ainda o incremento da proporção de bolivianos na população total de Corumbá – MS

por terem esses dois grupos, como se observará adiante, estruturas etárias muito distintas e, portanto, diferentes padrões de fecundidade e mortalidade. Com todas essas diferenças, o grupo de bolivianos representava 4,6% da população total de Corumbá – MS em 1970.

É importante destacar ainda sobre a participação da população estrangeira em Corumbá, a provável subenumeração de migrantes, sobretudo indocumentados, muito comuns em censos demográficos e especialmente numa região de fronteira.

Outro dado de grande importância para a contextualização do município, principalmente no que se refere à sua dinâmica migratória, é a evolução da população urbana, rural e o grau de urbanização do município. Isto porque Corumbá se diferencia de outros espaços de destinos de migração interna e internacional por seu caráter historicamente ligado ao comércio (Corrêa, 2005), diferente de dinâmicas de expansão de fronteiras agrícolas. A Tabela 9[14] a seguir apresenta estes dados para o período de 1940 a 1970.

Tabela 9: Evolução da População Urbana, Rural e Grau de Urbanização de Corumbá, 1940 – 1970

Anos	População Total	População Urbana	População Rural	Grau de Urbanização (%)
1940	29.521	17.462	12.059	59,2
1950	38.734	24.336	14.398	62,8
1960	59.556	38.841	20.715	65,2
1970	81.887	51.146	30.741	62,5

Fonte: FIBGE, 1940, 1950, 1960, 1970.

O caráter essencialmente urbano de Corumbá é revelado nos dados acima, principalmente se comparados a outras cidades do Estado do Mato Grosso no mesmo período. Em 1940, Cuiabá, a capital do Estado, tinha grau de urbanização igual a 41,97%; Campo Grande, a cidade que se tornaria posteriormente a capital do Mato Grosso do Sul, em 1940,

[14] Segundo a FIBGE (1940, p. xiv), "Na apuração do censo de 1940 a população foi discriminada em "urbana", "suburbana" e "rural", em correspondência com os quadros administrativos dos Municípios e Distritos. Embora em sentido demográfico somente se considere, usualmente, urbana a população aglomerada em centros dotados de um mínimo de serviços coletivos, e cujos habitantes se dediquem em maioria a atividades alheias à vida rural, ou sejam em número excedente de um certo limite, o critério em que se assentou a definição dos quadros urbano, suburbano e rural dos Municípios e Distritos, no Brasil, foi estabelecido pelo Decreto Lei número 311, de 2 de março de 1938, que fixou normas sistematizadoras para a divisão territorial do país. Na delimitação das áreas urbana e suburbana, da alçada dos Governos Municipais, o quadro da "vila", sede distrital, deveria abranger, em conjunto, pelo menos trinta moradias; e o quadro da "cidade", sede municipal, por sua vez, alcançar o mínimo de duzentas moradias. A apuração dos habitantes dos quadros urbano e suburbano viria revelar, como de fato revelou, a real significação social desses núcleos, a par das anomalias que se verificam freqüentemente na elevação de localidades à categoria de sedes administrativas". Para a análise do grau de evolução da população urbana de Corumbá, bem como de seu grau de urbanização, foram somadas na confecção da Tabela 7 as categorias "urbano" e "suburbano", definidas pela FIBGE na documentação do censo demográfico de 1940 e que também serviu como critério para a coleta de dados até 1970.

apresentava grau de urbanização igual a 49,32%. Os setores de atividades exercidas pela população recenseada no município também chamam a atenção para o caráter urbano de Corumbá, diferenciando-a de espaços migratórios atravessados por fluxos essencialmente rurais no período, como as trocas migratórias entre brasileiros e paraguaios na fronteira (Peraro, 2000). Em 1940, os setores de atividades que mais empregavam em Corumbá – MS eram agro-pecuária, indústria e comércio. Em 1950 o setor agrícola ganha um peso proporcional maior, impulsionado provavelmente pela expansão das fronteiras. Destaca-se o aumento de profissionais liberais, setor de peso fundamental na categoria "outros". Até o fim do período, comércio é o setor que mais cresce no município, sendo que as atividades agrícolas vão se enfraquecendo, principalmente ao longo dos anos 60. A Tabela 10 apresenta os dados.

Tabela 10: Residentes* em Corumbá – MS, segundo setores de atividade. 1940 – 1970

*Setores de Atividade***	*1940*	*1950*	*1960*	*1970*
Agro-pecuária	29,8	36,5	21,4	12,2
Indústria	28,6	22,4	31,8	36,6
Comércio	17,5	6,7	14,9	29,8
Transportes e comunicação	11,1	11,4	11,0	7,7
Defesa e segurança nacional	11,5	9,5	8,9	6,0
Outros	1,5	13,6	12,0	7,7
Total (%)	**100,0**	**100,0**	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**9.994**	**11.262**	**12.414**	**16.292**

Fonte: FIBGE, Censos Demográficos 1940, 1950, 1960, 1970.
* Maiores de 10 anos.
**Foram excluídos inativos e atividades domésticas.

É importante destacar que a dinâmica econômica de Corumbá – MS sofreu profundas transformações no que se refere aos setores de atividades exercidas pelos residentes no município. As tendências variaram de acordo com mudanças observadas no contexto histórico-demográfico brasileiro até os anos 70. Balán (1973) afirma que a dinâmica econômica e da redistribuição da população brasileira para o mesmo período atingiu a fronteira oeste do país com pouca intensidade. Destaca-se, no entanto, os impactos principalmente das políticas de ocupação e investimentos de infra-estrutura no Centro Oeste (eras Vargas e JK, respectivamente) no comportamento de setores como Defesa e Segurança Nacional e Transportes e Comunicação.

Indústrias, sobretudo do gênero alimentício, instaladas próximas ao porto, movimentaram a economia do período, bem como a circulação de mercadorias do Centro Oeste

em direção a outros portos da Bacia do Prata e também na Europa e América do Norte. Atividades relacionadas ao setor agropecuário, com maior peso em outras cidades do Mato Grosso, eram também diretamente relacionadas à circulação de mercadorias, sempre articulada a outros espaços para os quais Corumbá e seu porto eram referências.

Avançando no tempo, a Tabela 11 apresenta a evolução da população de Corumbá e do Mato Grosso do Sul, entre 1970 e 2000. É sobre este período que se pretende traçar um panorama demográfico mais robusto, uma vez que o Estado do Mato Grosso do Sul já havia sido criado em 1971.

Tabela 11: Evolução da população, taxas de crescimento geométrico e participação da população de Corumbá em relação ao Estado do Mato Grosso do Sul, 1980 – 2000

	Evolução da População Total		**Taxa Geométrica de Crescimento da População (% a.a.)**			**Participação Relativa da População de Corumbá no MS**	
Ano	**Mato Grosso do Sul**	**Corumbá**	**Período**	**Mato Grosso do Sul**	**Corumbá**	**Ano**	**(%)**
1980	1.369.769	81.129	**1970/1980**	-0,14	0,09	**1980**	5,9
1991	1.780.373	88.411	**1980/1991**	0,76	0,8	**1991**	5,0
2000	2.078.001	95.701	**1991/2000**	1,81	1,26	**2000**	4,6

Fonte: FIBGE, 1980, 1991, 2000.

Após a separação entre os territórios de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, as trocas migratórias entre os dois Estados foram intensas (Monteiro, 1997). Um dos reflexos dessas profundas transformações é a taxa de crescimento, tanto do Mato Grosso do Sul quanto de Corumbá, que vinha crescendo na década anterior a 3,2% e passa a 0,09%, acompanhando o crescimento negativo do Estado. Ainda assim, Corumbá rapidamente se recupera e em 20 anos volta a registrar crescimento mais significativo, ainda que abaixo do Mato Grosso do Sul.

Embora o crescimento da população do município tenha sido positivo entre 1980 e 2000, a participação relativa no Mato Grosso do Sul diminui. A separação entre os Estados propicia intensas trocas migratórias entre os dois espaços, impactando na variação da participação relativa de Corumbá no Mato Grosso do Sul. Isso não significa, no entanto, perda de população de Corumbá especificamente, uma vez que o crescimento da população é positivo para o período. O município, aliás, não teve participação efetiva nessas migrações internas entre os dois Estados (Monteiro, 1997). Esses movimentos eram direcionados especialmente para Campo Grande, a capital do novo Estado, que já em 1940 era a 49ª cidade mais populosa do Brasil (FIBGE, 1940).

Tabela 12: Evolução da População Urbana, Rural e Grau de Urbanização de Corumbá, 1980 – 2000

Ano	População Total	População Urbana	População Rural	Grau de Urbanização (%)
1980	81.129	67.561	13.568	83,3
1991	88.411	76.660	11.751	86,7
2000	95.701	86.144	9.557	90,0

Fonte: FIBGE, 1980, 1991, 2000.

A tendência de aumento do grau de urbanização em Corumbá é mantida no período posterior a 1970, atingindo os 90,0% em 2000. O crescimento da concentração de trabalhadores nos setores de serviços e indústrias de transformação acelera o ritmo da urbanização no município. A diminuição da população rural ao longo do período é também reflexo da perda de importância das atividades agro-pecuárias frente aos demais setores de atividade do município (Tabela 10).

Buscou-se neste item traçar um panorama geral da evolução da população de Corumbá – MS a fim de relacionar os fatores estruturais observados na construção do contexto histórico-demográfico brasileiro com a configuração do município de Corumbá como um espaço migratório. Através de variáveis chave dos censos demográficos de 1940 a 1970, como peso relativo de estrangeiros – especialmente os bolivianos – taxas de crescimento e grau de urbanização, observou-se que o espaço corumbaense tem especificidades importantes - além da fronteira – que ajudam a explicar a presença boliviana no município até os dias de hoje.

Destaca-se ainda que, dentre essas especificidades, a dinâmica econômica da região é um fator estrutural de extrema importância para a compreensão da presença boliviana no município. A inserção dos migrantes nessa sociedade receptora apresenta importantes diferenciais por sexo, principalmente no que tange à ocupação. O crescimento – tanto relativo quanto absoluto – dos migrantes bolivianos em Corumbá associado à dinâmica da economia já entre os anos de 1940 e 1970 aponta para impactos que podem ter sido causados pela presença desse grupo. É claro que, a princípio, o volume de bolivianos em Corumbá frente à população total não poderia provocar mudanças na dinâmica econômica do município. A inserção maciça desses migrantes – com diferenciais entre homens e mulheres – em setores específicos de

atividades pode provocar impactos maiores do que o esperado se levado em conta apenas o volume de migrantes.

O entendimento dessa migração corresponde ao espaço fronteiriço, onde historicamente esses fluxos se (re)criam, se ampliam e se expandem.

Capítulo II

As especificidades da migração boliviana na fronteira

"E todos nós, quem quer que sejamos ou onde quer que estejamos, não fazemos mais na vida do que procurar o lugar onde iremos ficar para sempre".

José Saramago
O Evangelho segundo Jesus Cristo

Associando o contexto histórico da migração de bolivianos para o Brasil, bem como fatores estruturais que forjaram este fenômeno social aos dados censitários, busca-se com este capítulo a construção de um cenário teórico que possa explicar as especificidades encontradas sobre os bolivianos em Corumbá.

Transformações observadas dos dois lados da fronteira Brasil – Bolívia são o pano de fundo para que se possa buscar nas teorias migratórias, compreender este fenômeno como um todo. Parte-se, portanto, da seguinte proposição: aportes teóricos sobre migração internacional em geral explicam parcialmente a presença boliviana em Corumbá. É necessário aglutinar vários conceitos e interpretações teóricas que sustentem e expliquem o fenômeno levando em conta suas especificidades.

De fato, discussões teóricas acerca de fluxos migratórios baseados na reestruturação produtiva (Sassen, 1998; Harvey, 1992), ou em transformações macro-econômicas globais (Portes e Bach, 1985), não explicam o movimento histórico de bolivianos em direção a Corumbá. É necessário reconstruir um cenário a partir de aportes teóricos mais recentes; ou seja, segundo Picouet (1995, p. 31), adotar "conceitos atuais desenvolvidos para a análise da diversidade de fenômenos migratórios".

1. A questão da fronteira

Para a construção de um aporte teórico que sustente e explique o fluxo migratório de bolivianos para Corumbá em suas especificidades, é necessário sistematizar o papel da fronteira, além de seu sentido geopolítico. Para tanto, retoma-se a dinâmica histórica da fronteira Bolívia-Brasil na região de Corumbá analisada no Capítulo I. Ao longo de mais de cinqüenta anos este movimento migratório compõe a realidade da fronteira e por isso busca-se aportes teóricos que avancem no sentido de compreender o fenômeno nesta região.

De fato, transformações em contextos sociais, políticos e econômicos têm acirrado a complexidade de fenômenos migratórios na América Latina. Segundo Domenach (1996, p. 17),

> No MERCOSUL, é certo que a mobilidade vem aumentando, e que os movimentos de população tem sido muito flexíveis, enquanto que as estatísticas oficiais persistem em subestimar os dados reais, fazendo referência

> a uma definição restritiva de migração, baseada somente na mudança de residência. Assistimos a uma intensa recomposição dos territórios e de seus costumes, com forte impacto sobre a migração, uma vez que os homens dependem cada vez mais dos mecanismos de produção[15].

De acordo com Pellegrino (1992), um discurso predominantemente geopolítico e econômico tem lentamente incorporado aspectos relacionados à sociedade e à cultura a fim de compreender movimentos migratórios na região. Neste contexto de transformações, novas modalidades e tendências são observadas nos movimentos migratórios e os limites administrativos dos países não permitem observar o verdadeiro impacto demográfico, social e econômico da migração.

De acordo com Baeninger (2002, p.18)

> Os movimentos de população entre os países da região são históricos, bastante complexos e envolvem desde fluxos intercontinentais até os produzidos em espaços binacionais e trinacionais. Além disso, abarcam diversas formas de mobilidade no território latino-americano e caribenho e tem origem em fatores econômicos e políticos[16].

Frente a este cenário de transformações e diferentes modalidades de movimentos migratórios, cada vez mais complexos, surge a necessidade de adequar conceitos, bem como alternativas metodológicas e teóricas para os estudos de migração (Pellegrino, 1992; Picouet, 1992). O Projeto IMILA – *Investigación de la Migración Internacional em Latinoamérica*, desenvolvido pelo CELADE a partir dos anos 1970 forneceu dados e possibilidades de análise que proporcionaram importantes avanços nos estudos migratórios na América Latina (Martínez e Villa, 2000). A integração de dados censitários de países latino-americanos permitiu a captação de fluxos migratórios na região a partir de cruzamentos de informações sobre país de nascimento.

---

[15] Tradução livre da autora: "*En el MERCOSUL, lo cierto es que la movilidad va en aumento, y los movimientos de población están siendo muy flexibles, mientras que lás estadísticas oficiales persisten en subestimar los datos reales pues hacen referencia a una definición restrictiva de la migración, basada solamente em el cambio de residência. Asistimos a una intensa recomposición de los territórios y de sus costumbres, lo que tiene fuertes incidencias en matéria migratória puesto que los hombres dependen cada vez más de los mecanismos de producción"*.

[16] Tradução livre da autora: "*Los movimientos de población entre los países de la región son históricos, bastante complejos y involucran desde flujos intercontinentales hasta los producidos em espacios binacionales y trinacionales; además, abarcan diversas formas de movilidad em el território latinoamericano y caribeño y tienen su origen em factores econômicos y políticos.*

Análises dos dados do projeto IMILA, no entanto, reproduzem as carências anteriormente analisadas dos estudos de migração através de dados censitários. Segundo Martínez e Villa (2000, p. 51),

> O projeto IMILA reúne dados coletados pelos censos nacionais que tornam possível quantificar a migração e caracterizar os migrantes. Não obstante sua utilidade, esta informação sofre restrições, já que os dados se referem somente aos estoques de acumulados dos migrantes e não aos fluxos; tampouco permitem identificar com claridade os migrantes indocumentados e nem os que se deslocam temporariamente[17].

Ainda que os dados resultantes do projeto IMILA não captem os processos estruturais de formação de fluxos migratórios, mas somente os migrantes sobreviventes acumulados até as datas dos censos, os avanços teóricos nos estudos sobre migração na América Latina foram significativos nas últimas décadas, contando não apenas com os dados censitários, mas com pesquisas de campo realizadas para estudos de fluxos e regiões específicas (Dureau, 1992).

Fenômenos migratórios nas fronteiras dos países latino-americanos são ainda mais complexos e de difícil captação. A dinâmica da fronteira exige um olhar específico sobre os fluxos migratórios que abarca, uma vez que se trata de um espaço migratório em constante transformação. O estudo da ocupação desses espaços, associado a dados censitários sobre o país de nascimento permite captar a presença estrangeira, mas não os fluxos migratórios que compõem esta dinâmica.

Uma vez que Corumbá é um espaço migratório histórico e muito integrado a outras dinâmicas, busca-se compreender o papel da fronteira neste fenômeno social para além de sua localização estratégica. É, portanto, a partir da presença boliviana em Corumbá e da discussão teórica sobre fluxos migratórios fronteiriços na América Latina que se busca compreender o verdadeiro papel da fronteira neste fenômeno social.

Segundo Viladeslau (1992), o conceito de migração transfronteiriça é baseado na comparação realizada por um indivíduo – ou grupo de indivíduos – entre os níveis de utilidade do lugar de residência com os demais lugares alternativos. O conceito de utilidade entende-se aqui num sentido mais amplo, incluindo não apenas fatores materiais (condições de ingresso,

[17] Tradução livre da autora: *El Proyecto IMILA reúne datos recabados por los censos nacionales que hacen posible cuantificar la migración y caracterizar a los migrantes. No obstante su utilidad, esta información adolece de restricciones, pues los datos se refieren solo a los stocks acumulados de migrantes y no a los flujos; tampoco permiten identificar com claridad a los migrantes indocumentados ni a los que se desplazan temporalmente.*

possibilidade de emprego, poder de compra), mas também fatores "não econômicos", como aceitação social e conduta cultural.

Este conceito, definido em estudo sobre a migração na fronteira do Paraguai com a Argentina, não se aplica ao caso da presença boliviana em Corumbá. Vínculos históricos de ocupação, diferenças marcantes de cenários econômicos nos dois países e raízes culturais comuns permitem a aplicação da noção de utilidade para a presença paraguaia na Argentina. No caso de Corumbá, ainda que exista uma descontinuidade no cenário econômico entre Brasil e Bolívia, as relações sociais não se reproduzem diretamente do lado brasileiro da fronteira: os "fatores econômicos e não-econômicos" não são comuns aos dois países.

É claro que os vínculos históricos entre os dois lados da fronteira Brasil – Bolívia existem. Dados censitários brasileiros já apontam a presença de bolivianos na região desde o fim do Século 19. No entanto, a integração deste espaço à dinâmica econômica e migratória dos dois países é diferenciada e tem impactos sobre a formação deste fluxo migratório de fronteira.

Para comprovar esta hipótese tomam-se como exemplo as trocas migratórias entre Brasil e Paraguai. Segundo Sales (1996, p. 92)

> O fluxo migratório Brasil – Paraguai caracteriza-se como um típico movimento migratório de fronteira, nesse caso, constituído de várias classes de produtores rurais em busca de terra para produzir. É um fluxo que pode ser considerado quase como um desvio de rota das grandes levas de migração interna e também de desbravamento de fronteiras.

A ocupação da fronteira oeste do Brasil se deu, em grande parte, em função do esgotamento das fronteiras agrícolas. A mecanização da produção foi um fator decisivo para este fenômeno (Sales, 1996). No caso de Corumbá, outros fatores favoreceram a ocupação da região da fronteira. Obstáculos naturais (Souchaud, Fusco e Carmo, 2007) impediram a ocupação da região de acordo com o observado no caso da fronteira Brasil – Paraguai. **A articulação histórica da região com outros espaços em função do Rio Paraguai e de suas rotas comerciais é determinante e distingue o caso de Corumbá do padrão observado na ocupação da fronteira oeste do Brasil**. Trata-se, portanto, de um espaço específico em que a fronteira, muito mais do que uma divisão geopolítica, é cenário de uma dinâmica diferenciada.

O modelo de uma migração transfronteiriça, de vizinhança, também não pode ser aplicado a Corumbá. Segundo Baeninger e Souchaud (2007, p. 12)

> Nesse esquema, os moradores de ambos os lados circulariam, residiriam, organizariam sua vida sem levar muito em conta as dificuldades que surgem por se tratar de área de fronteira; existiram todas as condições para que, na fronteira, houvesse uma imigração "estrutural", limitada no espaço das imediações da fronteira e independente das modalidades e evolução dos outros fluxos de migração internacional. Esse modelo não define a migração boliviana em Corumbá.

Neste contexto, a definição de Picouet (1992) de espaços binacionais como objetos autônomos de estudo parece adequar-se ao caso de Corumbá, uma vez que sua dinâmica é diferenciada e observada através de fatores histórico-estruturais específicos. Segundo o autor,

> As migrações entre países fronteiriços constituem um campo específico de investigação, que necessita um tratamento próprio tanto do ponto de vista da observação quanto da análise (Picouet, 1992, p. 31)[18].

Picouet (1992) ressalta ainda o aspecto heterogêneo desses espaços binacionais e também dos fluxos migratórios observados nestas regiões: as trocas migratórias entre os países envolvidos não é recíproca, uma vez que a maior atração de um deles acaba orientando a direção e definindo a natureza desses deslocamentos.

Um dos fatores estruturais que contribuem com a formação da região fronteiriça de Corumbá como um espaço migratório relevante no fluxo de bolivianos para o Brasil é a redistribuição populacional observada na Bolívia nos últimos 50 anos, período também em que se dão as ondas migratórias mais significativas deste fluxo. Segundo Souchaud, Fusco e Carmo (2007, p. 45),

> No caso de Santa Cruz existe, desde a década de 1950, um importante programa oficial e nacional de reforma agrária com incentivos á colonização dos departamentos orientais. Mas esse movimento, até hoje, se concentrou no

[18] Tradução livre da autora*: "Las migraciones entre países fronterizos constituyen un campo específico de investigación que necesita un tratamiento próprio tanto desde el punto de vista de la observación como del análisis".*

> extremo oeste de Santa Cruz e não alcançou a fronteira brasileira. Houve, realmente, nos últimos 50 anos, uma transferência importante da população boliviana desde as zonas altiplânicas até as regiões baixas do Oriente. Esse movimento é o responsável pelo crescimento importante de Santa Cruz de la Sierra, hoje principal cidade do país.

Ainda que essa redistribuição da população não tenha alcançado a faixa de fronteira, ficando apenas concentrada até 200 km da cidade de Santa Cruz de la Sierra (Souchaud, Fusco e Carmo, 2007) observa-se no mesmo período o crescimento de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, cidades de fronteira com o Brasil na região de Corumbá. Segundo Manetta (2009, p. 37), a criação da Província de Gérman Busch, impulsionou este processo através de uma política de desenvolvimento da região.

> Em 1984, justificado pela necessidade de uma administração em prol do desenvolvimento regional no extremo oriente boliviano, foi criada a província de Gérman Busch. Desmembrada das províncias Ángel Sandoval e Chiquitos, no departamento de Santa Cruz. Essa província foi dividida politicamente em duas sessões municipais: Porto Suarez (capital da Província) e Porto Quijarro, municípios que compreendem a atual Região Fronteiriça de Corumbá.

De fato, a população do Departamento de Santa Cruz passou de 1.364.389 de habitantes em 1992 para 2.029.471 em 2001, segundo dados do INE – *Instituto Nacional de Estadística* de Bolívia. Destes, 1.551.992 eram nascidos neste departamento: Santa Cruz contava em 2001, portanto, com 67% de sua população nascida num outro departamento boliviano.

Ainda que os fatores estruturais – no caso de Santa Cruz, políticas de reforma agrária e de desenvolvimento regional – não tenham alcançado especificamente a área de fronteira, ressalta-se a importância do crescimento das cidades desta faixa, Puerto Suarez e Puerto Quijarro. Segundo Souchaud, Fusco e Carmo (2007, p. 43), "os movimentos de população raramente se dão de um vazio a outro". Ainda que a área da fronteira registre baixas densidades populacionais, o crescimento dos centros regionais impulsiona também o incremento desses pólos na faixa de fronteira.

Desta forma, não se pode afirmar que os processos que favoreceram a redistribuição da população na Bolívia sejam a causa imediata da migração de bolivianos para Corumbá – até mesmo porque este fluxo já é registrado antes da implementação destas políticas. Essa migração interna conta ainda com uma dimensão étnica e cultural determinante (Blanchard, 2005, *apud*

Souchaud e Baeninger, 2008). Afirma-se, no entanto, que a presença histórica de bolivianos em Corumbá experimentou novas ondas migratórias, de maior volume, concomitantes a este processo de redistribuição interna na Bolívia, que favoreceu o crescimento do Departamento de Santa Cruz e também das cidades mais próximas à região da fronteira. Ainda que não exista uma relação direta de causa e efeito entre estes processos sociais, é fato que a migração internacional na fronteira foi alimentada por esta maior integração a centros regionais (sobretudo Santa Cruz de la Sierra) e também ao maior volume de pessoas em deslocamento.

Transformações de ordem econômica também foram observadas na Bolívia ao longo da década de 1980. Segundo Domenach e Celton (1996), o governo passa a transferir para o mercado a maior parte da produção mineira, o que levou a uma diminuição dos postos de trabalho. Planos econômicos também favoreceram o afastamento do Estado e a liberalização dos mercados. Segundo Domenach e Celton (1996, p. 20),

> As conseqüências de tais políticas foram uma maior flexibilização do mercado de trabalho, um aumento relativo do número de mulheres e crianças na força de trabalho e uma crescente migração interna, que levou a uma maior precarização do emprego[19].

Desta forma, uma vez analisados no capítulo primeiro os fatores que definem Corumbá como um espaço migratório relevante, busca-se definir as especificidades deste espaço de fronteira como cenário do fluxo migratório de bolivianos para o Brasil.

2. Brasileiros e Bolivianos em Corumbá: revisitando os Censos Demográficos de 1980 a 2000.

Muitas são as fontes de dados disponíveis atualmente para a análise direcionada de múltiplas variáveis em todas as regiões do Brasil. Entender a dinâmica socioeconômica de qualquer uma delas é, antes de mais nada, conhecer sua população, suas transformações, seu "metabolismo" (Ryder, 1964, *apud* Bercovich e Massé, 2004). Sendo assim, os censos demográficos tornam-se fontes de

[19] Tradução livre da autora: *"Las consecuencias de este tipo de políticas fue una mayor flexibilización del mercado laboral, un aumento relativo del número de mujeres y niños en la fuerza laboral y un crecimiento de la migración interna lo que llevó a una precarización mayor del empleo"*.

primeira importância, por sua abrangência e periodicidade, ainda que existam problemas de subenumeração de migrantes internacionais, especialmente em áreas de fronteira.

Neste item propõe-se uma caracterização geral do município de Corumbá-MS, a fim de conhecê-lo e justificá-lo num contexto específico de análise de um fluxo migratório. Por isso, trata-se a partir deste momento de uma descrição de sua população através dos censos, a fim de reunir uma série de informações comuns aos dois grupos analisados e relevantes para esta caracterização.

Busca-se ainda com esta etapa da contextualização de Corumbá – MS aproximar o objeto de estudo: os bolivianos presentes no município e seus diferenciais em relação aos brasileiros em sua distribuição por variáveis específicas. É importante atentar ao fato de que são populações muito diferentes, principalmente em sua estrutura etária. Assim, compará-las de forma direta não nos permite elaborar hipóteses robustas acerca dessas diferenças. O objetivo não é outro senão uma descrição geral que permitirá, mais adiante, o aprofundamento de questões através de outras fontes de dados, dentre elas, principalmente, as pesquisas de campo realizadas em Corumbá – MS e na Bolívia.

2.1 Década de 1980: O ponto de partida para um cenário em transformação.

A análise tem início, portanto, na distribuição da população de Corumbá – MS por sexo e idade, passando pela relação com responsáveis por domicílios e famílias, tempo de residência na Unidade da Federação (Mato Grosso do Sul) e no município, status conjugal, de alfabetização e condição na ocupação. Essas serão variáveis estratégicas para a construção da análise do fluxo de bolivianos em Corumbá, uma vez que estão relacionadas aos pilares que sustentam a presença do grupo no município, além da proximidade com a fronteira: a seletividade do migrante segundo sexo e idade, expectativas temporais (Sales, 1999), trajetórias migratórias, reconfigurações familiares, inserção na sociedade de destino.

Considerou-se o recorte temporal mais adequado aquele que já contasse com a configuração geográfica atual da região. Desta forma, os dados analisados correspondem aos censos demográficos de 1980 (pós-separação entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), 1991 e 2000.

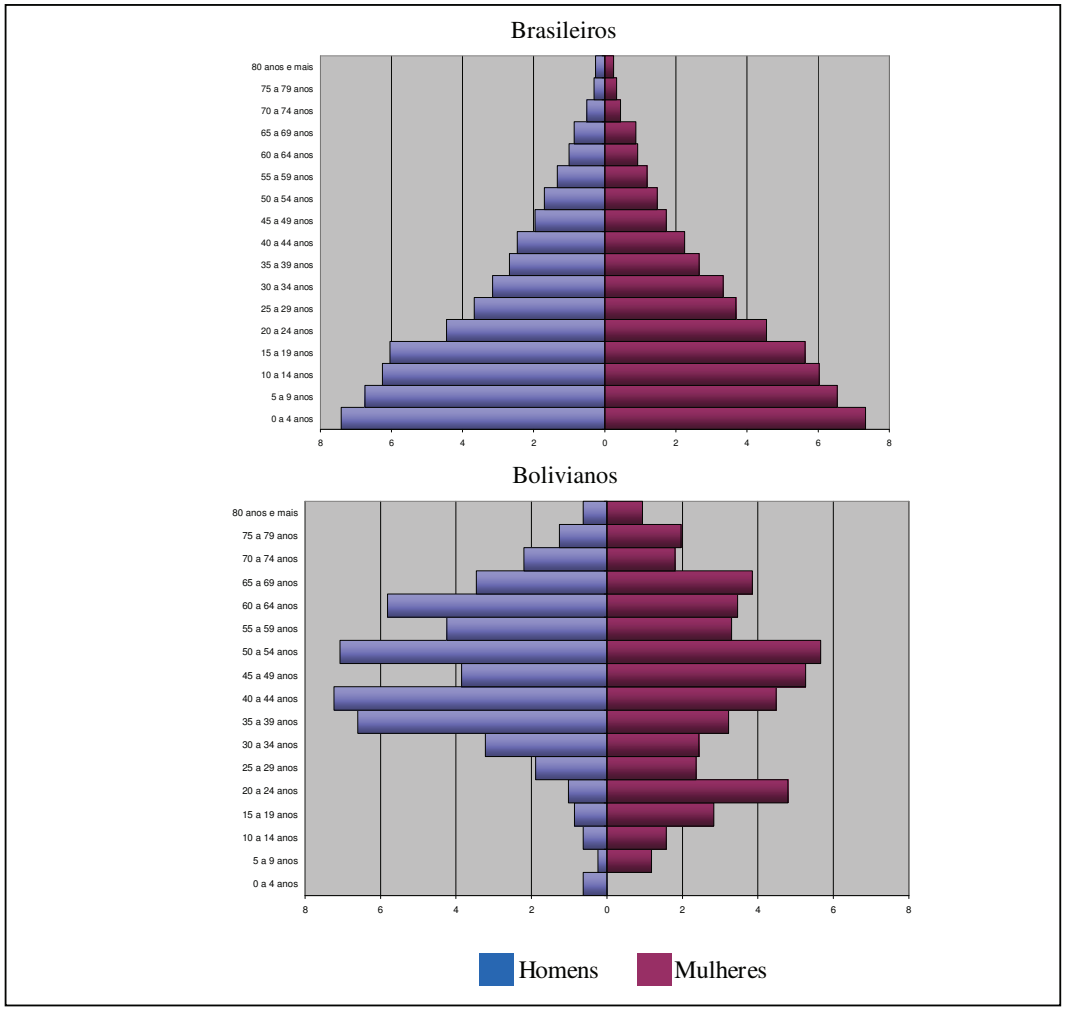
Destaca-se ainda que o objetivo principal da análise, neste momento, não é a comparação direta entre brasileiros e bolivianos, mas sim a apresentação de dois grupos muito distintos, imersos

numa estrutura complexa como a de Corumbá – MS, que serão o centro da análise de todo este trabalho.

Para a construção das pirâmides etárias do Gráfico 3 foram computados todos os brasileiros, independentemente se nascidos ou não no município. É importante atentar ao fato de que Corumbá – MS, em 1980, recebeu não apenas migrantes bolivianos, mas também migrantes internos, principalmente do próprio Mato Grosso do Sul e também do Estado do Mato Grosso (Cunha, 2002). O formato da pirâmide etária referente aos brasileiros mostra algumas descontinuidades, principalmente entre os homens de 15 a 24 anos que denotam esses movimentos internos.

Ainda que em regime de fecundidade (Caldwell, 1976 *apud* Soares e Aguirre, 2002) alta se comparada ao restante do Brasil no mesmo período – (4.9 filhos nascidos vivos por mulher em idade reprodutiva em 1980, segundo o Datasus) – Corumbá – MS mantém o formato piramidal de sua estrutura etária. Considerar a hipótese de uma transformação no padrão da mortalidade causar as descontinuidades na pirâmide etária entre os homens jovens seria provavelmente um erro dadas as constantes trocas migratórias entre Corumbá – MS e demais cidades da região (Corrêa, 2005).

Gráfico 3: Estrutura etária de brasileiros e bolivianos, segundo o sexo. Corumbá – MS. 1980



Fonte: FIBGE, Censo Demográfico, 1980.
Números absolutos – Brasileiros: 81.129, sendo 41.222 homens e 39.907 mulheres.
Números absolutos – Bolivianos: 1.672, sendo 647 homens e 625 mulheres.

Com relação aos bolivianos captados pelo censo em 1980, há uma grande descontinuidade registrada na estrutura etária. É preciso considerar que, dado o caráter do fluxo migratório de bolivianos para o Brasil, muitas vezes de entrada legal e permanência indocumentada (Silva, 1999), o registro desse grupo migrante corre o risco de ser consideravelmente subenumerado. Daí a importância da realização de pesquisas de campo para o estudo da migração, principalmente internacional, para um melhor registro de dados sobre os migrantes. Este trabalho contará com duas pesquisas distintas realizadas em Corumbá – MS e na Bolívia.

As trocas migratórias no trecho de fronteira entre Brasil e Bolívia onde se situa Corumbá – MS são intensas nos dois sentidos (Oliveira, 1998). A pesquisa já indicou que a segunda geração de migrantes bolivianos no município atravessa de volta a fronteira para a Bolívia (Souchaud e Baeninger, 2008). As profundas descontinuidades da pirâmide mostrada acima não parecem estar ligadas a esta mobilidade, uma vez que se trata de 1980. A desigual distribuição entre homens e mulheres ao longo das faixas etárias mostra um fluxo migratório mais consolidado entre as mulheres, que se apresentam em volumes consideráveis ao longo de toda a estrutura e desde o período anterior, de 1940 a 1970 (Gráfico 2).

Segundo o Censo Demográfico de 1980, as mulheres bolivianas representam 54,89% de todo o grupo captado. Em se tratando de um fluxo migratório internacional, entre países de diferentes idiomas ainda que separados por uma fronteira direta, é notável a participação das mulheres não apenas em volume, mas também no papel assumido na sociedade receptora, tendo impactos em relações dentro e fora da esfera privada, sendo esta última muitas vezes o único espaço em que atuavam em seu país de origem (Castro[20], 2006)

Diferenciais entre homens e mulheres no fluxo migratório entre Bolívia e Brasil são profundos e significativos para o entendimento mais detalhado do fenômeno. Por isso, a abordagem desses diferenciais e das questões de gênero sustentadas por eles merecerão destaque neste trabalho, no capítulo seguinte.

É importante destacar ainda a importância da análise da distribuição por idade e sexo de um determinado grupo migrante, uma vez que ela está relacionada a diversos fatores estruturais e explicativos do próprio fenômeno. Segundo Sala (2005, p. 31)

> A estrutura por idade e sexo dos migrantes, captada nos censos demográficos, está relacionada a coortes migratórias que ingressaram em diferentes períodos. Em geral, quando se trata de população migrante que tenha chegado recentemente, espera-se encontrar uma grande concentração de pessoas nas idades adultas jovens e um peso pequeno de pessoas de 65 anos e mais. Também espera-se encontrar um volume reduzido de menores de 15 anos, embora isso dependa da prevalência das formas de migração, familiar ou individual, e dos níveis e padrões de fecundidade dos diferentes grupos migratórios. Outra causa que poderia explicar variações na presença de menores seria o retorno de brasileiros com filhos nascidos no exterior.

[20] Castro (2006) trata de migração e relações de gênero entre mulheres de uma comunidade mexicana inseridas em fluxos migratórios rumo aos Estados Unidos e a países da América Central.

Duas variáveis de primeira importância na análise de um fluxo migratório sob a perspectiva de gênero são as relações mantidas entre os residentes e os responsáveis pelo domicílio e pela família. Segundo Morokvasic (2002), a mudança experimentada pelas mulheres em fluxos migratórios em seu papel na família e no domicílio é a transformação mais profunda ao longo de todo o processo, por dois motivos: o primeiro é que essa reconfiguração familiar abrange a família direta e até mesmo a que ficou na origem – principalmente através de remessas – e só poderia acontecer através de um movimento migratório; o segundo é que essas transformações estão diretamente ligadas à entrada das mulheres no mercado de trabalho da sociedade receptora, a mudança que mais causa impactos nos lugares de destino. As Tabelas 13 e 14, a seguir, apresentam essas relações de brasileiros e estoque de bolivianos perante responsáveis por domicílio e família, respectivamente.

Tabela 13: Relação com o responsável pelo domicílio, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1980

Relação com responsável pelo domicílio	**Brasileiros[21]**	**Bolivianos**
Individual	0,7	2,5
Chefe	20,1	45,5
Cônjuge	15,2	27,7
Filho / enteado	51,1	6,2
Pais / sogros	1,0	4,5
Genro / nora / outro	9,5	6,3
Agregado	1,8	4,6
Hóspede / pensionista	0,2	0,2
Empregado	0,4	2,3
Parente empregado	0,0	0,2
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**79.139**	**1.128**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP.

Entre os brasileiros captados pelo censo demográfico de 1980, 20,1% são responsáveis pelo domicílio, enquanto que 15,2% são cônjuges e mais da metade dos registros (51,1%) é de filhos desses responsáveis. Este dado reforça o anteriormente comentado junto ao Gráfico 3, em que se mostra a estrutura etária e um regime de fecundidade relativamente alta, em comparação ao restante do Brasil.

A distribuição da relação com o responsável pelo domicílio entre os bolivianos é diferente do observado entre os brasileiros: a maior parte do grupo captado pelo censo de 1980 é de responsáveis (45,5%) e cônjuges (27,7%). Os filhos dos responsáveis pelo domicílio representam

[21] Para todas as variáveis analisadas neste item foram considerados *brasileiros* todos os indivíduos computados, nascidos ou não em Corumbá – MS, mas nascidos no Brasil ou naturalizados. Foram excluídos da categoria apenas estrangeiros.

apenas 6,2% do total captado. Uma hipótese para a distribuição tão diferenciada pode estar relacionada aos regimes de fecundidade dos dois grupos, e também às suas estruturas etárias.

Tabela 14: Relação com o responsável pela família, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1980

Relação com responsável pela família	Brasileiros	Bolivianos
Individual	0,7	2,5
Chefe	22,4	48,7
Cônjuge	16,4	29,2
Filho / enteado	52,9	5,4
Pais / sogros	0,8	4,5
Genro / nora / outro	4,7	3,5
Agregado	1,6	4,1
Hóspede / pensionista	0,1	0,2
Empregado doméstico	0,4	1,9
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**79.139**	**1.128**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP.

A Tabela 14 apresenta a distribuição de brasileiros e bolivianos residentes em Corumbá – MS de acordo com sua relação com o responsável pela família. De acordo com os dados, o censo demográfico de 1980 captou, entre os brasileiros, 52,9% de filhos em relação aos responsáveis pela família, enquanto que estes representam 22,4% e seus cônjuges, 16.4%.

Entre os bolivianos, a distribuição é diferenciada: 48,7% deles foram captados como cônjuges. Um dos fatores explicativos dessa diferença é justamente a maior quantidade de mulheres entre o grupo migrante de bolivianos. Destacam-se também as proporções de domicílios individuais: entre os brasileiros, menos de um por cento, enquanto que a proporção entre os bolivianos é de 2,5%.

A bibliografia sobre migração internacional indica alguns fatores que possam explicar esse fato, como a migração estratégica de apenas um membro da família[22], seja para uma possível reconstituição familiar posterior[23] ou ainda inserção num fluxo laboral específico[24]. A hipótese dos impactos causados por uma configuração feminina do fluxo migratório observado em Corumbá – MS paira sobre todos esses dados, sustentando questões significativas a serem analisadas adiante.

A Tabela 15 mostra o tempo de residência fixada no Mato Grosso do Sul, entre brasileiros e bolivianos captados pelo censo demográfico de 1980. Entre os brasileiros, 83,1% são nascidos em

[22] Catarino, C e Morokvasic, M. Femmes, genre, migration et mobilités. Revué Européenne des Migrations internationales. Vol 21, n. 1, 2005.
[23] Sales, T. Brasileiros longe de casa. Editora Cortês, São Paulo. 1999.
[24] Fleischer, S. e Martes, A, C. B. Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2003.

Corumbá – MS e 8,7% residem no Estado há mais de 10 anos. No entanto, observa-se um aumento relativo entre os que fixaram residência há menos tempo no Mato Grosso do Sul: os brasileiros que residem há até 2 anos no Estado representam 3,9% do total. Trata-se de um número considerável, tendo em vista que o Mato Grosso do Sul não constitui um pólo de atração de migrantes interestaduais como outros Estados brasileiros.

Tabela 15: Tempo de residência no Mato Grosso do Sul, segundo país de origem. Corumbá-MS 1980

Tempo de residência no MS	**Brasileiros***	**Bolivianos**
Menos de 1 ano	1,6	8,8
1 ano	1,3	2,6
2 anos	1,0	2,4
3 anos	0,8	2,2
4 anos	1,0	2,4
5 anos	0,5	1,6
6 a 9 anos	1,9	6,2
10 anos a 20 anos	3,9	13,8
21 anos e mais	88,0	60,0
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**78.819**	**1.120**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP.
* Brasileiros não nascidos no Mato Grosso do Sul

Entre os bolivianos o dado é ainda mais relevante. Dentre os que fixaram residência no Mato Grosso do Sul há menos de 5 anos, sempre em relação a 1980, estavam 19,9% do total captado pela amostra, sendo que entre estes, 8,8% haviam migrado para o Estado no último ano. Este é um forte indício de que, há 25 anos atrás, Mato Grosso do Sul era – ou *ainda* era – um pólo de atração não de brasileiros, mas de bolivianos, reforçando a hipótese de Souchaud e Baeninger (2008) sobre o caráter essencialmente boliviano da migração nesta área de fronteira entre Brasil e Bolívia.

Aprofundando a informação da Tabela 15 anterior, o tempo de residência no município também revela um panorama da dinâmica do fluxo migratório nesta região de fronteira.

Tabela 16: Tempo de residência no município, segundo país de origem. Corumbá-MS 1980

Tempo de residência no município	Brasileiros*	Bolivianos
Menos de 1 ano	3,1	11,5
1 ano	2,2	4,1
2 anos	1,8	3,1
3 anos	1,2	2,3
4 anos	1,6	2,3
5 anos	1,1	2,4
6 a 9 anos	3,4	6,5
10 anos a 20 anos	14,3	13,6
21 anos e mais	71,3	54,2
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**78.819**	**1.120**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP.
* Brasileiros não nascidos em Corumbá - MS

Da mesma forma como se atentou ao fato de que quase 20% da população boliviana residente em Corumbá – MS havia fixado residência no Mato Grosso do Sul nos últimos 5 anos, observa-se que, apenas no ano anterior ao censo demográfico de 1980, mais de 15% aodesses migrantes bolivianos fixaram residência no município de Corumbá – MS. A distribuição desta variável entre os bolivianos é maior ao longo dos intervalos estabelecidos pelo censo, ao passo que, mais uma vez, a atração de Corumbá – MS exercida sob os brasileiros não é tão intensa, uma vez que 85,6% dos residentes ou nasceram no município (71,3%) ou fixaram residência há mais de 10 anos (14,3%).

Outra variável relevante neste contexto está ligada à nupcialidade. A configuração familiar de migrantes diz muito sobre o fluxo que se pretende estudar neste trabalho. A migração individual pode ser uma estratégia de sobrevivência inclusive da família que permaneceu no destino; por outro lado, a migração familiar é sempre seletiva no que se refere àqueles que ingressarão no projeto migratório (Hill, 2004[25]). De formas complexas e dinâmicas, os fatores de seletividade sofrem mutações na medida em que se transformam as características do fluxo, frente a um aquecimento da economia receptora ou de sua estagnação[26] ou ainda de incrementos em redes sociais[27], entre outros fatores.

[25] Hill, L.E. *Connections between U.S. female migration and family formation and dissoluiton.* Migraciones Internacionales. Vol 2, n. 3, 2004. Colégio de la Frontera Norte. Espanha.
[26] Sasaki, E. *Dekasseguis: Migrantes Brasileiros no Japão*. Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 1998.
[27] Fusco, W. *As redes sociais nas migrações internacionais. Brasileiros nos Estados Unidos e Japão*. Revista Brasileira de Estudos de População, vol 19, n, 1. 2002.

Ao mesmo tempo, o status conjugal dos brasileiros em Corumbá – MS se torna um pano de fundo para o padrão de fecundidade. Sabe-se de estudos sobre migração internacional que de forma muito frequente, o migrante adota o padrão de fecundidade da sociedade receptora (Hill, 2004).

Tabela 17: Status conjugal segundo país de origem. Corumbá-MS, 1980

Status Conjugal	**Brasileiros ***	**Bolivianos***
Viúvo	3,8	10,5
Civil e religioso	22,0	31,4
Só civil	10,7	13,7
Só religioso	1,4	4,0
Outra	12,6	19,2
Solteiro	46,7	17,5
Separado	2,5	3,4
Desquitado	0,3	0,0
Divorciado	0,1	0,2
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**55.758**	**1.138**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP
* Maiores de 10 anos de idade.

Entre os brasileiros residentes em Corumbá – MS, a proporção de casados chega a 34,1% do total, enquanto que entre os bolivianos o grupo representa 49,2%. Diferenças principalmente na estrutura etária justificam essa diferença, uma vez que a população boliviana é mais envelhecida e não conta com a proporção de jovens dos residentes brasileiros. Outro forte indício dessa hipótese é a proporção de viúvos entre os dois grupos. Voltando mais uma vez ao Gráfico 3, observa-se não apenas uma concentração em idades mais avançadas – que deve conter a maior parte dos viúvos – mas também que essa concentração tem um diferencial por sexo, uma vez que entre essas faixas etárias há uma proporção maior de mulheres.

A proporção de solteiros também chama a atenção na Tabela acima: 46,7% entre os brasileiros e apenas 17,5% entre os bolivianos.

Há ainda duas esferas de variáveis a serem percorridas neste panorama de "retratos" de Corumbá – MS retirados pelos censos demográficos: status educacional e ocupacional.

Tabela 18: Alfabetização, segundo país de origem. Corumbá-MS 1980

Sabe ler e escrever?	Brasileiros	Bolivianos
Sim	74,5	76,8
Esqueceu	0,5	1,2
Não sabe	25,0	22,0
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**66.925**	**1.108**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP.

Comparar populações de estruturas diferentes impõe uma série de obstáculos. No entanto, o que se pretende não é uma comparação direta entre brasileiros e bolivianos, mas o traço de um panorama geral dos dois grupos que serão estudados neste trabalho. Desta forma, não cabe neste momento a elaboração de hipóteses sobre um maior índice entre os bolivianos em função dos brasileiros, segundo o domínio da leitura e da escrita. Além de volumes muito diferentes – os bolivianos captados pelo censo de 1980 representam menos de 3% da população total de Corumbá – MS – as estruturas etárias são muito distintas e isso deve ser levado em conta. Como não se pretende comparar as duas populações, não se faz necessária uma padronização de qualquer espécie entre elas.

Segundo Carvalho *et al* (2004) numa caracterização de estrangeiros nascidos em países do MERCOSUL e Estados associados residentes no Brasil, houve nos últimos anos um incremento de migrantes não qualificados, vindos especialmente da Bolívia e do Paraguai. O autor sugere ainda uma relação com este dado e a antiguidade da migração, numa análise idade-período-coorte, o que permitiria a identificação do período de chegada desses migrantes ao Brasil, bem como o lugar a que se dirigiram e o impacto desses migrantes na sociedade receptora.

A qualificação profissional não parece neste primeiro momento um fator de grande importância na seletividade dos migrantes bolivianos na região da fronteira e especialmente em Corumbá – MS. Acima dos profundos diferenciais entre homens e mulheres relacionados à questão da inserção no mercado de trabalho receptor está o status ocupacional, a posição que esses migrantes ocupam em suas atividades.

Veremos mais adiante que essa inserção no mercado de trabalho da sociedade receptora se dá de forma distinta e específica entre homens e mulheres, de modo quase exclusivo entre eles. Há mercados essencialmente masculinos e femininos, ainda que as atividades exercidas não sejam em sua totalidade estereótipos entre os sexos. Esse fato não é exclusividade do fluxo Bolívia – Brasil, e vem sendo observado em outros movimentos migratórios internacionais de longa distância (Fleischer e Martes, 2003) e até mesmo de fronteira (Castro, 2006). No que se refere ao objetivo

deste capítulo em relação à ocupação dos residentes em Corumbá – MS, a Tabela 19 mostra o status ocupacional de brasileiros e bolivianos.

Tabela 19: Condição na ocupação segundo país de origem. Corumbá-MS 1980.

Condição na ocupação	Brasileiros	Bolivianos
Trabalhou	49,4	57,8
Procurou trabalho / trabalha	0,2	0,4
Procurou trabalho / não trabalha	0,2	0,0
Aposentado / pensionista	4,7	5,8
Vive de renda	0,2	0,7
Detento	0,1	0,2
Estudante	19,0	3,5
Doente / inválido	0,8	1,8
Afazeres domésticos	22,5	27,3
Sem ocupação	2,8	2,4
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**56.423**	**1.179**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1980. Tabulações NEPO/UNICAMP.

De acordo com os dados, a maior parte dos bolivianos residentes em Corumbá – MS em 1980 havia trabalhado nos 12 meses anteriores à pesquisa. Os status de ocupação desses migrantes os colocavam principalmente entre empregados (41,3%) e vendedores autônomos (29,3%). Ainda segundo a Tabela, 27,3% exerciam afazeres domésticos em 1980. Segundo Carvalho *et al* (2004) muitas mulheres nascidas em países do MERCOSUL e Estados associados entraram no Brasil nos últimos 20 anos, mas com baixa qualificação e inativas, envolvidas exclusivamente com afazeres domésticos. O autor afirma ainda:

> Outra conclusão formulada foi a quase inexistente feminização da migração do Mercosul, fato surpreendente, tendo em conta o crescimento nas duas últimas décadas da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro" (Carvalho, 2004, p.14[28]).

Este é um ponto fundamental e norteador deste trabalho. Discutir um conceito como o de "feminização" de fluxos migratórios, a dinâmica da participação das mulheres em fluxos já consolidados e outros novos específicos de mulheres em seus critérios seletivos, a reconfiguração do papel da mulher no domicílio, na família que permaneceu na origem e também na que migrou, e as

[28] Carvalho, J. A. M. et al *Uma caracterização dos estrangeiros nascidos em países do Mercosul e Estados Associados residentes no Brasil no ano 2000.* Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, 2004.

complexas transformações de relações e papéis de gênero irá compor uma parte significativa deste trabalho.

Pesquisas de campo permitirão uma análise mais profunda das transformações em duas vias experimentadas pela migração feminina: o impacto da entrada das mulheres na sociedade receptora e especialmente em seu mercado de trabalho, bem como as mudanças que envolvem especialmente as mulheres nos papéis e relações de gênero. É discutível, portanto, afirmar através do censo demográfico se há ou não um processo de feminização de qualquer fluxo migratório, uma vez que as variáveis para esta análise não constam em sua totalidade nessa fonte de dados.

A questão das mulheres em fluxos migratórios é de primeira importância uma vez que foram deixadas à sombra de homens dentro do próprio fenômeno e também na academia[29]. Os estudos que levam em conta a participação das mulheres nos movimentos migratórios ganharam força na segunda metade do Século 20, muito distante, portanto, da formulação de conceitos e teorias consagradas de migração. Esta é uma questão que se anuncia desde o título do trabalho, ganhando especial atenção mais adiante.

Seguindo o mesmo caminho percorrido através dos dados do censo demográfico de 1980, trata-se agora de um avanço no tempo para uma análise de como evoluiu o quadro de brasileiros e bolivianos, em função de determinadas variáveis descritivas. O objetivo é analisar mudanças e entender quais os fatores estruturais que compuseram o contexto migratório atual de Corumbá – MS e do fluxo de bolivianos na região.

O Gráfico 4 a seguir apresenta a estrutura etária de brasileiros e bolivianos residentes em Corumbá – MS e captados pelo censo demográfico de 1991.

Comparando-se a pirâmide etária resultante do censo demográfico de 1980 vista no Gráfico 3 com a resultante dos brasileiros residentes em Corumbá – MS em 1991, pode-se afirmar que algumas mudanças na estrutura ocorreram: a queda da fecundidade no município é sentida já por toda a estrutura através de um leve estreitamento da base da pirâmide, ao passo que a proporção de idosos aumenta, em ambos os sexos.

As descontinuidades notadas em 1980 foram suavizadas, apontando para um momento em que a estrutura etária da população de Corumbá – excluídos os migrantes bolivianos – não parece ter

[29] Em seu clássico estudo "Leis da Migração", há mais de um século, Ravenstein (1885) já havia identificado tal característica de fenômenos migratórios, ao apontar a predominância da migração de mulheres em migração de curta distância e de homens em busca de trabalho.

sofrido grandes impactos causados por migração interna, terminado o período entre as décadas de 60 e 70, caracterizado pela ocupação efetiva do Centro Oeste.

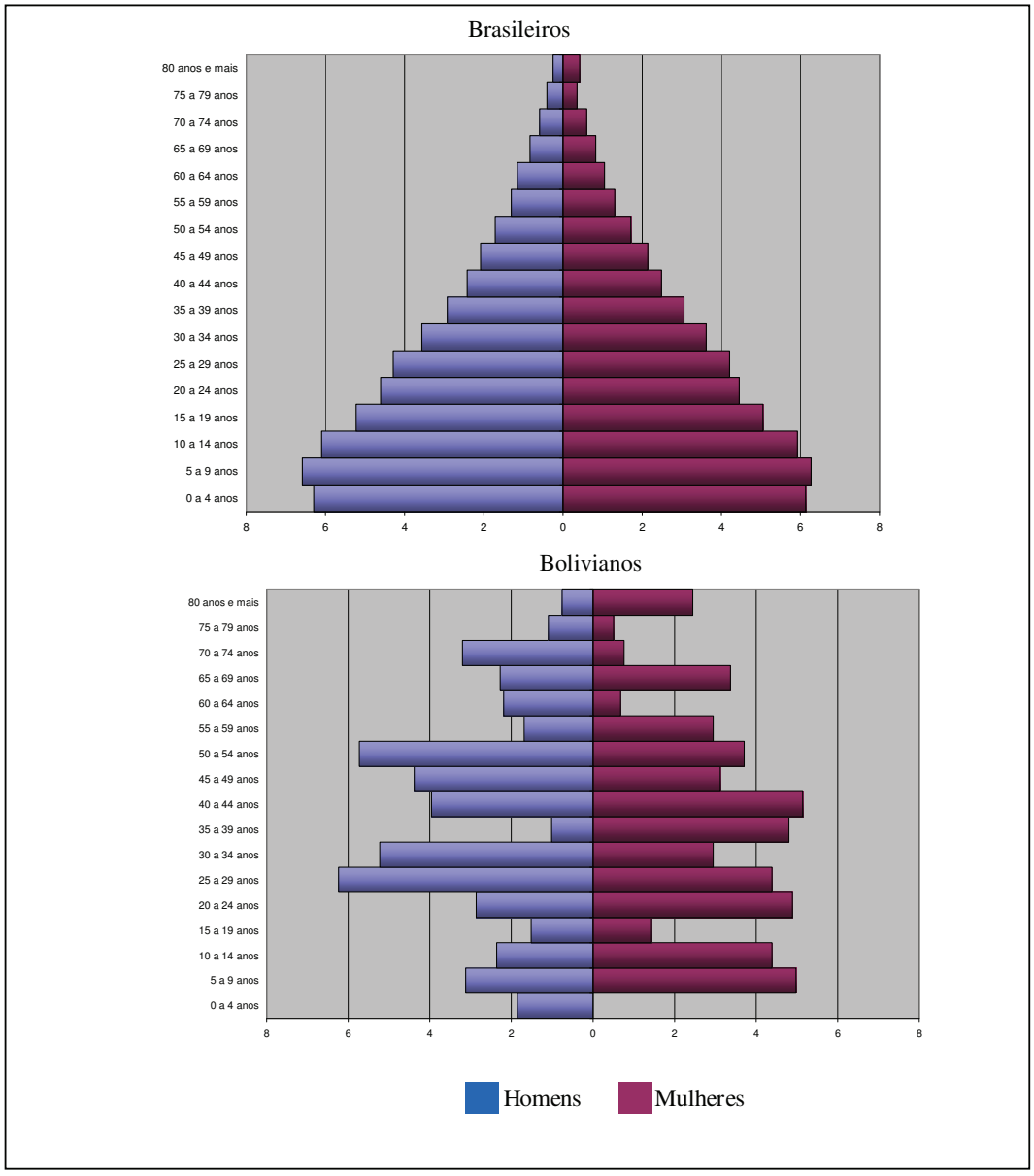
A descontinuidade é a marca principal da estrutura etária dos bolivianos em Corumbá – MS, de acordo com o censo demográfico de 1991. Comparada ao período anterior, observa-se que a distribuição por idades era mais concentrada em 1980 do que em 1991. Um elemento que chama a atenção é o não registro de crianças entre 0 e 4 anos entre os bolivianos. Mais uma vez, o caráter indocumentado dos bolivianos residentes no Brasil pode ter influenciado esses dados censitários.

Outro fator é a concentração em determinadas idades para homens e mulheres. Homens de 30 a 34 anos e de 50 a 54 anos são maioria, enquanto que a maior parte das mulheres está mais concentrada entre os 35 e os 49 anos. Essas diferentes concentrações sugerem a existência de ciclos migratórios mais volumosos e seletivos entre homens e mulheres ao longo do tempo. A análise dos dados provenientes da pesquisa de campo realizada em Corumbá – MS poderá iluminar a questão com dados detalhados e exclusivos sobre migração.

É importante ressaltar ainda um dos principais desafios metodológicos deste trabalho. Ainda que o censo demográfico tenha sido definido como fonte de dados de primeira importância para o estudo deste fluxo migratório, ele apresenta desafios metodológicos para a análise de dados sobre uma população de volume relativamente pequeno. O modo de apresentação dos dados foi, portanto, motivo de reflexão e experiências. Finalmente, optou-se por apresentar dados censitários de brasileiros e bolivianos de acordo com as mesmas categorias.

O objetivo desta incursão pelos censos demográficos, conforme anteriormente definido, não é uma comparação direta entre as duas populações. No entanto, apenas por uma questão de organização dos dados e facilitação da leitura, foram mantidas as mesmas categorias de análise. Admite-se, portanto, que grupos populacionais pequenos como os bolivianos em Corumbá podem gerar, em seus valores absolutos, determinadas alterações, como se pode observar no Gráfico 4 a seguir. A fim de compreender inclusive as diferenças na estrutura etária geradas por essas alterações decorridas de volumes populacionais reduzidos é que foram conservadas as mesmas categorias para os dois grupos.

Gráfico 4: Estrutura etária de brasileiros e bolivianos, segundo o sexo. Corumbá – MS, 1991



Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP.
Números absolutos – Brasileiros: 88.411, sendo 44.507 homens e 43.904 mulheres.
Números absolutos – Bolivianos: 1.186, sendo 587 homens e 599 mulheres.

Ainda em relação ao Gráfico 4 chama-se a atenção para o grupo etário de mulheres com 80 anos e mais, eco de um fluxo migratório feminino consolidado há décadas, conforme analisado no capítulo anterior.

As relações com responsáveis pelo domicílio e pela família dão início a uma análise dos papéis e relações de gênero desses migrantes, trazendo à tona seus diferenciais enquanto se observam também a distribuição dessas relações entre os brasileiros residentes em Corumbá – MS. A Tabela 20 a seguir apresenta a relação dos residentes no município com o responsável pelo domicílio, segundo o país de origem.

Tabela 20: Relação com o responsável pelo domicílio, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1991

Relação com o responsável pelo domicílio	**Brasileiros**	**Bolivianos**
Chefe	39,3	42,7
Cônjuge	23,8	24,0
Filho(a)	25,0	20,5
Enteado(a)	1,6	0,0
Pai ou Mãe	1,2	1,6
Sogro(a)	1,2	0,5
Neto(a) ou Bisneto(a)	1,3	0,0
Genro ou Nora	1,1	2,0
Irmão ou Irmã	0,7	1,9
Cunhado(a)	0,4	1,7
Outros Parentes	2,4	1,0
Agregado(a)	1,1	1,0
Empregado(a) Doméstico(a)	0,2	1,3
Parente do(a) Empregado(a) Doméstico(a)	0,1	0,6
Individual	0,8	1,0
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**88.411**	**1.186**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico, 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP

A distribuição dos grupos de brasileiros e bolivianos das relações mantidas com os responsáveis pelos domicílios em 1991 apresenta diferenças marcantes entre a analisada anteriormente com os dados de 1980. A proporção de filhos entre os bolivianos aumentou de maneira significativa, passando de 6,2% a 20,2%. De acordo com a distribuição etária do grupo – analisada no Gráfico 4 anterior – pode-se levantar a hipótese de uma migração posterior de filhos dos responsáveis pelos domicílios bolivianos. Outro indício é o aumento de jovens em determinadas idades, causando descontinuidades na pirâmide possivelmente resultantes do impacto da entrada de filhos posterior a 1980 e captadas no censo demográfico de 1991.

Observa-se também na Tabela 20, entre os bolivianos, a diminuição da proporção de domicílios individuais, em relação a 1980. Já entre os brasileiros, a distribuição dos residentes entre as relações com o chefe de domicílio também sofre transformações, principalmente no que se refere à proporção de filhos no domicílio, que se reduz quase à metade (passa de 51,1% para 25,5%). Também as mudanças observadas na estrutura etária sugerem uma explicação para este fato: a chegada dos filhos em 1980 à idade reprodutiva associada à queda da fecundidade pode indicar a formação de novos domicílios – portanto novos chefes e cônjuges nessas relações – sem a presença de filhos. Outra hipótese é a migração de jovens em busca de melhores condições de trabalho e/ ou formação educacional.

Tabela 21: Relação com o responsável pela família, segundo país de origem. Corumbá-MS, 1991

Relação com o responsável pela família	**Brasileiros**	**Bolivianos**
Chefe	41,4	46,7
Cônjuge	24,8	24,3
Filho(a)	25,3	20,7
Enteado(a)	1,7	0,0
Pai ou Mãe	0,8	1,1
Sogro(a)	0,9	0,5
Neto(a) ou Bisneto(a)	0,6	0,0
Genro ou Nora	0,2	0,9
Irmão ou Irmã	0,7	1,2
Cunhado(a)	0,2	1,4
Outros Parentes	1,5	0,5
Agregado(a)	1,0	1,0
Empregado(a) Doméstico(a)	0,1	0,7
Individual	0,8	1,0
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**88.411**	**1.186**

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP

Os mesmos fatores que influenciaram as transformações observadas na distribuição das relações com os responsáveis pelo domicílio podem ter atuado também nos dados da Tabela 21, acima. Diferenças principalmente entre as proporções de filhos e de chefes estão associadas às mudanças na estrutura etária, com diferentes fatores estruturais atuando com intensidades específicas em cada um dos grupos. No caso dos brasileiros, as transformações mais significativas estão na mudança de papéis nos domicílios e nas famílias possivelmente causadas por mudanças na estrutura etária, bem como pela queda da fecundidade.

Já entre os bolivianos, um grupo pouco volumoso e de estrutura etária descontínua conforme o observado no Gráfico 4, a explicação para estas transformações pode ser encontrada em diferentes

momentos de entradas e saídas de jovens do processo migratório. O tempo de residência na UF – ainda que analisado apenas em grandes grupos neste momento – poderá reforçar essa hipótese.

Tabela 22: Tempo de residência no Mato Grosso do Sul, segundo país de origem. Corumbá-MS 1991

Tempo de residência na UF	Brasileiros	Bolivianos
Menos de 1 ano	3,4	1,2
1 ano	2,2	5,7
2 anos	3,9	5,6
3 anos	2,2	8,3
4 anos	6,8	1,1
5 anos	3,9	8,1
6 a 9 anos	13,5	20,8
10 anos a 20 anos	20,8	14,9
21 anos e mais	43,2	34,4
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**84.521**	**1.186**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP
* Brasileiros não nascidos no Mato Grosso do Sul

De acordo com os dados, entre os bolivianos, um período de novas entradas de migrantes entre os dois censos analisados até o momento. Este dado é fundamental porque sustenta o argumento de incremento da entrada posterior de jovens bolivianos na corrente migratória, como vimos nas duas tabelas anteriores através do aumento da proporção de "filhos" nas estruturas de relações com responsáveis por domicílios e famílias bolivianos. Agregando todos os dados intercensitários, teremos que 50,7% dos migrantes captados em 1991 fixaram residência no Estado no período entre os dois censos.

Entre os brasileiros a década de 80 pareceu também atrair migrantes internos para o Estado: 36% dos residentes em Corumbá – MS declararam ao censo de 1991 terem fixado residência no Mato Grosso do Sul nos últimos 10 anos.

Tabela 23: Tempo de residência no município, segundo país de origem. Corumbá-MS 1991

Tempo de residência no município	Brasileiros*	Bolivianos
Menos de 1 ano	4,4	2,3
1 ano	4,1	6,3
2 anos	10,1	6,1
3 anos	4,4	9,3
4 anos	7,4	1,8
5 anos	4,9	7,3
6 a 9 anos	17,4	21,1
10 anos a 20 anos	19,7	18,5
21 anos e mais	27,8	27,3
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**86.521**	**1.186**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP.
* Brasileiros não nascidos em Corumbá - MS

A Tabela 23 reforça os dados vistos anteriormente, mostrando uma concentração de residências fixadas em Corumbá – MS entre os anos de 1980 e 1991. Entre os bolivianos, 54,2% e 52,5% entre os brasileiros tiveram esta experiência. Entre os bolivianos, a hipótese é de que uma proporção considerável tenha fixado residência no Mato Grosso do Sul especificamente em Corumbá – MS, sem ingressar em correntes migratórias internas brasileiras. Entre os brasileiros, no entanto, a hipótese é justamente inversa: fluxos migratórios internos em direção à fronteira podem ter atraído novos migrantes de fora do Estado e do próprio Mato Grosso do Sul para Corumbá – MS.

As transformações observadas entre os censos de 1980 e 1991 são percebidas num primeiro momento e sustentadas por mudanças estruturais da população tanto de brasileiros quanto de bolivianos. Os fatores causadores dessas transformações agem em diferentes intensidades entre os dois grupos, provocando uma extensão das variáveis possivelmente explicativas para o fenômeno. Dessa forma, é preciso analisar esferas diversas de variáveis, a fim de compor um pano de fundo relativamente amplo para que essas transformações – bem como suas motivações – possam emergir do contexto populacional de Corumbá – MS. Dessa forma, como feito anteriormente com o censo demográfico de 1980, a Tabela 24 apresenta o status conjugal dos grupos analisados, a fim de buscar mais argumentos explicativos para as transformações notadas no intervalo de tempo intercensitário.

Tabela 24: Status conjugal segundo país de origem. Corumbá-MS, 1991.

Status conjugal	Brasileiros *	Bolivianos*
Casado em 1ª união	51,5	46,6
Casado em outra união	2,2	0,9
Casado com número de uniões ignorado	9,6	13,6
Separado, Desquitado, Divorciado ou Viúvo	11,8	13,4
Solteiro	24,9	25,5
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**79.523**	**1.045**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP.
* Maiores de 10 anos de idade.

A proporção de casados em 1991 sofre transformações nos dois grupos e em diferentes direções. Entre os brasileiros, ela aumenta significativamente, passando de 34,1% em 1980 a 51,5% em 1991. Entre os bolivianos essa proporção diminui: de 49,2%, passa a 46,6%. Estes são dados descritivos para a composição de um pano de fundo para a análise aprofundada que será feita mais adiante. No entanto, é importante ressaltar que a hipótese de chegada posterior de jovens bolivianos – provavelmente de famílias que migraram anteriormente – se faz presente. A proporção de solteiros também aponta para a confirmação da hipótese: de 17,5% em 1980, passa a 25,5% em 1991.

Caracterizando os dois grupos que se recompuseram através de migrações internas e internacionais num intervalo de 10 anos, a Tabela 25 a seguir apresenta dados de alfabetização de brasileiros e bolivianos captados pelo censo demográfico de 1991.

Tabela 25: Alfabetização, segundo país de origem. Corumbá-MS 1991.

Alfabetização	Brasileiros	Bolivianos
Sabe Ler e escrever	82,9	91,0
Não sabe	17,1	9,0
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**79.485**	**1.126**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico de 1991. Tabulações NEPO/UNICAMP.

A diferença no tratamento das variáveis entre os dois censos provoca impactos no resultado. O número de categorias para a variável alfabetização era maior em 1980; no censo demográfico de 1991 há uma polaridade nas repostas. Mais uma vez, o grupo boliviano captado pelo censo apresenta o mais alto índice de alfabetização – 91%. No entanto, é importante alertar novamente ao fato de se

tratar de um grupo menor em volume e muito diferenciado em suas descontinuidades etárias. Entre os brasileiros, 17,1% foram registrados sem domínio de leitura e escrita.

Por fim, a Tabela 26 apresenta a condição na ocupação dos residentes em Corumbá – MS, segundo país de origem.

Tabela 26: Condição na ocupação segundo país de origem. Corumbá-MS 1991.

Condição na ocupação	Brasileiros	Bolivianos
Trabalhador agrícola volante	0,4	0,0
Trabalhador Doméstico - Empregado	7,5	5,7
Trabalhador Doméstico - Autônomo ou Conta própria	0,4	0,0
Empregado do Setor Privado	28,7	31,6
Empregado do Setor Público - Servidor Público	19,9	16,6
Empregado do Setor Público - de Empresa Estatal	3,9	2,1
Autônomo ou conta-própria	31,6	32,9
Empregador	6,8	9,3
Sem remuneração	0,8	1,8
Total (%)	**100,0**	**100,0**
Total (N)	**78.251**	**1.145**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico, 1991 Tabulações NEPO/UNICAMP.

A variável "condição na ocupação" no censo demográfico de 1991 apresenta categorias mais detalhadas do que o observado em 1980, e, portanto, os resultados em menores concentrações. Entre os bolivianos, a categoria "autônomo" concentra principalmente feirantes e vendedores ambulantes, de acordo com o censo demográfico de 1991. Entre os brasileiros, ainda que a concentração nesta grande categoria seja muito próxima entre os dois grupos, "autônomo" concentra trabalhadores no setor de prestação de serviços. O comércio ambulante, como se verá adiante, é dominado pelos migrantes bolivianos e, em especial, pelas mulheres.

2.2 O perfil sócio-demográfico atual de brasileiros e bolivianos em Corumbá – MS.

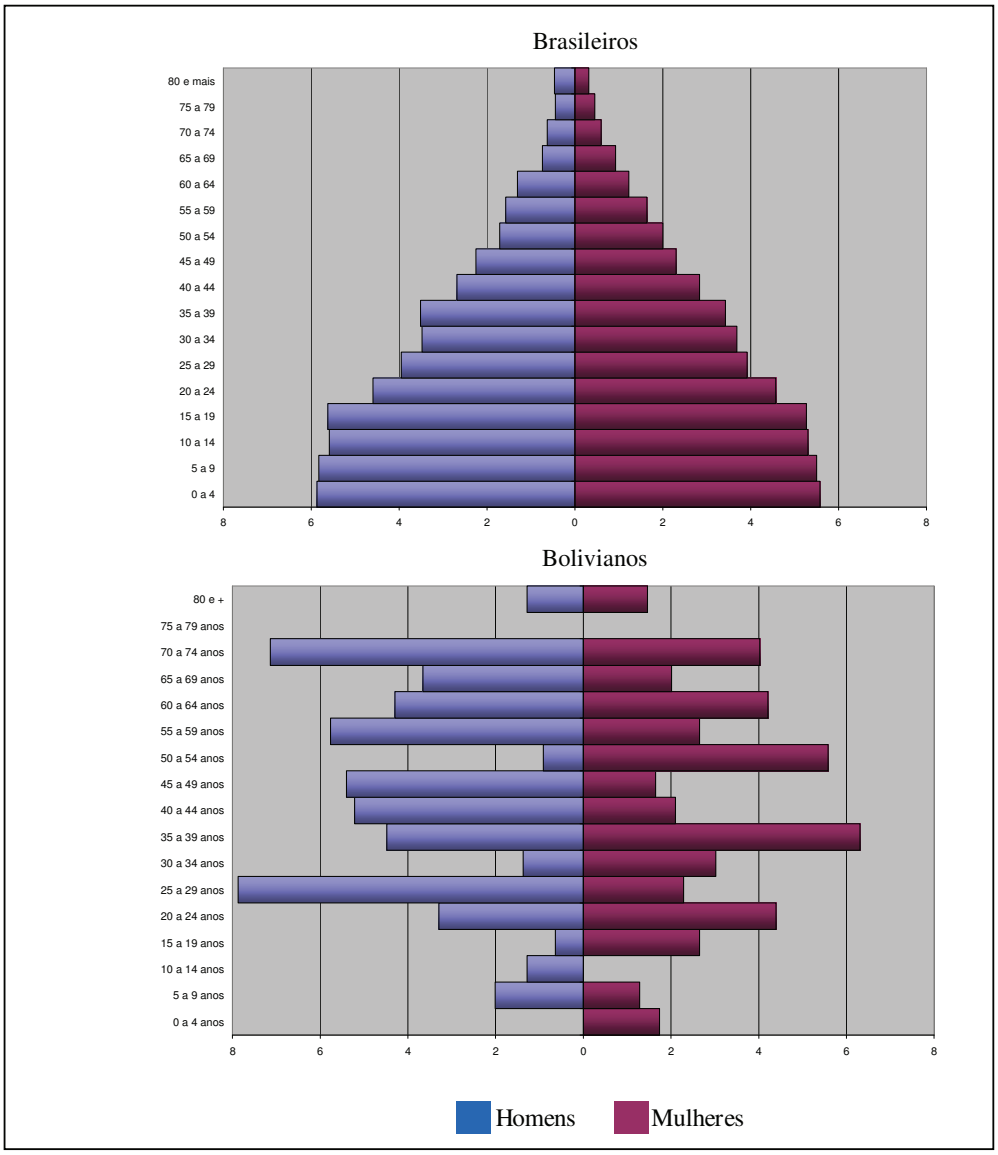
Através dos censos demográficos de 1980 e 1991 buscou-se traçar um panorama com diversas esferas de variáveis que descrevessem as transformações que configuraram a composição dos dois grupos objetos desse estudo: brasileiros e bolivianos em Corumbá – MS. Ao longo dessa trajetória, diversas hipóteses acerca da dinâmica demográfica desses dois grupos surgiram e, junto com elas, fatores explicativos associados, compondo questões pertinentes a serem tratadas pelas fontes de dados específicas para este estudo: as pesquisas de campo realizadas em Corumbá – MS e na Bolívia.

Finalizando a composição deste panorama, os dados do censo demográfico de 2000 alimentam e reforçam as questões consolidadas anteriormente. O Gráfico 5 a seguir mostra a estrutura etária dos brasileiros e bolivianos residentes em Corumbá – MS captados pelo censo demográfico de 2000.

A estrutura etária dos brasileiros captada pelo censo demográfico de 2000 em Corumbá – MS mostra um outro momento do processo registrado em 1991: a queda da fecundidade acelera o estreitamento da base da pirâmide, aumentando a proporção de idosos no município. É notável ainda uma descontinuidade relevante entre os grupos de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos, sobretudo entre os homens. Essa descontinuidade pode ser causada por uma mudança no padrão da mortalidade nestes grupos etários, ou ainda por processos migratórios internos.

Dentre as estruturas etárias de bolivianos captados pelos censos demográficos de 1980 a 2000, a última é, sem dúvida, a mais descontínua das três. O Gráfico 5 a seguir mostra profundas diferenças entre faixas etárias e a distribuição de homens e mulheres ao longo dessas faixas. Num cenário em transformação, como o enunciado pelos dados, torna-se quase impossível elaborar hipóteses acerca das motivações para este contexto baseadas apenas na estrutura etária. Mas um fato é certo: estamos diante de um cenário muito dinâmico, em mutação constante nas últimas três décadas. Entre 1980 e 1991 surge a hipótese – baseada em diversas variáveis a partir da estrutura etária – da entrada posterior de jovens ligados a famílias migrantes na corrente migratória entre Brasil e Bolívia. A estrutura etária ilustrada a seguir sugere, no entanto, que esses jovens – motivados por diferentes razões entre homens e mulheres – podem ter se movimentado novamente, possivelmente de volta para a Bolívia ou ainda em fluxos migratórios internos brasileiros.

Gráfico 5: Estrutura etária de brasileiros e bolivianos, segundo o sexo. Corumbá – MS, 2000



Fonte: FIBGE, Censo Demográfico, 2000.
Números absolutos – Brasileiros: 95.701, sendo 48.060 homens e 47.641 mulheres.
Números absolutos – Bolivianos: 1.093, sendo 597 homens e 496 mulheres.

Para verificar essa hipótese, buscou-se reunir no censo demográfico de 2000 as variáveis equivalentes àquelas analisadas anteriormente, a fim de concluir o traço de um panorama comparável dos fatores estruturais que forjaram o contexto atual de brasileiros e bolivianos residentes em Corumbá – MS. Posteriormente esta análise será incrementada e aprofundada em suas questões mais relevantes através dos dados da pesquisa de campo realizada no município avançando, portanto, até 2006 e 2008.

Tabela 27: Relação com o responsável pelo domicílio, segundo país de origem. Corumbá-MS, 2000

Relação com o responsável pelo domicílio	**Brasileiros**	**Bolivianos**
Responsável	23,2	48,6
Cônjuge, companheiro	16,5	24,7
Filho(a); Enteado(a)	44,5	11,1
Pai, mãe, sogro(a)	1,2	2,1
Neto(a); Bisneto(a)	7,2	0,0
Irmão; Irmã	1,4	1,0
Outro Parente	4,4	7,7
Agregado	0,5	0,7
Pensionista	0,2	0,0
Empregado(a) Doméstico(a)	0,2	0,0
Individual em domicílio coletivo	0,7	4,1
Total (N)	**94.726**	**1.097**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP

A relação com o responsável pelo domicílio se transforma mais uma vez no intervalo intercensitário entre os bolivianos: a proporção de filhos sofre um decremento ainda mais acentuado, representando 11,1% do total, enquanto que entre os brasileiros, a proporção é de 44,5%. A proporção de responsáveis, cônjuges e pais, mães e sogros tende a ser maior entre os bolivianos, que apresentam estrutura etária mais envelhecida. Ao mesmo tempo, a proporção de filhos dos responsáveis pelos domicílios é maior entre os brasileiros, que apresentam estrutura etária mais jovem.

É importante salientar, no entanto, o incremento da proporção de pais, mães e sogros com relação ao responsável pelo domicílio entre os bolivianos. A convivência com idosos, bem como sua participação na vida doméstica em diversos aspectos é característica de duas vertentes que se aplicam aos bolivianos no Brasil: tanto em populações envelhecidas (Carvalho *et al*, 2004), quanto em fluxos migratórios que se estendem por décadas.

Tabela 28: Relação com o responsável pela família, segundo país de origem. Corumbá-MS, 2000

Relação com o responsável pela família	*Brasileiros*	*Bolivianos*
Pessoa responsável	26,4	50,9
Cônjuge, companheiro	18,3	26,9
Filho(a), enteado(a)	45,9	11,1
Pai, mãe, sogro(a)	1,0	1,6
Neto(a), bisneto(a)	4,0	0,0
Irmão, irmã	1,1	1,0
Outro parente	1,9	3,6
Agregado(a)	0,4	0,7
Pensionista	0,2	0,0
Empregado(a) doméstico(a)	0,2	0,0
Individual em domicilio coletivo	0,7	4,1
Total (N)	**94.726**	**1.097**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP

A Tabela 28 acima apresenta a mesma tendência da distribuição de brasileiros e bolivianos em relação ao responsável pelo domicílio: decremento da proporção de filhos e aumento de cônjuges e responsáveis entre os bolivianos e o incremento do peso proporcional de filhos nos domicílios de brasileiros.

A distribuição entre as demais categorias da variável não sofreu grandes alterações ao longo de todo o período analisado, de 1980 a 2000, o que sugere que as transformações sofridas nos papéis exercidos no domicílio e na família se concentram em reconfigurações entre essas três categorias principais: responsáveis, cônjuges e filhos. Desta forma, fica mais afastada a hipótese de famílias estendidas migrarem em sua totalidade, ainda que em momentos diferentes. Uma tipologia das famílias a ser realizada em capítulo posterior poderá demonstrar essa hipótese.

Destaca-se neste contexto, por outro lado, a presença de pais dos responsáveis tanto por domicílios quanto por famílias. Em alguns fluxos migratórios os idosos têm um papel de destaque na chefia domiciliar e/ ou familiar, comumente reproduzindo papéis e relações de gênero das comunidades de origem (Castro, 2006). Esta premissa poderá ser verificada no capítulo seguinte, utilizando-se os dados da pesquisa de campo realizada em domicílios onde pelo menos um dos chefes fosse boliviano. A hipótese, dado que se trata de um fluxo migratório de pelo menos cinco décadas, é que os idosos tenham esse papel importante nas chefias de domicílios e/ou famílias, o que

contribuiria para as diferenças na distribuição dessas relações anteriormente observadas entre brasileiros e bolivianos.

Em relação aos bolivianos residentes em Corumbá – MS captados pelo censo demográfico 2000 destacam-se duas informações da Tabela 29 a seguir: em primeiro lugar a concentração dos que fixaram residência há mais de 10 anos no Mato Grosso do Sul, perpetuando a situação analisada nas tabelas de mesma variável dos censos anteriores.

Tabela 29: Tempo de residência no Mato Grosso do Sul, segundo país de origem. Corumbá-MS 2000

Tempo de residência no MS	***Brasileiros ****	***Bolivianos***
Menos de 1 ano	5,5	9,5
1 ano	6,9	4,4
2 anos	6,2	2,8
3 anos	3,8	3,4
4 anos	5,5	0,0
5 anos	2,7	11,4
6 a 9 anos	7,8	2,0
10 anos a 20 anos	29,0	19,2
21 anos e mais	32,7	47,4
Total (N)	**11.365**	**1.098**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP
***** Exceto não-migrantes e naturais da UF.

A segunda informação vem a ser justamente o outro extremo da Tabela: refere-se àqueles que fixaram residência há menos de um ano da data de referência do censo 2000 no Mato Grosso do Sul, representando 9,5% do total do grupo. Esta informação confirma a hipótese de que os bolivianos não se distribuem uniformemente ao longo do tempo na corrente migratória. Há fatores estruturais que alimentam de maneira sazonal este fluxo. Por que, ao longo de 10 anos – toda a década de 90 – os migrantes bolivianos fixaram residência no Mato Grosso do Sul em proporções tão baixas? Por que, no ano de 1999, essa proporção aumenta consideravelmente? Essas são algumas das perguntas que este trabalho se propõe a responder nos capítulos seguintes.

Completando essa informação, a Tabela 30 a seguir apresenta o tempo de residência em Corumbá – MS, segundo país de origem.

Tabela 30: Tempo de residência no município, segundo país de origem. Corumbá-MS 2000

Tempo de residência no município	*Brasileiros**	*Bolivianos*
Menos de 1 ano	7,0	9,5
1 ano	7,3	4,3
2 anos	7,5	3,7
3 anos	5,1	3,3
4 anos	6,4	0,0
5 anos	3,1	11,3
6 a 9 anos	9,3	2,0
10 anos a 20 anos	25,5	20,4
21 anos e mais	28,8	45,5
Total (N)	**11.365**	**1.098**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP
***** Exceto não-migrantes e naturais do município.

Pode-se fazer a mesma pergunta diante dos dados da Tabela 30 acima anteriormente feita com relação ao tempo de residência no Estado do Mato Grosso do Sul. É fato que ao longo de uma década, 34,2% dos bolivianos captados pelo censo demográfico de 2000 fixaram residência em Corumbá – MS. Apenas no ano anterior à pesquisa, no entanto, já haviam fixado residência no município 9,5% do grupo. Parece que depois de uma década de entradas constantes, porém em baixas concentrações, os bolivianos novamente estão se dirigindo em maiores volumes a Corumbá – MS, revelando de uma outra maneira a relevância de um estudo específico sobre esse fluxo migratório.

Observou-se anteriormente ainda que o status conjugal também é uma variável de grande importância para uma caracterização geral de grupos migrantes porque revela de maneira indireta configurações familiares e aponta para indícios do regime de fecundidade do grupo em questão.

Tabela 31: Status conjugal segundo país de origem. Corumbá-MS, 2000.

Status conjugal	*Brasileiros **	*Bolivianos **
Casado(a)	28,1	41,7
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	1,6	3,4
Divorciado	1,5	5,4
Viúvo(a)	4,5	8,3
Solteiro(a)	64,4	41,4
Total (N)	**72.981**	**1.042**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP
*Maiores de 10 anos de idade.

Tanto entre os brasileiros como entre os bolivianos residentes em Corumbá – MS, o status conjugal se configura de maneira semelhante: maiores proporções de casados e solteiros respectivamente. Ressalta-se ainda a concentração de viúvos(as) entre o grupo boliviano, relativamente mais envelhecido que o restante da população de Corumbá – MS.

Dado que o número de divorciados ou desquitados não aumentou de maneira significativa ao longo do período analisado, destaca-se a evolução do quadro proporcional de solteiros entre os bolivianos: de 17,5% registrados em 1980, alcança 41,4% do total do grupo migrante no ano 2000. Uma vez que as estruturas etárias ao longo do período são descontínuas, pode-se considerar este mais um indício da entrada recente de jovens (re)alimentando a corrente migratória.

Por fim, traçamos um breve perfil sobre os status educacional e ocupacional desses migrantes. A Tabela 32 a seguir apresenta os dados sobre alfabetização captados em Corumbá – MS pelo Censo Demográfico de 2000.

Tabela 32: Alfabetização, segundo país de origem. Corumbá-MS 2000.

Sabe ler e escrever	**Brasileiros**	**Bolivianos**
Sim	77,1	89,9
Não	22,9	10,1
Total (N)	**94.726**	**1.098**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP

Talvez o domínio da leitura e da escrita tenha sido, ao longo de toda essa análise, a variável que menos sofreu transformações, mesmo que se sustente por trás de todas elas a dinâmica das trocas migratórias entre Bolívia e Brasil na região de fronteira e ainda os fluxos migratórios internos brasileiros presentes na região. As mesmas questões, portanto, se colocam desde o início da análise em 1980: as profundas diferenças entre os grupos migrantes não permitem uma comparação direta desses índices, e, ainda que entre os brasileiros existam 22.9% de pessoas sem domínio de leitura e escrita, a escolaridade é consideravelmente mais alta no que se refere a anos de estudo e grau da última série concluída com aprovação. Variáveis escolares de rendimento, como distorção idade-série e reprovações podem ainda influenciar esta proporção entre os brasileiros. Finalizando a composição do panorama da população brasileira e boliviana de Corumbá – MS segundo os censos demográficos de 1980, 1991 e 2000, a Tabela 33 a seguir mostra o status ocupacional dos dois grupos.

Tabela 33: Condição na ocupação segundo país de origem. Corumbá-MS 2000.

Condição na ocupação	Brasileiros*	Bolivianos
Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	3,4	0,0
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	5,8	5,2
Empregado com carteira de trabalho assinada	31,3	7,7
Empregado sem carteira assinada	29,7	7,8
Empregador	2,6	0,6
Conta - própria	21,5	16,0
Aprendiz ou estagiário sem remuneração	0,6	0,0
Não remunerado em ajuda a membro do domicílio	3,3	1,0
Trabalhador na produção para o próprio consumo	1,9	0,0
Total (N)	**52.255**	**1.041**
Total (%)	**100,0**	**100,0**

Fonte: FIBGE. Censo Demográfico 2000. Tabulações NEPO/UNICAMP
* Exceto menores de 10 anos e maiores de 10 anos sem ocupação na semana de referência da pesquisa.

O tratamento dado à variável de status ocupacional no censo demográfico 2000 permite um maior aprofundamento de algumas questões relevantes a serem tratadas mais adiante. Uma informação importante é a ausência de bolivianos no grupo de trabalhadores da produção de subsistência. Há um falso pressuposto de que a migração na área de fronteira está ligada a atividades rurais, quando se sabe que o seu caráter é urbano (Silva, 1999). O caráter informal em que se inserem trabalhadores bolivianos no mercado de trabalho também aponta para uma possível precarização da força de trabalho, uma vez que se trata de migrantes indocumentados em sua maior parte. É indicativo a diferença de concentração de trabalhadores com e sem carteira de trabalho assinada; as mulheres parecem estar mais envolvidas com essa situação.

2.3 A composição dos domicílios com presença boliviana

Através da análise de variáveis chave dos Censos Demográficos entre 1980 e 2000, buscou-se traçar um paralelo entre os dois grupos em foco neste estudo: brasileiros e bolivianos residentes em Corumbá – MS. A comparação direta entre os dois grupos não foi objetivo deste item, até mesmo porque seria inadequada, uma vez que se trata de grupos de volumes e características sociais, econômicas e demográficas heterogêneas.

O objetivo foi, em função dessas variáveis, analisar o comportamento de cada um dos grupos, buscando suas especificidades e, ao mesmo tempo, esgotando possibilidades de análise através dos censos demográficos que só poderão ser respondidas através dos dados da pesquisa de campo. Segundo Martine (1984, p.106),

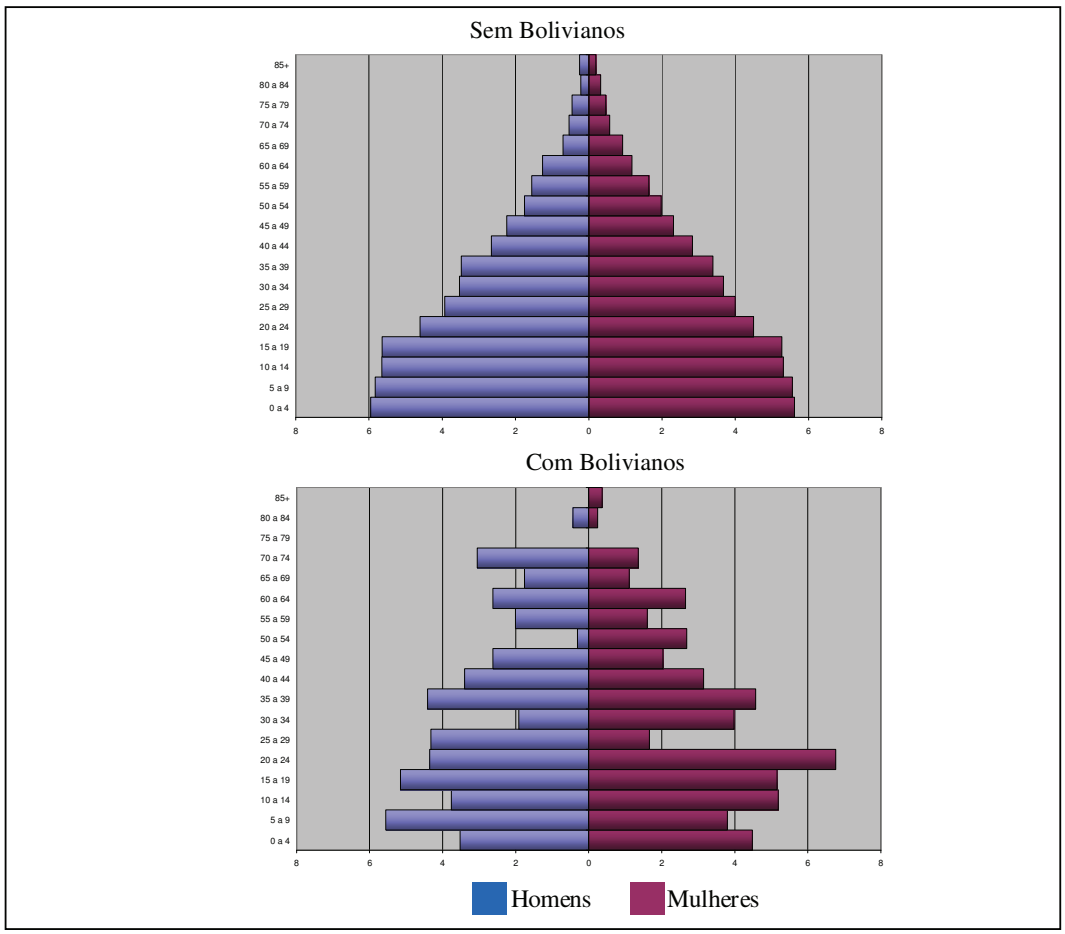
> Nos poucos estudos em que se procura ampliar o significado da migração, a base empírica raramente corresponde à generalidade das proposições, tornando-as difíceis de serem verificadas. Quando se procura ampliar o significado da migração na própria coleta de dados, a profundidade exigida descarta a possibilidade de representatividade da amostra para qualquer universo mais abrangente. Ou seja, parece haver um *trade-off* inevitável entre representatividade / abrangência e profundidade/ relevância analítica.

Os dados censitários, no entanto, se fazem fundamentais neste estudo, por reunirem periodicamente informações comuns ao grupo de naturais e não naturais. Desta forma, destaca-se que as descontinuidades e diferenças de concentrações entre grupos etários distintos entre os três censos analisados apontam o fato de que o fluxo de bolivianos para Corumbá é dinâmico, contando com entradas e saídas nos três momentos analisados. Será através dos dados da pesquisa de campo realizada em Corumbá, no entanto, que se poderá estudar com mais precisão a estrutura etária – entre outras diversas variáveis – do grupo boliviano.

Além de um diferencial positivo sobre a questão da indocumentação anteriormente citada, o *survey* reúne informações detalhadas sobre domicílios onde pelo menos um dos chefes fosse boliviano. Desta forma, há dados disponíveis sobre todos os residentes nos domicílios, além de parentes não residentes e até de não parentes. Assim, o leque de possibilidades de análise é maior e a profundidade dos dados permitirá, por exemplo, a construção de uma pirâmide etária sem tantas descontinuidades como a realizada através dos censos demográficos. Ressalta-se, portanto, a importância das pesquisas de campo para este estudo, não apenas completando dados coletados por censos demográficos, mas também respondendo questões relevantes sobre a presença boliviana – sobretudo das mulheres – no município de Corumbá - MS.

Sendo as pesquisas de campo tão específicas sobre o fluxo migratório de bolivianos em Corumbá – MS, é fundamental conhecer os dados coletados no censo demográfico sobre os domicílios com presença boliviana. Sendo as categorias de análise e variáveis iguais para ambos os tipos de domicílio – com ou sem bolivianos – esses dados revelam formas de inserção na sociedade receptora de forma que uma pesquisa de campo dificilmente captaria. Associar todas essas fontes de dados disponíveis para esta pesquisa é buscar preencher as lacunas deixadas pelas oposições entre "representatividade/ abrangência, profundidade/ relevância analítica" (Martine, 1984, p. 106).

Gráfico 6: Estruturas etárias dos residentes em Corumbá, segundo tipo de domicílio, 2000



Fonte: FIBGE, Censo Demográfico, 2000.
Números absolutos: Domicílios sem Bolivianos: 92.459, sendo 46.464 homens e 45.995 mulheres.
Números absolutos: Domicílios com Bolivianos: 3.240, sendo 1.594 homens e 1.646 mulheres.

Completando então o subitem sobre brasileiros e bolivianos segundo o censo demográfico 2000, busca-se traçar o perfil domicílios com e sem a presença boliviana em função de características socioeconômicas gerais[30].

As estruturas etárias de residentes em domicílios com bolivianos mostram que é grande o peso dos filhos brasileiros desses migrantes, na distribuição etária. Tendo como critério apenas os nascidos na Bolívia, a pirâmide etária é ainda mais descontínua e com a base estreita. Há, no

[30] As tabulações especiais que constituem esse subitem foram realizadas pelo Prof. Dr. Alberto Jakob, pesquisador do NEPO – Núcleo de Estudos de População, UNICAMP.

entanto, uma descontinuidade muito expressiva entre as mulheres de 25 a 29 anos. Desta forma, algumas questões se colocam, como o retorno migratório em função do planejamento da nupcialidade e/ou fecundidade ou ainda, da migração de jovens filhos de bolivianos, sendo de fundamental importância o aprofundamento da análise desta tendência na pesquisa de campo.

Tabela 34: Domicílios de Corumbá – MS segundo arranjos familiares, 2000

Arranjos Familiares	**Domicílios**		
	sem Bolivianos	**com Bolivianos**	**Total**
Indivíduo sozinho/dom.coletivo	622	45	**667**
Responsável sozinho	1.749	66	**1.815**
Casal sem filhos	1.951	90	**2.041**
Casal com filhos	9.647	278	**9.925**
Casal sem filhos e com parentes	457	.	**457**
Casal com filhos e com parentes	3.053	152	**3.205**
Casal com ou sem filhos e com agregados	128	.	**128**
Casal com filhos, agregados e parentes	67	8	**75**
Chefe com filhos	1.911	87	**1.998**
Chefe com filhos e parentes	1.678	50	**1.728**
Chefe sem filhos e com parentes	821	13	**834**
Chefe com filhos e agregados	62	.	**62**
Chefe sem filhos e com agregados	59	.	**59**
Chefe com filhos,parentes e agregados	11	.	**11**
Famílias com pensionistas	102	.	**102**
Outros tipos	41	.	**41**
Total	**22.359**	**789**	**23.148**

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000, Tabulações NEPO/ UNICAMP.

De acordo com os dados, o arranjo familiar mais comum entre brasileiros e bolivianos é "casal com filhos", representando 43,9% e 35,2%. Ainda que o principal arranjo entre os dois grupos seja o mesmo, este é um importante diferencial entre domicílios com e sem a presença de bolivianos. Considerando-se todos os arranjos que não tenham o casal como raiz, tem-se que 30,6% e 33,7% dos domicílios sem bolivianos e com bolivianos, respectivamente, se encaixam neste perfil.

Segundo os dados censitários observados anteriormente, em todos os períodos, as mulheres são maioria entre os migrantes bolivianos em Corumbá – MS. A composição de arranjos familiares, principalmente numa distribuição como a apresentada pela Tabela 34, aponta para o fato de que, se 33,7% de todos os domicílios com presença boliviana são formados por responsáveis com ou sem filhos e parentes, ou sozinhos, parte considerável destes responsáveis provavelmente é mulher. Desta forma, a hipótese é de que esta seja uma diferença substantiva entre mulheres brasileiras e bolivianas: **a proporção de responsáveis pelos domicílios é maior entre as imigrantes**. Este é um

dado importante a ser comprovado através da análise dos dados da pesquisa de campo, no capítulo a seguir.

A Tabela 35 apresenta estatísticas básicas dos domicílios com e sem a presença boliviana.

Tabela 35: Indicadores gerais dos domicílios sem e com bolivianos. Corumbá – MS, 2000

Indicadores gerais	**Domicílios**	
	Sem Bolivianos	**Com Bolivianos**
Idade Média da População	26,3	30,6
Idade Média do Chefe do Domicílio	44,6	50,9
Anos de Estudo do Chefe do domicílio	6,2	7,1
Anos de residência no município	14,1	22,3
Anos de residência no município dos migrantes	3,4	2,7
Renda domiciliar das pessoas (Salários mínimos)	6,5	6,3
Renda domiciliar dos chefes (Salários Mínimos)	6,3	6,0

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000, Tabulações NEPO/ UNICAMP.

A Tabela 35 reforça dados anteriormente observados: a população boliviana mais envelhecida se reflete na média de idade das pessoas residentes em domicílios com esses imigrantes: 50,9 anos. A idade média de domicílios sem bolivianos é de 44,6 anos. Outro dado relevante é o tempo de residência no município, em anos: 22,3 e 14,1 entre os residentes em domicílios com e sem a presença boliviana, respectivamente, apontando para um fluxo migratório internacional consolidado e ao mesmo tempo para movimentos internos em direção a Corumbá – MS. Já o tempo de residência dos migrantes recentes, com menos de 10 anos de residência no município, é de 3,4 e 2,7 anos, entre os domicílios sem e com bolivianos.

Surpreendentemente a renda média, tanto das pessoas como dos chefes, não apresenta diferenciais significativos. Esta variável merece especial atenção ao ser analisada sob os parâmetros da pesquisa de campo: diferenciais de sexo e também de origem podem revelar fatores substantivos não apenas na comparação entre brasileiros e bolivianos mas, sobretudo, entre homens e mulheres bolivianos, e ainda trabalhadores de diferentes origens na Bolívia. (Souchaud e Baeninger, 2008).

Observando dados censitários ao longo de todo o Século 20, buscou-se, além de um panorama geral da população brasileira e da região de Corumbá – MS, a formação de questões e hipóteses a serem verificadas através dos dados da pesquisa de campo. As mulheres bolivianas colocam-se como foco principal da análise que se seguirá a este capítulo, uma vez que, de acordo com os dados, elas formam o mais importante grupo, sob diversas perspectivas, principalmente em relação aos diferenciais ao longo do processo migratório e também às mudanças de papéis de gênero no domicílio, na família e na própria sociedade receptora.

O capítulo terceiro a seguir tem como principal proposição a importância de pesquisas de campo da natureza da *Encuesta* Corumbá. Busca-se, portanto, através de uma discussão teórico-metodológica, identificar os limites impostos à análise de fluxos migratórios através de dados resultantes de censos demográficos, quais as conseqüências desses limites e de que maneira um levantamento de campo permite a sua superação.

Por fim apresenta-se os resultados da pesquisa de campo, construindo o perfil sócio-demográfico dos migrantes bolivianos em Corumbá. O principal desafio a ser enfrentado refere-se à exploração dos dados resultantes da *Encuesta* Corumbá. A metodologia de todo o trabalho foi estruturada com o objetivo de esgotar possibilidades de fontes de dados distintas, ao mesmo tempo em que as informações sobre o fluxo de bolivianos para Corumbá ganham em complexidade e especificidade.

Neste sentido, a apresentação dos dados da *Encuesta* Corumbá foi também alvo de experiências e discussões teórico-metodológicas relativas à sua estrutura. A repetição da abordagem utilizada para a análise dos dados censitários favorece a leitura e a disposição de resultados e, simultaneamente, exige considerações a respeito principalmente da representatividade da pesquisa de campo.

Passa-se, então, à análise de dados qualitativos que, ao contrário do censo demográfico, não podem ser expandidos para todo o grupo populacional em questão. No entanto, a adoção da mesma lógica utilizada com os dados censitários reforça a metodologia que fundamenta todo o trabalho: a busca por limites de fontes de dados para estudos de migração e novas possibilidades que permitam uma análise que incorpore o fenômeno social em toda a sua complexidade.

Capítulo III

Aspectos teórico-metodológicos de pesquisa de campo: resultados da *Encuesta* Corumbá: as especificidades da migração boliviana

"Etrange paradoxe somme toute: le facteur migratoire prend beaucoup d´importance et affect les sociétés dans leurs fondements, mais les outils d´analyse n´évoluent guère en conséquence".

Hervé Domenach
De La "Migratologie"...

Buscou-se com o primeiro capítulo a construção de um contexto histórico-demográfico brasileiro, do Centro Oeste e de Corumbá que justificasse a região como um espaço migratório relevante no fluxo de bolivianos para o Brasil. Para tanto, partiu-se da proposição que Corumbá tem uma inserção, sobretudo econômica, diferenciada da dinâmica brasileira e do Estado do Mato Grosso (e posteriormente do Mato Grosso do Sul). Particularidades históricas, além da posição geográfica estratégica e aspectos naturais que condicionaram a difícil ocupação da fronteira oeste do Brasil pelos fluxos migratórios internos brasileiros do fim do Século 19 até meados do Século 20, tiveram um peso fundamental para essa (des)articulação da região.

Ao mesmo tempo em que a fronteira oeste do Brasil permaneceu desarticulada da dinâmica socioeconômica que regia o país neste período, a região de Corumbá esteve articulada a outros espaços, o que proporcionou profundas diferenças na evolução de sua população e desenvolvimento de sua economia (Valverde 1972; Manetta, 2009).

Essas diferenças estão associadas a disputas pela ocupação da região, sobretudo entre portugueses e espanhóis, ainda no Século 16, ao ganho de importância das atividades portuárias na dinâmica econômica da Bacia do Prata entre os Séculos 17 e 19, à Guerra do Paraguai, às oscilações do campo de influência das atividades econômicas de Corumbá, estas sim, ligadas diretamente à dinâmica nacional, através da construção de ferrovias, do acesso definitivo à fronteira oeste, da circulação de mercadorias entre o Sudeste e o Centro Oeste, do desmembramento do Estado do Mato Grosso e da criação de Mato Grosso do Sul (Cardoso e Brignol, 1983; Corrêa, 1995; Manetta, 2009).

Em meio a todos esses fatores, Corumbá experimentou períodos em que exerceu papel ora de grande centro de circulação de mercadorias, com indústrias, sobretudo alimentícias, instaladas em sua região portuária e ligadas a portos da Europa e norte-americanos, ora de estagnação, como o pós-guerra com o Paraguai, ou ainda quando da expansão das malhas ferroviárias e rodoviárias, que diminuíram o pólo de influência da região (Oliveira, 1998; Corrêa, 1995).

A herança deste contexto histórico para o município de Corumbá contém dois importantes fatores. O primeiro, seu caráter urbano, fortemente influenciado pelas atividades portuárias, que acabaram por forjar a própria distribuição da população: em 1980[31], o grau de urbanização do município era de 83,3%, enquanto que o da capital do Estado, Campo Grande,

[31] FIBGE, Censo Demográfico de 1980.

era de 62,94%. Em 2000[32] este caráter ainda é percebido, já que os municípios apresentam 90,1% e 98,8%, respectivamente, de grau de urbanização. O segundo fator, a própria presença boliviana no município.

Busca-se neste terceiro capítulo voltar o olhar exclusivamente à migração de bolivianos para Corumbá – MS. Parte-se, portanto, de algumas proposições, a serem desenvolvidas a seguir: a primeira delas é a importância de pesquisas de campo para o estudo da migração, que vão além dos limites de censos demográficos como instrumento de análise. O reconhecimento desses limites, bem como as possibilidades de superá-los através dos dados da pesquisa de campo realizada em Corumbá, em 2006, constituem o primeiro item deste capítulo.

A seguir, a descrição da pesquisa de campo como instrumento teórico-metodológico de análise, sua importância no âmbito geral deste trabalho, sua dinâmica e instrumentos, bem como o perfil dos entrevistados, reforçam a primeira proposição que norteia este terceiro capítulo.

Por fim, busca-se com os dados resultantes da pesquisa de campo, em associação com dados censitários anteriormente analisados, explorar ao máximo as possibilidades de análise da migração boliviana em Corumbá – MS. Desta forma, o objetivo principal deste item será o aprofundamento da análise da presença boliviana em Corumbá através de dados específicos para o estudo da migração, buscando preencher as lacunas deixadas pelos dados censitários. A reconstrução de trajetórias migratórias, o comportamento de migrantes bolivianos em Corumbá em relação a grupos de variáveis chaves a serem posteriormente descritas e as implicações dessas distribuições para este fluxo migratório compõem o leque de especificidades deste fenômeno e também deste estudo. Busca-se ainda, com os dados da pesquisa de campo realizada em Corumbá, compreender as especificidades da presença feminina boliviana no município.

1. Migração Internacional e fontes de dados: limites e possibilidades

Um dos principais debates sobre estudos de fluxos migratórios são justamente as fontes de dados a serem utilizadas, suas vantagens e limites. No caso brasileiro, reflexões metodológicas apontam para os censos demográficos como fonte de dados de primeira

[32] FIBGE, Censo Demográfico de 2000.

importância (Carvalho, 1996) e, ao mesmo tempo, com lacunas que distanciam o pesquisador da captação de um fluxo migratório como um todo, em todas as suas especificidades e transformações observadas no contexto mundial, e especialmente na América do Sul (Pellegrino, 1992). Segundo Maguid (1995, p.194),

> É interessante que comecemos a discutir, entre os países da América do Sul, a possibilidade de se criar metodologias inovadoras que nos permitam realmente captar as mudanças que se operam e as que vão ocorrer com relação às características da mobilidade territorial da população em um novo cenário mundial.

Maguid (1994) ressalta os censos demográficos como importantes fontes de dados para o estudo do estoque de migrantes estrangeiros. O fato de "retratar" um momento específico – uma fotografia – não permite, no entanto, que só a partir do censo o pesquisador tenha acesso a todo um movimento migratório dinâmico e complexo. Segundo o autor há ainda importantes faces desta fonte de dados:

> Quanto à cobertura, o censo a tem como principal vantagem sobre outras fontes, porque propicia resultados para agregações espaciais pequenas no interior dos países. Tem também limitações, quando dá informações do estoque de migrantes e não sobre a quantidade de migrações. Em alguns casos, pode não captar a migração ilegal. (Maguid, 1995, p.197)

Por outro lado, há uma importante vantagem: é possível apreender as mesmas características sócio-demográficas de migrantes em momentos específicos e também do restante da população brasileira, tornando compatíveis os dados de diferentes grupos.

Sala (1995, p.47) chama a atenção para outra vantagem dos censos demográficos como fontes de dados para o estudo de fluxos migratórios:

> Em relação a outras fontes de dados, como os registros de entradas e saídas de pessoas nos postos fronteiriços, os censos demográficos apresentam a vantagem da mensuração simultânea no território nacional. A sua metodologia é conhecida e o grau de sub-registro da população (sem distinção por origem migratória) pode ser estimado a partir de inquéritos pós-censitários.

Maguid (1995) também apresenta como fonte tradicional os registros de entradas e saídas, "cujas limitações quanto à qualidade e à cobertura são conhecidas na maioria dos países". Outra fonte destacada pelo autor por suas possibilidades e o potencial analítico são as pesquisas de domicílio, escassamente utilizadas para a análise da migração internacional. Hakkert (1996) também destaca as PNADs como fontes alternativas e complementares de dados para migração.

O debate mais recente sobre a utilização de fontes de dados secundários questiona as reais possibilidades de se captar um fluxo migratório por completo a partir de dados resultantes de censos demográficos (Maguid, 1995). O incremento da complexidade dos fluxos migratórios já desde meados do Século 20 e as transformações do próprio conceito de migração forçam os pesquisadores a buscar outras fontes de dados capazes de apreender de maneira mais abrangente – e sensível a essas especificidades – seus objetos de estudo, bem como refletir sobre os conceitos utilizados. Segundo Maguid (1995, p. 197)

> Por um lado, o velho conceito de migração como mudança definitiva de residência está "caduco" a esta altura, frente ao aparecimento – e reconhecimento – de outras formas de mobilidade. Há consenso entre os estudiosos em substituir esse termo migração por *mobilidade territorial da população*, para abarcar uma série de movimentos que não implicam mudança definitiva de residência. Houve, da parte de diversos autores, importantes avanços no plano conceitual, como o reconhecimento de distintas categorias de migrantes ou de pessoas que se movimentam – desde os que se mudam definitivamente até os que viajam, diária ou semanalmente, da sua residência ao local de trabalho –, ou seja, de que há um contínuo desde a imobilidade total até a mobilidade permanente, do tipo nômade, por exemplo. Entretanto, há uma grande distância entre essas definições conceituais e sua operacionalidade, no sentido de como medir ou captar, na realidade, essa diversidade da mobilidade.

O debate paralelo sobre as fontes de dados para estudos migratórios e também sobre a necessidade de discutir conceitos utilizados – tanto nas fontes como nos estudos – é reforçado por Sala (2005, p. 49), ao afirmar que "atualmente, os movimentos migratórios internacionais regionais apresentam menor duração, maior freqüência de traslados e menor presença de deslocamentos definitivos".

Como captar essas transformações através de censos demográficos? É este o principal limite para se estudar fluxos migratórios como o de bolivianos para Corumbá. Ainda que seja um fenômeno social forjado por meio século de história, o fluxo de bolivianos para Corumbá

também apresenta transformações que mudaram a face dos estudos de migração. Assim, as especificidades deste fluxo exigem uma discussão metodológica sobre a fonte de dados a ser utilizada para captar com maior precisão sua dinâmica, bem como uma discussão teórica, sobre qual – ou quais – aporte teórico utilizar para explicar um fluxo migratório tão complexo.

Este trabalho visa contribuir com esses dois debates: primeiro apresentando uma fonte de dados especificamente desenvolvida para o estudo deste fluxo migratório, as vantagens da realização de uma pesquisa desta natureza para os estudos de migração, bem como os resultados que podem preencher as lacunas deixadas pelos censos demográficos e, posteriormente, discutir aportes teóricos que dêem conta de explicar os resultados apresentados.

2. *Encuesta* Corumbá[33] : a importância de uma pesquisa de campo

Ainda que o debate teórico acerca dos estudos de migração tenha proporcionado avanços significativos para a captação e o entendimento de fluxos migratórios como um todo e não somente fixados na idéia da mudança definitiva de residência, é através do debate metodológico que esses avanços se refletem. A busca por outras fontes de dados que possam captar fluxos migratórios cada vez mais dinâmicos nada mais é do que uma das consequências deste debate teórico que tem ajustado o foco dos pesquisadores diante de um fenômeno social tão complexo como a migração. Segundo Januzzi (2000, p. 39)

> Até pouco tempo atrás, diferentemente do que ocorria nas duas grandes áreas da Demografia – Fecundidade e Mortalidade – havia uma grande lacuna na produção de dados sobre migração no país e no Estado de São Paulo, característica esta aparentemente freqüente em países do Terceiro Mundo, como sugere Bilsborrow (1996). De modo geral, não se dispunha no país de fontes de dados que permitissem avaliar mais periodicamente as tendências do fenômeno migratório e menos ainda para investigar de forma mais aprofundada seus múltiplos aspectos.

[33] O levantamento de campo realizado em Corumbá, em outubro de 2006, teve coordenação dos professores Dr. Sylvain Souchaud e Dr. Wilson Fusco. Situada num projeto mais amplo, "Espaços Migratórios e a problemática Ambiental no Mercosul" de parceria entre o Institute de Recherche pour le Développement e o Núcleo de Estudos de População/ CNPq, esta pesquisa tem o objetivo de investigar o espaço migratório na região de fronteira entre Brasil e Bolívia, contribuindo para a construção de um instrumento de análise específico para os estudos de migração.
Foi elaborado ao longo do curso de doutorado o Diagnóstico da Pesquisa de Campo realizada em Corumbá, contando com todas as frequências de todas as variáveis disponíveis no banco de dados, relativas a todos os módulos do questionário. Foi a partir da análise das 170 tabelas que compõem este documento que se selecionaram as variáveis para a construção do perfil dos bolivianos captados pela *Encuesta* Corumbá.

As reflexões de Carvalho (1996); Martine (1984) e Jannuzzi (2000) apontam os avanços teóricos nos estudos de migração ocorridos desde meados do Século 20. Compreender que a migração é um fenômeno social de implicações diversas, tanto na origem do movimento quanto no seu destino, causador de diferentes impactos, distribuídos desde esferas privadas, sobretudo nas famílias envolvidas – não somente aqueles que migraram – mas também em esferas macro, como o impacto das remessas, exige uma busca por fontes de dados que dêem conta de explicar todas essas faces.

Desta forma, as "fontes de dados tradicionais" (Maguid, 1995) muitas vezes, por sua própria concepção, periodicidade, cobertura ou definição de conceitos, não se aplicam a um fluxo migratório de características como o de bolivianos para Corumbá. Dada a sua longa história e todas as transformações observadas, e acima de tudo, por se tratar de um fluxo migratório internacional, faz-se necessário lançar mão de outros recursos metodológicos que superem as limitações dos censos demográficos.

A *Encuesta* Corumbá (ENCOR), como foi intitulada por seus coordenadores[34], é parte integrante do projeto de pesquisa "Espaços Migratórios e a problemática ambiental no Mercosul[35]". Com objetivos definidos exclusivamente em torno do espaço migratório entre Bolívia e Brasil, a pesquisa busca justamente preencher as lacunas deixadas pela própria natureza dos dados censitários. Desta forma, refletem-se em linhas gerais no objetivo da pesquisa debates metodológicos recentes sobre a captação de dados para a migração e sobre a importância de pesquisas deste porte e natureza para o avanço nos estudos migratórios.

Segundo Souchaud e Fusco (2007, p. 2)

> A Pesquisa ENCOR tem como objeto o estudo do espaço migratório entre Bolívia e Brasil. Em primeiro lugar, desejamos insistir na formação deste espaço migratório, reunindo dados sobre os domicílios de Corumbá, dos quais pelo menos um dos seus chefes tenha nascido na Bolívia. A caracterização sócio-demográfica dos membros do domicílio, condições de alojamento, de educação, de atividade, associadas aos percursos migratórios dos imigrantes, permitem reconstituir as etapas da migração boliviana em Corumbá, identificar diferentes ondas migratórias, determinar as ancoragens espaciais

[34] Prof. Dr. Sylvain Souchaud e Prof. Dr. Wilson Fusco.

[35] Este projeto de pesquisa foi iniciado em 2005, reunindo, com apoio cooperativo entre o CNPq e o Institute de Recherche pour le Développement (IRD – França), o Núcleo de Estudos de População (NEPO-UNICAMP) e o Laboratoire Population-Environnement-Développement (LPED – França), contando com os professores Dra Rosana Baeninger e Dr. Sylvain Souchaud, respectivamente, no desenvolvimento da pesquisa até julho de 2010.

> deste grupo e avaliar as mudanças sociais e familiares às quais a migração internacional contribuiu. Em seguida, quisemos estudar a migração individual perante os contextos familiares e relacionais, e determinar como, a partir de Corumbá, articulam-se eventuais redes sociais de cada lado da fronteira. Às informações sobre os domicílios imigrantes diretamente entrevistados, associamos informações indiretas sobre as migrações dos membros da família estendida (pais, filhos, irmãos) e dos amigos, e sobre a circulação dos imigrantes e as trocas que estes mantêm em ambos os lados da fronteira.

Ao construir os objetivos da pesquisa, as decisões dos coordenadores – de forma direta ou não – estão associadas a diferentes debates teórico-metodológicos nos estudos de migração das últimas décadas. Definir qual a unidade de análise, se o indivíduo ou a família (estendida ou restrita ao domicílio), a decisão por restringir a pesquisa a domicílios em que um dos responsáveis, e não um dos membros, fosse migrante, reunir variáveis que permitam caracterizações sócio-demográficas dos diferentes grupos captados, a importância de trajetórias e estratégias migratórias, bem como a captação de diferentes momentos do fluxo migratório através do tempo ("ondas migratórias"): todos esses vetores que orientaram a construção e aplicação da pesquisa de campo são fruto de avanços desses debates, e exigem um olhar atento, a fim de melhor compreender e utilizar os dados resultantes desta pesquisa.

Aragon (1984, p. 1375) já havia definido a importância do domicílio e da família nos estudos migratórios:

> A tese da migração como estratégia familiar sugere a utilização de redes familiares como fontes de coleta de informações sobre fluxos migratórios como um todo. Se é tendência que parentes acompanhem parentes no processo de migração, é lógico que as famílias se constituem como as melhores unidades para coleta de dados. Assim, é necessário desenvolver técnicas e ferramentas que substituam a obtenção de dados de indivíduos por levantamentos domiciliares sobre a mobilidade espacial dos seus familiares, possibilitando o mapeamento de redes e a identificação de fluxos totais[36].

Tomar como coletiva – sobretudo no âmbito da família – a decisão de migrar é resultado da superação de teorias que restringiam esta decisão a um cálculo racional individual. Modelos econômicos clássicos, principalmente o de forças de atração/expulsão (Ravenstein, 1885),

[36] Livre tradução da autora. "The thesis of migration as a family strategy suggests the use of kin networks as sources for gathering information about total migration flows. If the tendency for relatives is to follow relatives in the migration process, it stands to reason that families would constitute the best units for data collection. Hence, it should be possible to develop research techniques that obtain surrogate data by surveying household members about the spatial mobility of their relatives, making possible the mapping of family networks and the identification of total flows" (Aragon, 1984, p. 1375).

ocultaram fatores que influenciam a decisão de um indivíduo a entrar num fluxo migratório, desde a elaboração das primeiras teorias de migração.

Dada não apenas a tese de parentes seguirem parentes, citada por Aragon (1984), mas outros fatores como os impactos da migração em sua organização, o domicílio é a unidade de análise mais indicada no caso de coleta de dados para o estudo de fluxos migratórios. Segundo Bilac (1995, p. 69)

> Os estudos sobre migração feminina contribuíram para a crítica das teorias migratórias baseadas nos modelos econômicos clássicos, principalmente as do tipo *push-pull forces*, uma vez que os movimentos migratórios de mulheres não se explicam facilmente como sendo produtos de decisões individuais orientadas por um comportamento economicamente racional.

O reconhecimento da entrada das mulheres em fluxos migratórios forçou um avanço teórico que explicasse, além dos motivos de atração ou repulsão econômica, os fatores que levavam mulheres a migrar. As teorias econômicas clássicas não se encaixam neste fenômeno desde o princípio, já que muitas dessas mulheres migrantes nunca trabalharam em seus países de origem (Morokvasic, 2005).

Junto com este reconhecimento (já que não se trata de um fenômeno novo, uma vez que "é preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram", Morokvasic, 2003) surge também a necessidade de compreender por que migram essas mulheres. Estender o olhar à família e às relações de gênero ao longo do projeto migratório iluminou os estudos de migração no sentido "reivindicar transformações radicais nos próprios postulados teóricos sobre as migrações" (Bilac, 1995).

A utilização do domicílio e da família como unidades de análise nos estudos de migração não apenas incorpora as mulheres ao fenômeno, mas também expande o leque de explicações para um determinado fluxo migratório.

> As famílias funcionam como unidades de sustentação dos processos migratórios: o padrão, a motivação e as estratégias migratórias são influenciados pelo nível de recursos das residências, pela estrutura de sexo e idade da família, pelos estágios do ciclo de vida familiar (Bilac, 1995, p. 71).

Pessar (2000) propõe ainda uma ligação entre os domicílios e demais estruturas de um fluxo migratório, como o mercado de trabalho. Segundo a autora, o status de um domicílio e

seus recursos influenciam o projeto migratório desde o seu planejamento e sofrem também os impactos desta migração. A transformação dos papéis de gênero ao longo da migração – dada principalmente à entrada das mulheres do domicílio no mercado de trabalho da sociedade de destino –, mudanças nas formas de organização doméstica e ainda controle diferenciado do orçamento são alguns dos impactos sofridos nos domicílios ao longo do projeto migratório.

Captar um fenômeno social complexo como a migração, com diversas faces mutantes de acordo com o contexto em que está inserido, requer que se abra um leque maior de possibilidades de observação e exploração, a fim de compreender suas nuances e dinâmicas. Desta forma, um indivíduo não poderia fornecer as informações necessárias para a composição deste cenário tão rico e tão complexo. A *Encuesta* Corumbá conta, portanto, com a aplicação de questionários em 215 domicílios, reunindo informações sobre 968 pessoas.

O critério utilizado para selecionar os domicílios a serem entrevistados foi, segundo Souchaud e Fusco (2007), a presença de pelo menos um dos chefes boliviano. Pessar (2000) ressalta a importância das relações com responsáveis de domicílio e de família no estudo das migrações. Segundo a autora, é o responsável quem poderá fornecer informações fundamentais, como sobre tomada de decisões, geração de renda, controle do orçamento doméstico, divisão de tarefas e impressões sobre papéis de gênero. A *Encuesta* Corumbá captou, nos 215 domicílios entrevistados, 134 mulheres e 73 homens responsáveis por domicílios, todos bolivianos[37].

Uma vez que são captados na *Encuesta* Corumbá diferentes grupos e não apenas migrantes bolivianos – desta forma o questionário reuniria dados apenas dos responsáveis e não de todos os integrantes dos domicílios – Souchaud e Fusco (2007) optaram por agregar variáveis que pudessem fornecer um contexto sócio-demográfico destes diferentes grupos: "condições de alojamento, de educação, de atividade", entre outras.

São diversas as variáveis que podem compor um cenário sócio-demográfico de um determinado grupo. Além de dados básicos sobre as condições de infra-estrutura dos domicílios, bem como **sexo**[38], **idade** e **lugar de nascimento** de todos os residentes, no caso de uma

[37] Somados homens e mulheres, tem-se 207 responsáveis por domicílios bolivianos. Entre os 8 restantes, 7 são brasileiros e 1 é peruano, todos homens. Entre os brasileiros, apenas 1 cumpre o critério de seleção para a pesquisa, pois é cônjuge de mulher boliviana responsável pela família. Os outros 6 declaram-se como responsáveis de família e de domicílio. O chefe de domicílio peruano também se declarou como chefe de família.

[38] Em destaque as variáveis que se encontram no banco de dados resultante da *Encuesta* Corumbá e que serão utilizadas neste capítulo.

pesquisa realizada exclusivamente para o estudo de um espaço migratório, algumas esferas de variáveis não podem deixar de serem abordadas.

Em função de todos os residentes nos domicílios entrevistados, a *Encuesta* Corumbá levantou dados sobre a relação com **chefes de domicílio** e **família**, **status conjugal**, **nível de educação atingido**, **número de anos de estudo**, **ocupação**, **setor de atividade**, **condições de emprego**, renda, **línguas nativas** e detalhamento do lugar de nascimento (**Município**, **Estado**, **Departamento**, **Província**, **País**). É através destas variáveis que se organizou a construção de um perfil sócio-demográfico da amostra, com o objetivo de apresentar as principais características do grupo captado pela *Encuesta* Corumbá, bem como de fundamentar teoricamente as resultantes deste perfil, que compõe o próximo item deste capítulo. Aplicado em espanhol a fim de facilitar a comunicação com os migrantes bolivianos, estes são o primeiro e segundo de um total de oito módulos do questionário da *Encuesta* Corumbá:

ENCUESTA MIGRACION

CORUMBA, Octubre 2006

UNICAMP — IRD Institut de recherche pour le développement — Embaixada da França no Brasil — CNPq

N° Cuestionario

EVALUACION ENTREVISTA (por el encuestador)

Nombre del encuestador : .....

Número de fichas individuales en total :

Fecha de realización 1 0 0 6

Firma :

Observaciones

Bairro 1-20 Dirección

MODULO 1 - VIVIENDA

Observación directa

1. Material de construcción más utilizado en las paredes de esta vivienda :
adobe (1) ladrillo (2) adobe y ladrillo (3) piedra (4) hormigón (5) madera (6) otro (7)

2. Material más utilizado en el techo de esta vivienda :
calamina (1) teja (2) losa (3) paja (4) otro (5)

3. ¿ La vivienda que ocupan es... propia (1) alquilada (2) cedida por servicio (3) otro (4)

4. ¿ Cuántas habitaciones ocupa su vivienda, sin contar cuarto de baño y cocina ?

5. ¿ Como se distribuye el agua para cocinar y beber ? por cañería dentro de la vivienda (1) por cañería fuera de la vivienda, pero dentro del lote o terreno (2) no se distribuye por cañería (3)

6. ¿ Tiene electricidad ? sí (1) no (2)

7. ¿ Ducha con agua caliente ? si (1) no (2)

8. Principalmente, ¿ qué tipo de combustible o energía utilizan para cocinar ?
gas de garrafa (1) leña y gas de garrafa (2) leña (3) electricidad (4) otro (5)

9. ¿ Ustedes tienen... (múltiple y cantidad)
bicicleta ? ____ motocicleta ? ____ vehículo automotor ? ____ carreta con animal ? ____
radio ? ____ refrigerador ? ____ televisor ? ____ teléfono ? ____ celular ? ____

Cuest. Barrio | 1 2 3 4 5 6 7 8 | bici moto auto carr rad refr tv tel cel (9) | 10 11 12 13

Códigos de Barrios

01. Arthur Marinho
02. Generoso
03. Cervejaria
04. Beira-Rio
05. Centro
06. Universitário
07. Maria Leite
08. Centro-América
09. Nossa Senhora de Fátima
10. Popular Velha
11. Aeroporto
12. Popular Nova
13. Cristo Redentor
14. Previsul
15. Industrial
16. Jardim dos Estados
17. Guarani
18. Nova Corumbá
19. Guatós
20. Dom Bosco

N° Cuestionario

Lista de los residentes habituales en la fecha

N°de Orden	N° de la Familia	Nombre	Edad
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			

Nombre del Entrevistado ..... N° de orden del entrevistado

10. N° total de Familias
11. N° total de Personas
12. N° Total de Hombres
13. N° Total de Mujeres

MODULO 2 : CARACTERIZACION DE LOS RESIDENTES HABITUALES DE LA VIVIENDA

Se aplica a los jefes de la vivienda nacidos en Bolivia

N° Cuestionario

							educación				Trabajo principal					Lugar de Nacimiento					
N° de orden	N° de familia	Relación con jefe/a de la vivienda	Relación con jefe/a de familia	sexo	edad	estado conyugal	mes y año de unión/separación	nivel de educación atingido	N° de años de estudio	asistencia escolar	código trabajo no llenar	estatus	trabajo principal	rama	cartera de trabajo	renda/mes	lenguas nativas	código lugar no llenar	Localidad o Municipio de nacimiento	urbano/rural	Provincia	Depart. o UF	País
1							/																
2							/																
3							/																
4							/																
5							/																
6							/																
7							/																
8							/																
9							/																
10							/																
11							/																
12							/																
13							/																
14							/																
15							/																
16							/																

Relación con jefe/a de Vivienda o Familia
01- Persona responsable (jefe/a)
02- Esposo(a) o conviviente
03- Hijo(a), entenado(a)
04- Padre, Madre, Suegro(a)
05- Nieto(a), bisnieto(a)
06- Hermano(a)
07- Yerno/nuera
08- Otro pariente
09- Agregado(a)
10- Pensionista
11- Empleado(a) doméstico(a)
12- Pariente del(a) empleado(a) doméstico(a)
13- No pariente

Sexo
1- Masculino
2- Femenino

Estado conyugal
1- Soltero/a
2- Casado/a
3- Unido/a
4- Separado/a
5- Viudo/a
8- NS
9- NSA

Educación
Sistema brasileiro
01- Educação infantil (pré-escola)
02- Ensino fundamental (1° grau)
03- Ensino médio (2° grau)

Sistema boliviano antiguo
11- Primaria antigua
12- Secundaria antigua
Sistema boliviano anterior
21- Básico
22- Intermediario
23- Medio

Sistema boliviano actual
31- Primaria actual
32- Secundaria actual

Ambos sistemas
41- Universitario incompletado
42- Universitario completado
51- No asistió

88- NS
99- NSA

Asistencia escolar
1- Si, sistema público
2- Si, sistema privado
3- No, porque no hay vacante
4- No, porque trabaja
5- No, porque no es permitido
8- NS
9- NSA

Estatus
1- Empleado(a)
2- Autónomo(a) – por cuenta propia
3- Empleador(a)
4- Profesional universitario autónomo
5- Dueño(a) de negocio familiar
6- Trabajador(a) en negocio familiar
7- Presta servicio militar obligatorio o religioso asistencial
8- NS
9- NSA

Trabajo principal
1- Jubilado(a)
2- Estudiante
3- Desocupado(a)
4- Ama de casa
5- Vive de renda
6- Inactivo(a)
7- Menor de 10 años
8- NS
9- NSA

Rama
1- Industria
2- Comercio
3- Prestación de servicios
4- Agricultura/ Ganadería
5- Construcción civil
6- Público
7- ONG
8- NS
9- NSA

Cartera de trabajo
1- Si
2- no, porque es funcionario público
3- no, por otro motivo
8- NS
9- NSA

Renda
1- Hasta R$ 350
2- de R$ 351 a 1050
3- de R$ 1051 a 1750
4- de R$ 1751 a 3500
5- más de R$ 3501
8- NS
9- NSA

Lenguas nativas
1- Quechua
2- Aymara
3- Guaraní
4- Otras nativas
8- NS
9- NSA

Urbano/rural
1- Urbano
2- Rural
8- NS

Departamentos Bolivia
1- Santa Cruz
2- Cochabamba
3- La Paz
4- Oruro
5- Potosí
6- Beni
7- Pando
8- Chuquisaca
9- Tarija
88- NS

País
1- Bolivia
2- Brasil
3- Argentina
4- España
5- Estados-Unidos
6- Chile
7- Perú
8- Otro América latina
9- Otro resto del Mundo

Os módulos 3, 4, 5 e 6 a seguir referem-se à família estendida não residente no domicílio entrevistado: pais, filhos, irmãos e outros parentes bolivianos, sempre em relação aos responsáveis. Cada módulo contem informações de sexo, idade, anos de estudo, trabalho principal, setor de atividade, condição de emprego, línguas nativas, lugar de residência habitual e lugar de nascimento.

De acordo com Singer (1975), a principal unidade atuante de processos migratórios não é relacionada ao indivíduo, mas ao coletivo. Os impactos desses fenômenos, portanto, não podem ser verificados apenas através da inserção individual de um migrante em seu local de destino, mas sim em todo o coletivo atuante ao longo do processo migratório. A coleta de dados indiretos, sobre parentes não residentes no domicílio entrevistado amplia as possibilidades de verificação não somente de impactos da própria migração, mas também capta a existência de redes direcionadas por diferentes vetores – em direção a migrantes residentes no mesmo local de destino, ou em direção à família que permaneceu na origem ou ainda, em direção a outros grupos de migrantes em outros locais de destino.

MODULO 3 : PADRES QUE NO VIVEN HABITUALMENTE EN LA VIVIENDA *Se aplica a los jefes de la vivienda nacidos en Bolivia*

N° Cuestionario

Nombre	N° de orden	sexo	mes y año de fallecimiento	edad	educación: N° de años de estudio	educación: código trabajo no llenar	Trabajo principal: estatus	Trabajo principal: trabajo principal	Trabajo principal: rama	Trabajo principal: cartera de trabajo	Trabajo principal: lenguas nativas	Trabajo principal: código lugar no llenar	Lugar de Residencia habitual: Localidad o Municipio de residencia habitual	Lugar de Residencia habitual: urbano/rural	Lugar de Residencia habitual: Provincia	Lugar de Residencia habitual: Depart. o UF	Lugar de Residencia habitual: País	Lugar de Residencia habitual: código lugar no llenar	Lugar de Nacimiento: Localidad o Municipio de nacimiento	Lugar de Nacimiento: urbano/rural	Lugar de Nacimiento: Provincia	Lugar de Nacimiento: Depart. o UF	Lugar de Nacimiento: País
Padre del jefe	101		/																				
Madre del jefe	102		/																				
Padre de la jefa	103		/																				
Madre de la jefa	104		/																				

Sexo
1- Masculino
2- Femenino

Estatus
1- Empleado(a)
2- Autónomo(a) – por cuenta propia
3- Empleador(a)
4- Profesional universitario autónomo
5- Dueño(a) de negocio familiar
6- Trabajador(a) en negocio familiar
7- Presta servicio militar obligatorio o religioso asistencial
8- NS
9- NSA

Trabajo principal
1- Jubilado(a)
2- Estudiante
3- Desocupado(a)
4- Ama de casa
5- Vive de renda
6- Inactivo(a)
7- Menor de 10 años
8- NS
9- NSA

Rama
1- Industria
2- Comercio
3- Prestación de servicios
4- Agricultura/ Ganadería
5- Construcción civil
6- Público
7- ONG
8- NS
9- NSA

Cartera de trabajo
1- Sí
2- no, porque es funcionario público
3- no, por otro motivo
8- NS
9- NSA

Lenguas nativas
1- Quechua
2- Aymara
3- Guaraní
4- Otras nativas
8- NS
9- NSA

Urbano/rural
1- Urbano
2- Rural
8- NS

Departamentos Bolivia
1- Santa Cruz
2- Cochabamba
3- La Paz
4- Oruro
5- Potosí
6- Beni
7- Pando
8- Chuquisaca
9- Tarija
88- NS

País
1- Bolivia
2- Brasil
3- Argentina
4- España
5- Estados-Unidos
6- Chile
7- Perú
8- Otro América latina
9- Otro resto del Mundo

MODULO 4 : HIJOS QUE NO VIVEN HABITUALMENTE EN LA VIVIENDA *Se aplica a los jefes de la vivienda nacidos en Bolivia*

N° Cuestionario

Nombre	N° de orden	sexo	mes y año en que salió de la vivienda	edad	educación: N° de años de estudio	educación: código trabajo no llenar	Trabajo principal: estatus	Trabajo principal: trabajo principal	Trabajo principal: rama	Trabajo principal: cartera de trabajo	Trabajo principal: lenguas nativas	Trabajo principal: código lugar no llenar	Lugar de Residencia habitual: Localidad o Municipio de residencia habitual	Lugar de Residencia habitual: urbano/rural	Lugar de Residencia habitual: Provincia	Lugar de Residencia habitual: Depart. o UF	Lugar de Residencia habitual: País	Lugar de Residencia habitual: código lugar no llenar	Lugar de Nacimiento: Localidad o Municipio de nacimiento	Lugar de Nacimiento: urbano/rural	Lugar de Nacimiento: Provincia	Lugar de Nacimiento: Depart. o UF	Lugar de Nacimiento: País
	201		/																				
	202		/																				
	203		/																				
	204		/																				
	205		/																				
	206		/																				

Sexo
1- Masculino
2- Femenino

Estatus
1- Empleado(a)
2- Autónomo(a) – por cuenta propia
3- Empleador(a)
4- Profesional universitario autónomo
5- Dueño(a) de negocio familiar
6- Trabajador(a) en negocio familiar
7- Presta servicio militar obligatorio o religioso asistencial
8- NS
9- NSA

Trabajo principal
1- Jubilado(a)
2- Estudiante
3- Desocupado(a)
4- Ama de casa
5- Vive de renda
6- Inactivo(a)
7- Menor de 10 años
8- NS
9- NSA

Rama
1- Industria
2- Comercio
3- Prestación de servicios
4- Agricultura/ Ganadería
5- Construcción civil
6- Público
7- ONG
8- NS
9- NSA

Cartera de trabajo
1- Sí
2- no, porque es funcionario público
3- no, por otro motivo
8- NS
9- NSA

Lenguas nativas
1- Quechua
2- Aymara
3- Guaraní
4- Otras nativas
8- NS
9- NSA

Urbano/rural
1- Urbano
2- Rural
8- NS

Departamentos Bolivia
1- Santa Cruz
2- Cochabamba
3- La Paz
4- Oruro
5- Potosí
6- Beni
7- Pando
8- Chuquisaca
9- Tarija
88- NS

País
1- Bolivia
2- Brasil
3- Argentina
4- España
5- Estados-Unidos
6- Chile
7- Perú
8- Otro América latina
9- Otro resto del Mundo

MODULO 5 : HERMANOS QUE NO VIVEN HABITUALMENTE EN EN LA VIVIENDA *Se aplica a los jefes de la vivienda nacidos en Bolivia* **N° Cuestionario**

				educación		Trabajo principal					Lugar de Residencia habitual						Lugar de Nacimiento					
Nombre	N° de orden	sexo	edad	N° de años de estudio	código trabajo no llenar	estatus	trabajo principal	rama	cartera de trabajo	lenguas nativas	código lugar no llenar	Localidad o Municipio de residencia habitual	urbano/rural	Provincia	Depart. o UF	País	código lugar no llenar	Localidad o Municipio de nacimiento	urbano/rural	Provincia	Depart. o UF	País
Hermano/a del jefe	301																					
Hermano/a del jefe	302																					
Hermano/a del jefe	303																					
Hermano/a de la jefa	304																					
Hermano/a de la jefa	305																					
Hermano/a de la jefa	306																					

Sexo
1- Masculino
2- Femenino

Estatus
1- Empleado(a)
2- Autónomo(a) – por cuenta propia
3- Empleador(a)
4- Profesional universitario autónomo
5- Dueño(a) de negocio familiar
6- Trabajador(a) en negocio familiar
7- Presta servicio militar obligatorio o religioso asistencial
8- NS
9- NSA

Trabajo principal
1- Jubilado(a)
2- Estudiante
3- Desocupado(a)
4- Ama de casa
5- Vive de renda
6- Inactivo(a)
7- Menor de 10 años
8- NS
9- NSA

Rama
1- Industria
2- Comercio
3- Prestación de servicios
4- Agricultura/ Ganaderia
5- Construcción civil
6- Público
7- ONG
8- NS
9- NSA

Cartera de trabajo
1- Si
2- no, porque es funcionario público
3- no, por otro motivo
8- NS
9- NSA

Lenguas nativas
1- Quechua
2- Aymara
3- Guaraní
4- Otras nativas
8- NS
9- NSA

Urbano/rural
1- Urbano
2- Rural
8- NS

Departamentos Bolivia
1- Santa Cruz
2- Cochabamba
3- La Paz
4- Oruro
5- Potosí
6- Beni
7- Pando
8- Chuquisaca
9- Tarija
88- NS

País
1- Bolivia
2- Brasil
3- Argentina
4- España
5- Estados-Unidos
6- Chile
7- Perú
8- Otro América latina
9- Otro resto del Mundo

MODULO 6 : PARIENTES NACIDOS EN BOLIVIA, MAYORES DE EDAD, QUE VIVEN EN BRASIL *Se aplica a los jefes de la vivienda nacidos en Bolivia* **N° Cuestionario**

						Trabajo principal					Lugar de Residencia habitual			
Nombre	N° de orden	relación con la persona de referencia	sexo	edad	código trabajo no llenar	estatus	trabajo principal	rama	cartera de tabajo	lenguas nativas	código lugar no llenar	Municipio de de residencia habitual	urbano/rural	UF	Usted lo visita ? N° de veces / año
Pariente del jefe	401														
Pariente del jefe	402														
Pariente del jefe	403														
Pariente de la jefa	404														
Pariente de la jefa	405														
Pariente de la jefa	406														

Relación con jefe/a de Vivienda
01- Esposo(a) conviviente
02- Nieto(a), bisnieto(a)
03- Primo(a)
04- Yerno/nuera
05- Cuñado(a)
06- Padrino(a)
07- Ahijado (a)
08- Ex-esposo(a)
09- Otro

Sexo
1- Masculino
2- Femenino

Estatus
1- Empleado(a)
2- Autónomo(a) – por cuenta propia
3- Empleador(a)
4- Profesional universitario autónomo
5- Dueño(a) de negocio familiar
6- Trabajador(a) en negocio familiar
7- Presta servicio militar obligatorio o religioso asistencial
8- NS
9- NSA

Trabajo principal
1- Jubilado(a)
2- Estudiante
3- Desocupado(a)
4- Ama de casa
5- Vive de renda
6- Inactivo(a)
7- Menor de 10 años
8- NS
9- NSA

Rama
1- Industria
2- Comercio
3- Prestación de servicios
4- Agricultura/ Ganaderia
5- Construcción civil
6- Público
7- ONG
8- NS
9- NSA

Cartera de trabajo
1- Si
2- no, porque es funcionario público
3- no, por otro motivo
8- NS
9- NSA

Lenguas nativas
1- Quechua
2- Aymara
3- Guaraní
4- Otras nativas
8- NS
9- NSA

Urbano/rural
1- Urbano
2- Rural
8- NS

Por fim, os últimos módulos do questionário da *Encuesta* Corumbá captam informações exclusivas sobre os migrantes bolivianos. Cada migrante teve preenchida uma ficha individual com as informações a seguir:

MODULO 7 : FICHA INDIVIDUAL, MIGRACION DE LOS RESIDENTES HABITUALES

Se aplica a todos los nacidos en Bolivia

N° Cuestionario ⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋

Nombre del entrevistado: _____ N° de orden: ⌊_⌋⌊_⌋

Nombre del migrante: _____ N° de orden: ⌊_⌋⌊_⌋

En toda su vida, ha vivido en otra parte por lo menos 6 meses continuos ?

		Lugar de Migración								Trabajo principal				Trabajo antes de salir			
migración	código lugar no llenar	Localidad o Municipio de residencia	urbano/rural	Provincia	Depart. o UF	País	mes y año de llegada	mes y año de Salida	código trabajo no llenar	estatus	trabajo principal	rama	cartera de trabajo	código trabajo no llenar	estatus	trabajo antes de salir	rama	cartera de trabajo
1	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋	Corumbá	1		MS	2	/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
2	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
3	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
4	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
5	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
6	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
7	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
8	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
9	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				
10	⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋						/	/	⌊_⌋⌊_⌋					⌊_⌋⌊_⌋				

Estatus
1- Empleado(a)
2- Autónomo(a) – por cuenta propia
3- Empleador(a)
4- Profesional universitario autónomo
5- Dueño(a) de negocio familiar
6- Trabajador(a) en negocio familiar
7- Presta servicio militar obligatorio o religioso asistencial
8- NS
9- NSA

Trabajo
1- Jubilado(a)
2- Estudiante
3- Desocupado(a)
4- Ama de casa
5- Vive de renda
6- Inactivo(a)
7- Menor de 10 años
8- NS
9- NSA

Rama
1- Industria
2- Comercio
3- Prestación de servicios
4- Agricultura/ Ganadería
5- Construcción civil
6- Público
7- ONG
8- NS
9- NSA

Cartera de trabajo
1- Sí
2- no, porque es funcionario público
3- no, por otro motivo
8- NS
9- NSA

Urbano/rural
1- Urbano
2- Rural
8- NS

Departamentos Bolivia
1- Santa Cruz
2- Cochabamba
3- La Paz
4- Oruro
5- Potosí
6- Beni
7- Pando
8- Chuquisaca
9- Tarija
88- NS

Pais
1- Bolivia
2- Brasil
3- Argentina
4- España
5- Estados-Unidos
6- Chile
7- Perú
8- Otro América latina
9- Otro resto del Mundo

MODULO 8 : FICHA INDIVIDUAL, MIGRACION DE LOS RESIDENTES HABITUALES

Se aplica a los mayores de edad nacidos en Bolivia

N° Cuestionario ⌊_⌋⌊_⌋⌊_⌋

Nombre del entrevistado: _____ N° de orden: ⌊_⌋⌊_⌋

Nombre del migrante: _____ N° de orden: ⌊_⌋⌊_⌋

La primera vez que se instaló en Brasil, aquí o en otra parte de Brasil,...

	Solo(a)/Nadie	Esposo(a)	Hijo(a)	Padre	Madre	Hermano	Hermana	Tio(a)	Primo(a)	Sobrino(a)	Yerno/Nuera	Nieto(a)	Abuelo(a)	Padrino	Madrina	Otro pariente	Novio(a)	Amigo(a)	Paisano(a)	Empresa	Agencia de viaje	NO SABE
1. Con quién viajó (2 principales) ?																						
2. Migró para vivir con quién (2 principales) ?																						
3. Cómo consiguió recursos (2 principales) ?																						
4. Al llegar, quién le dió o le ayudó para el hospedaje (2 principales) ?																						
5. Al llegar, quién le ayudó para encontrar el primer empleo (2 principales) ?																						
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	88

6. Viajó a Bolivia en los últimos 3 años ?
1 ☐ Sí, pase a la pregunta 7
2 ☐ No, pase a la pregunta 9

7. Cuántas veces al año ? ⌊_⌋⌊_⌋

8. A qué lugar principalmente ?
Localidad: _____
Provincia: _____
Departamento: _____

9. Tiene amigo(a) Boliviano(a) en Brasil ?
1 ☐ Sí, pase a la pregunta 10
2 ☐ 2. No, pase a la pregunta 11

10. Dónde (hasta 3 respuestas posibles) ?
☐ São Paulo
☐ Rio de Janeiro
☐ Guajará Mirim
☐ Campo Grande
☐ Otro, especificar: _____

11. Tiene propiedad a su nombre, afuera de Corumbá (respuesta múltiple y cantidad) ?

	en Bolivia	en Brasil
Terreno urbano	1 ☐	5 ☐
Tierra rural	2 ☐	6 ☐
Casa	3 ☐	7 ☐
Departamento	4 ☐	8 ☐
No sabe	☐ 88	

12. Envía dinero a Bolivia (respuesta múltiple) ?
1 ☐ No envía
2 ☐ Sí, para mantener la familia
3 ☐ Sí, para comprar casa
4 ☐ Sí, para montar un negocio
5 ☐ Sí, para pagar deudas
6 ☐ Otro: _____
8 ☐ No Sabe

13. Tuvo necesidad de acudir a un servicio médico acá en Courmbá, en los últimos 2 años (respuesta única)?
1 ☐ 1. No tuvo necesidad
2 ☐ 2. Sí, en una estructura pública
3 ☐ 3. Sí, en una estrctura privad
4 ☐ 4. Sí, pero no tuvo acceso
8 ☐ 8. No sabe

1 2 3 4 5	6 7 8	9 10.1 10.2 10.3	1 2 3 4 5 6 7 8	12	13

A ficha individual, o mais complexo dos módulos, é o que reúne as informações chave sobre os migrantes. O primeiro quadro do módulo, que já se apresenta com o primeiro campo de lugar de residência preenchido, exigiu dos migrantes um esforço para recomposição de suas trajetórias migratórias. Desta forma, partindo do atual lugar de residência – Corumbá, onde foram entrevistados – os migrantes bolivianos deveriam detalhar seu último lugar de residência e assim por diante. Em cada uma das **etapas migratórias**, preenchiam-se ainda detalhes sobre a **data de chegada**, **de saída**, a **ocupação principal exercida na ocasião** e ainda a **última ocupação exercida** antes de deixar esta etapa.

Este esforço de memória dos migrantes é o que compõe um dos dados mais ricos desta pesquisa: a reconstrução de **trajetórias migratórias**, partindo de Corumbá até o lugar de origem na Bolívia, sempre relacionando etapas migratórias à esfera ocupacional. Desta forma, pode-se captar o caminho percorrido por cada um dos bolivianos entrevistados na *Encuesta* e não somente mapear suas trajetórias, mas sim ter a dimensão total de um fluxo migratório tão complexo. Outras pesquisas, como os censos demográficos, captam apenas o país de nascimento de migrantes internacionais e certamente não poderiam fornecer um panorama total de todos os caminhos percorridos até a chegada ao lugar de destino.

Por fim, o último módulo capta, de todos os migrantes, a rede de apoio utilizada em seu projeto migratório: **companhia para migrar**, **captação de recursos**, **obtenção de hospedagem** e **emprego**. Há ainda informações sobre amigos bolivianos residentes no Brasil, **remessas**, **viagens à Bolívia**, **bens constituídos no Brasil e/ou na Bolívia**.

Associados os dados coletados pela *Encuesta* Corumbá é que foi possível, através desta pesquisa, segundo Souchaud e Fusco (2007)

> Identificar, delimitar no tempo e no espaço e caracterizar demograficamente as diferentes ondas migratórias que compõem hoje a comunidade boliviana de Corumbá; situar a imigração boliviana em Corumbá no processo de redistribuição da população que conheceu a Bolívia nestes últimos 50 anos; confrontar as migrações individuais às geografias migratórias familiares e relacionais; verificar, para além da existência eventual de uma "tradição migratória familiar", se correntes migratórias estão em exercício ou em formação.

A proposição inicial deste item era justamente ressaltar a importância de pesquisas de natureza como a da *Encuesta* Corumbá para os estudos de migração. Com o amplo leque de

variáveis apresentado e ainda as possibilidades de associações de dados da pesquisa de campo àqueles de "fontes tradicionais" (Maguid, 1995).

Ressalta-se ainda a importância desta pesquisa de campo e de sua metodologia especificamente para o estudo da migração feminina. Ainda que não tenha sido construída para fins específicos de estudo de relações de gênero, a *Encuesta* Corumbá oferece informações fundamentais para este tipo de estudo, sobretudo relacionadas a transformações no domicílio e também à trajetória ocupacional das mulheres migrantes. O cruzamento de informações sobre as mulheres permite ainda que se avance na investigação sobre o ciclo de vida dessas mulheres e suas relações com as diversas etapas migratórias percorridas.

É claro que uma pesquisa de campo deste porte, específica sobre migração, só é possível no âmbito de um projeto mais amplo, com diferentes objetivos a serem atingidos, abrindo margem a diferentes perspectivas e linhas de pesquisa para que se possa esgotar as possibilidades de uma base de dados tão rica e complexa. Este trabalho se propõe, portanto, ao estudo da presença feminina boliviana em Corumbá, suas especificidades ao longo de todo o projeto migratório, desde a saída do lugar de nascimento na Bolívia. Para tanto, além dos dados da *Encuesta* Corumbá, foi realizada ainda uma segunda pesquisa de campo[39], para a realização de entrevistas qualitativas com mulheres bolivianas. Reúne-se um total de 20 entrevistas, num conjunto formado por mulheres que participaram ou não da *Encuesta* Corumbá, a fim de captar diferentes grupos de bolivianas dentro da própria cidade, em diferentes bairros e exercendo diferentes ocupações.

Os resultados associados das duas pesquisas de campo constituem o capítulo quarto deste trabalho, que explora exclusivamente a migração feminina, através de debate teórico nacional e internacional sobre mulheres migrantes, suas implicações nos fluxos migratórios em que se inserem, bem como em suas famílias e domicílios. Verbalizações captadas na segunda pesquisa de campo estão ancoradas neste debate, a fim de fundamentar teoricamente as especificidades da presença feminina boliviana em Corumbá.

[39] Pesquisa de Campo realizada em novembro de 2008, com recursos CNPq-NEPO/ UNICAMP.

2.1 Mulheres bolivianas e *Encuesta* Corumbá: a busca pelas especificidades da migração feminina

A *Encuesta* Corumbá, no âmbito do projeto mais amplo em que está inserida, bem como dos objetivos traçados por seus coordenadores apresenta como resultante principal um banco de dados permissivo de diferentes perspectivas de análise e olhares sobre o fenômeno da presença boliviana em Corumbá. A natureza desta pesquisa, programada para possibilitar estudos sobre migração na região, expande as possibilidades de análise e aprofunda o conhecimento sobre o fenômeno em diferentes sentidos, representados por diferentes linhas de pesquisa envolvidas no projeto em que está ancorada.

O objetivo principal deste trabalho é estudar a migração feminina boliviana para Corumbá. Desta forma, a questão "de que maneira se articulam a migração de mulheres bolivianas e seus condicionantes e que tipo de impactos e especificidades se observam deste fenômeno?" se faz central.

Em resposta à metáfora utilizada por de Piore (1979)[40], Morokvasic (1984) insiste na máxima *Birds of Passage are also women*. Foi apenas a partir de meados dos anos 1980 que relações de gênero passaram a serem incorporadas a estudos de migração de uma maneira sistemática, preocupada com novas definições de conceitos, novas metodologias e reflexões teóricas. O movimento feminista teve um papel importante ao pressionar a academia no sentido de desconstruir o estereótipo do migrante como indivíduo do sexo masculino. Esta primeira mudança – o reconhecimento das mulheres também como protagonistas de fenômenos migratórios – teve uma série de implicações posteriores, até a incorporação das relações de gênero nos estudos de migração. Segundo Boyd e Grieco (2003, p. 26)

> Pesquisas nas décadas de 1970 e 1980 começaram a incluir as mulheres, mas sem causar uma dramática transformação nas análises sobre quem migra, nas explicações de fenômenos imigratórios e suas prováveis consequências. O avanço nas teorias feministas ao longo das décadas de 1980 e 1990 contribuiu de forma mais efetiva para o ajuste do foco nas relações de gênero e menos nas decisões individuais de homens e mulheres. O mais importante, no

[40] Piore, M.J. Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies. Cambridge. Cambridge University Press, 1979.

> entanto, é a perspectiva de que o sexo é biologicamente definido, enquanto que o gênero é "socialmente construído" [41].

Uma das implicações primeiras das pressões do movimento feminista foi a incorporação da variável "sexo" nos estudos migratórios. A figura do migrante como adulto do sexo masculino é diluída e incrementada com o reconhecimento das mulheres em fluxos migratórios. Segundo Catarino e Morokvasic (2005, p. 18)

> Por um longo tempo o gênero foi ignorado e o neutro masculino considerado suficientemente legítimo para representar todos os migrantes. Remover as mulheres da invisibilidade tornou-se o objetivo principal de todos aqueles que queriam romper com a imagem de uma migração em que só os homens podiam ser protagonistas e em que as mulheres permaneciam em casa ou submetidas à migração[42].

Esta primeira mudança de perspectiva frente a fluxos migratórios foi fundamental, mas não suficiente para responder questões como por que um determinado fluxo migratório é predominantemente feminino, ou ainda, que diferentes motivações e estratégias se observam entre homens e mulheres ao longo do projeto migratório e quais os diferentes impactos sofridos e causados por esses migrantes em lugares de origem e destino.

Outros avanços nas teorias de migração proporcionaram a incorporação das relações de gênero às análises: a tomada do domicílio e da família como unidades de análise de primeira importância (Bilac, 1995) transpôs de maneira efetiva o foco do migrante individual para o coletivo responsável pela tomada de decisões frente a um projeto migratório. A partir destes avanços – a retirada das mulheres da "invisibilidade" em fenômenos migratórios e a incorporação de domicílios e famílias como unidades de análise nas pesquisas – as relações de gênero que permeiam essas instâncias passaram a item de primeira importância na agenda de pesquisas sobre fluxos migratórios.

Segundo Castro (2006, p. 65)

---

[41] Tradução livre da autora. *Research in the 1970s and the 1980s began to include women, but did not cause a dramatic shift in thinking about who migrate, how immigration was explained, or the likely consequences. Ongoing developments in feminist theory throughout the 1980s and 1990s further contributed to a focus on gender, rather than one based on individual decisions of men and women. Most important is the view that while sex is defined as a biological outcome of chromosomal structures, gender is "socially constructed".*

[42] Tradução livre da autora. *Pendant longtemps le genre fut ignoré, le neutre au masculin fut considéré comme suffisamment légitime pour representer tous les migrants. Sortir les femmes de l´invisibilité devint l´objectif premier de celles et ceux qui souhaitaient rompre avec l´image d´une migration où seuls des hommes pouvaient être protagonistes, les femmes, elles, restaient au pays ou suivaient, subissant la migration.*

> Esta abordagem, para além da apresentação da migração feminina, trata das motivações e dos incentivos para migrar, as potencialidades das mulheres para fazê-lo, seu papel em tomadas de decisões, os padrões e tipos de migração, que envolvem também subordinação e autonomia. Também trouxe para o primeiro plano acadêmico questões como o controle diferencial dos recursos materiais e simbólicos, o grau de autonomia nas esferas doméstica e extradoméstica, a liberdade para tomada de decisões e participação social e política, bem como as mudanças e continuidades que podem ser geradas nas relações de gênero em uma situação migratória[43].

De acordo com Castro (2006), a incorporação das relações de gênero às análises não apenas tira as mulheres da invisibilidade, mas também avança no sentido de explorar outras questões frente ao fenômeno migratório apenas possível através desta abordagem. Diferentes contextos sociais, econômicos, históricos, culturais, étnicos, apresentam por sua vez as mais diferentes questões ao abrigar um fluxo migratório. É preciso reconhecer não apenas esses diferentes contextos e questões, mas também sua sensibilidade frente a uma perspectiva de gênero.

A presença boliviana feminina em Corumbá se apresenta cercada de nuances somente perceptíveis através de uma perspectiva de gênero: as diferentes trajetórias e estratégias utilizadas pelas mulheres para a chegada ao lugar de destino, e ainda as diferentes formas de inserção num espaço migratório de presença histórica boliviana compõem o principal cenário da esfera "extradoméstica" (Castro, 2006). Transformações de papéis de gênero culturalmente estabelecidos (Bourdieu, 2000), no âmbito do domicílio e da família, formam o mais significativo cenário de mudanças na esfera doméstica ao longo do projeto migratório.

Utilizando os dados resultantes da *Encuesta* Corumbá é possível captar essas diferenças e transformações numa abordagem sustentada pela perspectiva de gênero. As trajetórias migratórias, bem como as ocupações exercidas em cada um dos lugares antes da chegada a Corumbá, as estratégias utilizadas para a migração, sobretudo referentes a redes sociais de apoio, e inserção no lugar de destino, permitem a captação de diferenças existentes entre

[43] Tradução livre da autora. *Este enfoque además de presentar la migración feminina, presenta las motivaciones e incentivos para migrar, las habilidades de las mujeres para hacerlo, su protagonismo en la toma de decisiones, los padrones y los tipos de migración en los que se involucra, las consecuencias dela migración y su subordinación o autonomia. También ha traído al escenario académico temáticas como el control diferencial de los recursos materiales y simbólicos, su mayor o menor autonomia en las esferas domésticas y extradomésticas, el grado de libertad para la toma de decisiones en actividades de participación social y política, asi como los cambios y continuidad que se pueden generar en las relaciones de género en una situación migratoria.*

homens e mulheres migrantes ao longo do projeto. Por outro lado, mudanças nos papéis exercidos nos domicílios, no status de autonomia das mulheres e nas impressões das migrantes frente a estas transformações foram captadas na segunda pesquisa de campo, que contou com as entrevistas qualitativas, que serão abordadas no próximo capítulo.

Desta forma, busca-se a partir de agora traçar um perfil geral da amostra resultante da *Encuesta* Corumbá e, a seguir, tratar exclusivamente das mulheres bolivianas captadas por esta pesquisa, a fim de ressaltar as especificidades desta migração que serão exploradas em profundidade no capítulo quarto deste trabalho.

3. A presença boliviana em Corumbá: resultados da pesquisa de campo

Atravessando mais de meio século de história, a presença boliviana em Corumbá experimentou diferentes momentos e transformações profundas na sociedade de destino. Desde meados do Século 20 até a data da *Encuesta* Corumbá – 2006 –, muitos e de naturezas diversas foram os fatores estruturais que configuraram esse fluxo migratório, desde a dinâmica econômica da região, ora articulada a diversos espaços ora vendo reduzida sua esfera de influência, até processos de redistribuição da população no Brasil e na Bolívia.

Num cenário de tantas transformações, o fluxo migratório de bolivianos para a região reflete esses processos em suas especificidades. Para identificá-las, traça-se um perfil geral das diferentes populações bolivianas captadas pela *Encuesta* Corumbá, buscando não apenas reconhecer essas especificidades, mas sobretudo ressaltá-las como pilares de sustentação deste fluxo migratório.

3.1 Perfil geral da amostra captada pela *Encuesta* Corumbá

Neste primeiro momento, apresenta-se o total de pessoas captadas pela *Encuesta* Corumbá, não apenas os nascidos na Bolívia, segundo a localização na cidade, sexo, idade, relação com responsáveis pelo domicílio e pela família e status de nupcialidade, e ocupação, variáveis todas referentes ao momento do levantamento de campo. O Mapa 2 e o Quadro 1 a

seguir apresentam a localização das entrevistas por bairros de Corumbá e o número de pessoas captadas segundo a mesma variável.

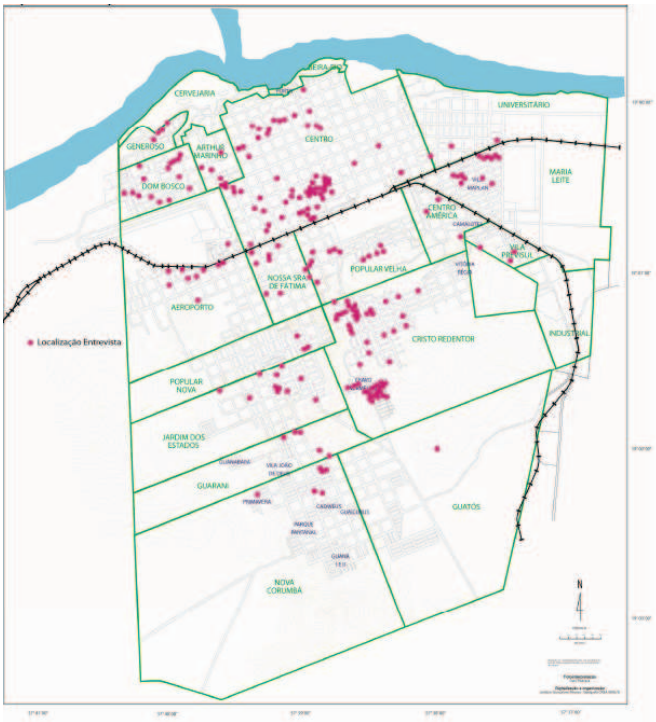
De acordo com os dados, 48,4% das pessoas captadas pelo levantamento de campo – 50,3% dos domicílios entrevistados – se encontram nos bairros Centro e Cristo Redentor. Ainda que sejam os bairros mais densamente povoados do município, é importante ressaltar a concentração de migrantes bolivianos nestas áreas – que abrigam também a maior parte da atividade comercial da cidade. Outro fato importante apresentado pelo Quadro 1 e Mapa 2 é a presença de 177 pessoas entrevistadas no bairro Aeroporto que, além de próximo à fronteira, abriga a feira BrasBol, reduto de comerciantes bolivianos.

Quadro 1: População captada pela *Encuesta* Corumbá, segundo bairros. Corumbá, 2006.

Bairro	***População***
Arthur Marinho	87
Generoso	22
Centro	645
Universitário	18
Maria Leite	159
Centro-América	33
Nossa Senhora de Fátima	104
Popular Velha	168
Aeroporto	177
Popular Nova	30
Cristo Redentor	524
Previsul	56
Jardim dos Estados	109
Guarani	45
Nova Corumbá	62
Guatós	24
Dom Bosco	145
Total	**2408**

Fonte: Encor, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

Mapa 2: Localização dos domicílios entrevistados, segundo bairros. Corumbá, 2006.



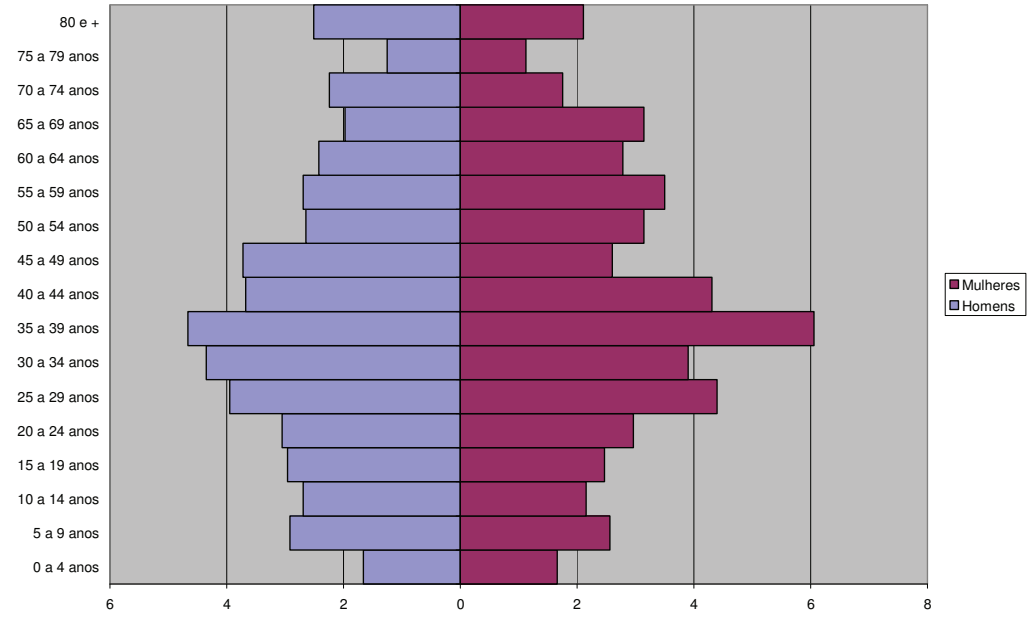
Fonte: Prefeitura Municipal de Corumbá – UEM: Unidade Executora Municipal; ENCOR, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França, *apud* Souchaud e Fusco, 2007.

Em se tratando de um grupo heterogêneo, esta distribuição dos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá entre os bairros da cidade revela ainda uma segmentação relacionada ao local de origem dos migrantes (Souchaud e Baeninger, 2008), de que trataremos mais adiante. O importante por ora é atentar não somente para os espaços de maior concentração desta população, mas também para a sua presença em toda a cidade. Isto revela, ao mesmo tempo, a existência de redes migratórias que ligam lugares de origem e destino – e com isso concentram migrantes – e também a presença boliviana diluída por este espaço migratório, que aponta para a segmentação de migrantes participantes de um fluxo migratório antigo.

O Gráfico 7 a seguir apresenta dados referentes à estrutura etária e por sexo de todos os indivíduos captados pela *Encuesta* Corumbá. Ainda que este seja um perfil geral de toda a amostra – contando também com todos os brasileiros residentes nos domicílios entrevistados, é importante ressaltar a predominância feminina. Ao isolar os migrantes bolivianos, essa

característica é ainda mais evidente, uma vez que é histórica a presença de mulheres neste fluxo migratório, de acordo com os dados censitários do século 20 analisados no Capítulo II.

Gráfico 7: Estrutura etária da amostra captada pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.
Total de casos válidos: 2229, sendo 1101 homens e 1128 mulheres.

O Gráfico 7 acima apresenta uma contradição: capta não apenas os migrantes bolivianos, mas também as gerações seguintes residentes nos domicílios captados. Desta forma, os filhos e netos destes bolivianos que migraram em meados do século 20 mantêm a estrutura etária de todos os captados pelo levantamento de campo relativamente jovem, ainda que a maior concentração tanto de homens quanto de mulheres esteja entre os grupos etários 30 a 39 anos. Ressalta-se, portanto, a quantidade de idosos no total da amostra compostos sobretudo pelos pioneiros da onda migratória que se dirigiu ao Brasil, impulsionada por processos de redistribuição populacional na Bolívia.

Quadro 2: Relação com o responsável pelo domicílio. Corumbá, 2006

Relação com o responsável pelo domicílio	*População*
Responsável	215
Cônjuge	126
Filho(a)	399
Pai/Mãe	10
Neto(a)/bisneto(a)	120
Irmão/irmã	15
Genro/nora	21
Outro parente	48
Agregado	3
Não parente	11
Total	**968**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

O Quadro 2 apresenta dados exclusivos dos residentes nos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá. De acordo com a estrutura da pesquisa e de seu principal instrumento vistos anteriormente neste capítulo, sabe-se que esta informação é apenas coletada entre os residentes nos domicílios entrevistados. Desta forma, não são contados os não residentes – família extendida e nem amigos de migrantes.

Associando as informações do Gráfico 7 aos dados do Quadro 2 observa-se que a proporção de filhos nestes domicílios é de 41,22% e que são, portanto, fruto de ondas migratórias anteriores, filhos de pais bolivianos que migraram entre as décadas de 1960 e 1980.

Reforçando esta informação, o Quadro 3 apresenta a relação dos residentes nos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá com o responsável pela família.

Quadro 3: Relação com o responsável pela família. Corumbá, 2006.

Relação com responsável pela família	*População*
Responsável	268
Cônjuge	151
Filho(a)	436
Pai/Mãe	6
Neto(a)/bisneto(a)	53
Irmão/irmã	15
Genro/nora	4
Outro parente	26
Agregado	3
Não parente	6
Total	**968**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

Por ser o número de famílias maior que o número de domicílios captados no levantamento de campo os responsáveis e filhos são consideravelmente mais numerosos. Os arranjos familiares dos bolivianos captados pela *Encuesta* Corumbá, analisados mais adiante, revelam que esta estrutura das relações com responsáveis pelo domicílio e família carrega heranças do país de origem: o aumento do número de responsáveis pela família aumenta, sobretudo entre o grupo de 60 anos e mais, principalmente entre as mulheres.

Quadro 4: Status conjugal dos residentes. Corumbá, 2006.

Status conjugal	***População***
Solteiro(a)	375
Casado(a)	235
Unido(a)	81
Separado(a)	39
Viúvo(a)	51
Menores de 10 anos	187
Total	**968**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

Analisados os dados anteriores, faz sentido a distribuição dos residentes nos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá segundo seu status conjugal. A proporção de solteiros é reflexo de uma estrutura etária que concentra os jovens filhos de migrantes bolivianos. Esta distribuição é também afetada pela presença dos menores de 10 anos de idade: 89,5% deles são brasileiros, chamando a atenção para a dinâmica da migração boliviana em Corumbá, um fluxo antigo e estabelecido historicamente.

Quadro 5: Nível de educação atingido pelos residentes em domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006.

Nível de Educação atingido	***População***
Educação infantil	47
Ensino fundamental completo	390
Ensino médio completo	153
Primaria antigua completada	54
Secundaria antigua completada	24
Básico completado	14
Intermediario completado	18
Medio completado	38
Primaria actual completada	24
Secundaria actual completada	10
Universitario incompletado	27
Universitario completado	47
No asistió	39
Não sabe	11
Não se aplica	72
Total	**968**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

O Quadro 5 apresenta o reflexo de uma das principais vantagens do instrumento de análise utilizado na *Encuesta* Corumbá. A inclusão de categorias específicas da realidade vivida pelos migrantes bolivianos antes de atravessarem a fronteira permite uma melhor coleta de dados que envolvam estes dois momentos. Desta forma, pode-se observar que 60,95% dos residentes declararam seu nível de educação atingido entre as categorias de ensino brasileiras – educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Este dado é também reflexo da estrutura etária anteriormente analisada e da distribuição das relações com responsáveis pela família e domicílio.

Quadro 6: Setor de atividade exercida pelos residentes em domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006.

Setor de Atividade	***População***
Indústria	25
Comércio	126
Prestação de serviços	161
Agropecuária	5
Construção civil	26
Público	35
Não sabe	2
Não se aplica	588
Total	**968**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

Excluindo menores de 10 anos de idade e aposentados – uma vez que esta variável capta apenas setores de atividade em exercício no momento da pesquisa de campo, tem-se que 33,3% dos residentes trabalham no setor de comércio e 42,59% no setor de prestação de serviços, sobretudo na construção civil (119 pessoas). Os dados apontam para uma divisão sexual do trabalho reforçada por questões étnicas que serão tratadas mais adiante.

3.2 Perfil dos bolivianos em Corumbá: heterogeneidades de um fluxo migratório

Após a apresentação de um perfil geral dos dados resultantes da *Encuesta* Corumbá, parte-se em busca das especificidades da migração boliviana para a fronteira Brasil – Bolívia, no espaço migratório historicamente construído em Corumbá. Para tanto, isola-se os migrantes de todos os outros indivíduos captados – residentes e não residentes – a fim de descobrir e ressaltar as heterogeneidades deste fluxo migratório, presentes no próprio contingente de migrantes.

Segundo Souchaud e Baeninger (2008, p. 284),

> Tais heterogeneidades imprimem características peculiares aos diferentes grupos de bolivianos residentes na cidade, diferenciando-os não apenas em termos econômicos e sociais, mas também na localização espacial de um mesmo contingente estrangeiro no destino migratório.

Desta forma, busca-se justamente essas heterogeneidades em função de diferentes aspectos não somente ligados a dados sociodemográficos, mas também ligados ao próprio fluxo migratório e às características dos migrantes ao longo de todo o projeto, desde o seu lugar de nascimento até a inserção diferenciada no município de destino.

Ressalta-se ainda que este tipo de análise só é possível sustentada por uma pesquisa da natureza da *Encuesta* Corumbá, específica para estudos de migração e permissiva da superação de limites impostos por outras fontes de dados, sobretudo censos demográficos.

Um dos principais limites superados pela *Encuesta* Corumbá foi a captação de dados sobre a origem dos migrantes. A informação sobre o lugar de nascimento de migrantes internacionais no censo demográfico brasileiro limita-se ao país, enquanto que na *Encuesta* a

informação é estratificada até o município de nascimento. Desta forma, é possível recompor as trajetórias migratórias e verificar essas heterogeneidades desde a origem do fluxo.

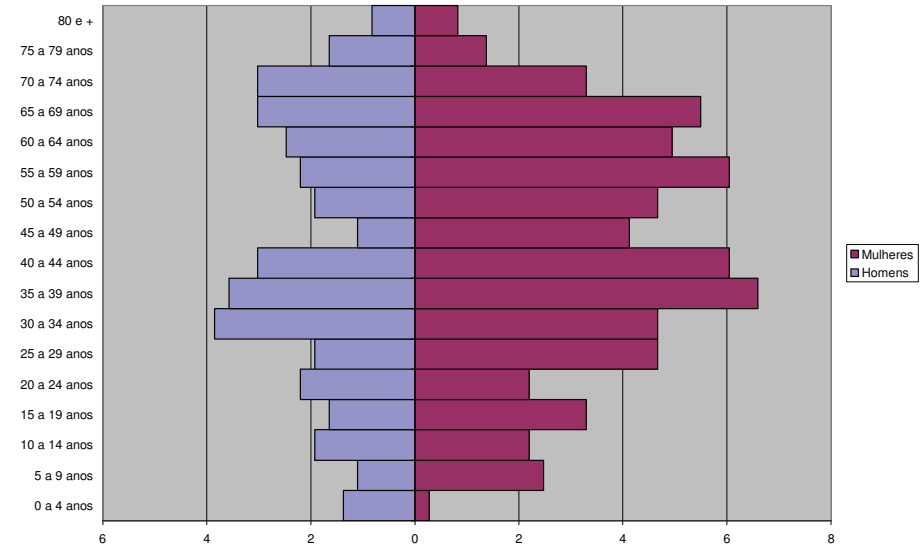
Esta possibilidade permite a reconstrução de aspectos dos lugares de origem dos migrantes – não apenas a localização geográfica, mas também características culturais, étnicas e territoriais – que se refletem ao longo do processo migratório (Souchaud e Baeninger, 2008).

Atravessada a fronteira entre Bolívia e Brasil, os migrantes bolivianos em Corumbá, em função de fatores estruturais diversos, formam um contingente heterogêneo. Para verificar esta hipótese busca-se com este item, além de traçar um perfil dos bolivianos captados pela pesquisa, submetê-los a estes diferentes aspectos, ressaltando assim as especificidades deste fluxo migratório.

3.2.1 O perfil dos bolivianos captados pela *Encuesta* Corumbá

Seguindo o mesmo caminho da construção do perfil total da amostra, o Gráfico 8 apresenta a estrutura etária dos bolivianos residentes nos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá.

Gráfico 8: Estrutura etária dos bolivianos residentes em domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá. Corumbá, 2006.



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.
Total de casos válidos: 364, sendo 134 homens e 230 mulheres.

O Gráfico 8 acima não deixa dúvidas sobre a maior proporção de mulheres entre os residentes nos domicílios entrevistados, representando 63,2% do total. Há interpretações diversas para esta especificidade do fluxo de bolivianos para Corumbá. Segundo Souchaud (2007, p. 9)

> Essa sobre representação das mulheres dentro da população migrante pode ser um viés da pesquisa dado o fato que os entrevistadores eram, em sua grande maioria, mulheres. Decorreria talvez que a relação de confiança necessária, que se deve estabelecer no primeiro contato, entre o informante e o informador, tenha sido mais frequente, facilitada, com as mulheres.

Em um universo de 364 migrantes, a maioria feminina não é mero acaso e nem fruto de erros em coleta de dados. **A migração de mulheres bolivianas para Corumbá é histórica** e está ligada a fatores culturais – que forjam as estratégias utilizadas pelos migrantes e a inserção na sociedade de destino – e demais fatores estruturais do próprio fluxo migratório, que definem as heterogeneidades deste fenômeno e serão posteriormente analisados. Com isso, descarta-se a

possibilidade desta maior representação de mulheres no contingente de migrantes bolivianos captados pela *Encuesta* Corumbá.

Com relação à estrutura etária dos bolivianos residentes nos domicílios entrevistados pelo levantamento de campo, verifica-se que se trata de uma população mais envelhecida do que aquela referente ao total de pessoas captadas pela *Encuesta* Corumbá. A idade mediana apenas dos migrantes bolivianos é de 43 anos para os homens e de 44 anos para as mulheres. A idade mediana do universo de 968 residentes captados pela pesquisa é de 39 anos para os homens e 34 para as mulheres.

A população boliviana mais envelhecida pode ser justificada pela história do próprio fluxo migratório. Corumbá recebe migrantes bolivianos há mais de 50 anos, segundo dados de censos demográficos do século 20. Ainda que a remigração e a mortalidade diminuam a probabilidade dos migrantes componentes das primeiras ondas migratórias estarem representados, os sobreviventes influenciam a estrutura etária deste contingente, envelhecendo a população.

Por outro lado, o conjunto de todos os residentes dos domicílios é mais jovem porque conta, sobretudo, com a presença dos filhos destes migrantes bolivianos mais velhos – nascidos na Bolívia ou no Brasil.

Para reforçar este dado, apresenta-se o Quadro 7, com a relação dos migrantes bolivianos com os responsáveis por domicílios.

Quadro 7: Relação dos migrantes bolivianos com o responsável pelo domicílio. Corumbá, 2006

Relação com responsável pelo domicílio	***População***
Responsável	207
Cônjuge	72
Filho(a)	50
Pai/Mãe	1
Neto(a)/bisneto(a)	1
Irmão/irmã	13
Outro parente	12
Agregado	1
Não parente	7
Total	**364**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

Em relação ao responsável pelo domicílio, a proporção de filhos apenas entre os migrantes bolivianos é de 13,74%. Levando-se em conta o número total de residentes, esta

proporção era de 41,22%. Associando estes dados à estrutura etária dos dois grupos, fica claro o peso dos filhos no primeiro grupo. Também é reforçada a hipótese de uma das etapas do ciclo de vida dos migrantes bolivianos ser concretizada no Brasil – o nascimento de filhos – uma vez que, quando isolados dos demais residentes, a proporção destes cai a menos da metade, não apontando para sua nacionalidade boliviana.

O Quadro 8, com a relação dos migrantes com os responsáveis pelas famílias, confirma esta característica da migração boliviana para Corumbá.

Quadro 8: Relação dos migrantes bolivianos com o responsável pela família. Corumbá, 2006

Relação com o responsável pela família	***População***
Responsável	216
Cônjuge	73
Filho(a)	49
Pai/Mãe	1
Neto(a)/bisneto(a)	1
Irmão/irmã	12
Outro parente	6
Agregado	1
Não parente	5
Total	**364**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

A relação com o responsável pela família reflete a anterior, com o responsável pelo domicílio. A diferença mais marcante, neste caso, será o aumento de mulheres responsáveis pelas famílias, como se verá adiante. Além desta mudança de papéis, é claro que há um aumento real de chefes de família, uma vez que há famílias que compartilham o mesmo domicílio.

O levantamento de campo permite ainda a periodização de fases diversas do ciclo de vida dos migrantes, uma vez que são reconstruídas no próprio questionário as suas trajetórias migratórias. Um elemento chave para a reconstrução de ciclos de vida é o status conjugal, associado a datas de eventos relacionados – casamentos, divórcios – e de etapas migratórias diversas.

Quadro 9: Status conjugal de migrantes bolivianos. Corumbá, 2006

Status Conjugal	*População*
Solteiro(a)	71
Casado(a)	159
Unido(a)	44
Separado(a)	26
Viúvo(a)	45
Não se aplica	19
Total	**364**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

Os dados do Quadro 9 também deixam claro o efeito idade presente na composição da população migrante boliviana: casados e em união estável representam 55,77% do total. A proporção de viúvos é também elevada. Levando-se em consideração os dados anteriores, sobre todos os residentes nos domicílios entrevistados, a proporção de solteiros é de 38,7%, impulsionada pelos indivíduos mais jovens – filhos dos responsáveis pelos domicílios e família.

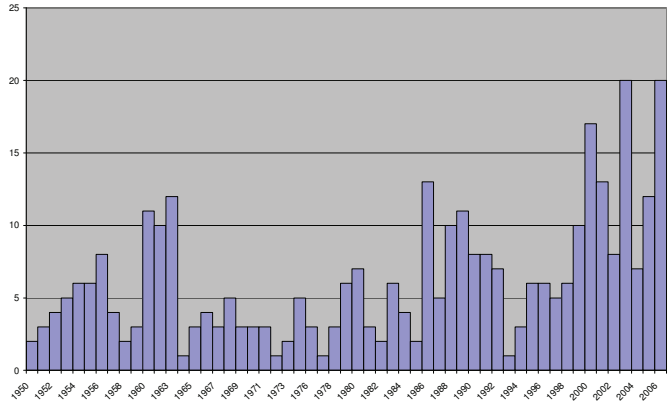
Estratégias migratórias podem incluir o casamento como uma forma segura de inserção na sociedade de destino. Segundo Souchaud e Fusco (2009, p. 32)

> A união exogâmica de uma população imigrante na sociedade de recepção é frequentemente interpretada como sendo uma estratégia de integração da parte do próprio migrante.

Ainda segundo os autores, é importante não "supervalorizar" a exogamia como um indicador de integração dos migrantes bolivianos, uma vez que se trata de um grupo altamente heterogêneo, com diferenciais profundos entre si, construídos desde seu lugar de origem.

Desta forma, não associaremos diretamente neste momento o status conjugal dos migrantes bolivianos a estratégias migratórias. No entanto, é necessário reconhecer que o planejamento do projeto migratório não é desligado do planejamento do ciclo de vida. Por isso, independente do tipo de união que se estabeleça – se endogâmica ou exogâmica – para incrementar os dados do Quadro 9 é preciso associar a eles os períodos de chegada destes migrantes a Corumbá, bem como as datas destes casamentos.

Gráfico 9: Número de chegadas dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

De acordo com os dados anteriormente apresentados, os migrantes bolivianos em Corumbá distribuem-se numa estrutura etária envelhecida, dada principalmente a própria história da presença boliviana na região. Desta forma, analisando o número anual de chegadas, é preciso considerar que, uma vez declarada somente por aqueles que sobreviveram à remigração e à mortalidade, há grupos etários subenumerados. Ainda assim, é possível acompanhar a dinâmica deste fluxo migratório em diferentes momentos, ora de número mais intenso de chegadas, como dos anos 1950 até meados dos anos 1960, ora em períodos de decremento, como a década de 1970.

O número de chegada desses migrantes a Corumbá acompanha a própria dinâmica econômica da região nesses dois momentos: o aquecimento da economia local com a construção da estrada de ferro, que manteve Corumbá como um pólo regional de distribuição de mercadorias e, posteriormente, o alcance das rodovias que passaram a ligar definitivamente a fronteira oeste ao sudeste do Brasil. Ressalta-se, no entanto, que a partir dos anos 2000 o número de chegadas dos migrantes bolivianos a Corumbá é mais concentrado e crescente.

Associando os dados do Quadro 9 e do Gráfico 9, pode-se acompanhar a dinâmica das uniões desses migrantes bolivianos. Do total de bolivianos captados pelo levantamento de campo, 203 (55,7%) são casados ou encontram-se em união estável. Destes, 115 (56,65%) contraíram este status conjugal após a chegada a Corumbá.

Quadro 10: Arranjos familiares dos domicílios captados pela *Encuesta* Corumbá, 2006.

Arranjos familiares	***N***
Responsável sozinho	11
Casal sem filhos	30
Casal com filhos	88
Casal sem filhos com parentes	6
Casal com filhos e com parentes	22
Casal com ou sem filhos e com agregados	1
Casal com filhos, com parentes e com agregados	0
Responsável com filhos	83
Responsável com filhos e com parentes	16
Responsável sem filhos e com parentes	9
Responsável com filhos e com agregados	1
Responsável sem filhos e com agregados	2
Responsável com filhos, com parentes e com agregados	0
Famílias com pensionistas	0
Total de famílias	269

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

Dentre os 215 domicílios entrevistados no levantamento de campo, foram captadas 269 famílias, apresentando "casal com filhos" como arranjo mais presente (32,71%). O arranjo "responsável com filhos" concentra 30,86% do total.

A presença de filhos aponta para etapas diferenciadas do ciclo de vida dos migrantes. De fato, dentre os arranjos familiares sem a presença de filhos e com outros parentes, os mais presentes são netos e/ou bisnetos. A configuração das famílias bolivianas em Corumbá, portanto, tem experimentado transformações sobretudo em função desta geração intermediária: filhos da primeira geração de migrantes bolivianos. A remigração para lugares de origem ou ainda novas etapas migratórias – principalmente em direção a regiões metropolitanas brasileiras – têm impacto sobre a tipologia dessas famílias migrantes em Corumbá: 6,7% dessas famílias vivem sem a presença de filhos, porém com netos ou bisnetos.

Ressalta-se entre os dados do Quadro 10, no entanto, os arranjos familiares formados por responsáveis sem cônjuge: das 269 famílias, 122 apresentaram este arranjo, sendo que destas, 97 (79,5%) têm mulheres como suas responsáveis. Este é um dado fundamental para compreender a dinâmica da migração de bolivianas para Corumbá e será, portanto, abordado no próximo item deste capítulo. No entanto, nota-se que esses arranjos de responsáveis sem cônjuges, no caso da migração boliviana, não estão ligados a dinâmicas migratórias que incluem a reunificação

familiar através da vinda posterior do cônjuge. Esta estratégia é frequentemente utilizada em fluxos de migração familiar, de longa distância e alto risco (Morokvasic, 1984; Assis, 2002. No caso da migração de mulheres bolivianas para Corumbá, este arranjo relaciona-se com a estratégia migratória sustentada por uma rede social essencialmente feminina, a ser analisada adiante.

Segundo Carvalho et al (2004, p. 11), os migrantes bolivianos apresentam um caráter dual, "reunindo pessoas de alta qualificação e renda e outras de baixa qualificação e empregos de má qualidade". Neste sentido, ressalta-se novamente a importância de pesquisas do porte e natureza da *Encuesta* Corumbá, uma vez que permite um incremento da informação, associando lugares de origem e destino a variáveis como nível de educação atingido e status ocupacional. Este "caráter dual" definido pelos autores refere-se aos dados do censo demográfico 2000 e não apresenta diferenciais de distribuição desses migrantes através de regiões brasileiras de destino.

A *Encuesta* Corumbá permite, no entanto, um maior incremento da informação, descrevendo o nível de educação atingido por migrantes bolivianos presentes especificamente em Corumbá.

Quadro 11: Nível de Educação atingido pelos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.

Nível de Educação atingido	***População***
Educação infantil	2
Ensino fundamental completo	86
Ensino médio completo	30
Primaria antigua completada	54
Secundaria antigua completada	21
Básico completado	14
Intermediario completado	18
Medio completado	38
Primaria actual completada	23
Secundaria actual completada	9
Universitario incompletado	12
Universitario completado	20
No asistió	23
Total de casos válidos	**350**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

De acordo com o mesmo dado analisado anteriormente com relação a todos os indivíduos captados pelo levantamento de campo, manteve-se a metodologia da pesquisa ao inserir no questionário – e na análise dos dados – categorias brasileiras e também bolivianas.

Desta forma, isolando os migrantes bolivianos, observa-se uma dinâmica diferenciada com relação ao total captado pela pesquisa: enquanto o primeiro grupo observado apresentava o nível de educação atingido através de categorias brasileiras, indicando sua inserção na sociedade de destino, os migrantes bolivianos apresentam o quadro inverso: 50,57% descrevem seu nível de educação atingido através de categorias bolivianas de ensino e numa distribuição menos concentrada.

Os setores de atividade em que se inserem os migrantes bolivianos em Corumbá estão relacionados à dinâmica da região, observada no Capítulo I. Uma vez que se trata de uma migração histórica, é esperado que se reproduzam determinadas características ao longo do período sobre o qual se estende a presença boliviana em Corumbá. Pode-se captar, no entanto, transformações recentes nesta distribuição.

Enquanto que a indústria alimentícia era a principal do setor quando das primeiras ondas de migrantes bolivianos para Corumbá, é a mineração a principal força motriz das indústrias da região no momento do levantamento de campo. O comércio prevalece como o principal setor de atividade em que se inserem os bolivianos em Corumbá, seguido pela prestação de serviços, sobretudo na construção civil.

Quadro 12: Setores de atividade dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.

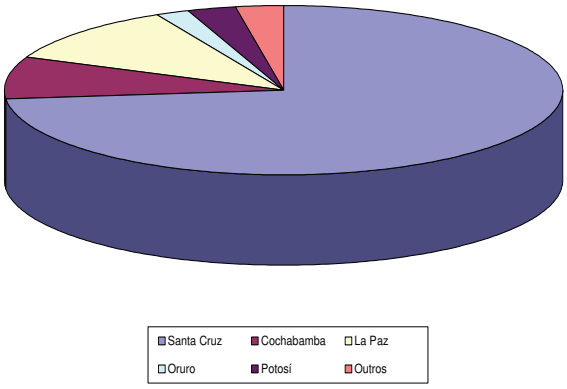
Setor de atividade	***População***
Indústria	11
Comércio	81
Prestação de serviços	75
Agropecuária	3
Construção civil	7
Público	10
Total de casos válidos	**187**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

Dentre estes setores de atividade, o status de ocupação dos migrantes reforça a condição vulnerável do migrante, sobretudo indocumentado: dos 187 casos válidos, 150 trabalham sem carteira assinada. Trabalhadores da indústria apresentam maior proporção de trabalhadores formalmente registrados, enquanto que o comércio é o setor que mais emprega informalmente. O status ocupacional dos migrantes apresenta profundas heterogeneidades entre o grupo de bolivianos no que se refere ao sexo do migrante.

Seguindo a construção do perfil dos migrantes bolivianos captados pelo levantamento de campo, o lugar de origem é uma das principais especificidades da *Encuesta* Corumbá. Censos demográficos brasileiros captam apenas o país de nascimento dos migrantes, enquanto que a *Encuesta* Corumbá capta os departamentos e municípios de nascimento e das etapas migratórias.

Gráfico 10: Departamentos de nascimento dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

A maior concentração de migrantes bolivianos vindos do Departamento de Santa Cruz para Corumbá vai além do papel da fronteira. Um programa oficial e nacional de reforma agrária da década de 1950, ainda que não tenha alcançado a fronteira brasileira, foi responsável por uma importante transferência de população de zonas altiplânicas para regiões do baixo oriente. Entre outros fatores, essa redistribuição de população contribui para o acelerado crescimento do departamento de Santa Cruz (Souchaud, Fusco e Carmo, 2007).

Daí sabe-se que a migração de bolivianos para Corumbá vai além do cruzamento de fronteiras, uma vez que é consequência de um longo processo de redistribuição ainda em território boliviano e que esses migrantes não vêm apenas dos municípios que fazem fronteira direta com o Brasil.

Quadro 13: Municípios de nascimento dos bolivianos. Corumbá, 2006.

Municípios de origem	*População*
Santa Cruz de la Sierra	102
La Paz	41
Cochabamba	21
Potosi	6
Oruro	9
Tarija	2
Roboré	36
San José de Chiquitos	20
Puerto Suarez	34
Puerto Quijarro	7
Outros	86
Total	**364**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

Os municípios que mais cedem população ao fluxo de bolivianos para Corumbá, segundo o levantamento de campo, são justamente as capitais dos departamentos mais populosos do país, Santa Cruz e La Paz. É importante observar nesta distribuição, no entanto, a proporção de migrantes nascidos nos municípios de fronteira com o Brasil. Puerto Quijarro e Puerto Suarez representam 11,26% dos migrantes captados pelo levantamento de campo. Em se tratando de um fluxo migratório de fronteira entre dois países, numa região de municípios tão próximos, poderia se esperar uma maior concentração de migrantes nascidos neste espaço. Os dados apontam, no entanto, para uma direção oposta, relacionada a este processo de redistribuição da população na Bolívia, sendo impacto principalmente de programas de reforma agrária.

Ainda que essa redistribuição de população na Bolívia ao longo do Século 20 esteja relacionada a programas de reforma agrária, os migrantes que atravessam a fronteira são em sua grande maioria, urbanos: 313 (86%) são nascidos em regiões urbanas, o que também esclarece um falso caráter rural desse fenômeno migratório, fundamentado em outros fluxos migratórios fronteiriços da América Latina, como o caso dos *brasiguaios* (Sales, 1996). Ainda que se trate de um fenômeno social de natureza muito particular, não podendo ser diretamente comparado a nenhum outro, os *brasiguaios* constituem um fluxo migratório de primeira importância no cenário latino-americano. Critica-se neste contexto a abordagem de Lemos (1997, p. 62), que

comparando a presença paraguaia e boliviana no Brasil, resume o fenômeno à migração para São Paulo, desconsiderando a migração na fronteira.

> Os migrantes bolivianos no Brasil, em sua maioria saídos de áreas rurais de seu país de origem, dedicam-se à agricultura. A estruturação dessa corrente migratória na sociedade brasileira faz-se com muitas dificuldades. Não há mais vínculos comunitários e culturais com seu país de origem. Apenas a língua e alguns costumes se mantêm internamente. As relações agrárias originais tendem a desaparecer e uma nova sociedade, não especializada, aculturada, começa a despontar no Brasil.

A dinâmica econômica da região de Corumbá, desde os primeiros registros de presença boliviana, deixa como principal herança seu caráter urbano, baseado em intensas atividades comerciais e industriais. Desta forma, tanto os migrantes que sofreram os impactos dessa redistribuição populacional na Bolívia na segunda metade do século 20 quanto os pioneiros da migração já se inseriram num espaço essencialmente urbano.

Souchaud, Fusco e Carmo (2007) chamam a atenção para a dinâmica da migração transfronteiriça, de pouca magnitude e ativada por alguns pólos e não distribuída por toda a fronteira. De fato, a fronteira entre Brasil e Bolívia, especialmente do lado boliviano, é caracterizada por descontinuidades: dos 2.029.471 habitantes do Departamento de Santa Cruz em 2001, 55,95% residiam na capital, a 600km da fronteira. Segundo os autores,

> A população concentra-se na parte ocidental do departamento, deixando uma fronteira muito pouco ocupada e integrada. A província de Germán Bush, que faz divisa com o Mato Grosso do Sul, tem somente 33.006 habitantes. Dentro dessa província observa-se uma concentração na linha da fronteira nas duas cidades de fronteira, Puerto Suarez e Puero Quijarro, que contam respectivamente com 11.594 e 8.963 habitantes (Souchaud, Fusco e Carmo, 2007, p. 42).

A ocupação da fronteira, ainda que com seu caráter descontínuo e pouco integrado do lado boliviano, é importante sobretudo do lado brasileiro. Segundo Souchaud, Fusco e Carmo (2007, p.42),

> A tênue ocupação da fronteira internacional do Mato Grosso do Sul, em seu trecho fluvial, parece relativamente importante. A microrregião do Baixo Pantanal era ocupada, segundo o Censo 2000, por uma população de 124.330

> habitantes. Observa-se a concentração e a urbanização da população da fronteira na conurbação Corumbá – Ladário, cuja população aproxima-se dos 100.000 habitantes em 2000.

É verdade que a fronteira entre Brasil e Bolívia na região de Corumbá não é um espaço contínuo e em termos econômicos, sociais e demográficos, não é invisível. A distribuição da população boliviana presente em Corumbá de acordo com os municípios de origem (Quadro 13) aponta, no entanto, para um papel estratégico importante da fronteira. O uso da proximidade dos três municípios – Puerto Suarez, Puerto Quijarro e Corumbá – desta fronteira é claro neste fluxo migratório e se mostrou latente nas verbalizações coletadas na última etapa do levantamento de campo que compõem este trabalho, apresentadas no capítulo quarto.

Na construção deste perfil dos bolivianos residentes em Corumbá captados pelo levantamento de campo, analisou-se sua distribuição por idade e sexo, as relações mantidas com responsáveis pelos domicílios e pelas famílias, o status conjugal, períodos e volume de chegadas a Corumbá, os arranjos das famílias de responsável boliviano, o nível de educação atingido, os setores de atividade em que estavam ocupados no momento da pesquisa e ainda dados de origem, contando com departamentos e municípios bolivianos de nascimento.

De fato, observa-se que a população boliviana presente em Corumbá é um grupo heterogêneo, que carrega em si especificidades de naturezas diversas relacionadas não somente à sua distribuição no local de destino deste fluxo migratório, mas também às origens do fenômeno.

Um dos principais diferenciais em fluxos migratórios é relacionado ao sexo e às transformações experimentadas por relações de gênero tanto nos domicílios quanto na esfera pública. Ainda que a *Encuesta* Corumbá seja uma pesquisa de campo concebida para fim de estudo específico deste fluxo migratório, não pode captar essas transformações em relações de gênero e por isso é que uma segunda incursão ao campo, desta vez para coletar dados qualitativos específicos dessas mulheres bolivianas, foi realizada.

É possível captar através da *Encuesta* Corumbá, no entanto, fundamentais diferenciais entre homens e mulheres, e ainda entre as próprias mulheres bolivianas que compuseram este fluxo migratório até o momento da pesquisa. O foco deste trabalho é o estudo da migração feminina boliviana para Corumbá. A partir deste momento, portanto, a análise se volta a este grupo específico, buscando as heterogeneidades existentes ao longo do projeto migratório entre

homens e mulheres e, posteriormente, aquelas que tornam este grupo de bolivianas diferentes entre si.

Capítulo IV

Mulheres bolivianas em Corumbá: especificidades de um fluxo migratório feminino

"Yo también trabajé en Quillacollo, pero aquí gano más y puedo hablar más en casa. Allí trabajava en el comercio también pero el servicio era más pesado, más difícil. Aquí trabajo como comerciante, gano más y soy más ... independiente!

Cecília
Migrante Boliviana entrevistada em Corumbá

Migração feminina e relações de gênero

Avanços teóricos recentes dos estudos de migração ressaltam a importância de se estudar diferenciais por sexo, transformações nas relações de gênero e também de um aporte específico para este fenômeno. Segundo Boyd e Grieco (2003, p. 61),

> O gênero está profundamente enraizado na determinação de quem se movimenta, como esses movimentos se dão e quais os impactos nas famílias e mulheres migrantes. Se as teorias de migração internacional integram as relações de gênero de maneira adequada e eficaz, devem levar em conta fatores sutis e óbvios que se misturam para criar diferentes experiências ao longo da migração. A definição e compreensão destes fatores melhor fundamentam as teorias de migração internacional e também as experiências individuais de mulheres migrantes em todo o mundo[44].

Ao incorporar os diferenciais por sexo bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentindo de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho. Segundo Pessar (2000), há importantes intersecções entre transformações dos papéis de gênero, estratégias migratórias e inserção em diferentes mercados de trabalho ao longo do projeto migratório. A interdependência dessas estruturas causa diferentes impactos principalmente entre as mulheres, que são mais suscetíveis a essas transformações.

Compreender essas estruturas, bem como suas intersecções, exige um estudo detalhado da migração feminina num aporte teórico específico, ancorado no debate da migração como um todo, porém levando em consideração essas esferas ignoradas fora dessa perspectiva. O interesse pelo estudo da migração feminina é muito recente e tem o seu início a partir de constatações de volume significativo de mulheres em fluxos migratórios onde predominavam homens ou ainda pela captação de fluxos migratórios essencialmente femininos (Castro, 2006).

Incorporar as diferentes características entre homens e mulheres na migração, bem como utilizar a perspectiva de gênero nas análises, demonstra a importância das diferenças

[44] Tradução livre da autora: *"Gender is deeply embedded in determining who moves, how those moves take place, and the result futures of migrant women and families. If internacional migration theory is to incorporate gender appropriately and effectively, it must take into account the subtle as well as the obvious factors that coalesce to create different experiences all along the migration spectrum. Further defining and understanding these forces and outcomes will greatly enhance theorical grounding of international migration in general and the individual experiences of migrant women around the world."*

socialmente construídas ao longo da migração. Esses "fatores sutis" definidos por Boyd e Grieco (2003) referem-se a essas transformações sofridas sobretudo na família e com o ganho de autonomia através da entrada da mulher migrante num mercado de trabalho diferenciado.

As relações de gênero socialmente construídas, definidas por Bourdieu (2000), são estruturas que tem sua gênese nas diferenças entre os sexos. Segundo Castro (2006, p. 66)

> As diferenças significativas entre os sexos são as diferenças de gênero. Cada sociedade dita o que espera de cada um dos sexos. O status sexual marca a participação de homens e mulheres nas instituições sociais, na família, na escola, na política, na economia, no Estado, nas religiões, incluem valores e expectativas do que uma sociedade espera de ser o feminino ou o masculino[45].

Num contexto migratório, essas diferenças nas relações de gênero são latentes (Morokvasic, 2003; Pessar, 2000). As transformações experimentadas por ambos os sexos são distintas e cada uma delas tem um impacto diferenciado em estruturas como família e domicílio. De fato, ao longo do processo migratório, homens e mulheres reconstroem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (Castro, 2006).

Daí a importância de um estudo aprofundado da migração feminina. As experiências das mulheres, captadas e analisadas através de uma metodologia específica, oferecem outro sentido ao fenômeno, incrementam e aprofundam seu conhecimento. As lógicas de gênero (Morokvasic, 2000), em contextos migratórios, se expressam de forma "sutil e íntima". Constrangimentos como ganho ou perda de autonomia, o debate entre a permanência e o retorno, renegociações entre os sexos, são fatores importantes para o estudo da migração feminina, uma vez que é através dessas transformações que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade no fenômeno.

É preciso reconhecer, no entanto, a necessidade de uma mudança nas perspectivas teóricas e metodológicas para o estudo da migração de mulheres. Segundo Castro (2006, p. 79),

> Os marcos conceituais e metodologias de investigação utilizados para o estudo da migração masculina não são adequados para a investigação deste fenômeno em sua contrapartida feminina, já que se reconhece que o ser mulher ou o ser homem incide definitivamente nas motivações, incentivos, limitações e nas

[45] Tradução livre da autora: *"Las diferencias significativas entre los sexos son las diferencias de género. Cada sociedad dictamina qué espera de cada uno de los sexos. El status sexual marca la participación de hombres y mujeres em las instituiciones sociales, em la familia, la escuela, la política, el Estado y em las religionesm las quales incluyen valores y expectativas de lo que uma sociedad espera del ser feminino o masculino"*.

> possibilidades; isto é, a análise da migração feminina ou masculina é atravessada não somente por fatores econômicos, étnicos, de geração, mas também, fundamentalmente, por gênero[46].

Boyd e Grieco (2003) definem estágios do processo migratório em que a incorporação da perspectiva de gênero é fundamental. O primeiro, o estágio pré-migração, inclui fatores como as relações de gênero e hierarquia e papéis desempenhados por homens e mulheres no país de origem. O segundo, o cruzamento da fronteira, refere-se às políticas migratórias dos países de origem e destino – que podem afetar diferentemente a migração de homens e mulheres, estratégias migratórias, imagens estereotipadas de ocupações e papéis masculinos e femininos e o potencial de entrada das mulheres no mercado de trabalho receptor. Por fim, o estágio pós-migratório, trata do impacto das mulheres num determinado fluxo, no mercado de trabalho receptor e no status dos papéis na família e no domicílio.

O caso da migração boliviana em Corumbá, abordado a partir da proposta de Boyd e Grieco (2003), reforça a importância da perspectiva de gênero incorporada a diferentes momentos do projeto migratório. Papéis sociais de homens e mulheres – em esferas pública e privada – definidos em diferentes regiões de saída de bolivianos configuram a seletividade e a formação de redes neste fluxo migratório.

Brasil e Bolívia não apresentam neste período uma política migratória clara de intervenção, seja favorecendo ou inibindo a migração. No entanto, políticas de reforma agrária na Bolívia, principalmente a partir dos anos 1970, favoreceram um processo de redistribuição da população e o consequente crescimento do departamento de Santa Cruz, fronteira com o Brasil (Blanchard, 2005, *apud* Souchaud e Baeninger, 2008). Neste sentido, ainda que as políticas migratórias não tenham agido diretamente sobre este fluxo, a própria dinâmica populacional na Bolívia acabou proporcionando a ocupação mais efetiva da porção oriental do país, aproximando da fronteira populações de outras regiões.

Papéis desempenhados por homens e mulheres ainda em seus lugares de origem também estão relacionados à perspectiva de gênero neste estágio da migração. Relações hierárquicas nos

[46] Tradução livre da autora: *"Los marcos conceptuales y metodologías de investigación utilizados para el estudio de la migración masculina no son adecuados para la investigación de este fenómeno en su contraparte femenina, ya que se reconoce que el ser mujer o el ser hombre incide definitivamente en las motivaciones, los incentivos, las limitaciones y las posibilidades, es decir el análisis de la migración femenina o masculina está atravesada no sólo por factores económicos, étnicos, generacionales sino fundamentalmente por el género"*.

domicílios, tarefas e ocupações sexualmente definidas bem como diferentes redes e seus usos afetam tanto a seletividade, quanto as estratégias migratórias utilizadas por homens e mulheres.

Considerando o lugar de destino no estágio pós-migratório, ficam também evidentes os impactos da migração feminina. A dinâmica do mercado de trabalho específico onde se inserem os migrantes bolivianos favorece a entrada de mulheres. O comércio é uma atividade culturalmente desprezada pelos bolivianos, menor, menos valorizada e portanto, exercida pelas mulheres sobretudo nas culturas andinas. A inserção neste mercado tão específico de Corumbá se dá de uma forma mais rápida para as mulheres, e não para os homens.

Desta forma, a entrada no mercado de trabalho em Corumbá e a consequente renda que passa a prover para o domicílio são os marcos para transformações profundas das relações de gênero carregadas da origem. O ganho de autonomia no domicílio e na família foi relatado por quase todas as mulheres entrevistadas em Corumbá.

Esta característica tão particular de Corumbá – como um lugar receptor de migrantes bolivianos, sobretudo de mulheres, dada a sua dinâmica econômica histórica – favorece a construção de um outro traço marcante deste fluxo migratório: a formação de uma rede social essencialmente feminina.

As mulheres são maioria histórica entre os bolivianos em Corumbá. Ainda que este não seja o fluxo mais numeroso – outras correntes de paraguaios e argentinos já representaram volume maior que os bolivianos na região – as mulheres sempre se apresentaram em igual ou maior proporção que os homens. Tomando apenas as mulheres, as bolivianas também têm maior representatividade ao longo da história.

Somam-se, portanto, três fatores fundamentais para a formação desta rede migratória feminina. O primeiro deles, a dinâmica econômica histórica de Corumbá, relacionada a atividades comerciais é complementado pelo segundo: o caráter menor desta atividade na Bolívia, vista como tarefas de mulheres. A soma destes dois fatores forma a principal estrutura atrativa para as mulheres bolivianas à fronteira.

Intensas atividades comerciais na fronteira, principalmente com o movimento dos "sacoleiros" nos últimos 30 anos, foram decisivas para o planejamento das trajetórias migratórias dessas mulheres. A formação dessa rede feminina tem ainda um terceiro pilar, que são as relações de parentesco, sobretudo rituais, diferenciadas entre homens e mulheres, a serem discutidas adiante.

Segundo Morokvasic (2003); Engle (2004); Sakka (1999) e Phizacklea (2003), o uso estratégico dos espaços migratórios – seja apenas o lugar de destino seja as diferentes etapas do processo – se dá por meio da configuração dessas redes, e como elas se articulam a diferentes estruturas sociais. O planejamento de etapas do ciclo de vida das migrantes, em cada um dos espaços migratórios de suas trajetórias, é realizado através dos recursos oferecidos por essas redes. As entrevistas em profundidade realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá proporcionam a construção de um "enfoque longitudinal" (Dureau, 1992) desta migração feminina, buscando "entender como as pessoas conjugam diferentes práticas residenciais no transcurso das etapas migratórias e do ciclo de vida" (Dureau, 1992, p. 92).

1. A presença boliviana em Corumbá segundo diferenciais por sexo: ferramentas para uma análise através da perspectiva de gênero[47]

Um dos avanços teóricos mais relevantes no campo dos estudos das migrações nos últimos trinta anos é a incorporação da equidade entre homens e mulheres no processo migratório (Morokvasic e Erel, 2003). As experiências dos migrantes – sociais, políticas, econômicas e culturais – apresentam diferenciais por sexo, resultando em relações de gênero reconstruídas ao longo das trajetórias e precisam ser levados em consideração.

Encarar as mulheres como agentes secundários de processos migratórios, invisíveis em suas especificidades, implica em ignorar complexidades e heterogeneidades. "O atual contexto dos fenômenos migratórios obriga a construção de novos olhares e perspectivas" (Morokvasic e Erel, 2003, p. 15)

Tanto em relação a perspectivas teóricas quanto à própria coleta de dados para estudos de migração, as mulheres são deixadas em segundo plano, como acompanhantes, dependentes ou simplesmente invisíveis nos fenômenos analisados. Massey e Espinosa (1998) constroem em seu estudo uma pesquisa de campo e proposições teóricas para a migração mexicana para os Estados Unidos: a amostra utilizada pelos autores foram homens chefes de domicílios.

[47] São fontes para a análise do fluxo de bolivianas para Corumbá as duas pesquisas de campo qualitativas realizadas em 2008, além do banco de dados resultantes da *Encuesta* Corumbá. Essas pesquisas contaram com o financiamento CNPq/NEPO/UNICAMP e foram realizadas em Corumbá, em novembro de 2008 e em La Paz, Bolívia, em dezembro de 2008.

O questionamento da migração como um fenômeno essencialmente masculino foi uma preocupação do movimento feminista, sobretudo nos anos 1990, a fim não somente de tornar visíveis as mulheres no fenômeno migratório, mas mostrar que padrões, causas, experiências e impactos da migração são diferentes para homens e mulheres (Kofman, 1999; Chant, 1992; Morokvasic 1983; Oso, 1994).

Os estudos migratórios sobre o primeiro foco nas mulheres migrantes trouxeram à tona esses diferenciais por sexo antes ignorados. As diferentes motivações para migrar, estratégias, uso de redes sociais, inserção na sociedade de destino, foram as informações a serem processadas separadamente entre homens e mulheres, o que também forçou mudanças no campo metodológico desses estudos. A dificuldade de obtenção de dados desagregados por sexo foi uma dificuldade a ser superada (Instraw, 1994).

Os primeiros estudos com este enfoque buscaram, então, "compensar" a ausência das mulheres em análises de processos migratórios. Desta forma, a tendência foi substituir relações de gênero pela análise dos diferenciais por sexo em fluxos migratórios. Era preciso, no entanto, superar esta fase compensatória e aprofundar as análises para compreender as transformações nos papéis e relações de gênero ao longo da migração. Segundo Morokvasic e Erel (2003, p. 11)

> Analisar a migração sob a perspectiva de gênero não significa apenas que as mulheres devem ser acrescentadas onde estavam faltando. Esta perspectiva exige o olhar para processos e discursos na migração envolvendo mulheres e homens e suas relações entre si no domicílio, na comunidade em que estão inseridos e nas relações internacionais[48].

É preciso reconhecer, no entanto, que o primeiro passo para uma análise sob esta perspectiva de gênero é o estudo dos diferenciais entre homens e mulheres ao longo do processo migratório, trazendo à tona a equidade entre os agentes na migração e não somente colocando a mulher migrante no papel secundário de acompanhante ou ainda, no da reunificação familiar.

Busca-se com este item, portanto, o estudo dos diferenciais entre homens e mulheres bolivianos no fluxo migratório para Corumbá. A hipótese é que estas mulheres, maioria histórica neste fluxo migratório, não estão em posição de acompanhantes: apresentam diferentes causas para migrar, estratégias independentes e se inserem de maneira diferenciada na sociedade

[48] Tradução livre da autora. *"Gendering migration does not only mean that one should be adding women where they are missing. It means looking at processes and discourses in migrations involving women and men and their relations to one another in household level, in the local community and international relations."*

de destino. Estas heterogeneidades entre os sexos servirão de ferramentas para a construção de uma análise específica da migração feminina de bolivianas para Corumbá.

A relação com responsáveis pelo domicílio e pela família, na busca dos diferenciais por sexo da migração boliviana para Corumbá, é fundamental para entender os papéis representados por estes migrantes.

Quadro 14: Relação com responsáveis pelo domicílio segundo o sexo. Corumbá, 2006.

Relação com responsável pelo domicílio	***Homens***	***Mulheres***	***Total***
Responsável	73	134	207
Cônjuge	24	48	72
Filho(a)	23	27	50
Pai/Mãe	0	1	1
Neto(a)/bisneto(a)	1	0	1
Irmão/irmã	5	8	13
Outro parente	6	6	12
Agregado	0	1	1
Não parente	2	5	7
Total	**134**	**230**	**364**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

Dentre as mulheres bolivianas residentes nos domicílios captados pelo levantamento de campo, 134 (58,3%) são responsáveis. Se tomados apenas os responsáveis, 64,7% são mulheres. Apenas de acordo com este dado, não se pode colocar em questão o papel ativo das mulheres neste fluxo migratório. A responsabilidade pelo domicílio é papel chave, sobretudo nas relações de gênero.

Entre os homens, 54,5% dos migrantes captados são chefes de família. Ainda que a maioria feminina neste fluxo migratório exerça influência nesta informação, é notável a proporção de mulheres responsáveis pelos domicílios, substituindo o papel do homem provedor em 134 casos dos 207 captados. A configuração de 64,7% dos domicílios coloca as mulheres em posição diferenciada na construção de relações de gênero na esfera privada. Entre os 8 responsáveis por domicílios restantes dos 215 captados, 7 são homens brasileiros e 1 peruano.

.

Quadro 15: Relação com responsáveis pela família segundo o sexo. Corumbá, 2006.

Relação com responsável pela família	*Masculino*	*Feminino*	*Total*
Responsável	78	138	216
Cônjuge	23	50	73
Filho(a)	21	28	49
Pai/Mãe	0	1	1
Neto(a)/bisneto(a)	1	0	1
Irmão/irmã	5	7	12
Outro parente	5	1	6
Agregado	0	1	1
Não parente	1	4	5
Total	**134**	**230**	**364**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

Entre os responsáveis bolivianos, 63,9% são mulheres. Entre o total de mulheres, 60% são responsáveis por suas famílias. É comum que entre os responsáveis pelas famílias a figura do mais velho ganhe importância, sendo o migrante boliviano de primeira geração aquele a assumir este papel. Entre as mulheres, 84,2% das mulheres responsáveis pelas famílias têm mais de 55 anos. As responsáveis pelos domicílios são mais jovens, mas a faixa etária de maior representatividade está entre 65 e 69 anos.

Entre os homens, 56% são os responsáveis pelas famílias, sendo que 18% deles têm mais de 60 anos, apontando a uma maior distribuição por idade dos homens que têm este papel no domicílio. A presença do idoso como responsável pela família é mais comum entre as mulheres.

Quadro 16: Status conjugal dos migrantes bolivianos, segundo o sexo. Corumbá, 2006.

Status Conjugal	*Homens*	*Mulheres*	*Total*
Solteiro(a)	27	44	71
Casado(a)	69	90	159
Unido(a)	16	28	44
Separado(a)	3	23	26
Viúvo(a)	10	35	45
Total de casos válidos	**125**	**220**	**345**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

As mulheres casadas ou em união estável representam 53,6% de seu total. As solteiras, 20%. De acordo com os dados anteriormente analisados, tanto sobre a estrutura etária quanto de relações com responsáveis de domicílios e famílias, a proporção de jovens e filhos nos

domicílios captados poderia exercer influência nesta proporção de solteiras. No entanto, as solteiras de 10 a 19 anos representam 32% do total.

Associando-se os dados Quadros 15 e 16 anteriores ao status conjugal das migrantes bolivianas, tem-se que 29,8% destas solteiras são responsáveis pelos domicílios e 31,8% são responsáveis por suas famílias. Esta é uma característica importante do grupo de mulheres bolivianas em Corumbá: **o estabelecimento como responsáveis, sem cônjuge, exclui a possibilidade de caracterização da presença feminina em Corumbá como agente em segundo plano deste fenômeno migratório.** Entre os homens, apenas 9,87% se encontram na mesma situação: solteiros e responsáveis pelo domicílio ou família.

Quadro 17: Arranjos familiares, segundo o sexo do responsável boliviano. Corumbá, 2006.

Arranjos familiares	***Sexo do responsável pela família***		
	Homens	**Mulheres**	**Total**
Responsável sozinho	3	8	11
Casal sem filhos	8	14	22
Casal com filhos	42	37	79
Casal sem filhos com parentes	6	2	8
Casal com filhos e com parentes	6	10	16
Casal com ou sem filhos e com agregados	1	0	1
Responsável com filhos	7	47	54
Responsável com filhos e com parentes	3	11	14
Responsável sem filhos e com parentes	2	7	9
Responsável com filhos e com agregados	0	1	1
Responsável sem filhos e com agregados	0	1	1
Total	**78**	**138**	**216**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

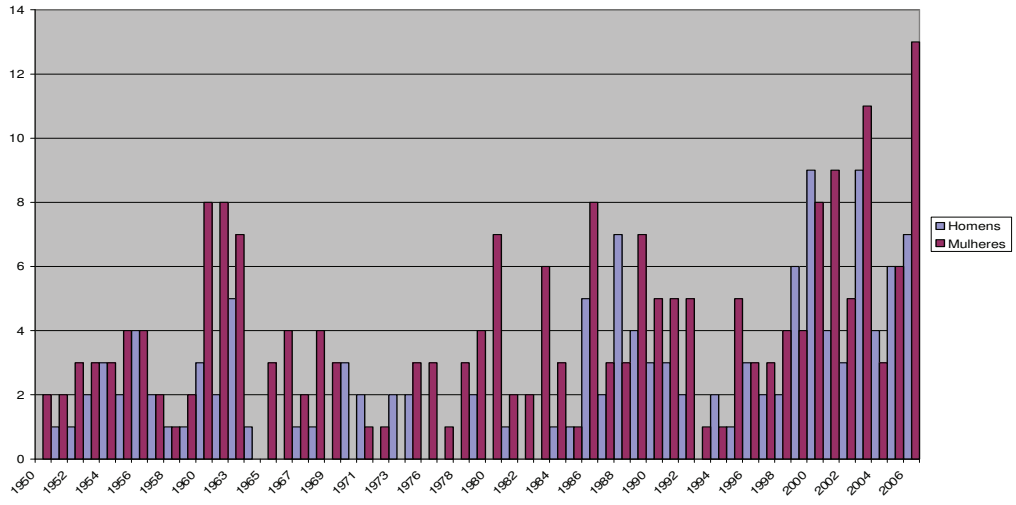
De acordo com a tipologia das famílias com responsáveis bolivianos, há um grande diferencial entre homens e mulheres: 53,2% das famílias formadas por casais com filhos – o arranjo mais freqüente – são de responsabilidade masculina. Os arranjos construídos sem a presença do cônjuge, sobretudo responsáveis sozinhos e responsáveis com filhos, são mais frequentes sob a responsabilidade de mulheres.

Além de reforçar os dados anteriores, sobre a importante presença das mulheres neste fluxo migratório, indicando-as como agentes de equidade ao longo do processo, esta tipologia aponta também para uma transformação de papéis de gênero na migração: das mulheres divorciadas, 68,7% se separaram depois da chegada a Corumbá. O ganho de autonomia através da entrada no mercado de trabalho no local de destino e o aumento do poder de decisão nos

domicílios foram motivações declaradas por mulheres responsáveis pela família, sem cônjuge, na pesquisa de campo a ser analisada posteriormente. Dos arranjos familiares acima é importante ressaltar ainda que os parentes mais presentes – principalmente quando os filhos estão ausentes – são netos ou bisnetos, apontando para uma possível remigração da geração intermediária, ou para mais uma etapa migratória em direção a outros espaços brasileiros.

A proporção de viúvas (15,9% do total de mulheres) infere no arranjo "responsável sozinho": 6 das 8 famílias configuradas por este arranjo são formadas por estas mulheres. No entanto, todas têm filhos morando em outros domicílios em Corumbá. É mesmo entre as famílias formadas por responsáveis com filhos, com ou sem parentes, que as mulheres bolivianas (48,6%), se estabelecem com maior destaque, apontando para uma característica importante desta migração para Corumbá.

Gráfico 11: Período de chegada dos bolivianos segundo o sexo. Corumbá, 2006.



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

De acordo com o Gráfico 11, ainda que o número absoluto de chegadas de mulheres seja mais alto do que o de homens, pode-se observar o descompasso existente entre os sexos ao longo do período entre 1950 e 2006. A distribuição da chegada de mulheres não acompanha o padrão observado entre os homens, indicando uma dinâmica diferenciada. Segundo Morokavasic e Erel (2003, p. 84), partir do princípio de que o papel da mulher num determinado

fluxo migratório é acompanhar a família encobre especificidades como a observada no Gráfico 5: "o privilégio de migrar com a família é para poucos e, no entanto, as mulheres são frequentemente interpretadas como acompanhantes em fluxos migratórios, reprodutoras culturais e biológicas de seus grupos étnicos".

De fato, o fluxo histórico de bolivianas para Corumbá, tem uma dinâmica própria, independente do observado entre os homens, apresentando a primeira grande heterogeneidade deste grupo migrante. O uso diferenciado de redes sociais desde o planejamento da migração aponta para a existência de uma rede essencialmente feminina, desde as primeiras etapas migratórias ainda na Bolívia.

Segundo Massey e Espinosa (1998), o uso de redes sociais na migração diminui custos e riscos. De fato, é comum que os migrantes acessem essas redes de parentesco e amizade, sobretudo nos primeiros momentos do projeto migratório. Há, no entanto, importantes diferenças entre homens e mulheres que devem ser levadas em consideração. Os valiosos recursos oferecidos por estas redes se estabelecem de formas específicas entre os sexos, sendo a configuração das redes femininas mais complexa que a dos homens, uma vez que a figura "comum" em fluxos migratórios é masculina e quem precisa romper barreiras culturais, étnicas e familiares, são as mulheres (Phizacklea, 2004). Desta forma, casamento, filhos, responsabilidade por irmãos mais novos, tentativas de superar relações hierárquicas de poder na família e no lugar de origem são agentes formadores de redes sociais femininas (Morokvasic, 2004).

Para a construção do Quadro 18, levou-se em conta não o número de migrantes captados, mas o número de acessos às redes para o planejamento na viagem, primeira recepção no local de destino, obtenção de recursos, hospedagem e primeiro emprego. Segundo o questionário apresentando anteriormente neste capítulo, cada uma dessas perguntas poderia ser respondida duas vezes, detalhando assim a informação, uma vez que categorias como "cônjuge", "pai" e "mãe" são muito frequentes nestes casos.

Ressalta-se desde já, no entanto, as transformações ocorridas ao longo da migração e também da permanência em Corumbá, sobretudo no que se refere ao número de divórcios após a chegada, como detalhado anteriormente na tipologia das famílias.

O acesso das mulheres a redes de parentesco e amizade, além de ser proporcionalmente maior que o de homens, é mais diversificado. Assim como as mulheres, os homens migram mais

com cônjuges (23,9% e 26,3%, respectivamente). Tios e amigos são figuras importantes neste momento do processo migratório feminino. A pesquisa de campo revela que esse acesso, embora não possa ser captado pela *Encuesta* Corumbá, se dá através de uma rede de mulheres: tias, amigas e madrinhas. Entre as mulheres responsáveis por famílias sem cônjuge, 42,6% delas utilizaram este recurso para atravessar a fronteira.

Quadro 18: Uso de redes sociais ao longo do projeto migratório. Corumbá, 2006.

	Com quem viajou?		Viajou para viver com quem?		Como obteve recursos?		Quem ajudou com a hospedagem?		Quem ajudou com o 1º emprego?	
	Homens	**Mulheres**	**Homens**	**Mulheres**	**Homens**	**Mulheres**	**Homens**	**Mulheres**	**Homens**	**Mulheres**
Sozinho/ninguém	32	28	24	15	43	51	24	23	33	42
Cônjuge	38	61	32	59	8	43	5	20	8	13
Filho(a)	17	41	13	28	1	3	0	3	2	2
Pai	14	26	12	25	16	26	5	12	1	8
Mãe	21	37	19	35	17	29	11	17	4	3
Irmão	5	6	10	9	4	2	8	7	4	5
Irmã	6	9	9	9	5	7	7	10	4	5
Tio/ Tia	4	12	8	15	4	11	11	24	4	12
Primo(a)	2	2	0	3	2	1	2	5	2	5
Sobrinho(a)	0	1	0	1	0	0	1	1	1	0
Avô(ó)	0	1	0	2	0	0	0	2	0	0
Madrinha/Padrinho	0	2	0	2	0	2	0	2	0	0
Outro parente	3	1	7	5	6	7	10	15	7	10
Namorado(a)	1	1	1	1	0	1	0	0	0	1
Amigo(a)	4	23	8	34	8	20	22	48	24	47
Conterrâneo(a)	0	2	0	2	1	2	4	3	1	3
Empresa	1	1	3	6	7	9	6	13	12	11
Total	**148**	**254**	**146**	**251**	**122**	**214**	**116**	**205**	**107**	**167**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França.

As mulheres bolivianas ingressaram neste projeto migratório para viver principalmente com seus cônjuges (23,5%) e mães (13,9%). O grande diferencial entre homens e mulheres com relação a esta variável, são os que viajam para viver com amigos ou amigas: 13,5% das mulheres e apenas 5,7% dos homens declararam este tipo de acesso às redes sociais deste fluxo migratório.

O acesso das mulheres às redes sociais, frequentemente, se dá através de cônjuges, pais e irmãos. No fluxo de brasileiros para os Estados Unidos, são os homens que obtêm recursos através dos amigos (Peres, 2006). O caso das bolivianas em Corumbá apresenta então uma nova face da migração feminina, apontando ainda para uma maior facilidade de circulação através de recursos obtidos fora da família.

Para a obtenção dos recursos para a realização da viagem, a maioria das mulheres (23,8%) não recorre às redes; recursos obtidos dos pais, no entanto, representam juntos 25,7%. Estes pais forneceram este recurso na Bolívia, não fazendo parte direta do fluxo de bolivianos para Corumbá. Apenas 4 mulheres obtiveram recursos para viajar de pais que também migraram. Entre os homens, exceto aqueles que viajaram com recursos próprios, os pais são os principais financiadores da viagem (27%).

O auxílio para a hospedagem na chegada e também para o primeiro emprego no destino tem características diferenciadas das variáveis anteriores. Os homens, que concentravam sua obtenção de recursos através da família direta – pais, irmãos e cônjuge – apresentam uma maior distribuição de acessos, utilizando recursos de tios, primos e outros parentes. As mulheres, de acordo com os dados anteriores, obtêm hospedagem sobretudo com amigos e tias.

Uma vez que os migrantes bolivianos se inserem em mercados de trabalho específicos em Corumbá, o acesso a recursos de redes sociais para a obtenção do primeiro emprego é muito importante. De fato, é para a obtenção deste recurso que os bolivianos mais acessam suas redes, com menores proporções de migrantes que não contaram com qualquer ajuda.

As ocupações exercidas pelos migrantes bolivianos em Corumbá são caracterizadas por diferenciais marcantes entre homens e mulheres. Esta é uma relação conservada dos lugares de origem dos migrantes, referentes às suas etnias e tradicional divisão sexual do trabalho. Homens e mulheres têm funções específicas dentro de sua comunidade, atuando em funções mais ou menos valorizadas de acordo com o sexo. Segundo Souchaud e Fusco (2009, p. 34)

> Em Corumbá, a atividade principal dos migrantes é o comércio. Essa especialização entende-se pela localização da cidade, sendo a fronteira um lugar predileto para os comerciantes. Além disso, Corumbá desenvolveu há muito tempo e com bastante êxito essa função comercial. É importante mencionar que o forte empenho dos migrantes no setor comercial tem como consequência a feminização do fluxo. Com efeito, as atividades comerciais, seja nas feiras, seja na venda ambulante, são tradicionalmente desprezadas socialmente nas culturas andinas (quíchua e aimará, principalmente) da Bolívia, e geralmente "deixadas" às mulheres.

Entende-se por "feminização" o conjunto de impactos causados com a entrada efetiva das mulheres num determinado fluxo migratório (Morokvasic, 2004). O volume de mulheres por si só, ainda que seja superior ao dos homens, não caracteriza uma "feminização". A reconfiguração da família, transformações nas relações de poder e papéis de gênero, o ganho de autonomia das mulheres, mudanças no mercado de trabalho no destino, são alguns dos impactos que causam a feminização de um fluxo migratório.

A inserção em nichos específicos de atividades citada pelos autores é anterior à própria migração. De acordo com o contexto histórico e demográfico estudado no capítulo primeiro deste trabalho, Corumbá exerce desde o século 19 uma importante função comercial. E é justamente este traço, associado a características da sociedade boliviana, que prova esta inserção específica dos migrantes e confere uma complexidade ainda maior ao fenômeno migratório.

A concentração de trabalhadores bolivianos no comércio associa, portanto, a formação histórica de um mercado – ora restrito à fronteira, ora articulado a outros mercados – a uma característica marcante da sociedade de origem destes migrantes. Enquanto que a atividade agrícola é valorizada entre os homens, cabe às mulheres a função de comercializar a produção.

Quadro 19: Setores de atividade dos migrantes bolivianos. Corumbá, 2006.

Setores de atividade	***Homens***	***Mulheres***	***Total***
Indústria	7	4	11
Comércio	36	45	81
Prestação de serviços	32	43	75
Agropecuária	1	2	3
Construção civil	7	0	7
Público	1	9	10
Total de casos válidos	**84**	**103**	**187**

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. Nepo/UNICAMP – IRD/França

Ainda que o comércio na Bolívia seja uma atividade reconhecidamente feminina, homens e mulheres a exercem de maneira equivalente em Corumbá. De fato, a atividade comercial, tanto em feiras livres, quanto na venda ambulante ou ainda em espaços específicos – como a feira BrasBol, nicho de atividades comerciais de bolivianos, a poucos quilômetros da fronteira – é reconhecida entre residentes brasileiros como "trabalho de bolivianos". Comércio formal e principalmente informal ocupam estes migrantes, que reproduzem de certa forma o caráter cultural da atividade: homens cuidam da compra de mercadorias e estoque; mulheres estão à frente dos balcões, barracas e bancas nas feiras. Este caráter informal é reforçado pelas proporções de trabalhadores bolivianos registrados: 80% das mulheres e 74% dos homens não têm carteira de trabalho assinada.

O acesso à educação dos homens bolivianos em Corumbá é ligeiramente maior que o das mulheres. De fato, o ensino fundamental é equivalente entre os sexos, e ascendendo em níveis de educação, as mulheres atingem em menores proporções os níveis mais elevados. Casamento, nascimento de filhos e até a própria migração e a entrada num mercado de trabalho específico como o comércio em Corumbá foram explicações dadas pelas mulheres bolivianas para este quadro, na segunda pesquisa de campo.

Esta análise comparada entre homens e mulheres bolivianos residentes em Corumbá, além de servir como ferramenta para a construção de um estudo sob a perspectiva de gênero, aponta para a primeira heterogeneidade marcante deste fluxo migratório. Homens e mulheres apresentam diferentes características que forjam sua distribuição por diferentes variáveis captadas pelo levantamento de campo. Relações estabelecidas com responsáveis pela família e pelo domicílio, status conjugal e os arranjos familiares presentes apontam para transformações nas relações de gênero ao longo do processo.

Períodos de chegada distintos, independentes, tiram as mulheres definitivamente da invisibilidade neste fluxo migratório, reforçando o caráter de igual importância de homens e mulheres no fenômeno. O uso diferenciado de redes sociais estabelece vínculos específicos, em diferentes momentos. As mulheres bolivianas são mais articuladas nestas redes, incrementando o acesso a diferentes recursos principalmente na construção de estratégias para migrar. Ainda que o setor de atividade em que mais se inserem estes homens e mulheres seja o mesmo – o comércio – os migrantes reproduzem especificidades culturais e étnicas que carregam desde a origem, profundamente marcadas por diferenciais entre os sexos.

Analisado o perfil geral dos bolivianos captados pela pesquisa de campo e também os diferenciais existentes entre homens e mulheres – heterogeneidade que sustenta este trabalho, explora-se a partir de agora especificamente a migração feminina. Neste sentido, os dados da *Encuesta* Corumbá, associados às entrevistas qualitativas realizadas no município apontam para diferentes estratégias, formas de inserção na sociedade receptora e transformações ao longo do processo, revelando especificidades encontradas entre essas mulheres migrantes.

2. Migração Feminina: a presença das bolivianas em Corumbá

Os avanços teóricos em estudos de migração apontam para a necessidade e importância do reconhecimento das mulheres como agentes de equidade em fenômenos migratórios. Segundo Harzig (2003), é fundamental a desconstrução da figura do homem provedor ("*male breadwinner*") em contextos em que homens e mulheres se arriscam paralelamente em projetos migratórios.

O reconhecimento de diferentes motivações, estratégias, trajetórias, transformações ao longo dos processos, inserção e impactos em locais de destino é, portanto, o primeiro passo para o estudo da migração feminina.

Foram estudados neste trabalho os diferenciais existentes entre homens e mulheres bolivianos em Corumbá. Segundo Morokvasic (2003), a busca por esses diferenciais estrutura uma análise específica da migração feminina, embora seja insuficiente em si mesma: estudar um fluxo migratório feminino não significa incluir as mulheres num cenário em que elas já estavam, mas superar essa barreira e avançar no sentido da compreensão de processos essencialmente femininos.

Para identificar e compreender estes processos associa-se os dados da *Encuesta* Corumbá às entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas. Completando o esforço metodológico proposto neste trabalho, as entrevistas ampliam o contato específico com mulheres abordando questões que apontem para estes processos essencialmente femininos.

O objetivo principal das entrevistas qualitativas foi aprofundar questões não captadas pela *Encuesta* Corumbá, uma vez que esta foi uma pesquisa mais ampla, não preocupada especificamente com estudos de migração feminina. Estruturou-se, portanto, um roteiro detalhado, que incluía desde antecedentes migratórios e características da família ainda na

Bolívia até o uso de redes sociais específicas, o planejamento do ciclo de vida individual e familiar de acordo com as etapas migratórias percorridas, as impressões sobre as mudanças de papéis sofridas ao longo das trajetórias migratórias e impactos sofridos ao longo deste processo. Através dos dados resultantes da *Encuesta* Corumbá, pontuados pelas verbalizações coletadas nas entrevistas qualitativas, busca-se esses processos específicos experimentados pelas mulheres bolivianas ao longo de suas trajetórias migratórias.

2.1 Trajetórias Migratórias e Ciclo de Vida

As trajetórias migratórias das mulheres bolivianas em Corumbá revelam suas motivações, transformações sofridas ao longo do processo e ainda, estratégias utilizadas não apenas para percorrer etapas migratórias distintas, mas para planejá-las em função de outros fatores, especialmente ligados ao planejamento do ciclo de vida familiar. Segundo Chaves (2009, p. 137),

> Relacionar a migração com os diferentes estágios do ciclo de vital – que interfere com maior peso na vida das mulheres, em função dos múltiplos papéis assumidos por elas em certas etapas – se mostrou importante para elucidar aspectos da dimensão familiar e individual da migração feminina.

Trajetórias migratórias não se definem, portanto, apenas no percurso percorrido pelos migrantes em direção a seu destino: é importante apreender o uso estratégico de cada um dos espaços componentes desta trajetória, em suas variadas formas. Segundo Baeninger e Souchaud (2007, p. 4)

> Hoje a migração, em muitos casos, não é um processo linear, mas feita de desvios, retornos, idas e vindas. A multiplicação dos lugares na migração não é aleatória, constitui ou acaba formando uma estratégia, na qual os espaços são considerados como recursos, num processo cumulativo. A circulação dos indivíduos e de bens e informações que lhes são associados, em diferentes espaços articulados entre si, criam uma dinâmica territorial complexa.

Segundo Tarrius (2000, p. 44), durante toda a vida os indivíduos desenvolvem estratégias residenciais que nada tem a ver com o acaso:

> Minha preocupação residiu na construção de trajetórias que articulam a história de vida, tal como a descreve cada interlocutor e os acontecimentos gerais, exteriores às vontades individuais, mas contribuindo com a construção dos destinos[49].

Partindo desta perspectiva, busca-se associar o caminho percorrido pelas mulheres bolivianas até a chegada a Corumbá, associando fatores indicados por elas próprias para a construção de suas trajetórias.

Uma das especificidades deste levantamento de campo realizado em Corumbá é a captação dessas trajetórias. Através de um esforço dos próprios migrantes ao listarem os lugares por onde passaram até a chegada ao destino, pode-se reconstruir esses caminhos. As entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá permitiram uma análise longitudinal (Dureau, 1992) destas trajetórias, revelando o uso dos espaços percorridos em função do planejamento do ciclo de vida individual e familiar dos migrantes.

É importante ressaltar, no entanto, que essas trajetórias foram traçadas e percorridas em meio a um cenário de transformações profundas na distribuição populacional boliviana. Os processos que conduzem ao cruzamento de fronteiras da Bolívia para o Brasil têm suas raízes estruturais fincadas nesta redistribuição populacional. São fortes e presentes neste fluxo migratório os vínculos com estes processos bolivianos, uma vez que é comum a "tendência à instalação" desses migrantes após a chegada a Corumbá (Souchaud e Baeninger, 2008). Desta forma, Corumbá tem a função de espaço final de um processo migratório essencialmente boliviano.

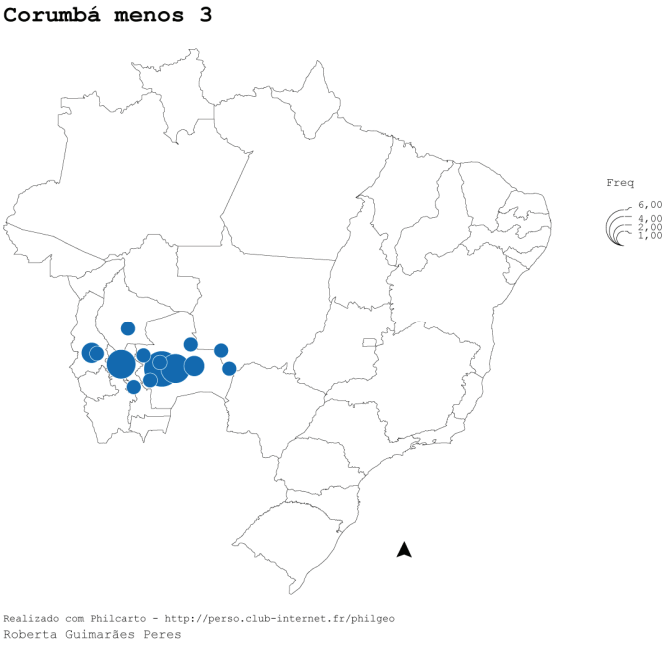
O cenário da distribuição da população boliviana na segunda metade do século 20, sofreu marcantes transformações de naturezas política e econômica (Domenach e Celton, 1996; Souchaud e Baeninger, 2008). Dado que a migração de bolivianos para Corumbá se estende desde antes mesmo desse processo que resultou em fluxos de migração interna na Bolívia, é esperado que esses processos se reflitam nas trajetórias migratórias desses migrantes.

De fato, os dados da *Encuesta* Corumbá revelam que as mulheres migrantes passaram por pelo menos uma etapa migratória diferente de seu lugar de nascimento: 73% delas migram internamente na Bolívia antes de atravessar a fronteira em direção a Corumbá. O Mapa 3 a

[49] Tradução livre da autora: *Mi preocupación residió em la construcción de trayectorias que articulan la historia de vida, tal como la describe cada interlocutor y los acontecimientos generales, exteriores a las voluntades individuales pero contribuyendo a la construcción de los destinos.*

seguir mostra as mulheres bolivianas que residiam em Corumbá no momento da pesquisa em três etapas migratórias anteriores.

Mapa 3: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em três etapas migratórias anteriores.



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

No Mapa 3 observa-se que há, à exceção de duas concentrações em Santa Cruz e La Paz, uma dispersão relativamente longe da fronteira com o Brasil, espalhada por vários departamentos bolivianos. Enquanto os migrantes avançam em suas etapas migratórias é formado um eixo em direção à fronteira com o Brasil e, mais adiante, em direção a Corumbá. Lia[50], entrevistada em pesquisa de campo, percorreu quatro etapas migratórias antes da chegada a Corumbá:

[50] Nome fictício. Todos os nomes das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo foram preservados. Questionadas sobre o idioma de preferência para as entrevistas, a escolha da maioria das mulheres foi o Português, embora as respostas tenham sido dadas em Espanhol.

> *Não foi difícil me acostumar. Demorei muito para chegar na fronteira e fui me acostumando aos poucos. E aqui é muito parecido com o que eu vivia lá (em Puerto Quijarro). Difícil foi sair de La Paz. Mas depois andei tanto que me acostumei.*

Entre as mulheres entrevistadas que haviam percorrido mais de uma etapa migratórias, o planejamento do ciclo de vida familiar regeu a temporalidade de suas trajetórias. Maria, que percorreu duas etapas migratórias, afirma:

> *Aceitei vir com ela (a irmã) só depois que meu filho nascesse em Santa Cruz. Não queria que ele nascesse aqui. Queria que ele nascesse lá, que fosse como eu.*

A noção de pertencimento ligada a uma das etapas migratórias, citada por Maria com relação ao lugar de nascimento de seu filho é definida por Tarrius (2000) como a associação entre migração e os recursos disponíveis em cada um dos lugares percorridos. Segundo o autor,

> Busquei sistematicamente, mais além da história singular de cada pessoa, suas modalidades de pertencimento ou não a vastas coletividades que expressam sua memória a vastos espaços migratórios através do tempo e da sucessão de gerações. Como agregam estas memórias os lugares invadidos, ocupados, atravessados? Que recursos oferecem as etapas migratórias e os novos centros que às vezes, segundo os grandes acontecimentos da história, se sucedem nos mesmos lugares?[51] (Tarrius, 2000, p. 45)

Os dados da *Encuesta* Corumbá apontam para essa repetição de etapas migratórias dos migrantes bolivianos através do tempo. A concentração num eixo que se observa nesta

[51] Tradução livre da autora: *Busqué sistemáticamente más Allá de la historia singular de cada persona, sus modalidades de pertenencia o no a vastas colectividades que expresan la memória de recorridos a través de vastos espacios migratorios en el tiempo, a menudo largo, de las sucesiones de generaciones. Como agregan estas memórias dos lugares invadidos, ocupados, atravesados? Qué recursos ofrecen las etapas y los nuevos centros que a veces, según grandes acontecimientos de la historia, se han sucedido en los mismos lugares?*

sequência de mapas em direção à fronteira revela etapas migratórias comuns ao fim do percurso mesmo a mulheres que partiram de diferentes regiões na Bolívia.

De acordo com a definição de Tarrius (2000), esta repetição de etapas migratórias está ligada a processos históricos anteriores – sobretudo referentes à redistribuição da população boliviana experimentada a partir dos anos 1970, aumentando a concentração populacional no Departamento de Santa Cruz.

Os usos desses espaços e a identificação dos recursos disponíveis em cada um deles, no entanto, são diferenciados de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres. Neste sentido, o planejamento das trajetórias migratórias não está ligado diretamente a recursos disponíveis em determinados espaços, mas à sua associação às necessidades identificadas de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres.

O momento do início do projeto migratório também está relacionado com o ciclo de vida dos migrantes. Segundo Cortes (2004, p. 166)

> A migração está estreitamente relacionada ao ciclo de vida da família; o ritmo de crescimento da família e a idade do chefe de domicílio determinam o momento a partir do qual se inicia a migração[52].

De acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontravam, os recursos identificados e utilizados em cada uma dessas etapas migratórias foram diferenciados. Cora descreve a sua saída de La Paz para Santa Cruz quando tinha 15 anos:

> *Quando meu pai morreu, fiquei com minha mãe e meu irmão. Ele se casou e saiu de casa. Convenci minha mãe a sair de lá, queria ir para Santa Cruz. Tinha uma tia vivendo lá. Nunca pensei em vir pro Brasil. Mas queria morar num lugar onde eu pudesse trabalhar em outra coisa (Cora é de uma família de agricultores) e não só ficar esperando marido.*

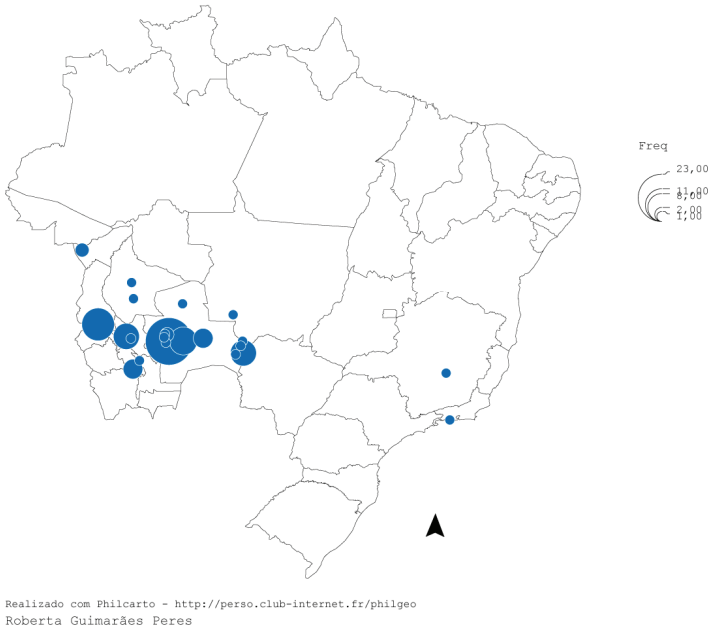
Muito diferente foi a identificação dos recursos encontrados em Santa Cruz descritos por Patrícia, que deixou Oruro aos 29 anos:

[52] Tradução livre da autora: *La migración está estrechamente relacionada com el ciclo de vida de la familia; el ritmo de crecimiento de la família y la edad del jefe de hogar determinan el momento a partir de cual se inicia la migración.*

> *Minha tia ficou viúva e foi para Santa Cruz e em pouco tempo já estava trabalhando numa feira grande que tem lá. Minha prima ficou em casa conosco e só depois foi encontrar a mãe. Depois de bem pouco tempo já estava trabalhando também na feira e tinha se casado e ela é mais nova que eu. Fui morar com a minha tia para não repetir a vida da minha mãe. Queria me casar e ter filhos e onde eu morava, eu já sabia como ia ser a minha vida para sempre.*

Os recursos encontrados por essas duas mulheres bolivianas em etapas migratórias comuns são bem diferenciados. Esses recursos, ainda que associados a expectativas e motivações para migrar, foram identificados através de históricos migratórios – e respectivos recursos encontrados – de outros membros da família. Por estarem em diferentes momentos de seu ciclo de vida, essas duas mulheres encontraram numa mesma etapa migratória, no mesmo lugar, diferentes recursos que impulsionaram de maneiras distintas as suas próximas etapas.

Mapa 4: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em 2 etapas migratórias anteriores.



Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

Ao mesmo tempo em que se aproximam da fronteira, os recursos encontrados em cada uma das etapas migratórias foram se tornando comuns à maioria das mulheres entrevistadas. O perfil do grupo, revelado pela *Encuesta* Corumbá, no entanto, é bem distinto. Expectativas principalmente relacionadas a melhores condições de trabalho impulsionaram a aproximação dessas mulheres à fronteira, mas de maneiras muito distintas, sobretudo, ao que se refere ao status de nupcialidade.

Entre as mulheres solteiras ou separadas que se aproximaram da fronteira uma etapa antes de cumprir suas trajetórias migratórias, todas estavam acompanhadas de outra mulher da família, também com o mesmo status de nupcialidade. Encontraram em Puerto Quijarro e em Puerto Suarez novas perspectivas de trabalho, principalmente relacionadas ao comércio do lado brasileiro da fronteira.

> *Saí de casa com minha madrinha e fui para Santa Cruz, depois para Puerto Suarez e depois é que vim pra cá. Quando chegamos em Santa Cruz, começamos a trabalhar numa feira de artesanato. Minha madrinha veio logo para a fronteira, mas eu fiquei lá com a filha dela e uma tia, porque queria estudar lá. Depois que eu terminei a escola, vim direto para Suarez, e começamos a levar mercadoria pela fronteira, de lá para cá. Comprávamos coisas mais baratas do lado boliviano e vendíamos aqui nas feiras. Depois começamos a ficar do lado de cá e minha prima é que agora mora em Puerto Suarez e traz as mercadorias. Ela não quer morar aqui.*

Entre as mulheres casadas ainda na Bolívia, que terminaram de cumprir suas etapas migratórias acompanhadas de maridos e filhos, o planejamento das trajetórias levou outros recursos em consideração: além de melhores condições de trabalho, especialmente entre as mulheres, o período em que ficaram dividindo as atividades entre Brasil e Bolívia foi mais longo. A preocupação com a disponibilidade de sistemas de saúde e educação para os filhos, por exemplo, permeou as falas de todas essas mulheres:

> *Eu por mim ficava no meio caminho. Usava o que era melhor dos dois lugares. Eu gostava de morar em Quijarro porque eu entendia todo mundo e todo mundo me entendia. Aqui eu não entendo o que as pessoas falam. Por mim teria ficado do lado de lá... Meus filhos vão à escola boliviana. Lá eu sei o que está sendo ensinado, entendo as*

> *coisas. Aqui não entendo. Mas eles vão ao médico daqui, que é melhor. Eu não consigo. Vou ao médico de senhoras em Quijarro. Nunca vou aqui. Mas meu marido acabou arrumando trabalho aqui. Antes ele trabalhava lá e eu vinha todos os dias trabalhar aqui. Depois que ele começou a trabalhar na mineradora, quis vir pra cá. Eu vim sem vontade. Eu ainda quero voltar a La Paz. Todo ano eu passo um mês lá, quando as crianças estão de férias (Alice, 48 anos).*

> *Minhas crianças só vão à escola em Quijarro. Minha filha mais velha voltou para Santa Cruz e está com uma tia para continuar estudando, quer fazer faculdade. Eu gosto de morar aqui, porque tenho muitas amigas da Bolívia e ganho melhor. Mas trabalho a mesma coisa... Não confio nas pessoas porque elas não confiam em mim. Então, não deixo meus filhos estudarem aqui. Saí de La Paz para trabalhar em Santa Cruz. Vim para a fronteira porque ganhava melhor aqui e minha madrinha estava morando aqui também. Mas eu quis ter todos os meus filhos lá. Quando nasceu o menor e eu já morava aqui, eu voltei e fiquei em Santa Cruz para ele nascer. E assim eu vou... Eu sempre volto para os lugares onde eu morei porque gosto de lá, tenho amigos e família... aqui é muito calor! Mas eu sei que ganho mais aqui e preciso ficar por causa das crianças (Juliana, 36 anos).*

De acordo com Pessar (2000, p. 96) a base da construção de qualquer trajetória migratória feminina é o ciclo de vida – individual e familiar.

> Independentemente das expectativas construídas no lugar de origem, as trajetórias migratórias são dependentes do ciclo de vida das mulheres migrantes. Um fator importante é sem dúvida a nupcialidade. Mas o planejamento do ciclo de vida, tanto individual quanto familiar é a questão central que define as trajetórias migratórias. Os usos dos espaços de acordo com esse planejamento orientam a mobilidade das mulheres migrantes[53].

Neste sentido, as mulheres bolivianas que chegaram a Corumbá planejaram sua trajetória migratória de acordo com as possibilidades encontradas em cada um dos espaços componentes. As expectativas descritas no momento de saída do lugar de origem – trabalho, casamento,

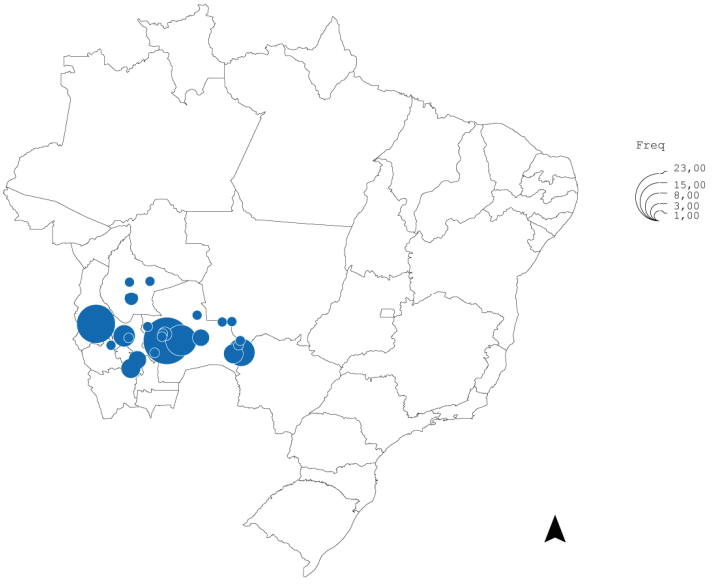
[53] Tradução livre da autora: *Regardless of expectations built in the place of origin, migratory trajectories are dependent on the life cycle of migrant women. An important factor is undoubtedly the marriage. But the planning of life cycle, both individual and family is the central question that defines the migratory trajectories. The uses of space in accordance with this plan guide the mobility of migrant women.*

estudo – foram se modificando de acordo com os recursos encontrados em cada uma das etapas migratórias. Quando perguntadas se o objetivo principal era o cruzamento da fronteira, 15 das 17 entrevistadas que cumpriram mais de uma etapa migratória afirmaram não terem planejado, no momento da saída do lugar de nascimento, viver em Corumbá.

Esta é uma importante informação resultante das entrevistas qualitativas realizadas com essas mulheres: inseridas num fluxo migratório antigo, em que a participação feminina foi sempre significativa, o projeto migratório não abarcava o cruzamento da fronteira. Esta nova etapa migratória foi acrescida ao longo da própria trajetória, quando se inseriam essas mulheres em outras redes, encontrando outros recursos, que as levaram a Corumbá. Este fato reforça a relação estreita existente entre fluxos migratórios internos na Bolívia e a presença boliviana em Corumbá (Souchaud e Baeninger, 2008).

Mapa 5: Mulheres bolivianas residentes em Corumbá, em 1 etapa migratórias anterior.

Corumbá menos 1 (exceto município de nascimento)



Realizado com Philcarto - http://perso.club-internet.fr/philgeo
Roberta Guimarães Peres

Fonte: *Encuesta* Corumbá, 2006. NEPO/ IRD.

O casamento é também uma etapa importante do ciclo de vida que as mulheres captadas em Corumbá pelas duas pesquisas de campo levam em conta na construção de suas trajetórias migratórias. Segundo a *Encuesta* Corumbá, 43,2% das mulheres casadas ou em união estável

têm a data da união anterior à chegada ao destino. Dentre as restantes, 85% se casaram com homens brasileiros.

Ainda que se trate de volumes pequenos, as entrevistas qualitativas confirmam a preocupação com o casamento ao longo das trajetórias migratórias. Segundo Cora,

> *Eu já sabia como ia ser a minha vida lá* (em La Paz)*... eu ia ficar esperando um marido e depois continuar vivendo do mesmo jeito. Eu não queria me casar. Quando fui com a minha mãe para Santa Cruz, eu nem pensava nisso. Depois de Santa Cruz, em Quijarro, conheci o meu marido e comecei a trabalhar na fronteira. Ele já morava no Brasil. Eu não queria me casar aqui de jeito nenhum, porque pra mim é diferente. Mas também não queria vir pra cá sem me casar porque não achava direito. Daí ele foi pra lá, casamos e moramos lá um tempo, eu trouxe a minha mãe e duas primas. E depois nos mudamos pra cá. Elas continuam lá* (em Puerto Quijarro) *e meus filhos passam a semana lá para irem à escola.*

Souchaud e Fusco (2009, p. 35) analisaram dados da *Encuesta* Corumbá referentes aos arranjos familiares dos bolivianos. Segundo os autores,

> Com efeito, a migração se define em função do ciclo de vida e, ao mesmo tempo, ela alimenta e acelera a construção das etapas do ciclo vital. A população migrante, além de se caracterizar por perfis diferentes no momento da emigração, experimenta muitas situações de vida durante o período migratório, e essa variedade de situações familiares e individuais, em conjunto com a alta velocidade com que se modificam os arranjos familiares dos próprios migrantes na sociedade de recepção, reflete nos resultados da pesquisa.

Analisadas as trajetórias migratórias das mulheres em Corumbá em função de seu ciclo de vida, observa-se uma estreita relação entre essas duas estruturas. O ciclo de vida, especialmente casamento e nascimento de filhos, é planejado em função das etapas migratórias percorridas e dos usos estratégicos de cada um desses espaços. De acordo com o momento do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres, são identificados por elas diferentes recursos em etapas migratórias iguais.

As entrevistas qualitativas revelam ainda o uso estratégico dos recursos oferecidos pela própria fronteira: o uso de sistemas de educação e saúde em função da percepção de vantagens do lado boliviano – escola dos filhos e serviços de saúde da mulher, principalmente – e do lado brasileiro – serviços de saúde para o resto da família e melhores condições de emprego. Ainda que as migrantes bolivianas presentes em Corumbá reproduzam a tendência à permanência nesta etapa migratória observada neste fluxo ao longo de décadas, são elas que promovem essa circularidade no espaço da fronteira, produzindo "construções territoriais originais e redes sociais propícias à circulação" (Tarrius, 2000, p. 45).

2.2 Estratégias migratórias e redes sociais

Se as trajetórias migratórias das mulheres bolivianas em Corumbá estão diretamente relacionadas ao planejamento do ciclo de vida individual e familiar, é necessário observar de que maneira essa articulação se estabelece: quais as estratégias dessas mulheres para cumprir suas trajetórias migratórias em função de seu ciclo de vida? De que rede de apoio dispõem? A que tipo de auxílio recorrem?

Segundo Cunha, Souchaud, Baeninger e Carmo (2006, p. 192)

> As estratégias migratórias estabelecem-se em nível da formação e utilização de redes relacionais e de tipos de deslocamentos entre diferentes pontos do espaço migratório.

Um dos avanços teóricos mais significativos para o estudo da migração feminina foi o reconhecimento deste fenômeno como independente de fluxos migratórios em que a mulher tem o papel de acompanhante e ainda aqueles em que a migração de mulheres faz parte de uma estratégia familiar de sobrevivência. Segundo Morokvasic (2000), o estudo das estratégias migratórias ressalta importantes diferenças entre a migração masculina e feminina, revelando fenômenos distintos e independentes.

Ainda que estudos específicos sobre migração feminina tenham definido este fenômeno como componente de uma estratégia familiar e não individual – como fluxos migratórios com fins matrimoniais – observando outros fluxos migratórios, compostos por ambos os sexos, pode-se isolar importantes fatores específicos entre as mulheres (Morokvasic, 2000, p. 896). Estes fatores estendem-se desde a seletividade das migrantes até as mudanças experimentadas por elas ao longo de suas trajetórias.

Neste sentindo, entende-se como migração feminina não apenas fluxos compostos exclusivamente por mulheres, mas o conjunto de diferenciais que fazem as trajetórias e estratégias utilizadas pelas mulheres serem diferentes das utilizadas pelos homens.

No caso da presença boliviana em Corumbá, as mulheres apresentam uma longa história neste fluxo migratório. Dados censitários anteriormente analisados reforçam esta importante característica da migração boliviana para Corumbá desde o início do Século 20. Busca-se, portanto, compreender de que maneira se dá a migração de bolivianas para Corumbá, segundo suas trajetórias migratórias associadas a seu ciclo de vida – item anterior – e também através de suas estratégias migratórias associadas a diferentes redes de apoio em que se inserem essas mulheres ao longo do processo.

As entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá revelam as estratégias utilizadas por elas ao longo de suas trajetórias migratórias. Segundo Cora,

> *Eu que escolhi sair de La Paz. Meu irmão já tinha se casado. Aproveitei que fiquei sozinha com a minha mãe e fomos embora. Lá é muito comum. Mulher sempre sai de casa com outra mulher da família. Com homem é mais difícil, só pai e marido. Foi difícil tirar minha mãe de lá porque ela nasceu, casou e viveu com o meu pai lá a vida inteira. Mas eu expliquei pra ela que a vida poderia ser melhor em Santa Cruz, principalmente por causa do trabalho. Ela concordou em vir comigo. Vendemos a casa, dividimos as coisas com meu irmão, e fomos embora pra casa de uma tia em Santa Cruz. Eu era muito nova... nem sei direito como é que as coisas deram certo assim... Mas a verdade é que eu com minha mãe conseguimos chegar em Santa Cruz e depois escolhemos os nossos caminhos. Hoje não tem nada a ver com o que eu imaginava, mas eu sou feliz aqui. Ainda mais porque pude trazer minha mãe e minhas primas. Elas trabalham comigo na fronteira, mas moram lá porque ainda estão na escola. E minha mãe cuida dos meus filhos. Foi assim que a gente fez a vida toda. Todas se ajudando: eu e minha mãe saímos de casa e ajudamos minha tia em Santa Cruz. Hoje eu ajudo minhas primas que estão em Quijarro morando com minha mãe, que também me ajuda com as crianças. Acho que foi esse o jeito que a gente encontrou pra tudo dar certo nesse caminho que percorremos.*

Os dados da *Encuesta* Corumbá não revelam a rede de apoio utilizada pelos migrantes segundo o sexo. Desta forma, não se pode afirmar em que proporções as mulheres captadas pela pesquisa receberam auxílio de homens ou de outras mulheres. As entrevistas qualitativas, no entanto, apontam para a formação de uma rede essencialmente feminina, em que as mulheres circulam até a chegada a Corumbá e, após a chegada ao destino, permanecem alimentando a rede, facilitando a chegada de outras mulheres à fronteira. Segundo Juliana,

> *Não tem problema sair de casa se você sabe para onde vai e com quem vai. Muitas mulheres fazem isso. Eu acho que a minha vida teria sido mais difícil se eu não tivesse saído de casa. Eu vim com a minha madrinha, então não teve problema nenhum. Eu fiquei em Santa Cruz e depois ela veio pra fronteira pra trabalhar e eu vim com ela. Então não é que ela me tirou de casa... eu queria sair porque lá eu sabia que ia viver igual à minha mãe. Não era ruim... mas eu já sabia como era. E não foi por aventura que eu vim, não. Nunca fui... rebelde!. Era só porque eu sabia no que ia trabalhar, quanto ia ganhar, que tipo de família ia ter... Eu não queria. É... hoje eu trabalho na mesma coisa. Mas é diferente. Aqui eu ganho mais e faço o que eu quero da minha vida.*

O depoimento de Juliana aponta para um importante viés comumente associado à migração feminina. Segundo Chaves (2009, p. 13),

> A migração feminina incorpora facilmente o viés de liberdade: a mulher sairia da proteção cotidiana familiar em busca de uma vida mais autônoma num outro destino. Sendo assim, migrar seria crescer e se independer. Entretanto, generalidades tamanhas não se ajustam a todas as migrantes. Sem dúvida, algumas características da migração atuam no sentido de melhorar a condição de vida das mulheres: o deslocamento autônomo, a maior escolaridade, a inserção no mercado formal. Porém, essas seriam conjunções que afetariam positivamente a condição de vida de qualquer um, homem ou mulher.

A migração de mulheres bolivianas para Corumbá não parece ter esse "perfil libertador". A decisão de migrar e também a escolha da estratégia para fazê-lo são, na maioria das vezes, coletivas. Neste sentido, sair do lugar de origem muitas vezes implica numa mudança de cenário para o exercício de atividades semelhantes.

Mais do que um "cálculo racional para a diminuição de riscos e custos", a composição de uma estratégia migratória feminina envolve a articulação entre os recursos já disponíveis na origem e ainda aqueles que serão incorporados no lugar de destino (Oso Casas, 2005). A decisão de migrar é tomada pelas mulheres a partir da perspectiva de recursos já no primeiro momento do projeto migratório. Neste sentido,

> Um ponto de partida crucial para o estudo da migração feminina é a relação entre as estratégias migratórias e redes sociais. É essa relação a principal estrutura que orienta as decisões tomadas por grupos ou indivíduos num fluxo migratório. A decisão de migrar, no entanto, é influenciada pela existência e pela participação em redes sociais, que conectam as pessoas em diferentes espaços[54]. (Phizacklea, 2003, p. 87).

No caso da migração boliviana, a decisão de migrar está relacionada, segundo os dados da *Encuesta* Corumbá e também das entrevistas qualitativas, a esta estrutura definida por Phizacklea (2005). De acordo com os dados da pesquisa, 69% das mulheres que viajaram acompanhadas o fizeram com familiares. Um limite da *Encuesta* Corumbá – por não ser uma pesquisa específica sobre migração feminina – é o não detalhamento dessa informação de acordo com o sexo. Uma alternativa de investigação foi incluir esse detalhamento nas entrevistas qualitativas, através da descrição dos recursos explorados ao longo de toda a trajetória migratória das mulheres.

Foi a partir das entrevistas qualitativas que se observou a formação de uma rede migratória complexa, essencialmente feminina. As mulheres bolivianas deixam seus lugares de origem acompanhadas por outras mulheres, de diferentes relações de parentesco. Enquanto percorrem suas trajetórias migratórias envolvem-se nessa rede solidária, em que a mobilidade é fator determinante. Segundo Chaves (2009, p. 12),

> Análises que têm como base as redes sociais enfatizam sua importância na migração feminina; o contínuo desses movimentos cria no destino uma comunidade que se apresenta com dupla função para a comunidade de origem: protege, acolhe e ampara as migrantes, ao mesmo tempo em que zela para que seu comportamento reflita as tradições e os costumes das áreas de origem.

[54] Tradução livre da autora: *A crucial starting point for research on feminine migration is the relation between the migratory strategies and de social networks. This relation is the main structure that provides the migration decisions made by groups or individuals in a migratory flow. However, the decision to migrate is influenced by the existence and participation in social networks, witch connect people across space.*

> Outros autores consideram a relevância das redes sociais ainda maior na migração feminina porque muitas vezes elas se particularizam por gênero, isto é, constituem-se apenas de mulheres e aí atuam de forma significativa no atendimento a necessidades específicas das migrantes, ao mesmo tempo em que acolhem e protegem aquelas que buscam na migração uma forma para escapar das amarras da sociedade de origem.

A associação existente entre as estratégias migratórias utilizadas e essa rede social essencialmente feminina é descrita pelas bolivianas em Corumbá como fundamental para a efetivação do projeto migratório. Mulheres deixarem seu lugar de origem com outras mulheres – à exceção do pai ou marido – é descrito por elas como *comum* e *seguro*. O apoio prestado entre as mulheres da mesma família – não necessariamente co-habitante – é fundamental para a decisão de migrar e para a construção de uma estratégia migratória. Segundo Quiroga (2007, p. 10),

> Além do apoio material e simbólico, é muito comum a participação do conglomerado familiar na dinâmica micro familiar – por exemplo, na tomada de decisões para a solução de problemas de forma ativa e cotidiana, e inclusive para a tomada de decisões importantes[55].

No momento da decisão de migrar e de que forma realizar o projeto migratório, as mulheres de uma mesma família prestam diferentes auxílios umas às outras, ainda que não dividam o mesmo domicílio e nem tenham uma relação direta entre si. Tias – irmãs da mãe – que se casaram e foram morar em outro lugar – atraíram e abrigaram sobrinhas. Essa foi uma estratégia muito comumente apontada pelas migrantes entrevistadas em Corumbá. Segundo Cora,

> *Acho que minha mãe só aceitou sair de lá (de La Paz) porque ia para a casa da irmã.*

Maria descreve as estratégias utilizadas no início de sua trajetória migratória:

> *Minha irmã saiu antes, com minha tia, para Santa Cruz. Eu fiquei em casa trabalhando com minha mãe. Quando ela morreu, minha irmã*

[55] Tradução livre da autora: *Además del apoyo material y simbólico, es muy común la participación del conglomerado familiar em la dinâmica micro familiar – por ejemplo, em la toma de decisiones para la solución de problemas de forma activa y cotidiana, e inclusive para la toma de decisiones importantes*.

> *voltou e me levou para Santa Cruz com ela. Ficamos morando lá com a minha tia e duas primas. Minha tia já era separada. Daí eu me casei, não deu certo e eu voltei para a casa da minha tia e só saí de lá quando nasceu o meu mais novo.*

Zélia chegou a Corumbá com o marido e três filhos e ao longo de seus 22 anos de permanência na fronteira também colaborou com essa rede social feminina:

> *Já abriguei na minha casa duas primas e três afilhadas. Eu chamei, falei que tinha trabalho pra elas aqui, e elas vieram. Agora elas estão casadas. Minhas primas dividem comigo a minha barraca na feira.*

Outra figura familiar de grande importância no fluxo migratório de mulheres bolivianas para Corumbá é a madrinha. A *Encuesta* Corumbá não aponta a relevância desta relação – foram captados apenas dois casos de mulheres que migraram com suas madrinhas. No entanto, entrevistas realizadas em Corumbá e em La Paz ressaltam a importância desta relação simbólica de parentesco e o papel fundamental nas estratégias migratórias dessas mulheres. De acordo com Quiroga (2007, p. 10),

> Existem ainda outros agentes que influenciam as decisões familiares, como os padrinhos, que em certos estratos sociais se convertem em referências morais[56].

A construção social da madrinha como parentesco, descrita pelas mulheres entrevistadas em Corumbá, é construída fortemente na relação de confiança existente entre o pai, a mãe e a madrinha. Juliana descreve a saída de seu lugar de origem: *eu vim com minha madrinha, então não teve problema nenhum.* Spedding (2003, p. 65) define essa relação de parentesco ritual:

> A forma de parentesco ritual que existe nos Andes é o apadrinhamento. Uma pessoa atua como padrinho ou madrinha do filho de outro em alguma cerimônia vital (batismo, primeiro corte de cabelo, matrimônio, primeira comunhão, graduação, etc.) O filho se converte em afilhado dessa pessoa e os padrinhos e pais, em compadres. Os compadres devem se visitar, compartilhar comida e bebida, oferecer hospedagem e ajudar-se em outros aspectos da vida,

[56] Tradução livre da autora: *Existen, además, otros agentes que influyen em las decisiones familiares, como los padrinos, que en ciertos estratos sociales incluso se convierten em referentes morales.*

> além de tratar-se com respeito: sem insultos ou brigas. Espera-se que os padrinhos ajudem seus afilhados no caso de gastos especiais, sobretudo referentes à educação e vestimenta, e também a conseguir emprego; em troca, o afilhado deve estar disposto a ajudar seus padrinhos quando necessitam de seus trabalhos. Todas essas atividades são voluntárias e depende dos envolvidos manter essas relações[57].

A relação de apadrinhamento existente nas famílias bolivianas, sobretudo andinas, é um fator facilitador da migração interna e internacional dessas mulheres. O planejamento de trajetórias e estratégias migratórias não incluía necessariamente o cruzamento das fronteiras. Muitas mulheres saíram de seus lugares de origem para Santa Cruz, com objetivos restritos a este espaço: saíram de casa com suas madrinhas, que as hospedaram, e em troca ajudaram com serviços domésticos ou cuidados com crianças. As mulheres entrevistadas descreveram essa relação como de gratidão à figura das madrinhas. Avançado o ciclo de vida dessas mulheres migrantes, muitas delas ainda alimentam essas relações: seus filhos estudam em escolas bolivianas e são hospedados por suas madrinhas. Segundo Isabel,

> *Saí de Cochabamba para Santa Cruz com minha madrinha. Ela tinha acabado de ter um filho e eu fui ajudar e também estudar. Se não fosse por ela, eu não teria chegado até aqui. Ela continuou em Santa Cruz quando eu disse que queria vir pra fronteira. Mas ela me deu o dinheiro para começar a trabalhar com comércio aqui. Meu filho mais velho agora mora com ela, está fazendo faculdade.*

Ao longo de todo o projeto migratório as mulheres bolivianas acessaram suas redes sociais – principalmente de parentesco – com outras mulheres para a obtenção de auxílio em diferentes momentos. Observou-se que a companhia para migrar é obtida através dessas relações, sanguíneas ou simbólicas. Apenas 28, das 230 mulheres captadas pela *Encuesta* Corumbá migraram sozinhas. Dentre essas, no entanto, apenas 8 migraram para viverem

[57] Tradução livre da autora: *La forma de parentesco ritual que existe em los Andes es el compadrazgo. Una persona actúa como padrino o madrina del hijo de outro em alguna ceremonia de crisis vital (bautismo, primer corte de pelo, y matrimonio, pero también la primera comunión, graduación, etc.) El hijo se convierte en ahijado de esa persona y los padres se convierten en compadres. Los compadres deben visitarse, compartir comida y bebida, oferecerse alojamiento y ayudarse em otros aspectos de la vida; además, devem tratese con respecto, es decir no insultarse o pelear. Se espera que los padrinos vayan a ayudar al ahijado em caso de gastos especiales, sobre todo los de la educaión y la vestimienta, y si es posible, ayudarle em conseguir empleo; a cambio, el ahijado deve estar dispuesto a ayudar a los padrinos cuando necesitan de sus esfuerzos laborales. Sin embargo, todas estas actividades son voluntarias y depende de los involucrados si mantienem estas relaciones y cuánto invierten o ganan de ellas.*

sozinhas no lugar de destino. Entre as entrevistadas em Corumbá, nenhuma havia migrado para viver sozinha.

Uma vez que a migração de mulheres bolivianas para Corumbá é, como já analisado, um processo longo e que envolve etapas migratórias diversas, foram comuns depoimentos como o de Cora, que afirma não ter imaginado vir para o Brasil quando migrou pela primeira vez[58]. As mulheres que saem sozinhas de seus lugares de origem, no entanto, alcançam a fronteira mais rapidamente, sem cumprirem tantas etapas: apenas 12 mulheres, das 28 que migraram sozinhas, cumpriram mais de uma etapa migratória até chegarem a Corumbá. Ou seja, de acordo com os dados da pesquisa, as mulheres que migraram sozinhas tinham um destino na fronteira mais certo do que aquelas que cumpriram suas trajetórias migratórias acompanhadas pela família. Raquel saiu da casa dos pais direto para a fronteira:

> *Eu sabia que o mercado aqui, por causa dos sacoleiros, era melhor do que lá. Eu soube porque uma amiga veio morar com o marido aqui, porque ele foi trabalhar na mineradora. Eu disse para a minha mãe que eu vinha, mas ela não queria. Mas eu vim porque eu perdi o emprego lá. No fim foi bom, porque eu levo dinheiro pra ela agora.*

As entrevistas revelam ainda que nenhuma mulher saiu sozinha de seu lugar de origem sem alguma amiga ou outra mulher da família esperando na fronteira. Reforça-se, portanto, um perfil do próprio fluxo migratório feminino diferente daqueles de "caráter libertador" descritos por Chaves (2009). A migração de mulheres bolivianas para Corumbá está ligada a processos de redistribuição da população na Bolívia, transformações no cenário sócio-econômico do país – que levou o departamento de Santa Cruz a se configurar como o principal centro econômico e produtivo – e também a uma rede social essencialmente feminina para este fluxo migratório.

Para obter o primeiro emprego no lugar de destino as mulheres também se articulam nesta rede social. De acordo com os dados da *Encuesta* Corumbá é neste momento que as figuras masculinas – pai, cônjuge, irmão – tem menor participação na estratégia feminina: apenas 10% das mulheres captadas pela pesquisa receberam este tipo de auxílio no momento da obtenção do primeiro emprego.

[58] Ver página 149.

Esta é uma das especificidades mais importantes do fluxo de bolivianas para Corumbá: o comércio, principal atividade dos migrantes bolivianos na região, é culturalmente uma atividade feminina. Segundo Cecília,

> *Vim para a fronteira com o meu marido, a convite da minha cunhada que tinha ficado viúva. Meu marido veio primeiro porque eu tinha criança pequena. Quando nós viemos, já comecei a trabalhar com a minha cunhada na feira. Meu marido demorou pra conseguir emprego, foi difícil...* (Pergunto se o marido não poderia trabalhar com ela na feira). *Isso é trabalho de mulher! Na Bolívia os homens cuidam da terra e nós é que vendemos a mercadoria. Mas lá é diferente. É como se não tivéssemos escolha. Aqui é melhor, não parece obrigação. Tem muito homem querendo emprego de mulher agora (risos...)*

Entre as mulheres entrevistadas em Corumbá esta foi uma reação comum: quando perguntadas sobre a possibilidade dos homens trabalharem junto com elas, no comércio, poucas seguraram o riso. O observado ao longo da pesquisa de campo, no entanto, é que muitos homens trabalham no comércio: mas nunca na venda de mercadorias. A divisão sexual desta atividade é clara: mulheres no balcão, homens no estoque.

Cecília ressalta as vantagens encontradas do lado brasileiro da fronteira:

> *A vida aqui é melhor, ganha-se mais, vende-se mais mercadorias. Lá eu trabalhava no comércio, numa feira também, mas o serviço era mais pesado, mais difícil.*

Zélia também descreve essa divisão sexual do trabalho encontrada em Corumbá:

> *Aqui tem muito trabalho pra nós. O comércio é bom, tem muito comprador brasileiro que vem buscar mercadoria na fronteira. Toda mulher que chega aqui tem trabalho. Os homens não sentem tanta diferença, porque já trabalhavam lá, claro, mas ganhavam pouco. Aqui continuam trabalhando, ganham mais, é verdade, mas não como as mulheres. Muitas nunca trabalharam e passam a ter mais dinheiro que os homens.*

Essa "vantagem" obtida pelas mulheres através da associação entre a dinâmica econômica de Corumbá – historicamente ligada ao comércio – e especificidades culturais de

seus lugares de origem – o desígnio às mulheres das atividades comerciais – se reflete em mudanças nos papéis exercidos por homens e mulheres. Segundo Morokvasic (2000), mulheres migrantes tendem a ser segregadas em ocupações específicas no lugar de destino de acordo com os papéis de gênero desempenhados nos lugares de origem. Há um embate teórico sobre a entrada das mulheres migrantes no mercado de trabalho:

> A perspectiva mais comumente adotada pelos autores é que a migração e a entrada das mulheres no mercado de trabalho do destino trazem ganhos e perdas: aumenta a exploração de mulheres e, ao mesmo tempo, oferece a oportunidade de ganho de independência, respeito e a percepção de que a situação pode se transformar[59] (Morokvasic, 2000, p. 893).

Busca-se discutir no próximo item, portanto, o status ocupacional das mulheres bolivianas em Corumbá ao longo de sua trajetória e suas relações com as transformações experimentadas por essas mulheres no domicílio e na família.

2.3 Trabalho imigrante e relações de gênero

As transformações experimentadas ao longo das trajetórias migratórias foram detalhadamente descritas pelas mulheres entrevistadas em Corumbá. Segundo Maria,

> *Foi muito difícil chegar aqui. Eu saí da casa dos meus pais, fui para a casa da minha tia* (em Santa Cruz)*, me casei, depois me separei e voltei pra lá. Enquanto isso eu trabalhei muito. Mas era diferente daqui. Faço aqui o que muitas mulheres fazem em La Paz, mas ganho mais dinheiro para os meus filhos. A pobreza lá é muito grande.* (Pergunto o que mudou em sua vida depois da chegada a Corumbá). *Agora meus filhos passam a semana na casa da minha tia em Quijarro. Ela que me hospedou e agora ela cuida dos meus filhos, posso mandar dinheiro para ela. Antes ela que tinha me feito um favor. E hoje eu faço um favor pra ela.* (Quanto à possibilidade de outro casamento): *Homem só atrapalha! Agora eu trabalho fora, trabalho em casa, cuido dos meus filhos, tudo o que eu fazia antes. Mas eu é que decido!*

[59] Tradução livre da autora: *The most commonly adopted view is that migration and incorporating women in waged employment bring both gains and losses: they may enhance women's exploitation but in the same time, women can gain independence, respect and perhaps awareness that their condition is not fated and that it can be changed.*

Cecília descreve a principal mudança experimentada ao longo de toda a trajetória migratória:

> *Aqui eu trabalho como comerciante, como em Cochabamba. Mas eu ganho mais dinheiro, sou mais independente. Por causa disso eu pude criar meus filhos de um jeito diferente. Hoje já são todos maiores de idade, fazem o que querem. O mais velho voltou para Cochabamba para estudar e mora com uma tia. Todos trabalham e cada um vai escolher e seguir o seu caminho quando chegar a hora. Eu era a única filha mulher e tinha obrigação de ficar em casa e por isso me casei cedo.*

Migração feminina, entrada das mulheres no mercado de trabalho na sociedade de destino e transformações dos papéis de gênero desempenhados na família: de acordo com diversos autores, essas estruturas mantêm estreitas relações entre si e abrigam profundos diferenciais entre homens e mulheres (Pessar, 2000; Morokvasic, 2000; Oso Casas 2005; Pessar e Mahler, 2001). Segundo Morokvasic (2000, p. 895)

> O impacto da entrada das mulheres no mercado de trabalho pode ser determinado pelas possibilidades de emprego encontradas pelos homens. Quando essas oportunidades são poucas, podem ocorrer mudanças drásticas na estrutura familiar com o aumento do número de domicílios chefiados por mulheres[60].

A relação descrita por Morokvasic (2000) parece se aplicar ao caso dos bolivianos em Corumbá. A oferta de trabalho entre as mulheres – culturalmente comprometidas com atividades comerciais – é patente na dinâmica econômica corumbaense. Os homens, além de enfrentarem um mercado de trabalho restrito e urbano, devem superar este obstáculo cultural para concorrer com as mulheres, o que dificilmente acontece, segundo os dados das pesquisas de campo.

[60] Tradução livre da autora: *The impact of waged employment on women can be determined by the possibilities of employment for men. When these are lacking, drastic changes in family structure can occur with increasing numbers of female households*.

Associa-se a este cenário uma rede social essencialmente feminina, em que as mulheres se apóiam mais que os homens: para auxílio na obtenção do primeiro emprego é quando elas mais recorrem ao mesmo sexo. Desta forma, a entrada das mulheres no mercado de trabalho do lugar de destino é mais eficiente e os impactos, especialmente o aumento da renda, provocam transformações nos papéis desempenhados nos domicílios. Segundo Cecília,

> *As coisas começaram a mudar por isso. Ele* (o marido) *não tinha emprego e eu já cheguei e já trabalhava na feira. Daí eu vi que estava com o dinheiro e poderia decidir as coisas. E não deixei passar a chance. Porque lá ele resolvia tudo sozinho, porque eu ganhava muito pouco.* (Pergunto quem controla o orçamento do domicílio). *Ah, sou eu mesma!*

De acordo com a *Encuesta* Corumbá, 58,9% das mulheres bolivianas são responsáveis pelos domicílios. Dentre essas, 48% vivem com cônjuges. As entrevistas qualitativas revelam que 16 das 20 mulheres entrevistadas são chefes de família, sendo que apenas 3 delas vivem sem cônjuge. Este cenário aponta para uma das mais profundas transformações experimentadas por essas mulheres ao longo de suas trajetórias migratórias. Segundo Safa (1992, p. 12),

> Como resultado de uma maior inserção no mercado de trabalho, tanto formal quanto informal, as mulheres migrantes estão mais que nunca assumindo responsabilidades econômicas em suas famílias, enquanto o papel do homem como mantenedor principal está se enfraquecendo. No lugar do antigo patriarcado, um padrão mais igualitário emerge, no qual mulheres e homens dividem responsabilidades no grupo doméstico, partilhando decisões, tarefas e encargos domésticos. A extensão da mudança depende de muitos fatores, mas um fator chave é a contribuição feminina para a economia do grupo doméstico.

Parece claro e esperado que a entrada das mulheres no mercado de trabalho da sociedade de destino resultasse numa mudança de papéis de gênero na família. Essa transformação entre as mulheres bolivianas em Corumbá, no entanto, acontece em meio a disputas e conflitos com a figura do homem provedor. Segundo Cecília,

> *O trabalho pra nós não é novidade. Nós sempre trabalhamos muito. Mesmo quem não trabalhava fora, quando é mais nova, tem que trabalhar muito em casa. Então essa coisa de "como é agora que você trabalha fora" pra mim não existe. Eu sempre trabalhei. Eu sei que todas essas mulheres que estão aqui* (aponta para o resto da feira) *também sempre trabalharam, pode perguntar para qualquer uma delas.* ***O que muda é o que acontece na sua casa****. As coisas mudaram muito mesmo. Mas pra isso teve muita briga, porque meu marido ficou desempregado quando nós viemos pra cá e pra ele foi muito difícil viver com o meu dinheiro. E não só com o meu dinheiro: comigo também!*

Segundo Marri e Wajnamn (2007, p. 20),

> A mudança do status da esposa na composição da renda familiar traz consigo alterações nos papéis desempenhados por estas no mercado de trabalho, nos casamentos e nas famílias. O aumento da renda de um dos parceiros, digamos da mulher, relativamente aos rendimentos do marido, eleva, teoricamente, seu poder de barganha. Esposas que recebem mais do que seus maridos têm maior poder de decisão.

Os conflitos descritos pelas mulheres bolivianas em Corumbá não eram causados apenas pelo aumento da renda feminina. Relações de poder no domicílio foram abaladas, segundo as migrantes, porque as mulheres se adaptavam mais facilmente que os homens ao lugar de destino, principalmente por causa do amparo cedido pela rede social formada por elas. Os homens, menos providos deste recurso e com dificuldades de inserção no mercado de trabalho não mantêm a mesma autoridade dentro dos domicílios.

Segundo Pessar (2000), os vínculos existentes entre o trabalho das mulheres migrantes e o domicílio são relacionados não só à mudança da figura do responsável, mas também à organização, controle da renda e divisão do trabalho doméstico. De acordo com a autora, a participação dos homens nas atividades domésticas varia de acordo com a composição e com o estágio do ciclo de vida do domicílio. Isabel descreve essa transformação experimentada em seu domicílio:

> *Quando eu cheguei aqui não era casada nem nada. Eu vim com a minha madrinha. Daí me casei aqui com um boliviano também, então minha vida era quase igual. Eu recebi dinheiro da minha madrinha pra ter minha barraca na feira. E depois que eu devolvi, eu comecei a ganhar mais que meu marido, que nessa época ficou desempregado.*

> *Daí eu tinha um filho pequeno, não ia pagar ninguém pra ficar com ele se o pai estava do lado. Mas foi difícil. No começo foi pior: meu marido acho que era mais criança do que o meu filho, porque a bagunça era toda dele! E daí eu tinha que fazer tudo em casa depois do trabalho. Não agüentei! Quase me separei nessa época. Como ele demorou pra arrumar emprego, acabou me ajudando mais... Mas brigamos muito. Hoje ele lava a louça e passa roupa. Mas ninguém sabe!*

Segundo Morokvasic (2007), os papéis de gênero desempenhados por homens e mulheres antes da migração são bastante "resistentes", e essa transformação é um processo que acaba por contestar, dentro do domicílio, relações de poder e autoridade. De acordo com Castro (2006, p. 254),

> É no domicílio em que são criados e reproduzidos, de uma geração a outra, valores, padrões de comportamento, normas ideológicas e de gênero que requerem a reprodução da estrutura sócio-econômica e cultural. É no domicílio que se moldam formas de pensamento e comportamento sexual e social, por isso se reconhece que a família produz e reproduz pautas culturais e de gênero. A unidade doméstica é um cenário onde se dividem objetivos comuns, mas também conflitos e negociações entre seus integrantes, gerando tensões, desequilíbrios e desigualdades[61].

As migrantes bolivianas em Corumbá enfrentam esses conflitos e tensões enquanto desenvolvem estratégias e táticas de sobrevivência numa nova ordem de papéis de gênero. Nos depoimentos das mulheres entrevistadas observa-se que, neste processo de reconfiguração familiar, embates dentro do domicílio, especialmente com o cônjuge, são comuns:

> *Não acho que foi o fato de eu trabalhar que mudou as coisas na minha casa. Fui eu que mudei. O dinheiro veio por causa da mudança que eu comecei quando eu saí de casa e ele só me deu o meio para mudar. E a gente se desencontrou quando ele ficou desempregado. E daí as coisas nunca mais foram as mesmas, porque eu já estava de outro jeito, queria outras coisas* (Cecília).

[61] Tradução livre da autora: *Es en la unidad doméstica donde se crean y reproducen de generación en generación los valores, las pautas de conducta, las normas ideológicas y de género que requiere la reprodución de la estructura socioeconómica y cultural. En ella se sociabilizan, sem moldean formas de pensamiento y comportamiento sexual y social, por eso se reconoce que la familia produce y reproduce pautas culturales u de género. La unidad doméstica es un escenario donde se comparten ciertos objetivos comunes, pero también es un espacio de conflictos y negociaciones entre sus integrantes. y esto genera tensiones, equilibrios y desigualdades.*

> *Aqui tem mais trabalho pras mulheres. Pode olhar. Eu não sabia que ia ser assim quando eu saí de lá. A gente ficava sabendo que o comércio na fronteira era bom por causa dos sacoleiros, mas não sabia que era igual. Acho que como tem muito boliviano aqui, a gente trouxe o mesmo jeito de fazer as coisas pra cá* (Cora).

.

Buscou-se com este quarto capítulo completar o esforço metodológico proposto, partindo dos dados da *Encuesta* Corumbá, preenchendo lacunas referentes às especificidades da migração feminina com as verbalizações das mulheres bolivianas entrevistadas.

Para tanto, de acordo com a bibliografia, isolou-se esferas específicas da análise de fluxos migratórios femininos – trajetórias migratórias, ciclo de vida, redes sociais, estratégias migratórias, reconfiguração familiar – e, de acordo com os depoimentos coletados em campo, associou-se a estas esferas uma perspectiva relacional.

O fluxo migratório de bolivianas para Corumbá é carregado de especificidades em todas essas esferas: o comportamento das mulheres é diferente dos homens e essas diferenças têm raízes nos lugares de origem e destino. A reconfiguração dessas esferas estabelece novos vínculos entre a mulher boliviana e sua família ou entre sua atividade laboral, possíveis apenas para aquelas que cruzaram fronteiras.

Considerações Finais

Carregado de especificidades, o fluxo de bolivianos para Corumbá – Mato Grosso do Sul, se apresenta como um importante objeto de estudo da migração feminina. A experiência dessas mulheres, forjada por fatores estruturais ligados a espaços de origem e destino – e etapas migratórias intermediárias – ao fim de suas trajetórias, revelam transformações profundas sofridas ao longo de todo o processo.

Buscou-se neste trabalho, dada a disposição de diferentes fontes de dados, construir desde a origem essas etapas migratórias, associando a elas os discursos das próprias migrantes e ainda estes fatores estruturais que configuraram ao longo da história este fluxo migratório.

Partiu-se, para tanto, de um desafio metodológico: explorar três diferentes fontes de dados principais, de diferentes naturezas, dimensões e objetivos. Censos Demográficos e duas pesquisas de campo compõem o cenário de possibilidades de análise do fluxo de bolivianas para Corumbá.

A busca por limites e respectivas superações configuraram a estrutura do próprio trabalho: através de dados censitários buscou-se analisar a formação de Corumbá como um espaço de fronteira relevante para a migração boliviana. Encontrados os primeiros limites de análise do fluxo migratório em si, a *Encuesta* Corumbá preencheu essas lacunas para o estudo de fluxo de bolivianos em Corumbá. Por fim, as entrevistas realizadas na segunda pesquisa de campo forneceram a dimensão necessária para a compreensão da migração feminina, dos impactos sofridos pelas mulheres bolivianas ao longo de todo o processo, dos vínculos estabelecidos por elas entre diferentes esferas específicas de análise.

A construção de Corumbá como um espaço relevante para o fluxo de bolivianos revelou a presença desses migrantes desde o fim do Século 19 na região e ainda, a importante presença das mulheres ao longo de toda a história do fluxo migratório. Outros grupos formaram o contingente de imigrantes na região – paraguaios e argentinos, principalmente. Mas foi entre os bolivianos que se observou a presença feminina em equidade com a masculina.

Este fato aponta para a importância da migração feminina no âmbito da migração boliviana como um todo. A *Encuesta* Corumbá deu início à investigação das causas desta especificidade através da descrição detalhada deste fluxo migratório.

Foi através dos dados da *Encuesta* Corumbá que as diferentes experiências de homens e mulheres foram captadas. Superados limites impostos pelos dados censitários pela própria

natureza da pesquisa, uma vez que o fluxo de bolivianos em Corumbá não é numericamente expressivo, o que pode causar desvios já que se trata de uma amostra, a *Encuesta* Corumbá ofereceu possibilidades mais robustas para este estudo.

Neste sentido, buscou-se comparar as experiências de homens e mulheres ao longo de suas trajetórias migratórias através de variáveis chave: estrutura etária, relações com responsáveis pela família e pelos domicílios, períodos e volumes de chegada, arranjos familiares e setores de atividade.

A partir destes dados pôde-se estudar detalhadamente este fluxo migratório, compondo a ferramenta fundamental para a análise da migração feminina: os diferenciais por sexo na migração.

Ressalta-se ainda a importância de uma pesquisa de campo da natureza da *Encuesta* Corumbá. Realizada para o estudo específico do fluxo de bolivianos na fronteira, esta pesquisa permite a construção de diferentes perspectivas de análise: a migração feminina é uma delas. Foi através dos dados resultantes desta pesquisa que se construiu o leque de especificidades das experiências migratórias das mulheres, a serem investigadas através das entrevistas qualitativas realizadas em Corumbá.

Ainda que a *Encuesta* Corumbá tenha sido o principal instrumento de análise deste trabalho, não foi uma pesquisa programada com o objetivo de estudar a migração feminina. Desta forma, encontraram-se também limites para a investigação das especificidades das mulheres ao longo do processo. Para superá-las foram realizadas as entrevistas qualitativas.

Associando, por fim, os dados da *Encuesta* Corumbá às informações coletadas nesta segunda pesquisa de campo, buscou-se as experiências, estratégias e trajetórias das mulheres, sempre através da perspectiva da incorporação das relações de gênero ao estudo.

Através da recente bibliografia dos estudos migratórios, em que a incorporação da perspectiva de gênero tem sido foco de debates teóricos (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003; Engle, 2004; Phizacklea, 1983; Pessar, 2000), isolou-se esferas de análise específicas da migração feminina. A partir deste primeiro momento, já com os dados tabulados da *Encuesta* Corumbá, construíram-se as bases para um estudo específico da migração feminina: as relações na família e no domicílio ao longo de todo o projeto migratório, as estratégias utilizadas, as causas do planejamento das etapas migratórias, uso estratégico dos espaços. As entrevistas

qualitativas revelaram, por fim, importantes conexões entre essas esferas e, ainda especificidades das mulheres bolivianas em Corumbá.

Segundo os dados da *Encuesta* Corumbá, as mulheres bolivianas percorreram trajetórias migratórias compostas por mais de uma etapa (Castro, 2006), em sua maioria. Essas trajetórias, mais do que o caminho percorrido pelas migrantes, revelam o uso estratégico de cada um desses espaços. Em busca dessa relação, analisou-se as trajetórias das migrantes em função de seu ciclo de vida – individual e familiar.

Constatou-se, a partir desta associação, a estreita relação existente entre essas estruturas no ciclo de vida das mulheres (Pessar, 2000; Chant, 1992) bolivianas, especialmente referentes ao casamento e ao nascimento dos filhos. O planejamento das trajetórias migratórias e as estratégias utilizadas foram definidos por elas através do momento do ciclo de vida em que se encontravam e também de suas expectativas futuras. A saída do lugar de origem depois da morte do pai ou da mãe, ou ainda depois do nascimento dos filhos foram comuns às mulheres entrevistadas.

Em cada um dos espaços percorridos pelas mulheres até a chegada a Corumbá foram identificados, em função do ciclo de vida, diferentes recursos estratégicos. Este fato é reforçado pela passagem de mulheres em diferentes momentos de seu ciclo de vida por etapas migratórias iguais.

O uso estratégico dos espaços (Pessar, 2000; Boyd e Grieco, 2003; Peres, 2006) é realizado pelas mulheres bolivianas mesmo depois do cruzamento da fronteira e do estabelecimento na sociedade de destino. Por ser um espaço de fácil circulação, as mulheres optam pelo uso de serviços tanto do lado brasileiro quanto do lado boliviano: os filhos estudam em escolas bolivianas, mas utilizam o serviço de saúde brasileiro; elas com freqüência utilizam o serviço de saúde boliviano, sobretudo de ginecologia.

A interface da presença das mulheres bolivianas em Corumbá e do recente debate teórico revela especificidades deste fenômeno: diferentemente de outros fluxos migratórios femininos, as bolivianas em Corumbá planejam seu ciclo de vida em função de processos sociais ligados à origem. Casamento e nascimento de filhos são programados em função das etapas já percorridas e ainda das expectativas futuras das migrantes. Segundo Pessar (2000), migrantes dominicanas nos Estados Unidos planejam seu ciclo de vida em função do estabelecimento no lugar de destino. O fluxo de mexicanas na fronteira com os Estados Unidos

apresentam a mesma característica (Chant, 1992). As mulheres bolivianas tem um comportamento diferenciado no cenário dos fluxos migratórios femininos uma vez que planejam tanto seu ciclo de vida quanto o uso de recursos do lugar destino em função de seu lugar de origem.

Este uso estratégico dos espaços e o próprio planejamento das etapas migratórias são sustentados pelo uso diferenciado das redes sociais (Massey, 1998; Pessar, 2000). Os dados da *Encuesta* Corumbá já revelavam o acesso e uso específico dessas redes por homens e mulheres. As mulheres, além de recorrem mais freqüentemente a estes recursos, o fazem na maioria das vezes através de outras mulheres.

A construção de uma rede social essencialmente feminina é uma das principais especificidades da presença boliviana em Corumbá. Esta rede se estabelece através do contexto econômico da fronteira – em que o comércio é historicamente relevante –, de um traço cultural marcante na Bolívia, que reserva a atividade comercial tradicionalmente às mulheres e ainda a relações de parentesco, sobretudo rituais.

A associação destes três fatores forma esta rede permanente de auxílio entre as mulheres migrantes: desde o planejamento da primeira viagem até o estabelecimento definitivo no lugar de destino.

A utilização dos recursos disponíveis em cada um dos lugares de destino ao longo das trajetórias migratórias é observada em outros fluxos internacionais de mulheres (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003). É entre as bolivianas, no entanto, que se estabelece uma rede essencialmente feminina, que disponibiliza recursos específicos, que incluem auxílio no cuidado com os filhos e, principalmente, auxílio para a inserção no mercado de trabalho de Corumbá.

O estabelecimento dessa rede feminina de auxílio proporciona às mulheres bolivianas em Corumbá uma inserção rápida no lugar de destino. Os homens acabam também por trabalhar no comércio, mas respeitando a mesma divisão sexual do trabalho consolidada na Bolívia: as mulheres atendem os clientes enquanto os homens são responsáveis pelo estoque de mercadorias.

Essa inserção diferenciada na sociedade receptora tem profundo impacto nas relações no domicílio e na família. As mulheres bolivianas experimentam em Corumbá uma reconfiguração de seus papéis nessas esferas privadas, muitas passando a controlar a renda da família, a tomar decisões no domicílio e ainda assumindo a responsabilidade por essas duas estruturas.

Neste contexto, sofrem modificações as relações de poder e os papéis de gênero (Morokvasic, 2000; Hill, 2004; Engle, 2004; Castro, 2006) desempenhados pelas mulheres bolivianas. As verbalizações captadas em Corumbá revelam o ganho de independência através de maiores salários, de autonomia, de poder de decisão; por outro lado, elas também revelam as dificuldades de adaptação principalmente relativas ao clima – a maioria das mulheres entrevistadas é de origem andina – e ao idioma.

O cruzamento da fronteira não é para a mulher boliviana simples sinônimo de libertação. É uma estratégia de sobrevivência, que conserva estruturas da origem, mas que também proporciona possibilidades de superação de dificuldades, de enfrentamento de situações de pobreza ou de amarras sociais. *"A Bolívia está em mim"* declarou – em Português – uma das mulheres entrevistadas, que todos os anos, passa os meses de férias escolares em Cochabamba com a família que permaneceu na origem.

Em outros estudos sobre migração feminina – sobretudo em fluxos de longa distância – prevalece esse viés libertador (Chaves, 2009; Castro 2006) de ganho de autonomia e independência. As trajetórias migratórias bolivianas revelam que a saída do lugar de origem é ainda uma etapa migratória distante do cruzamento da fronteira. O processo social da migração de bolivianas para Corumbá é construído ainda no país de origem. A estreita relação mantida por essas migrantes com seu país de origem, portanto, transcende a questão geográfica da fronteira e está relacionada ao próprio processo migratório.

As possibilidades de análise apresentadas pelas fontes de dados utilizadas neste trabalho ainda na foram esgotadas, deixando desafios futuros a serem investigados. O primeiro deles são as relações mantidas com lugares de origem e destino da geração intermediária – nascida na Bolívia e residente no Brasil e também da segunda geração de migrantes – nascida no Brasil.

Segundo dados da *Encuesta* Corumbá e das entrevistas qualitativas, essa geração intermediária tem fortes ligações com seus lugares de origem. Muitos desses jovens voltam à Bolívia para estudar, com recursos enviados pelos pais, e residem em casas de parentes. A segunda geração (Sales, 1996), no entanto, desponta como importante agente articulador entre o comércio dos imigrantes em Corumbá e outros espaços, também marcados pela presença boliviana. Alguns relatos de mulheres bolivianas revelam a migração interna de seus filhos para São Paulo, com o objetivo de negociar – também com migrantes bolivianos – e transportar mercadorias a serem vendidas na fronteira.

A presença boliviana em Corumbá é marcada por especificidades ligadas a processos históricos tanto na origem quanto no destino. Buscou-se ressaltar neste trabalho as experiências migratórias das mulheres bolivianas ao longo de suas trajetórias, as transformações sofridas, os impactos dessa migração em esferas privadas e públicas.

Essas bolivianas – sempre com a ajuda de outras mulheres – deixaram seus lugares de origem por diferentes causas. Todas, no entanto, apresentaram um traço comum: a coragem para enfrentar o desafio do cruzamento de uma fronteira que, ainda que permita uma circulação relativamente fácil, se impõe com dificuldades de adaptação e desafios de equidades de gênero.

Referências Bibliográficas

ANTICO, C. Por que migrar? In PATARRA, N.; BAENINGER, R,; BOGUS, L.; JANUZZI, P. Migrações, condições de vida e dinâmica urbana. Instituto de Economia, Unicamp. 1997.

ARRUDA, G. Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual Paulista, 1989.

ASSIS, G. De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. Tese de doutorado em Ciências Sociais – UNICAMP, 2004.

ASSIS, G. Estar aqui, estar lá...: uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Textos Nepo, nº 41. Núcleo de Estudos de Populaçã – UNICAMP, 2002.

AUGÉ, M. Los "no lugares": espacios del anonimato. Barcelona, Gedisa, 1993.

BAENINGER, R. Região, Metrópole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes - Brasil, 1980-1996. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade de Campinas, 1999.

BAENINGER, R.; PATARRA, N. L. São Paulo: Povigente, Povo Vigente, Povo e Gente. Textos Nepo, UNICAMP, v. 15, 1987.

BAENINGER, R. A.; SALES, T. Migrações Internas e Internacionais no Brasil: panorama deste século.. Travessia (São Paulo), v. XIII, p. 33-44, 2000.

BAENINGER, R. ; PATARRA, Neide Lopes . Mobilidade Espacial da População no Mercosul: Metrópoles e Fronteira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS - São Paulo, v. 14, p. 45-78, 2005.

BAENINGER, R. ; PATARRA, Neide Lopes . Movimento migratorio reciente entre paises del Mercosuir.. Papeles de Población, v. 42, p. 73-100, 2002

BAENINGER, R. La migración internacional de los brasileños: características y tendencias. Serie Poblacion y Desarrollo, nº 27, Cepal, 2002.

BAENINGER, R. ; BUENO, Maurício . Migrações Internacionais e Remessas: o caso brasileiro. In: BRITO, F.; BAENINGER, R. (Org.). População e Políticas Sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), 2008, v. 1

BALÁN, J. Migrações e Desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaio de interpretação histórico-comparativa. Estudos CEBRAP, 5 – Julho, Agosto, Setembro, 1973.

BANDUCCI, A. Turismo cultural e patrimônio: a memória pantaneira no curso do Rio Paraguai. Horizontes Antropológicos, v. 9, nº 20. Porto Alegre, 2003.

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (org.) Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo. São Paulo, FUNAP, 1995.

BERCOVITCH, A, e MASSÉ G. Descontinuidades demográficas, onda jovem e mercado de trabalho: uma comparação entre Brasil e Argentina. Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, setembro de 2004.

BILAC, E. Gênero, família e migrações internacionais. Seminário de Emigração e Imigração no Brasil contemporâneo. São Paulo. Programa de Avaliação e acompanhamento das Migrações Internacionais, 1995.

BLANCHARD, S. Être "colla" à Santa Cruz: identités et territoires des migrants andins à Santa Cruz de la Sierra (Bolivie). Tese de doutorado, Universidade Paris, I. Paris, 2005.

BOURIDIEU, P. La dominación masculina. Editora Anagrama, Espanha, 2000.

BOYD, M & GRIECO, E. Women and Migration: Incorporationg gender into international migration theory. Migration Policy Institute. Washington, 2003.

BRITO, F. População, Espaço e Economia: Uma Perspectiva Histórica. Tese de Doutorado em Demografia. Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

CALDWELL, J. C. Toward a Restatement of Demographic Transiton Theory. Population and Development Review, vol 2, 1976.

CARDOSO, C. e BRIGNOL, H. História econômica da América Latina : sistemas agrários, história colonial, economias de exportação e desenvolvimento capitalista. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1983.

CARVALHO, J. A. M. O saldo dos fluxos migratórios internacionais no Brasil na década de 80: uma tentativa de estimação. In: PATARRA, N. L. (org) Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI. Campinas, FUNAP, v. 2, 1996.

CARVALHO, J. A. M. *et al* Uma caracterização dos estrangeiros nascidos em países do Mercosul e Estados Associados residentes no Brasil no ano 2000. Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, 2004.

CASTRO, J.Y.C. Ahora las mujeres se mandan solas: migración y relaciones de gênero em una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo. Tese de Doutorado, Universidad de Granada, 2006.

CASAS, L. O. La réussite epagmoles de Paris: strégies de mobilité sociale et trajectories biographiques. Revué Europénne des Migrations internationales. Vol 21, n. 1, 2005.

CASTLES, C. e MILLER, M, J. The age of Migration. International Population Movements in the Modern World. New York, 1998.

CATARINO, C e MOROKVASIC, M. Femmes, genre, migration et mobilités. Revué Europénne des Migrations internationales. Vol 21, n. 1, 2005.

CELADE, IMILA: Investigación de la Migración Internacional en Latinoamérica, Santiago de Chile: CEPAL, 2007, na Internet: http://www.eclac.cl/migracion/imila/.

CHANT, S. Migration and Development: The Importance of Gender. In: Gender and Migration in Developing Countries, Bellhaven Press, London, 1992.

CHATTOPADHYAY, A. "Family migration and the economic status of women in Malaysia *Gender and migration* WILLIS, K; YEOH, B (Eds.), 2000 Oxford.

CHAVES, M. F. Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1980/1991. Tese de Doutorado em Demografia, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CHÁVEZ, R. A. Formación Social y estructuras simbolicas en los Andes. Editora Plural, La Paz, 2008.

CORTES, G. Partir para quedarse: supervivencia y cambio en las sociedades campesinas andinas (Bolivia). La Paz. IRD/IFEA/Plural, 2004.

COURGEAU, D. Méthodes de mesure de la mobileté spatiale : Migrations internes, mobilité temporarire, navettes. Paris, Éditions de L´Institut National d`Études Démographiques. 1988.

COURGEAU, D. Nuevos enfoque para medir la movilidad espatial interna de la población. Notas de Población, vol 18, nº 50. Santiago, Chile, CELADE, 1990.

CORRÊA, W. B. A Fronteira Oeste. Ed. UFMS, Campo Grande, 2005.

CUNHA, J. M. P. Migração no Centro-Oeste brasileiro: as tendências e características do período 1986/96. In: Anais do II Encontro de Demografia da Região Centro-Oeste e Tocantins. Cadernos de Demografia, 13. Brasília, SEDUH, 2000.

DOMENACH, H., PICOUET, Ml. Les migrations. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

DOMENACH, H. De la « Migratologie »... Revué Europénne des Migrations internationales. Vol 12, n. 2, 1996.

DOMENACH, H. ; CELTON, D. La comunidad boliviana en Cordoba. Caracterización e proceso migratório, Universidad de Córdoba, 1996.

DUREAU, F. DUPONT, V.; LELIÈVRE, É.; LÉVY, J.; LULLE, T. (org) - Metrópolis en Movimiento - una comparación internacional. Alfaomega Colombiana S.A., 2002.

DUREAU, F. La observación de las diferentes formas de movilidad: propuestas metodológicas experimentadas en la *Encuesta* de movilidad espacial en el área metropolitana de Bogotá. In: PELLEGRINO, A. (Comp.). Migración e integración: nuevas formas de movilidad de la población. Montevideo: Ediciones Trilce, 1995.

ENGLE L. B. The world in motion. Short essays on migration and gender. International Organization for Migration (IOM), 2004.

FAIST, T. The volume and dynamics of international mmigration and transnational spaces. Oxford Press, 2000.

FAZITO, D. Situação das Migrações Internacionais do Brasil Contemporâneo. In: BRITO, F. e BAENINGER, R. Populações e políticas sociais no Brasil: os desafios da transição demográfica e das migrações internacionais. CGEE, 2008.

FIBGE. Censos Demográficos de 1920, 1940, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.

FLEISCHER, S. e MARTES, A, C. B. Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, gênero e redes sociais. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2003.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. Fundo de Cultura, Rio de Janeiro, 1971.

FUSCO. W. A*s* redes sociais nas migrações internacionais. Brasileiros nos Estados Unidos e Japão. Revista Brasileira de Estudos de População, vol 19, n, 1. 2002.

FUSCO W. Capital Cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Tese de Doutorado em Demografia. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

GEORGES, E. Gender, class and migration on the Dominican Republic women experience. In: SCHILLER, N. G.; BASCH, L. Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences, 1992.

GRAHAM, D.e HOLANDA, S. B. Migration, regional growth and urban development in Brazil. Instituto de Pesquisas Econômicas. Universidade de São Paulo, 1971.

GRAHAM D. e MERRICK, T. W. População e Desenvolvimento Econômico no Brasil. Biblioteca de Ciências Sociais, Editora Zahar, 1981.

GUILLEMAUT, F. Trafics et migrations de femmesm une hypocrisie au service des pays riches. Hommes et Migrations, nº 1248, 2004.

HAKKERT, R. Fontes de dados demográficos. ABEP, Belo Horizonte, 1996.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. Loyola, São Paulo, 1992.

HARZIG, C. Immigration policies : a gendered historical comparison. In : MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move. Oplanden, 2003.

HILL, L.E. Connections between U.S. female migration and family formation and dissoluiton. Migraciones Internacionales. Vol 2, n. 3. Colégio de la Frontera Norte. Espanha, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Edição Comemorativa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

HONDAGNEU – Sotelo, P. Gender and US Immigration. Contemporary Trends. University of California, 2003.

HONDAGNEU-SOTELO, P. & AVILA, E. "I am here, but I am there": The meanings of transnational motherhood. In: Hondagneu – Sotelo, P. Gender and US Immigration. Contemporary Trends. University of California, 2003.

IANNI, O A Sociedade Global. Editora Brasiliense, 1992.

INE Bolívia: Características Sociodemográficas de la población. Republica de la Bolívia, La Paz, 2001.

ITO, C. Corumbá: o espaço da cidade através do tempo. Campo Grande, Editora UFMS, 2000.

JANUZZI, P. M. Migração e Mobilidade social. Migrantes no mercado de trabalho paulista. Ed. Autores Associados, Campinas, 2000.

KOFMAN, E.. Female 'Birds of Passage' a Decade Later: Gender and Immigration in the European Union. International Migration Review 33, 1999.

LEMOS, T. B. Mersosur: problema de inmigratión – a presencia boliviana y paraguaia en Brasil. Estúdios Migratórios, nº 4, 1997.

LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). Revista de Saúde Pública , São Paulo. 1974.

MAGUID, A. Los movimientos migratórios: determinantes e consecuencias. Dissertação de Mestrado em Demografia Social, Universidad Nacional de Luján, 1994.

MAGUID, A. Desafios metodológicos e sistemas de informação no Mercosul. In: PATARRA, N. L. (coord) Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo. Campinas, FNUAP, vol. 1, 1995.

MANETTA, A. Dinâmica Populacional, urbanização e ambiente na região fronteiriça de Corumbá. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Demografia da Universidade Estadual de Campinas, 2009.

MARRI, I. G. ; WAJNMAN, S. Esposas como principais provedoras de renda familiar. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, REBEP, v. 24; nº 1, 2007.

MARTINE, G. Os dados censitários sobre migrações internas: evolução e utilização. Anais do IV Encontro de Estudos Populacionais, vol 2, 1984.

MARTÍNEZ P. J., e VILLA, M. Tendencias y patrones de la migración internacional em América Latina y el Caribe, In: CEPAL: La migración internacional y el desarrollo en las Américas, Nações Unidas, Santiago de Chile, 2000.

MARTÍNEZ P. J. El mapa migratorio de America Latina y Caribe, las mujeres y el genero. Serie Poblacion y Desarrollo, nº 44, 2003.

MASSEY, D. S. *et al*. Worlds in Motion : understanding international migration at the end of the millennium. Claredon Press, Oxford, 1998.

MINCES, J. Les trois formes de discriminations subies par les femmes de l´immigration. Hommes et Migration, nº 1248, 2004.

MONTEIRO, M. J. Efeitos Ambientais da Urbanização de Corumbá – MS. Série Meio Ambiente em Debate, n. 17. IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 1997.

MORALES, L. A. Mujeres jefas de hogar, caracteristicas y tacticas de supervivencia. Uma intervención desde el trabajo social. Espacio Editorial, Buenos Aires, 2004.

MOROKVASIC, M. La mobilité transnacionale comme resource: le cas des migrants de l´Europe de l´Est. Cultures et Conflits, 32, 2002.

MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move. Oplanden, 2003.

MOROKVASIC, M Birds of passage are also women… International Migration Review, vol XVIII, nº 4, 1984.

MOROKVASIC, M. In ad out of the labour market: Immigrant and minority women in Europe. New Community Gender and Migration, vol 19, nº 3, 1993.

MOROKVASIC, M. Migration, Gender, Empowerment. In: LENZ, I. (ed.) Gender Orders Unbound? Globalisation, Restructing and Reciprocity. Opladen, Farmington Hills, 2007.
MOROKVASIC, M. Des femmes au genre em migrations. Continuités et descontinuités. Colloque international "Le genre au couer des migrations. Université Paris 8 Vincennes- Saint Denis, 2005.

OLIVEN, R. G. O nacional e o regional na construção da identidade brasileira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, ANPOCS, vol 2, 1986.

OLIVEIRA, T. Uma fronteira para o por do sol. Universidade do Mato Grosso do Sul, 1998.

OSO, L. Women, the pioneers of migration chains: the case of Spain. "Working Party on Migration" Seminary, California, 1994.

OSO CASAS, L. La réussite paradoxale des bonnes espagnoles de Paris: stratégies de mobilité sociale et trajectories biographiques. Revue Européenne des Migrations Internationales, n. 21, 2005.

PATARRA, N. L. (org) Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo. São Paulo, FUNAP, 1995.

PATARRA, N. L. (org) Migrações Internacionais: Herança XX, Agenda XXI. Campinas, FUNAP, v. 2, 1996.

PELLEGRINO, A. Migracion internacional de latino americanos en las Americas .- Santiago de Chile; CELADE, 1992.

PELLEGRINO, A (org). Migracion e integracion: nuevas formas de movilidad de la poblacion .- Monte Video, 1992.

PERARO, M. A. A imigração para o Mato Grosso no século XIX – mulheres paraguaias: estratégias e sociabilidades. Universidade Estadual do Mato Grosso, 2000.

PERES, R. G. Diferenciais por sexo no retorno migratório: o fluxo Criciúma – Estados Unidos – Criciúma. Dissertação de Mestrado em Demografia, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PERES, R. G. e BAENINGER, R. Mulheres migrantes na fronteira Brasil – Bolívia. Revista Travessia, nº63, 2009.

PESSAR, P. R. The Linkage Between the household and workplace of dominican women in the U.S. International Migration Review, vol XVIII, nº 4, 2000.

PESSAR, P.R. and MAHLER S.J.. Gender and Transnational Migration. Center for Migration and Development, Princeton University, 2001

PHIZACKLEA, A One way ticket. Migration and female labour. Routledge & Kegan Paul. Londres, 2005.

PHIZACKLEA, A Transnationalism, gender and global workers. In: MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move. Oplanden, 2003.

PICOUET, M. Las migraciones entre países fronterizos: reflexiones "cursivas" sobre el enfoque metodológico. In: PELLEGRINO, A. (Comp.). Migración e integración: nuevas formas de movilidad de la población. Montevideo: Ediciones Trilce, 1995.

PIORE, M. Birds of passage: migrant labor and industrial societies. Cambridge University Press, 1979.

PORTES, A. e BACH, R. L. Latin journey: cuban and mexican inmigrants in the United States. Berkeley University. California, 1985.

PORTES, A. The Economic sociology of migration. Nova York, Russel Sage Foundation, 1995.

PORTES, A. Modes of Structural Incorporation and Present theories of labor immigration. International Migration Review, nº 7, vol 2, 1981.

ROLNIK, I. X. A Cidade de El Alto e os fluxos de bolivianos para São Paulo. Revista Travessia, nº63, 2009.

QUIROGA, C. F. Los costos humanos de la emigración. Universidad Mayor de San Simon, La Paz, 2007.

RYDER, N, The cohort as a concept in the study of social change. American Sociological Reviewm New York, 1964.

SALA, G. A. Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil. Tese apresentada ao Centro de Desenvolvimento Regional, CEDEPLAR. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SAKKA, D. (org) Return Migration: changing roles of men and women. International Migration Review, vol. 37, n. 4, 1999.

SALES, T. Brasileiros longe de casa. Editora Cortês, São Paulo. 1999.

SALES, T. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. Revista Brasileira de Estudos de População, nº13, vol 1. 1996.

SASAKI, E. Dekasseguis: Migrantes Brasileiros no Japão. Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, 1998.

SASSEN, S. The Mobility of Labor and Capital. Cambridge University Press, 1998.

SASSEN, S. Losing control? Sovereignty in an age of globalization. New York, 1998.

SAWYER, D. R. *Fluxo e refluxo da fronteira agrícola no Brasil: ensaio de interpretação estrutural e espacial*. Revista Brasileira de Estudos de População, vol. 1, n. 1/2, 1984.

SCHMINK M. Household economic strategies: a review and research agenda. Latin American Research Review, vol XIX, nº3, 1984.

SILVA, S. Costurando Sonhos: etnografia de um grupo de imigrantes bolivianos que trabalham no ramo da costura em São Paulo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina. Universidade de São Paulo, 1999.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: "Economia Política da Urbanização". São Paulo: Editora Brasiliense; 1973.

SOARES, W. ;. AGUIRRE, M. C. Redes Sociais, Gênero e Fecundidade: a fuga do reino das citações. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 2002.

SOARES, W. Análise das redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, REBEP, nº 21, v. 1, 2004.

SOUCHAUD S. ; BAENINGER, R. Diferenciais da Imigração Boliviana em Corumbá: resultados de pesquisa de campo. Artigo apresentado no Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2008.

SOUCHAUD, S. ;BAENINGER, R. Collas y Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. Revista Brasileira de Estudos de População, nº25, vol. 2. 2008

SOUCHAUD, S. ; FUSCO, W. Documentação da pesquisa de campo *Encuesta* Corumbá, 2007. www.nepo.unicamp.br

SOUCHAUD, S.; CARMO, R. L. e FUSCO, W. Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: a fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai. Teoria & Pesquisa, v. XVI, UFSCAR, 2007.

SOUCHAUD, S. ; FUSCO, W. Banco de dados resultante da pesquisa de campo *Encuesta* Corumbá, 2007.

SOUCHAUD, S. ; FUSCO, W. Uniões Exogâmicas dos migrantes bolivianos na fronteira do Brasil. Revista Travessia, nº63, 2009.

SOUCHAUD, S.; FUSCO, W. CARMO, R. L. Mobilidade Populacional e Migração no Mercosul: a fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai.

SOUCHAUD, S. Algumas considerações sobre a migração internacional transfronteiriça a partir do caso da migração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. Campinas, 2007.

SPEDDING, A. Breve curso de parentesco. Editorial Mama Huaco, La Paz, Bolívia, 2003.

TARRIUS, A. Les nouveaux cosmopolitimes. Paris, L´Aube, 2000.

TARRIUS, A. Territoires circulatoires et espaces urbain. Différenciation de groupes migrant. Annales de la recherche Urbaine, nº 50, 1994.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar. Las circulaciones migratória: conveniência de la noción de "território circulatório". Los nuevos hábitos de la de identidad. Relaciones, vol XXI, nº 83, 2000.

TILLY, C. Citzenship, Identity and Social History. International Review os Social History, vol 3, 1996.

TILLY, C. Transplanted networks. Immigration reconsidered: history, sociology and politics. Oxford Press, New York, 1990.

TUAN, Y. Espaço e lugar: perspective da experiência. São Paulo, Difel, 1983.

VALVERDE, O. Fundamentos geográficos do planejamento rural do município de Corumbá. Revista Brasileira de Geografia, nº 34, v. 1, 1972.

VERNEZ, G. Immigrant women in the US workforce. Who struggles? Who succedes? Lexington Books, 1999.

VILADESAU, T. P. Migración transfronteriza en Paraguay. In: PELLEGRINO, A. (Comp.). Migración e integración: nuevas formas de

movilidad de la población. Montevideo: Ediciones Trilce, 1995.

WILLIS K.; YEOH, B. (eds) Gender and Migration. The International Library of studies on migration. Cambridge University Press, 2000.